

Karen Robards

A MULHER DO SENADOR



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

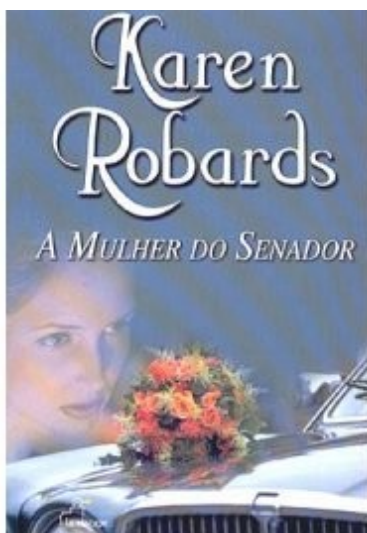
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



A MULHER DO SENADOR

KAREN ROBARDS

TRADUÇÃO CLAUDIA DORNELLES

copyright (c) Karen Robards

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do livro, SP, Brasil)

Robards, Karen

A mulher do senador / Karen Robards; tradução Claudia Dornelles. — São Paulo: Editora Landscape, 2004.

Título original: The senator's wife ISBN: 85-88647-72-9

1. Romance norte-americano. I. Título.

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura norte-americana 813.5

2005

Direitos da Língua Portuguesa Editora Landscape

Rua dos Três Irmãos, 62 — cj 1205

Fone (11) 3722-4013

atendimento@editoralandscape.com.br

www.editoralandscape.com.br

Este livro é dedicado, como sempre e com muito amor, a meu marido Doug e a nossos filhos Peter, Christopher e Jack, e também celebra o nascimento de meus sobrinhos Michael Chase Johnson, em 23 de setembro de 1996, e Trevor James Johnson, em 24 de fevereiro de 1997, bem como o de meu sobrinho honorário Justin Read Colepaugh, em 7 de julho de 1996.

Nota da autora: Neste livro, a data da Feira do Condado de Neshoba foi alterada, simplesmente porque adorei visitá-la e quis incluí-la na história.

CAPÍTULO 1

Terça-feira, 10 de julho de 1997

“Benzinho, isso certamente não é uma lingüiça. Está me parecendo mais uma daquelas salsichinhas tipo coquetel.” Ela estava bêbada, totalmente bêbada, entupida de cocaína e só Deus sabia do que mais. Na verdade, estava tão alterada que já nem tinha idéia do que estava falando, ele disse a si mesmo enquanto seu olhar seguia contrariado a direção dos olhos dela. Ele acabara de anunciar que ia enfiar sua lingüiça no meio do seu pão de açúcar.

O objeto que ambos contemplavam era pequeno e murcho, mais parecido com um aperitivo do que com um lanche substancioso.

— Tira-gosto, tira-gosto. — Ela deu um risinho infantil, olhando por cima do ombro para o homem parado ao pé da cama. Se esse não é o seu apelido, deveria ser. “Tira-gosto.”

Eles estavam numa festa, uma suruba com prostitutas contratadas especialmente para a ocasião. A mulher amarrada à cama já havia prestado seus serviços duas vezes e parecia estar adorando. A luz fraca dos cassinos de Biloxi instalados na margem não muito distante atravessava a escotilha e dourava seu corpo dos pés à base das costas. Seus olhos cintilavam para ele através da cortina dos cabelos pretos lustrosos, e seus olhos eram muito brancos. Assim como ele, ela estava totalmente nua, sobre a barriga, formando um X com os pulsos e tornozelos amarrados à armação da cama com os lenços de seda que trouxera. A bunda branca e arredondada, marcada pelas mordidas dos amantes anteriores, rebolava para ele convidativamente. Ao que tudo indicara uma daquelas raras prostitutas que realmente gostavam de dar idéia de que pudesse estar ávida pelo que ele estava prestes a fazer, porém ela era estranhamente desagradável. Parecia mudar o equilíbrio de forças, transferir o poder dele para ela. Como a puta tinha gritado quando Clay enfiara nela! Ele havia escutado pela porta da cabine enquanto esperava impacientemente sua vez. Os gritos agudos, de um prazer aparentemente autêntico, e o som de carne batendo contra carne o deixaram duro como uma rocha.

Agora, ele já não estava mais tão animado.

— Pretende ficar só olhando, garotão? — ela perguntou. — Ou vai tomar uma atitude?

— Cale a boca! — Ele se inclinou sobre a cama e lhe deu uma palmada forte na bunda.

— Ai! — Ela se contorceu, exagerando a expressão de dor. Ele lhe deu outra palmada, observando seus movimentos e sentindo-se enrijecer outra vez.

Então ela estragou tudo com outra risadinha.

— Cale a boca! — repetiu ele, subindo na cama entre suas pernas abertas e tentando trepar em cima dela.

— Benzinho, eu espero que você consiga se divertir só olhando, porque a sua coisa não vai funcionar esta noite. Está mais mole do que um marshmallow.

Ela ria como uma lunática. De repente, ele se deu conta de que alguém poderia estar escutando do outro lado da porta, assim como ele escutara com atenção lasciva os outros dois que tinham entrado antes dele. Qualquer um que estivesse no corredor poderia ouvi-los.

Uma coisa que ele não tinha ouvido eram risadinhas.

— Pare de rir — ele resmungou, imprensando a cabeça dela entre dois travesseiros para abafar o som. Ajudou um pouco, embora ele ainda escutasse balbucios, mas pelo menos os sons que ela fazia agora não seriam audíveis fora da cabine. Ignore-a, ele disse a si mesmo. Concentre-se.

Pegando delicadamente o membro com a mão, ele começou a se masturbar. Nada.

Não era culpa dele, pensou. Era dela, de suas risadas.

— Eu já disse para parar de rir! — Ele se deitou em cima dela, prendendo-a com o corpo volumoso e pressionando com força o travesseiro que lhe cobria a cabeça. Funcionou.

Ela não estava mais rindo, ou se estava, ele não conseguia ouvir, o que dava no mesmo.

Ótimo. Ajeitou-se até encontrar uma posição na qual podia ao mesmo tempo mantê-la em silêncio e cuidar de seus interesses. Foi preciso algum esforço, do modo como ela se remexia, mas no fim ele conseguiu.

Ele gostava de entrar pela porta dos fundos.

Enquanto ele a comia, ela pinoteava embaixo dele como se fosse a melhor trepada de sua vida.

— Vaca idiota! — ele resmungou entredentes, mas as contorções frenéticas da mulher surtiram efeito. Rezando para que nenhuma risadinha escapasse por baixo do travesseiro e destruísse sua concentração, ele bombeou. Mais dois minutos, e estava terminado. Ele desabou e ficou deitado em cima dela enquanto recuperava o fôlego e a dignidade.

Tinha conseguido desempenhar-se respeitavelmente mais uma vez.

Talvez, pensou, para que seu pau levantasse com mais facilidade, ele devesse parar de beber. Ou de cheirar cocaína. Ou de fazer as duas coisas. Ou nenhuma delas.

Ambas eram mais divertidas do que trepar com putas, afinal de contas.

Se ele removesse o travesseiro, ela começaria a rir outra vez? Ele a mataria se fizesse isso.

Lá fora, no corredor, alguém poderia ouvir.

Por fim, levantou-se. Ela não se mexeu. Ele se vestiu com movimentos pouco firmes devido à combinação das substâncias que tinha consumido, do sexo que acabara de fazer e do balanço do barco.

Alguém esmurrou a porta. — E aí, garanhão, já terminou?

— Segure a onda! — ele respondeu com bom-humor renovado. Fizera o que tinha de fazer, e do jeito certo, pois ela ainda estava jogada na cama, mole com um fio de espaguete. Ele tinha acabado com ela.

Podia sair com a cabeça erguida, um homem entre seus iguais. Enfiando os pés descalços nos mocassins, ele afastou o travesseiro da cabeça da mulher, beliscou sua bunda e se virou para abrir a porta.

— O próximo! — anunciou com um sorriso, saindo no passadiço estreito que estava mais escuro do que a cabine. Ralph entrou cambaleando, tão tonto que mal conseguia ficar em pé.

— Ela é boa? — perguntou Ralph por sobre o ombro parado no vão da porta, já abrindo as calças com um sorriso malicioso no rosto.

Ele deu de ombros, sentindo-se no topo do mundo outra vez. O resto da turma estava no convés superior, e era para lá que ele estava indo. A música era alta, as mulheres estavam nuas, a bebida estava gelada, e as drogas eram de graça.

O que mais alguém poderia desejar?

Atrás dele, abafado pela porta agora fechada mas ainda audível no confinamento do barco, ele escutou o grito de Ralph: — Minha Nossa Senhora!

E depois: — Merda. Merda! Merda!

CAPÍTULO 2

Segunda-feira, 14 de julho Jackson, Mississippi

Já sei! Por que nós não a engravidamos? Reclinando-se na poltrona, Tom Quinlan não respondeu imediatamente à sugestão semijocosa de seu sócio. Ao invés disso, continuou a estudar concentradamente a mulher ruiva e esguia na tela da TV à sua frente. Era um teipe de reconhecimento, do tipo que os treinadores de times usam para se preparar para competições, com imagens de um discurso que ela havia dado na semana anterior num jantar para donos de concessionárias de automóveis e suas esposas.

Sempre que possível, Tom gostava de avaliar seus clientes em ação antes de conhecê-los pessoalmente. Achava que assim seus julgamentos seriam mais imparciais.

A mulher não era o que ele esperava. O senador claramente deixara a escolha de sua segunda esposa ser influenciada por partes de sua anatomia muito distantes do cérebro. Ela era ligeiramente mais alta do que a média, magra, jovem e linda, o que deveria ser uma vantagem na era da televisão, mas que naquele caso certamente não seria. Para começar, eles teriam de enfrentar o "fator ciúme" das eleitoras do sexo feminino.

A expressão preocupada de Tom intensificou-se enquanto ele acompanhava o discurso maçante. Ela não era uma boa oradora, sua entonação era inexpressiva e as mãos agarravam as laterais da tribuna como se esta fosse sair correndo se ela a largasse. Observando a postura tensa, Tom percebeu a mão de outro consultor em ação: alguém obviamente a instruíra a comportar-se daquele modo.

Discurso, pré-fabricado; estilo, artificial; mensagem indefinível, mas nada que ele não pudesse consertar. A aparência, em sua opinião, era nota 10, mas isso não era um ponto a favor naquelas circunstâncias. Para obter os melhores resultados, devia ser reduzida para 6 ou 7, ligeiramente acima da média.

E talvez devessem fazê-la parecer mais velha.

Tom ponderava, sustentando o queixo com os dedos cruzados enquanto observava o desempenho de sua nova cliente. Seus cabelos na altura dos ombros tinham uma tonalidade castanho-avermelhada profunda, raiada de laranja, em nada parecidos com uma cenoura, mas sem dúvida vermelhos. Seria a cor dujour ou seu tom natural? O que quer que fosse, precisava ser suavizada. Na mente do público, o vermelho estava sempre associado a mulheres sem pudor, o que não lhes ajudava em nada. Suas roupas também estavam erradas. O taüleur era preto; o decote, cavado na frente mas não indecente, com debrum em prata e grandes botões de cristal. Combinado às meias pretas e saltos altos, poderia ser um traje adequado para um compromisso noturno da esposa de um político. O problema era que mostrava demais um corpo que, inegavelmente, merecia ser mostrado. O tecido era algum tipo de malha que tendia a colar-se à pele, e a saia, mais ou menos 10 cm acima do joelho, era curta demais. Para piorar, o conjunto todo parecia ser muito caro, como se tivesse custado o equivalente a dois meses de salário do eleitor comum.

Além disso, os sapatos eram altos demais, como ele pôde ver quando a câmara revelou um plano lateral, e os bicos finos transmitiam muita sensualidade. Como se não bastasse, as jóias, que sem dúvida alguma combinavam perfeitamente com a roupa, só podiam ser um ponto negativo na visão do público que ela precisava conquistar.

Os pingentes do tamanho de moedas de 10 centavos em suas orelhas e o colar cintilante em seu pescoço não apenas pareciam diamantes verdadeiros, como quase certamente eram. Mais importante do que isso, o público iria pressupor que as pedras eram reais. Nada de bijuterias para a segunda Sra. Lewis R. Honneker IV, esposa de sua excelência, o senador multimilionário, de jeito nenhum.

Era o que os eleitores iriam comentar.

Aquele era o problema, resumido em poucas palavras. Ela parecia ser exatamente o que era: uma mulher-objeto, empenhada em desfrutar de todos os benefícios decorrentes do casamento com um homem rico duas vezes mais velho do que ela. A tarefa de Tom era suavizar sua imagem, moderar-lhe a aparência e fazê-la falar sobre os assuntos que importavam às senhoras de cujos votos seu esposo precisava: filhos, empregos, maridos, comida na mesa. Mulheres que trabalhavam fora, mães de classe média.

Ele tinha de transformá-la numa delas.

Aquela era a chave para melhorar a colocação do senador nas pesquisas.

Feita a avaliação inicial, Tom relaxou um pouco.

— Engravidá-la não é má idéia — disse. — As mulheres adoram esse tipo de coisa.

Certamente iriam vê-la com outros olhos se andasse bamboleando como um pato e sua barriga a impedisse de ver os próprios pés. Comece por aí, Kenny, Ok?

Seu sócio protestou: — Você é que vai começar por aí. Eu sou um homem casado, lembra? Além do mais, ela parece ser do tipo que nem olha para homens com menos de um milhão de dólares no banco.

— Bem, isso exclui a nós dois, não é mesmo? — disse Tom com um sorriso torto. Sua conta bancária havia muito não passava dos três dígitos, e a de Kenny não andava muito melhor.

Fora muita sorte conquistar um cliente como o senador Honneker naquele momento. Tudo o mais que eles tinham em vista — negócios de bastidores, de pouca visibilidade — pagava, uma mixaria comparado a ele, e oferecia zero de publicidade. — A imagem desta

madame precisa ser trabalhada, sem dúvida alguma. O cabelo ruivo tem de sumir, assim como as jóias. E as roupas.

Kenny sorriu. — Viu só, você já a deixou nuinha.

Aquela tentativa de piada fez Tom balançar a cabeça com um sorriso pesaroso. — Ok, vamos parar com isso agora mesmo. R-E-S-P-E-I-T-O é a palavra-chave neste caso. Ela é nossa cliente, não se esqueça.

— É, eu sei. E sem cliente, sem dinheiro. E eu gosto de comer.

— Isso nós temos em comum. — Tom olhou para a tela outra vez. — Alguma criança bonitinha para exibirmos?

Kenny balançou a cabeça negativamente. — Somente enteados do primeiro casamento dele, todos mais velhos do que ela. E o que se diz por aí é que eles não gostam muito da madrasta.

Tom fez uma careta de desagrado. Conhecendo os protagonistas da história como ele conhecia, não lhe surpreendia ouvir aquilo. Embora muitas coisas pudessem ter mudado em 18

anos.

— Cachorro? — perguntou. Ao receber a negativa silenciosa de Kenny, continuou em escala decrescente de esperança: — Gato? Passarinho? Hamster?

— Nenhum ser vivo.

— Então basicamente não temos nada com que trabalhar, certo?

— Basicamente, sim — concordou Kenny. — Exceto a madame.

— A vida nunca é fácil, é? — suspirou Tom.

— O que nos leva de volta a uma possível gravidez.

— Arranjar um cachorro para ela seria mais fácil — disse Tom. — Um vira-lata do canil municipal, que seu coração bondoso vai salvar de ser sacrificado. Grandalhão, desajeitado e adorável. Ou pequeno, desgrenhado e adorável. Adorável é a palavra-chave.

— Estou começando a gostar — disse Kenny.

— Então mãos à obra. Informe-se, escolha um adorável vira-lata no canil municipal que ela possa salvar da morte.

— Eu? Por que eu?

— Porque eu sou o sócio-sênior. Porque eu vou tratar com a madame enquanto você vai procurar o cachorro. E porque a idéia foi sua.

— A minha idéia foi engravidar a madame. O cachorro foi idéia sua. Tom ignorou o argumento. — Vamos fazer alguns anúncios com ela, o senador e o cachorro. Caminhando pelos parques, jogando gravetos, esse tipo de coisa terna e sentimental.

— Você está falando sério a respeito do cachorro.

— Estou.

— Acha que o senador vai concordar?

— Do jeito como ele vem despencando nas pesquisas? É claro que vai.

— E o bicho sempre pode voltar para o canil municipal depois da eleição, certo? — disse Kenny com voz sarcástica.

— Isso é cinismo. Tenho a impressão de que você está nesse negócio há tempo demais, meu amigo. — Tom sorriu, entrelaçando os dedos atrás da cabeça e se reclinando no conforto acolchoado da cadeira de couro de sua escrivaninha. Como o resto dos móveis do escritório novo, a cadeira era alugada. Ele estava tentando reerguer-se, e os adornos do sucesso eram importantes. As aparências eram tudo

naquele negócio. Na política, assim como na vida, vencer era o nome do jogo.

Ninguém queria saber dos perdedores.

— Ei, eu sei como estas coisas são, e você também sabe. Se Honneker continuar mal nas pesquisas, vai implorar de joelhos que você engravide a mulher dele. Qualquer coisa que funcione.

Tom deu uma risada curta. — Qualquer coisa que funcione. Talvez nós devêssemos colocar isso nos nossos cartões de visitas: Quinlan, Goodman e Associados, Consultores Políticos: Qualquer coisa que funcione.

— Não é um mau slogan. — Kenny estendeu a mão para uma rosquinha. Ele havia comprado uma dúzia de manhã, e agora, às dez e meia, cinco delas já tinham desaparecido da caixa sobre a mesa. Tom comera exatamente nenhuma.

— Achei que você estivesse de dieta — disse ele. — Não foi um ataque do coração que você teve no ano passado?

— Um ataque leve do coração — disse Kenny defensivamente. — Foi mais um aviso, na verdade, e não foi causado pelas rosquinhas. Foi o estresse.

— Certo, eu acredito. — Se o estresse por si só causasse ataques do coração, ele próprio já estaria morto, pensou Tom. Ao invés disso, estava em ótima forma aos 37 anos, apesar dos eventos dos últimos quatro. Kenny era apenas alguns anos mais velho, mas era pálido e rechonchudo e suave com facilidade. Tom não tinha muitos bons amigos, e se preocupava com o sócio, especialmente porque fora responsável pelo estresse que ele mencionara. Não que Kenny alguma vez o tivesse culpado por seus problemas de saúde, mas Tom culpava a si mesmo. Ele tinha pisado na bola, e aquilo custara aos dois quase tudo o que possuíam.

— Quando vamos conhecer a madame? — perguntou Kenny, estendendo a mão para pegar outra rosquinha.

Tom deu um tapinha na sua mão e pegou a caixa, abrigando-a protetoramente em seu colo.

Kenny fez uma careta de desprezo.

— Na hora do almoço. Ela está discursando para um grupo na Feira do Condado de Neshoba. Quero vê-la em ação na vida real antes de começarmos.

— Os eleitores a odeiam, não é?

— Ela é o ponto mais negativo do senador. Gostam dele, odeiam sua mulher, é o que as pesquisas dizem. Todos adoravam Eleanor, a primeira esposa. As mulheres ficaram ultrajadas quando o senador se casou com a LSE.

— LSE? — Kenny ergueu as sobrancelhas interrogativamente.

— Linda segunda esposa. Uma raça aparentemente odiada pelas mulheres.

— Posso entender por que — disse Kenny, olhando para o monitor onde as imagens ainda apareciam. — Ela tem "destruidora de lares" escrito na testa.

— E é nossa tarefa transformá-la numa mamãe. — Tom evitou com destreza um novo ataque à caixa das rosquinhas. — Se não literalmente, pelo menos figurativamente.

Quando o dia da eleição chegar, o bom povo do Mississippi já estará vendo a Sra. Honneker como uma doce esposa sulista, como uma deles. Vão querer votar nele por causa dela.

— O que você pensa que é, um gênio? Acho que podemos nos dar por satisfeitos se deixarem de odiá-la.

— Isso não basta — disse Tom, jogando a caixa no lixo e amassando-a com o pé. Ele riu dos protestos de Kenny e desligou a televisão. — Estamos voltando à cena política, esqueceu?

Precisamos encantá-los, e vamos dar nosso sangue para fazer os eleitores se apaixonarem por ela.

Ela é a chave para esta eleição. Vamos lá, Kenny, é hora de conhecer a patroa.

— Que hora tão feliz — cantarolou Kenny, lançando um último olhar contrariado na direção das rosquinhas esmagadas.

CAPÍTULO 3

O Mississippi no mês de julho tinha de ser o lugar mais quente da Terra, pensou Verônica Honneker, desolada. A temperatura já tinha chegado aos 35° e ainda estava subindo. Se a atmosfera ficasse ainda mais abafada, ela não ia conseguir respirar. A grande tenda de algodão branco sob a qual se encontrava a abrigava do sol, mas isso era tudo. Embora seu vestido de linho roxo fosse curto e sem mangas, ainda era roupa demais para um dia tão quente. A julgar pelo ar que tocava suas pernas, sua meia-calça devia ser feita de chumbo. A armação do sutiã fincava sua carne, e ela podia sentir o desodorante vencendo enquanto encerrava seu discurso. O pequeno ventilador elétrico colocado para seu conforto no piso do tablado mal fazia o ar se mover.

— Não se esqueçam, um voto para o meu marido é um voto para a educação, e a educação é a ponte que vai levar o estado do Mississippi ao século XXI — Ronnie concluiu seu discurso padrão, tentando ignorar a mosca que zumbia em torno de sua cabeça havia pelo menos três minutos. Uma pessoa estapeando moscas no ar em frente a uma platéia parecia mortalmente ridícula, como ela tinha aprendido observando outros oradores em fitas gravadas por um dos muitos puxa-sacos de Lewis. Não espante moscas, sorria, agarre-se na lateral da tribuna se não conseguir pensar em mais nada que

fazer com as mãos... Tantos conselhos haviam sido martelados em sua cabeça desde que se casara com o senador que ela já estava enjoada.

Ela sorriu com alívio genuíno quando terminou de falar. Relaxou os dedos tensos e soltou o púlpito de madeira, agradecendo os aplausos educados com um aceno. Praticamente antes que ela descesse do tablado, a audiência já tinha voltado sua atenção para a sobremesa. Se não fora completamente esquecida, a principal oradora da noite certamente fora dispensada.

Ronnie sabia que não gostavam dela. Nunca fora e nunca seria uma delas. Ela era do norte, uma aventureira, como as locais a chamavam pelas costas, uma mulher bonita, jovem e sem berço, casada com um filho da terra rico, distinto e mais velho, cujas raízes eram mais profundas do que as da árvore-símbolo do Estado, o Carvalho da Amizade, com seus vários anos de idade.

A anfitriã (Mary-alguma-coisa, Ronnie não tinha entendido bem o sobrenome) tocou seu cotovelo, conduzindo-a até a mesa mais próxima ao pequeno palco. Como sempre, era ali que os maiores doadores de campanha estariam sentados. E, como sempre, ela tinha de ser simpática com os grandes doadores.

— Sra. Honneker, esta é Elizabeth Chauncey...

Ronnie sorriu e estendeu a mão para a mulher idosa a quem estava sendo apresentada.

— Eu conheço a sua sogra — informou a mulher, passando então a descrever com todos os detalhes possíveis exatamente como aquele fato havia se dado. Ronnie escutou, sorrindo e respondendo com o máximo de inteligência antes de ser tocada adiante como um animal de exposição. Levou mais de uma hora para cumprimentar todas as presentes a tenda, e quando conseguiu trocar algumas palavras com a última doadora/eleitora em potencial, sua cabeça doía, sua mão latejava e ela se sentia estonteada.

Aquela era outra desvantagem de ser casada com um senador. Conhecer, reconhecer e cumprimentar, ser simpática com os eleitores. Sempre presente, com um sorriso perpétuo nos lábios, não importando como se estivesse sentindo. Bem, naquele dia ela se sentia péssima. Tudo o que queria era ir para casa, tomar uma ducha e dois analgésicos e se jogar na cama.

As chances eram poucas.

— Você foi bem — disse animadamente Thea, sua assessora de imprensa, enquanto as organizadoras da feira as conduziam para os fundos da tenda, onde dois patrulheiros estaduais levantavam as pontas dos painéis de algodão para que elas saíssem. Thea Cambridge tinha 30 anos, apenas um a mais do que a própria Ronnie, e era atraente, com cabelos escuros curtos, corpo esbelto e um estilo elegante de se vestir. Trabalhava para Ronnie já havia dois anos, e esta a considerava uma boa amiga.

Passando pela abertura triangular, Ronnie se deparou com uma muralha de calor opressivo, luz ofuscante, poeira suspensa e cheiros nauseabundos: cachorro-quente, algodão-doce, fezes de animais, fumaça de veículos. Por um momento, enquanto seus olhos se ajustavam à luminosidade, ela e toda a comitiva ficaram cegos para o ambiente à sua volta.

Mississippi em julho era a sua idéia do inferno na terra. Se não fosse pelas malditas pesquisas, ela estaria passando o verão na casa de veraneio de Lewis no Maine, como faziam desde que se casaram. A lembrança daquele litoral verde e fresco a fez sentir ainda mais calor. Naquele instante, a casa da praia lhe pareceu ser o melhor aspecto do seu casamento.

Mississippi em julho era, possivelmente, o pior.

— Sra. Honneker? — a voz era masculina, profunda e densa como mel, com o sotaque arrastado do sul. Embora ainda não estivesse enxergando com clareza, Ronnie suspeitou que fosse um repórter,

simplesmente porque eles sempre vinham entrevistá-la quando ela não estava com a mínima vontade de dar declarações. Seus lábios se estenderam em mais um sorriso.

— Sim? — disse ela para o clarão difuso.

— Meu nome é Tom Quinlan, e este é Kenny Goodman. Somos da Quinlan, Goodman e Associados.

— Ah, sim? — com a visão se ajustando lentamente, Ronnie viu dois homens usando camisas brancas e ternos leves de verão parados na frente dela. Um deles era gorducho e suado, com o paletó azul-claro aberto e a gravata amarela torta, a pele pálida e os cabelos escuros e crespos cortados à escovinha. O outro, o homem que se apresentara, era mais alto e mais magro, com cabelos loiros que estavam começando a formar entradas nas têmporas e a pele bronzeada de quem passava muito tempo ao ar livre. Seu paletó cinza estava abotoado sobre um corpo atlético de ombros largos, a gravata azul-marinho estava no lugar e ele parecia de modo geral mais elegante e distinto do que seu colega.

— É um prazer conhecê-los — disse ela, estendendo a mão primeiro para o homem loiro e depois para o acompanhante, enquanto Thea e os patrulheiros os observavam com diferentes graus de cautela. Era preciso que a esposa do senador fosse acessível para atrair votos, é claro, mas também havia riscos sempre que um estranho se aproximava. Os malucos andavam por toda parte, e ela era um alvo preferencial.

No entanto, aqueles homens pareciam ser inofensivos, mesmo que aparentemente esperassem que ela reconhecesse seus nomes. Seriam doadores de campanha? Grandes doadores?

Ela deveria saber seus nomes? O escritório de Lewis lhe mandava periodicamente uma lista atualizada de pessoas de quem ela deveria lembrar-se. Ronnie tinha quase certeza de que os nomes que acabara de escutar não estavam nela.

Abriu ainda mais o sorriso, só por garantia. O dinheiro era a seiva vital da política, como Lewis lhe repetia há anos. Para ele, bem como para todos os outros políticos que ela conhecia, "ver a cor do dinheiro" não era apenas uma expressão popular. Era um modo de vida, um modo de sobrevivência, na verdade, pois ela estava convencida de que os políticos só viviam enquanto conservavam seus cargos. A cadeira de Lewis no senado e tudo o que a acompanhava eram tão necessários para ele quanto o ar que respirava. Ele precisava da atenção, dos holofotes e do poder do mesmo modo que outros homens precisavam de comida e bebida. Se ela tivesse compreendido aquilo antes de se casar com ele...

— Nós somos estrategistas políticos, Sra. Honneker. Estamos trabalhando para a senhora

— disse o loiro alto, enquanto ela cumprimentava o outro homem, num tom seco que deixava claro que ela fracassara em disfarçar sua ignorância quanto à identidade dos dois. Não que isso importasse muito. As opiniões dos consultores eram mais relevantes do que seus votos, e desde o casamento Lewis já lhe impusera tantos assessores e estrategistas que eles agora eram tão bem-vindos quanto um enxame de moscas.

— Ah. — A mão de Ronnie pendeu ao lado do corpo, e ela parou de sorrir. Suas bochechas estavam tão doloridas da maratona de sorrisos do dia que era um alívio deixá-las relaxar, mesmo que por apenas alguns minutos. Sua dor de cabeça, esquecida por um momento, voltou com força total. Flexionando os dedos doloridos, ela olhou de relance para Thea.

— Recebemos um fax do escritório de Washington hoje de manhã — explicou a assessora em resposta ao olhar contrariado da chefe. — Eu ia mostrar-lhe mais tarde. Não me dei conta de que eles iam chegar tão cedo.

Thea sabia como Ronnie se sentia em relação a consultores. Depois que o último a aconselhara a ganhar 10 kg — "Lembre-se que a

Oprah era muito mais popular quando estava gorda!", ele havia dito — ela jurara não escutar mais nenhum deles.

— Sra. Honneker, a senhora faz parte do júri do concurso Miss Condado de Neshoba Mirim, que começa daqui a cinco minutos — anunciou uma mulher gorducha que se aproximava apressadamente deles usando um vestido floral. A estampa fez uma palavra surgir na cabeça de Ronnie: rosa. O nome da mulher era Rose, e sua roupa exibia enormes rosas multicoloridas.

Era o tipo de exercício de memória em que ela geralmente se saía bem. Um de seus poucos trunfos como esposa de político era a capacidade de recordar nomes, pensou.

— Obrigada, Rose — disse ela com um sorriso. O rosto da mulher se iluminou. Era óbvio que tinha ficado lisonjeada porque a esposa do senador se lembrara dela apesar de terem passado apenas alguns minutos juntas muitas horas antes. Ronnie tinha aprendido que coisas como aquela faziam as pessoas se sentir importantes, e fazer as pessoas se sentir importantes era um modo de ganhar votos. E ganhar votos era o nome do jogo.

— Importa-se se nós a acompanharmos? — perguntou o homem loiro. (Quinlan, esse era o seu nome; ela teria de associá-lo a alguma coisa para não esquecê-lo mais tarde.) Ronnie concordou, dando de ombros. Assentindo educadamente enquanto Rose tagarelava, deixou-se conduzir para a tenda onde se realizaria o concurso. Thea, uma das organizadoras, os patrulheiros e os dois recém-chegados a seguiam de perto em meio ao redemoinho de atividade que compunha a feira. Casais jovens andando de mãos dadas, mulheres em roupas informais empurrando carrinhos de bebês, adolescentes de bermudas largas gritando uns com os outros, grupos de mulheres idosas com vestidos florais: Ronnie sorria automaticamente para todos enquanto serpenteavam pela multidão. Alguns retribuíaam seus sorrisos.

Muito poucos.

Às vezes ela se sentia a mulher mais odiada do Mississippi.

Estavam quase chegando ao seu destino quando aconteceu. Ronnie acabara de enxergar os picos brancos da tenda do outro lado da máquina de algodão-doce. Um fluxo constante de pessoas entravam na estrutura em fila indiana, atraídos pelo grande cartaz enfeitado com balões que anunciava o Concurso Miss Condado de Neshoba Mirim, 14 hs.

Como sempre, Ronnie iria entrar pelos fundos. Um trio de organizadoras já a esperava com olhares de expectativa.

A mulher surgiu do nada. Veio correndo da esquerda, de algum lugar atrás da máquina de algodão-doce, gritando palavras que pareciam não fazer sentido. Era grandalhona, alta e gorda, usava um short verde apertado demais e uma blusa listrada, e tinha os cabelos loiros oxigenados e o rosto vermelho e suado.

— Prostituta! — gritou ela, arremetendo-se na direção de Ronnie. Ronnie deu um passo para trás, alarmada, e ergueu instintivamente as mãos em frente ao rosto quando um objeto que parecia faiscar à luz do sol cortou o ar, zunindo na sua direção. Primeiro o cheiro, pungente e nítido, depois um golpe rápido, como se algo tivesse ricocheteado em seu braço erguido. E então a sensação de um líquido se espalhando por toda parte, derramando-se sobre ela, espesso, pesado e frio. Oh, meu Deus, ela pensou.

CAPÍTULO 4

O líquido borrifou a cabeça de Ronnie, cobriu seu rosto, escorreu pela frente do vestido.

Ela escutou gritos, sentiu pessoas passarem correndo ao seu lado, percebeu uma luta. De olhos fechados, arfando, limpando a substância do rosto com mãos frenéticas, ela cambaleou para trás, tropeçou e perdeu o equilíbrio. Seu pior pesadelo estava se realizando.

Antes que batesse no chão, ela foi pega por trás e amparada contra o corpo rijo de um homem. Segundos depois, um braço passou em torno de seus ombros, outro deslizou por baixo de seus joelhos e ela foi levantada do chão. Cega e atordoada, ela se sentia tão indefesa quanto um bebê. Se estivesse sendo seqüestrada, não tinha meios de impedir.

Mesmo assim, ela se debatia, tentando freneticamente se libertar.

— Está tudo bem, você está segura — disse uma voz masculina em seu ouvido.

Tranqüilizada pela calma contida nas palavras, ela parou de lutar. Então, num tom muito mais alto e urgente, ela o ouviu perguntar: — Onde fica o banheiro?

Alguém provavelmente lhe respondeu, porque enquanto ela esfregava aterrorizada os olhos cobertos pelo líquido gosmento, sentiu que estava sendo carregada por braços fortes através do calor que significava luz do sol. Momentos depois, ele desviou seu caminho, e os dois passaram por uma porta e entraram num ambiente muito mais escuro e fresco.

— Você consegue ficar em pé? — Ao mesmo tempo em que ouvia a pergunta, Ronnie sentiu seus pés tocarem o chão outra vez. Com medo de abrir os olhos, ela ficou parada, o corpo oscilando na escuridão auto-imposta, incerta de tudo, até mesmo da identidade de quem a resgatara.

Sentia-se tonta, nauseada, apavorada. Alguma coisa dura pressionou seu estômago, e ela agarrou-a instintivamente. O objeto era frio, escorregadio e arredondado, e o som da água corrente ajudou a identificá-lo: uma pia. O braço de seu salvador a amparava pela cintura, e ela se apoiou com gratidão contra a força sólida e quente do homem atrás dela. Se ele não estivesse ali, ela teria desabado no chão.

— Vou colocar sua cabeça embaixo da torneira.

Ronnie sentiu a cabeça ser gentilmente empurrada para baixo e curvou-se ao peso da mão segura, apoiando os dois braços nos lados da pia. Ele afastou seus cabelos do rosto e segurou as mechas ruivas enquanto a água tépida escorria por sua testa, pelas pálpebras, bochechas e nariz. A sensação da pele sendo limpa era maravilhosa.

Oh, Deus, aquele líquido poderia ser ácido! Ela ficaria cega ou cheia de cicatrizes!

Uma nova onda de terror surgiu na boca de seu estômago.

— Abra os olhos. É melhor deixar a água correr por dentro deles.

Ronnie obedeceu, inicialmente com medo, mas a sensação da água lavando seus olhos também era boa, e depois de alguns momentos ela começou a enxergar luzes e formas ainda borradas. Ótimo. Ela não estava cega.

— Espere. — A aspereza de uma toalha de papel molhada moveu-se sobre seu rosto da testa até o queixo. Ele secou sua face duas, três vezes. — Ok, levante-se. Vamos conferir o estrago.

Ronnie endireitou o corpo. Seus joelhos estavam fracos, e ela teve de quase se sentar na pia, segurando-a com ambas as mãos para se equilibrar. Piscou repetidamente; sua visão ainda estava borrada. A pressão suave das pontas dos dedos do homem levantou seu queixo, e outra toalha de papel tocou seus olhos lacrimejantes. Ele prendeu os cabelos dela atrás das orelhas e inclinou seu rosto primeiro para um lado e depois para o outro, secando-lhe as faces com cuidado.

Jogou fora a toalha e molhou outra, que correu por seu braço direito.

— Oh, meu Deus, é ácido? — perguntou Ronnie numa voz rouca quando sua visão clareou. Agora ela via que seu salvador era o homem loiro que acabara de conhecer, o consultor político, Quinlan.

Ele estava parado na frente dela, franzindo a testa enquanto secava seus braços.

— Não, ácido não. Tinta. Como estão seus olhos?

Tinta vermelha, Ronnie viu no paletó dele, que tinha os braços e a frente manchados. Suas roupas também se sujaram quando ele a carregou para o banheiro.

A peça onde estavam era revestida de azulejos cinza e tinha três cubículos, um mictório, um par de pias brancas encardidas e um grande espelho rachado fixado na parede. Era um banheiro masculino, com uma cesta de lixo transbordando perto da porta e um tênue odor desagradável.

Como ela não respondeu imediatamente, ele repetiu a pergunta.

Ronnie piscou uma, duas vezes, quando seu cérebro registrou as palavras dele. — Estão ardendo um pouco, mas consigo enxergar. Acho que está tudo bem. — Ao pensar com que facilidade ela poderia ter perdido a visão, uma onda de náusea a atingiu. — Oh, meu Deus, eu vou vomitar.

Ela entrou no cubículo mais próximo, caiu de joelhos e esvaziou o estômago. Quando terminou e se pôs em pé, viu Quinlan observando-a da porta.

— Sente-se — instruiu ele ao ver que ela perdia o equilíbrio. Ronnie afundou no assento aberto e se inclinou para a frente, cruzando os braços em torno dos joelhos baixando a cabeça.

— Não saia daqui. — Ele a deixou por um instante e depois retornou, abaixando-se na frente dela.

— Tome.

A toalha de papel que ele lhe entregou estava úmida e fria, e Ronnie pressionou-a contra o rosto. A náusea desapareceu, deixando um

gosto medonho em sua boca. Ela precisava urgentemente de um gole d'água.

— Está melhor? — perguntou Quinlan quando ela ergueu a cabeça. Com ele agachado na frente dela, seus olhos estavam na mesma altura. Os dele eram de um azul acinzentado profundo, com um anel mais escuro em torno da íris e um início de pés de galinha nos cantos. As sobrancelhas e os cílios eram grossos, castanho-escuros com toques de dourado. Seu nariz era reto, os lábios um pouco finos, mas bem desenhados e firmes. A angulosidade esguia de seu rosto lhe dava uma expressão austera. Aquele homem evitava os pecados da carne, pensou ela. Ele parecia ser do tipo que comia, bebia e fazia tudo o mais com moderação, e abominava os menos disciplinados.

— Eu estou bem — disse ela, não muito certa de que era verdade, e ficou em pé, apoiando uma das mãos na parede do cubículo. Ele também se levantou, exatamente na frente dela, franzindo o cenho quando viu que ela não parecia muito firme.

— Se eu fosse você, esperaria mais um minuto.

— Preciso de um pouco d'água.

Ele deu um passo para o lado para que ela pudesse sair do cubículo. Enquanto teve o apoio da parede, Ronnie andou sem problemas, mas quando se afastou para dar os poucos passos até a pia, cambaleou para um lado. Não podia acreditar que estivesse tão fraca. A náusea, a tontura e a sensação gélida que tomava conta de suas pernas e braços se combinavam para desmentir suas palavras de bravura.

Ele agarrou seu braço antes que ela perdesse completamente o equilíbrio, depois enlaçou-a pela cintura e a ajudou a chegar à pia. Ela abriu a torneira e se curvou para lavar a boca e depois beber. Mais alguns instantes e ela se sentiu forte o bastante para molhar o rosto com as duas mãos.

— Eu sinto muito — disse, enquanto ele lhe passava uma toalha de papel seca. Seus olhos se encontraram no espelho. Ele estava atrás dela, com um dos braços em torno de sua cintura, obviamente em guarda caso ela começasse a perder o equilíbrio outra vez, e a observava com expressão séria. Como pano de fundo para o corpo magro de Ronnie, ele parecia inesperadamente grande e largo. Embora ela estivesse usando saltos de 7 cm, ele ainda era bem mais alto. A mão que lhe tocava o abdome, era grande, bronzeada e máscula sobre o linho roxo do vestido.

Com um breve lampejo de consciência feminina, ela percebeu que ele era um homem muito atraente.

— Por quê? Por terem jogado tinta em você? Certamente a culpa não foi sua. — Através do espelho, os olhos dele a estudavam. O sotaque sulista era como mel quente a lhe escorrer da boca.

— Imagino que bancar a babá não seja uma das atribuições de um consultor político. — A voz de Ronnie soou melancólica.

— Nós somos muito adaptáveis. — Os olhos de Quinlan se enrugaram nos cantos, e ele sorriu para ela pelo espelho. — Fazemos o que for preciso.

— Não posso acreditar que vomitei.

— Foi o choque. Mas acho que você não sofreu nada, fisicamente falando.

Ronnie tinha a mesma impressão. Respirou fundo, obrigou-se a se recompor e examinou seu rosto no espelho. Quando ele sentiu que o peso dela se deslocava com segurança para os próprios pés, largou sua cintura e deu um passo para trás.

Embora suas pálpebras estivessem ligeiramente inchadas, os olhos em si não estavam machucados, concluiu ela, dado ao tamanho normal das pupilas e a clareza da visão que retornava rapidamente.

Mas se não estava machucada, certamente estava desarrumada. Parte de seus cabelos estavam encharcados, presos atrás das orelhas e pingando sobre os ombros, e a franja estava arrepiada em torno da testa como o penacho de uma cacatua. A tinta vermelho-vivo ainda escorria por seus cabelos, manchando as orelhas, o pescoço, os braços e o vestido. Seu rosto estava completamente branco, exceto nos pontos em que o rímel havia borrado. Seus olhos castanhos estavam vermelhos e úmidos, e a boca carnuda, descorada e murcha. O blush, o pó compacto, o batom, o lápis de olho, tudo havia sumido. Seu vestido, um lindo modelo Armani de linho irlandês delicado, estava arruinado. Manchas vermelhas que pareciam papoulas gigantes salpicavam o tecido roxo, e alguns riscos de tinta já quase seca haviam descido por suas pernas e alcançado a ponta das sandálias beges de salto alto.

Nada do que ela estava usando, com exceção das roupas íntimas, escapara do ataque.

— Oh, minhas pérolas! — Horrorizada quando seus olhos pousaram sobre elas, Ronnie levou uma das mãos à gargantilha que Lewis havia lhe dado logo após se casarem.

— Estão cobertas de tinta! Vão se estragar!

Ela encontrou o fecho, mas não conseguiu abri-lo. Seus braços pareciam pesados como chumbo, e seus dedos estavam trêmulos.

— Fique parada. — Aproximando-se por trás dela, Quinlan empurrou seus cabelos para o lado e abriu o fecho com os dedos quentes. Quando o colar se soltou, ela ergueu a mão com a intenção de segurar a jóia sob a água corrente para limpá-la. Ele balançou a cabeça negativamente para ela e assumiu ele mesmo a tarefa.

— É melhor você checar seus brincos — disse.

Ronnie viu que as pérolas em suas orelhas também estavam manchadas de vermelho.

Tentou removê-las, mas mais uma vez seus dedos não conseguiram manusear os fechos delicados.

— Você poderia ajudar-me, por favor? — Ele olhou para ela pelo espelho, percebeu sua dificuldade e largou a gargantilha na borda da pia. Os dedos que removeram com destreza os brincos agora estavam frios por causa da água.

— Não deixe caírem na pia — alertou ela. — São pérolas verdadeiras.

— Eu não duvido — disse ele com voz sarcástica. Segurando os brincos com o punho semifechado, de modo que não caíssem mas a água pudesse passar entre seus dedos, ele olhou para ela outra vez. — Você está com tinta na orelha.

Ronnie virou a cabeça, examinando o lado que Quinlan havia indicado. Ele estava certo.

Molhando uma toalha de papel, ela esfregou aquela orelha e depois a outra com vigor, determinada a não ceder à fraqueza que fazia seus joelhos parecerem gelatina. Depois, começou a limpar a tinta do cabelo.

As manchas vermelhas no papel pareciam sangue, pensou ela enquanto trocava uma folha por outra. Graças a Deus, não eram. Ela havia tido sorte: a mulher viera atrás dela com tinta, e não com uma arma.

Não pela primeira vez, Ronnie se perguntou se o preço de possuir tudo o que sempre desejara não era alto demais.

Ela sempre quisera se casar bem, e tinha conseguido. Sempre quisera ser rica, e tinha conseguido. Desejara ser conhecida, uma pessoa pública, uma personalidade, e todos aqueles sonhos de infância haviam se realizado.

Mas nenhum deles era tão maravilhoso na realidade quando havia sido em suas fantasias e planos. Ela conseguira o que queria, isso era verdade, mas não se sentia tão bem quanto imaginara que se sentiria.

E naquele dia, não se sentia bem em absoluto.

No centro de sua vida encantada, havia um vazio torturante. Aquela percepção fez Ronnie se sentir nauseada outra vez. — Não posso voltar para lá — disse, fitando a si mesma no espelho, agarrando-se à borda da pia. A toalha de papel usada caiu de seus dedos amortecidos. — Não posso.

— Eu diria que seus compromissos foram cancelados pelo resto do dia. — Quinlan removeu os brincos de debaixo do fio de água e enrolou-os junto com a gargantilha em uma toalha de papel. — Antes de qualquer coisa, você precisa ser examinada por um médico.

— Oh, Deus, isso vai aparecer em todos os jornais — disse Ronnie, estremeando ao pensar nas manchetes do dia seguinte. Não era culpa dela, nada daquilo era culpa dela, mas mesmo assim fariam parecer que era. Nunca deixavam de fazer alguma insinuação negativa, os jornais, as TVs, as revistas, o que quer que fosse. A segunda Sra. Honneker, era como a chamavam. Sempre com uma ponta de desprezo.

Quinlan começou a retrucar, mas o que quer que pretendesse dizer se perdeu quando a porta do banheiro foi aberta repentinamente.

— Ronnie! — Thea parou no vão da porta por um instante, iluminada por trás pela luz intensa do sol. Seus olhos localizaram a chefe e ela correu para dentro do pequeno banheiro seguida pelo que parecia ser um verdadeiro exército: Rose, um trio de patrulheiros estaduais, organizadoras da feira com seus crachás cor de laranja e cinco ou seis outras pessoas.

Virando-se para encará-los, Ronnie sentiu seu coração bater mais forte. Eles estavam fechando um círculo em torno dela; quem eram todas aquelas pessoas?

— Deus, não sabíamos para onde você tinha sido levada! Você está bem? — Thea segurou seu braço, examinando-a de cima a baixo ansiosamente. Ronnie respirou fundo para se acalmar e começou a responder afirmativamente.

O flash de uma câmera explodiu em seu rosto antes que ela pudesse dizer uma palavra.

Repórteres, claro. Eles eram como abutres, atraídos por instinto para a cena de uma carnificina.

Enquanto as aves de rapina farejavam a morte e a podridão, a imprensa de rapina farejava a possibilidade de manchetes escandalosas.

— Oh, não! — Ela levantou um dos braços para se proteger das luzes que espoucavam, num gesto quase idêntico ao que tinha usado para bloquear a tinta. Não pôde deixar de perceber aquela ironia.

Em ambos os casos, ela se defendia de uma agressão.

— Sra. Honneker, pode nos dizer... * Ronnie não escutou o final da pergunta. O círculo de curiosos se fechou ainda mais, empurrando-a contra a pia até a louça dura pressionar suas costas.

Seu estômago se revoltou outra vez, os joelhos ameaçaram ceder. Flashes continuavam a explodir em torno dela como fogos de artifício, e palavras a bombardeavam por todos os lados, tantas que ela mal podia compreendê-las. Ela se sentia um animal acuado.

— Ronnie, não acredito no que aconteceu! Não seria melhor chamar uma ambulância? —

Thea tocou o vestido de Ronnie logo acima do quadril, depois retirou a mão e olhou para a tinta vermelha em seus dedos com expressão horrorizada.

— Não — disse Ronnie, com a boca seca. — Eu estou bem.

As câmeras continuavam a disparar. As perguntas eram feitas em tom cada vez mais alto.

— Sra. Honneker, nós sentimos muito... — O assessor de imprensa da feira aproximou-se para pedir desculpas. Atrás dele, um refletor estava sendo montado e testado.

Piscando, Ronnie ergueu uma das mãos, temporariamente cega pelo clarão. — Oh, por favor...

— Deixem-na em paz — disse Thea, virando-se protetoramente para encarar os jornalistas.

— Sra. Honneker, este incidente... — Outro repórter. Outra câmera. Ronnie sacudia a cabeça. Tudo que ela queria era fugir, mas não havia para onde. Ela estava encurralada, cercada, presa.

— Eu não posso...

— Por favor, deixem-na em paz — repetiu Thea, desta vez em voz mais alta, num esforço para ser escutada em meio a toda aquela confusão.

— Foi tinta?

— O que a senhora tem a dizer sobre a cor? Acha que o fato de sua agressora ter usado tinta vermelha significa alguma coisa?

— A senhora a conhecia?

As perguntas vinham de todos os lados. Ronnie tinha a sensação de estar sendo despida em público. Todos eles sabiam o que tinha

acontecido, ou logo iriam descobrir, e iam publicar histórias sensacionalistas apimentadas pela palavra prostituta.

Ela não estava mais agüentando. Sua boca começou a tremer. Teve de reunir toda sua força de vontade para se controlar.

O pior de tudo era que nada daquilo era culpa sua. Nada.

— Muito bem, já chega. — As palavras soaram com autoridade. A voz de sotaque arrastado subitamente tornou-se dura e ríspida. — A Sra. Honneker não vai dar nenhuma declaração agora. Todas as suas perguntas serão respondidas no momento adequado.

Quinlan, que havia sido empurrado para um canto pelo batalhão que irrompera no banheiro, agora estava assumindo o controle da situação. Parou na frente dela, deslocando o círculo de jornalistas inoportunos com palavras bruscas, olhares furiosos e alguns empurrões. Com alívio, Ronnie percebeu que eles recuavam. Embora tivessem ignorado os protestos de Thea e dela mesma, pareciam respeitar Quinlan. Por ser um homem? Ela não sabia e nem queria saber. Só o que importava era que ele estava conseguindo enxotá-los.

Claro, lembrou, ele agora trabalhava para ela, para a campanha. Ao invés de ficar irritada com sua presença, como acontecera menos de meia hora antes, ela sentiu uma onda de gratidão.

— Nada de TV! — As costas de Quinlan ficaram tensas. Seu tom era veemente.

Olhando por cima do ombro dele, Ronnie viu a apresentadora da TV local, Christine Gwen, surgir na porta seguida de um cinegrafista. Loira, 30 e poucos anos, ela era a principal estrela dos telejornais de Jackson, e sempre que possível, gostava de mostrar sangue.

— Quem diabos é você? — perguntou Christine, fuzilando Quinlan com os olhos enquanto instruía seu cinegrafista aonde se posicionar.

Um segundo depois, ela parou onde estava, o tom de sua voz e a expressão de seu rosto alterando-se completamente. — Você é Tom Quinlan, não é? Está trabalhando para o senador Honneker agora?

Um murmúrio excitado espalhou-se entre os repórteres, e mais flashes estouraram.

Quinlan balançou a cabeça, recusando-se a responder. Ronnie procurou esconder-se ainda mais no abrigo das costas dele.

— Tire esta gente daqui, por favor. — Quinlan dirigiu o pedido brusco a um dos patrulheiros, que assentiu.

— Este banheiro é público — protestou Christine quando os jornalistas começaram a ser enxotados.

— Eu sei disso, minha senhora, mas vamos ter de pedir que saiam — disse um dos guardas, aproximando-se dela. — Todos vocês.

— Você já ouviu falar em liberdade de imprensa? — perguntou um repórter enquanto driblava o guarda para fazer outra foto. Ronnie teve a impressão de que ele não conseguiu o que queria, pois o corpo maciço de Quinlan bloqueava sua visão com eficiência.

Outro repórter reforçou o coro: — Não pode nos obrigar a sair! O público tem o direito de saber!

— Está gravando isso, Bill? — a voz de Christine era estridente. O cinegrafista aparentemente fez um gesto confirmando que sim, porque Quinlan deu um grunhido contrariado e se virou para Ronnie.

— Não está adiantando. Nossa única opção é sair correndo daqui. — As palavras eram somente para ela. Enquanto falava, Quinlan tirou o paletó e cobriu a cabeça de Ronnie. Sabendo que aquilo deveria protegê-la das câmeras, ela o puxou mais para perto, envolvendo-se no casaco.

Ela podia imaginar o próprio rosto, pálido, chocado e machado de tinta, em todos telejornais noturnos do estado.

— Sra. Honneker, pode nos dizer o que a mulher gritou quando atirou a tinta?—

perguntou um repórter de algum lugar perto da porta.

— Prostituta — alguém respondeu antes dela. Fez-se um silêncio quase constrangido.

Ronnie sentiu-se morrer por dentro. As reportagens iam ser feias, poderiam prejudicar a campanha.

Lewis iria culpá-la.

— Não sabemos com certeza se foi isso o que ela disse — protestou Thea, mas sua voz soou insegura, e ninguém pareceu escutá-la.

— Eu ouvi — disse Rose voluntariamente. — Foi exatamente isso o que ela disse: prostituta.

— A senhora testemunhou o incidente? — Os repórteres de jornal tomavam notas furiosamente enquanto Christine se virava para a câmera, desprezando o patrulheiro que tentava expulsá-la.

— Você consegue correr? — perguntou Quinlan com a cabeça inclinada próxima à de Ronnie. Ele tinha se virado para ela quando a declaração de Rose atraiu a atenção dos jornalistas.

Ronnie ergueu os olhos para ele por baixo do paletó. Seus joelhos estavam fracos, seu peito parecia oprimido e ela queria vomitar outra vez. Em condições normais, teria procurado o lugar mais próximo para se deitar, mas aquelas condições estavam muito longe do normal, e ela estava disposta a qualquer coisa para escapar da imprensa. Se fosse necessário correr, ela correria.

Ronnie assentiu.

— Então vamos — disse ele. Passando um braço em torno de seus ombros, ele a conduziu em meio à multidão, escondida sob o paletó e fora do alcance das câmeras. A surpresa e alguns empurrões estratégicos os fizeram chegar à rua sem serem molestados.

Quando a parede de luz e calor do dia lá fora os atingiu, eles correram. Momentos depois, a matilha percebeu a fuga e saiu no seu encalço.

CAPÍTULO 5

Muito obrigada, sr. Quinlan.

— Não há de quê, Sra. Honneker.

Ele virou a cabeça e sorriu para ela, evidenciando mais uma vez as pequenas rugas em torno de seus olhos. Ronnie retribuiu o sorriso.

Eles estavam no carro de Quinlan, um Buick Regal último tipo de cor creme com bancos marrons aveludados, afastando-se o mais rápido possível da feira. A estrada em que estavam era pitoresca, com fazendas verdejantes estendendo-se até onde a vista alcançava por todos os lados, mas eles estavam indo para o leste, e não para o oeste, como deveriam fazer para chegar a Jackson.

— Preciso dizer-lhe uma coisa: se está levando-me para casa, está indo na direção errada.

— Eu não estou levando você para casa.

— Não? — Ao ouvir aquilo, Ronnie ergueu a cabeça que descansava no suporte do assento para olhar para ele com ar interrogativo. Uma pequena pilha de lenços umedecidos manchados de vermelho estava jogada no console aberto entre eles. Quinlan sempre levava uma caixa daqueles lenços no porta-luvas, e Ronnie tinha usado os primeiros minutos do trajeto para limpar o máximo que pôde da tinta que ainda permanecia sobre ela.

— Não.

— E por que não? — Súbitas imagens de um seqüestro e coisas piores invadiram sua mente, mas logo foram descartadas. Embora só o conhecesse havia pouco mais de uma hora e não soubesse nada a seu respeito exceto nome e profissão, ela confiava completamente em Quinlan. Ele a salvara, cuidara dela, protegera-a num momento vulnerável.

A experiência tinha criado um vínculo entre eles que Ronnie imaginava ser parecido com aquele sentido por soldados que haviam enfrentado uma batalha juntos.

— Por um segundo, você me olhou como se eu tivesse me transformado no Conde Drácula. — Um olhar enviesado e um rápido sorriso acompanharam aquela leitura precisa de seus pensamentos.

— Não posso dizer que a idéia não tenha me ocorrido. — Ela encostou a cabeça no banco outra vez, deliciando-se com a lufada fria do ar condicionado. As valas dos dois lados da estrada estavam cheias de ervas daninhas ao invés de água, e os açudes nos campos por que passavam pareciam salobros e estagnados à luz massacrante do sol. O calor já durava tanto que até mesmo as árvores pareciam definhar. — Então, por que você não está levando-me para casa? Eu no mínimo preciso tomar um banho e trocar de roupa.

A pele de suas pernas ardia devido ao álcool dos lenços umedecidos. Ela as esfregara através do náilon da meia-calça, mas pequenos pontos de tinta vermelha ainda as manchavam.

— Para onde você acha que estão indo aqueles chacais de que acabamos de escapar?

— Oh! — Ronnie suspirou. Ela não tinha pensado naquilo. Sedgely, a propriedade da família Honneker nos arredores de Jackson, que era a sua casa no Mississipi, estaria cercada. No último vislumbre que tivera dos repórteres, por cima do ombro enquanto ela e Quinlan

saltavam para dentro do Buick, eles se espalhavam em todas as direções, correndo para seus veículos. Já deviam estar atrás dela. Se não conseguissem encontrá-la, e ela sinceramente esperava que não, iriam todos para Sedgely. A linda Sedgely, com a mansão no estilo anterior à Guerra de Secessão, a entrada ladeada por carvalhos cobertos de barba-de-bode e os lindos muros de pedra que não conseguiriam deter uma criança de seis anos, muito menos uma horda raivosa de jornalistas, provavelmente já estava em estado de sítio.

— É melhor avisar Dorothy. — Ronnie pegou o telefone celular do console e olhou para ele. — Posso?

— À vontade. Dorothy?

— A mãe de Lewis. Ela está em Sedgely. — Ela discou enquanto respondia.

— Ah, sim, a Vovó.

Selma, a velha governanta de Sedgely, respondeu no segundo toque. Ronnie teve de levantar uma das mãos para pedir silêncio a ele.

— Selma, aqui é a Sra. Lewis. A Sra. Honneker está?

— Não está não, senhora.

Ronnie imaginou que Dorothy estivesse em um de seus muitos compromissos sociais, o que era até melhor. Ela preferia que fosse Selma a dar a notícia à sua sogra tão crítica.

— Você sabe onde ela está? Ela deixou um número onde pode ser contatada?

— Ela está na casa da Sra. Cherry.

Honorina Cherry era uma das amigas mais antigas de Dorothy. Como os Honneker, os Cherry tinham feito fortuna plantando fumo, e eram

proprietários da fazenda ao lado, Waveland.

— Selma, escute: você poderia ligar para lá, por favor, e dizer a ela que uma mulher atirou tinta em mim na feira? Eu não estou machucada, mas a imprensa vai cercar Sedgely. Não quero que ela seja pega de surpresa.

— Peça a ela para dizer que não sabe de nada, caso alguém pergunte — instruiu Quinlan enquanto Selma falava na outra orelha de Ronnie. — E também peça que ela diga a mesma coisa para a Vovó.

— Selma disse que os repórteres já começaram a ligar, e um carro estranho está estacionado junto à entrada dos fundos, mas está vazio — disse Ronnie, cobrindo o telefone com a mão.

— Provavelmente é um repórter à espreita, esperando conseguir uma foto ou uma declaração. Repita o que eu disse para ela: ela não sabe nada sobre coisa alguma.

Ronnie repetiu as palavras para Selma, garantiu-lhe que estava tudo bem e desligou.

— Agora, Lewis — disse ela com uma careta de desagrado, e discou outro número.

Quando uma gravação anunciou que ela não poderia falar com ele, Ronnie ficou aliviada. Lewis não ia ficar muito feliz com os últimos eventos.

— Esta é caixa postal de... — disse ela, imitando o tom impessoal da mensagem, e ligou para o escritório de Lewis em Washington. Deu a notícia a Moira Adams, sua assistente administrativa, pedindo que ele fosse informado assim que o localizassem. Dever cumprido, ela desligou e colocou o telefone no console. — E agora? Não posso ir para casa.

— Pensei em levá-la para a minha casa. — Aquela voz profunda estava começando a lhe agradar, embora de modo geral Ronnie não fosse uma grande fã do sotaque sulista.

Provavelmente porque Lewis o adotava sempre que cruzava a fronteira aérea do Mississippi e o descartava assim que entrava no avião de volta a Washington. Durante os meses de inverno, que eles passavam na casa de Georgetown, sua origem dificilmente era detectável em sua voz.

Talvez por isso aquele modo lento e arrastado de falar sempre soasse artificial aos seus ouvidos.

— Não acho que seja uma boa idéia — objetou Ronnie. — Imagine a festa que os jornais iriam fazer: "Esposa de senador se esconde na casa de consultor político", ou algo do gênero. Eles dariam um jeito de insinuar que me pegaram em flagrante em uma garçonnière.

Ela se sentia amarga, e suas palavras revelavam isso. A expressão dele permanecia tranqüila.

— Eu tenho um apartamento em Jackson, e você está certa, não seria uma boa idéia levá-la para lá. Eles também vão estar de campana na frente da minha casa. Eu estava falando da casa da minha mãe.

— Da sua mãe?

— Ela mora nos arredores de DeKalb, que fica a uns 50 quilômetros daqui. Ninguém vai pensar em procurá-la por lá. Você poderá trocar de roupa e respirar um pouco enquanto nós decidimos como lidar com a situação.

— Você é do Mississippi? — Ronnie não sabia por que estava tão surpresa. O sotaque era uma pista mais do que suficiente. Mas os consultores políticos sempre pareciam ser de outro lugar.

Estavam constantemente em movimento, voando de cidade para cidade, de campanha para campanha, de eleição para eleição, perfeitos nômades. Era difícil imaginar um deles com raízes em um lugar como o Mississippi.

— Sou. Passei quase toda minha vida aqui. Na verdade, fui colega de Marsden na Universidade Estadual do Mississippi. Dividimos um quarto no campus durante um ano.

Marsden era o filho mais velho de Lewis com sua primeira esposa, Santa Eleanor. Era enteado de Ronnie, embora fosse oito anos mais velho do que ela.

— Bem, isso é que é pistolão — disse Ronnie com voz seca quando se recuperou do susto daquela revelação, que abalou gravemente a confiança que começava a sentir em Quinlan. — Ser amigo de Marsden é tudo o que você precisa para trabalhar comigo.

— Você não se dá muito bem com ele, não é? — Ele lhe deu um olhar bem-humorado.

— Você está sendo gentil. Marsden acha que fui eu que acabei com o casamento dos pais dele, entre outras coisas. Ele me odeia, mas tenho de admitir que o sentimento é mútuo.

— E você fez isso mesmo?

— Isso o quê? Acabar com o casamento de Lewis? Não. — Ela hesitou. Deveria falar daquele tipo de coisa com ele? A surpreendente intimidade que havia surgido entre os dois tinha de ser medida contra os fatos: ele era um consultor político contratado pela equipe de Lewis para

"lidar com ela", e havia sido colega de faculdade de Marsden.

Um currículo que fazia vários alarmes dispararem dentro da cabeça de Ronnie.

— Boa parte da população do estado acredita que sim, você sabe — ele disse num tom ligeiramente constrangido.

Ronnie fez uma careta de resignação, olhando para suas roupas estragadas — Acho que é bem óbvio.

— E é isso que nós vamos mudar. Siga meus conselhos, madame, e eu prometo que em seis meses a senhora será tão popular quanto pipoca no cinema.

Apesar de tudo, Ronnie teve de rir. — E se eu não ficar satisfeita, posso ter meu dinheiro de volta?

— É claro. — Ele também estava sorrindo. — É tudo uma questão de imagem. A maioria dos eleitores tende a ver os personagens da arena política segundo estereótipos. Isso facilita as coisas para eles, não exige muito esforço mental. O estereótipo no qual você se encaixa neste momento é o da "outra", a mulher mais jovem e atraente que aparece para: roubar um homem até então muito correto de sua esposa fiel e amorosa. Vendo as coisas deste ângulo, é fácil entender por que eles não gostam de você.

— Mas não é verdade. É sério, não é verdade. Eu não roubei Lewis de ninguém. Ele já estava separado quando começamos a namorar.
— Ronnie não podia evitar, tinha de ser clara pelo menos naquele ponto.

— Quando foi isso?

— Há mais ou menos uns seis anos. Eu já trabalhava no escritório dele há alguns anos, mas nós não começamos um relacionamento mais íntimo até eu ter certeza de que seu casamento com Eleanor tinha terminado.

— E como vocês se conheceram?

— Eu tinha apenas 19 anos e estava no segundo ano da Universidade Norte-Americana, em Washington, onde Lewis foi dar uma palestra em uma das cadeiras. Eu gostei das coisas que ele disse, e fiz muitas perguntas. Depois da aula ele veio falar comigo no corredor e perguntou se eu gostaria de me candidatar para uma vaga de meio-período que acabara de abrir em seu escritório.

Passei por uma seleção e fui contratada. Comecei como uma espécie de secretária, e fui subindo aos poucos.

— Então você trabalhava para ele.

Ronnie hesitou, e então decidiu que não havia mal nenhum em contar o resto da história.

Afinal de contas, ela não tinha nada do que se envergonhar, quer Marsden ou os eleitores do Mississippi acreditassem ou não. O que ela não pretendia mencionar era a insistência com que Lewis a assediara desde o início. A verdade — que ele a convidara para sair repetidamente desde que ela pusera os pés em seu gabinete aos 19 anos de idade até o momento em que ela finalmente aceitou a corte do chefe — não caíria bem para seu marido. A lealdade a obrigava a manter aquela parte da história em segredo. — Quando me formei, ele me ofereceu um emprego de tempo integral como assessora legislativa. Eleanor e Lewis já estavam separados naquela época, mas mantinham segredo por medo de que isso afetasse suas chances de reeleição. Algum tempo depois, começamos a namorar, quando Eleanor já estava envolvida com outra pessoa. Foi assim durante toda a última campanha, embora os dois aparecessem juntos em público quando necessário. Depois da eleição, eles se divorciaram rapidamente e nós nos casamos. Achávamos que isso daria aos eleitores seis anos para se acostumarem comigo antes da eleição seguinte, mas já se passaram três anos e eles não parecem gostar mais de mim do que antes. O que aconteceu hoje é um claro exemplo disso.

— Certamente não foi uma demonstração de carinho — concordou ele. — Vocês planejam ter filhos?

— Quê? — O choque fez Ronnie ficar rígida no assento. Ela não podia acreditar que ele tivesse perguntado uma coisa tão íntima.

— Um filho atrairia a simpatia dos eleitores. Todo mundo adora uma jovem mãe com um bebê nos braços. Se vocês pretendem ter filhos de qualquer maneira, poderiam pensar em fazer isso antes da próxima eleição. Três anos lhes dão bastante tempo.

— Se e quando eu decidir ter um filho, certamente não será para ajudar meu marido a vencer uma eleição!

— Foi só uma idéia — murmurou ele, olhando-a com um toque de especulação. Ronnie se perguntou exatamente o quanto ele saberia a respeito de Lewis. Se tinha sido colega de quarto de Marsden, provavelmente muito. Ou talvez não. Poucas pessoas conheciam a intimidade de seu marido. Ela não tinha certeza nem de que Marsden o conhecesse muito bem.

— Qual é exatamente a sua relação com Marsden? — perguntou ela, desconfiada.

— Já fomos amigos, mas agora eu diria que somos apenas conhecidos. Não se preocupe, eu não lhe passarei relatórios semanais sobre você. Eu trabalho para você, não para ele. — Quinlan sorriu ao dizer isso.

— Eu só queria esclarecer as coisas.

Ele diminuiu a marcha ao se aproximar de uma placa de Pare e depois entrou à esquerda em uma estrada pavimentada ainda mais estreita do que a que haviam deixado para trás. Nela, dois carros só poderiam se cruzar utilizando o acostamento, mas mesmo assim seria apertado. Cercas de arame farpado frouxo fixado em morões maltratados ladeavam o caminho. Nas propriedades, pequenos

rebanhos de vacas pretas e brancas pastavam à sombra das poucas árvores. Um quarteto de porcos chafurdava num riacho barrento, somente o topo de suas cabeças visível acima da água suja. Um par de gansos brancos e gordos ciscava na grama crescida ao lado da estrada. Um fazendeiro de chapéu de palha e macacão de brim acenou de seu trator. Quinlan buzinou e devolveu o comprimento.

— Você o conhece? — Em seu terno elegante, Quinlan não parecia ter qualquer ligação com homens do campo como aquele.

— Eu conheço todos por aqui. Minha família vive nesta região há gerações. Bem, aqui estamos.

Ele diminuiu a velocidade e entrou em um caminho de cascalho. Enquanto passavam pelo portão, Ronnie viu de relance uma caixa de correio metálica enferrujada presa à cerca. À frente deles havia uma casa de dois andares de madeira branca, com a varanda e as janelas estreitas pintadas de cinza, simpática, mais do que bonita, e obviamente muito antiga. Um grande carvalho estendia seus ramos sobre o gramado malcuidado na frente da casa, e um pequeno bosque de bordos fornecia sombra à mesa de piquenique na lateral. Um celeiro de aparência pouco sólida, maior do que a casa e precisando urgentemente de uma demão de tinta, ficava em uma pequena elevação ao fim do caminho de cascalho. Para além da casa, via-se um pequeno pomar de macieiras e uma horta à direita, e um galinheiro à esquerda. Quinlan estacionou ao lado da casa, aproveitando a sombra dos bordos folhosos.

Um adolescente de bermuda caqui e camiseta branca abriu a porta de tela da entrada lateral e ficou parado nos degraus de concreto quando viu o carro.

Quinlan desceu. — Mark? Por que você não está no trabalho?

O garoto deu de ombros sem responder. Enquanto Ronnie abria a porta, outro carro surgiu buzinando atrás deles, os pneus esmagando ruidosamente o cascalho. Em movimento outra vez, o garoto se

dirigiu para o carro recém-chegado, cuja porta do lado do motorista estava abrindo-se convidativamente.

— Tchau — ele disse a Quinlan com um aceno, assumindo a direção enquanto a menina loira que viera dirigindo pulava para o banco do passageiro.

— Dez horas, não se esqueça — alertou Quinlan.

— Meia-noite — retrucou garoto, batendo a porta.

— Dez horas — repetiu Quinlan, inflexível, mas o garoto fingiu não ouvir. Já estava olhando por cima do ombro enquanto dava a ré com mais velocidade do que cuidado.

O carro chegou à estrada e sumiu em uma nuvem de poeira.

— Loren o convidou para ir tomar banho de rio, e ele ligou para o chefe dizendo que estava doente. — Ronnie olhou em torno e viu uma mulher de uns 60 anos, usando calça de gingão azul e blusa branca, parada na porta lateral por onde Mark acabara de sair. Ela tinha cabelos brancos curtos e a pele maltratada, e estava com uma expressão resignada enquanto falava com Quinlan.

— Imaginei que fosse alguma coisa assim. Aquela garota não presta.

— Depois do breve diálogo, Quinlan pareceu lembrar-se outra vez de Ronnie, que estava em pé do outro lado do carro, um tanto insegura.

— Mamãe, esta é a Sra. Lewis Honneker, esposa do senador. Sra. Honneker, esta é minha mãe, Sally McGuire.

— Puxa vida — disse a Sra. McGuire, descendo os degraus com a mão estendida. — É um prazer, Sra. Honneker. Eu conheço o seu... minha nossa, ele deve ser seu enteado! Estou falando de Marsden, é claro. Bem, eu o conhecia muito bem em uma certa época, e conheço o resto da família também. Pelo menos conhecia. De qualquer maneira, sua visita é uma honra.

— Obrigada. — Ronnie abriu o seu melhor sorriso de esposa do senador e trocou um aperto de mãos com a mulher idosa. O olhar de Sally saltava dela para Quinlan com surpresa crescente.

— Meu Deus do céu, que foi que aconteceu? — perguntou ela, arregalando os olhos para o filho. — Isso é sangue?

— Nós tivemos um pequeno incidente com tinta vermelha — respondeu ele, conduzindo Ronnie na direção da casa. — A Sra. Honneker precisa tomar um banho e trocar de roupa, e talvez comer alguma coisa. Temos algo de bom na cozinha?

— Você sabe que sim. — Os três passaram pela porta de tela e entravam em uma sala à meia-luz de temperatura fresca e agradável e decoração antiquada. Havia até mesmo um órgão encostado na parede.

— Tenho peru e um pouco de presunto, a menos que Mark tenha comido tudo, o que não é de duvidar, e também tenho um bolo recém-saído do forno.

— Minha mãe é a melhor cozinheira do Mississippi — informou Quinlan com convicção, colocando um braço em torno dos ombros da mãe quando ela se juntou a eles. — Espera até provar esse bolo. Mas primeiro você precisa se trocar. O banheiro fica no segundo andar, na segunda porta a direita.

— As toalhas estão limpas — disse a Sra. McGuire. — Acabei de trocá-las. E tem xampu no armário. Se precisar de mais alguma coisa, é só dar um grito.

— Obrigada. — Ronnie hesitou, sentindo-se um pouco rude simplesmente deixando sua anfitriã para ir tomar banho, como se fosse da casa. Mas pela expressão nos rostos de mãe e filho, percebeu que era exatamente isso que eles esperavam. Subiu a escada estreita no fundo da sala com a sensação de que ainda a

observavam. O que Quinlan iria contar à sua mãe quando ficassem a sós?

A história toda, sem dúvida alguma.

Aquilo fez Ronnie estremecer por dentro enquanto subia os degraus. Era humilhante ser tão odiada, ainda mais por aquela razão.

CAPÍTULO 6

15h30min Biloxi

Filha de pastor televisivo encontrada morta.

O corpo da filha de 23 anos do tele-evangelista Charlie Kay Martin foi encontrado às 16h da tarde de sexta-feira, flutuando no Golfo do México perto da Ilha Deer.

A porta-voz da Polícia de Biloxi, Sargento Connie Lott, disse que os achados do legista não são consistentes com um afogamento acidental na morte de Susan Marie Martin, e que há suspeita de assassinato. Há muito afastada da família, acredita-se que Martin estivesse morando em Biloxi no momento de sua morte. Um porta-voz do sr. Martin disse que o pastor não deseja dar declarações neste momento, mas acrescentou que ele e sua esposa estão "consternados". A Sargento Lott afirma que as investigações continuam.

O artigo do jornal diário era pequeno. Maria Becker não o teria percebido se não estivesse posicionado logo acima do anúncio de uma agência de viagens para um pacote de duas noites e três dias em Lãs Vegas pelo incrível preço de US\$199,00, passagem aérea e café da manhã incluídos.

Conhecer Lãs Vegas era o sonho de Maria. Para ela, era a cidade mais interessante do mundo, o lugar onde todas as suas fantasias poderiam realizar-se.

Não que quisesse tirar férias. Ela imaginava que, com seus cabelos loiros e pernas longas, Las Vegas fosse o lugar perfeito para conhecer um senhor distinto e rico que se interessasse por oferecer a ela o tipo de vida ao qual ela queria acostumar-se.

Mas havia Lissy, sua filha, uma fadinha loira de rabo-de-cavalo a quem ela amava com devoção feroz, muito embora o mero fato de sua existência fosse suficiente para implodir aqueles devaneios. Que senhor distinto iria querer uma amante com uma filha de sete anos? E mesmo que este cavalheiro improvável existisse, quem cuidaria de Lissy enquanto ela ia para Las Vegas conhecê-lo?

Ainda assim, gostava de imaginar que seu sonho poderia um dia realizar-se, e por isso lia todos os anúncios de viagem que mencionavam Vegas. E naquele dia, sua obsessão a levou à notinha a respeito de Susan.

Embora estivesse ali, na frente dela, impressa no jornal para todos verem, teve dificuldade em aceitar aquela realidade: Susan estava morta. A preocupação de Maria com a amiga com quem dividia o apartamento de dois quartos se tornara cada vez maior nos últimos três dias, mas ela não esperava aquilo. Susan não voltava para casa desde a noite de quinta-feira. Ela gostava de se divertir, e às vezes passava fins de semana fora, ou até mais tempo se conhecesse um cara interessante, mas sempre telefonava para avisar. Não daquela vez.

Maria umedeceu os lábios, fitando o jornal, e ficou surpresa ao constatar que não conseguia reler a notícia por que o papel estava tremendo. Assim como suas mãos.

Graças a Deus, Lissy só iria chegar depois das cinco. Estava passando a tarde na piscina com uma amiga, cuja mãe a traria para casa. Maria não queria que a menina a visse tão abalada.

Oh, Deus, como iria contar a ela? Lissy adorava a tia Susan, como a chamava, embora elas não tivessem nenhum parentesco.

Sua filha já tinha passado por tantas perdas na vida, e agora aquilo.

Susan estava morta. Por mais que Maria repetisse as palavras em voz alta, elas não pareciam reais.

Como uma coisa daquelas podia ter acontecido?

Ela tinha visto a amiga pela última vez por volta das 6 da tarde da quinta-feira, quando levara Susan e Claire Anson até o Biloxi Yacht Club. Elas tinham um programa, disseram, uma festinha com rapazes ricos em um iate imenso — o Sun Cloud, algo assim. Sun Ray? Ela não se lembrava bem do nome, mas tinha a sensação de que poderia ser importante. Era Sun-alguma coisa, disso tinha certeza. Certeza absoluta.

Susan esperava ganhar muito dinheiro com aquele programa, talvez alguns milhares de dólares. Seria bom, Maria lhe dissera num tom irritado. Sempre irresponsável, Susan não pagava a sua parte do aluguel havia dois meses, e Maria não podia assumir tudo sozinha.

Ela tinha Lissy para se preocupar. O dinheiro que ganhava era para sustentar a filha, e não Susan, por mais que gostasse da amiga.

Maria largou o jornal, que pairou até o chão e ficou ali jogado enquanto ela se levantava do sofá e dava os três passos necessários para chegar ao telefone da cozinha.

Qual era o número de Claire? Maria estava tão perturbada que não conseguia lembrar-se.

Teve de procurar na caderneta de telefone de Susan, que ficava na prateleira embaixo do aparelho.

Abrir a capa de couro macio a fez sentir náuseas, como se estivesse tocando o cadáver de sua amiga.

Oh, Susan! Elas moravam juntas havia dois anos, e já tinham passado por três apartamentos. Era difícil imaginar que nunca a veria

outra vez. Ela, Lissy e Susan eram sua família.

Não havia outra palavra para descrever um laço tão forte.

A voz alegre de Claire respondeu depois do quarto toque. — Estou dormindo, tomando banho, ou já saí. De qualquer maneira, não posso falar agora. Deixe seu recado.

Tchau.

Maria disse seu nome e número do telefone, e acrescentou que era urgente. Depois desligou.

Por um longo tempo, ficou simplesmente parada, olhando para o telefone.

Susan estava morta; toda a sua alegria de viver reduzida a um corpo sem vida flutuando no Golfo do México. O jornal dizia que a polícia suspeitava de assassinato.

Mas quem iria querer matá-la?

Maria se perguntava o que deveria fazer.

Devia ligar para a polícia e passar as informações que tinha? Não, não podia arriscar-se.

Tinha fugido com Lissy anos antes, quando o juiz do seu divórcio parecia inclinado a dar a guarda da menina ao pai fanático religioso de direita em detrimento da adolescente usuária de drogas recreativas que ela era na época. Maria nunca ficara sabendo exatamente qual fora a sentença, mas não duvidava que seu ex-marido tivesse vencido. Não que isso importasse. Lissy pertencia a ela, assim como ela pertencia a Lissy. Nenhuma das duas iria voltar.

Devia ligar para os pais de Susan? Não os conhecia, e pelas histórias que a amiga lhe contara, não parecia ser uma boa idéia. Ela duvidava que eles se importassem com a morte da filha que tinha cortado

todos os laços com a família. Seu pai, Charlie Kay Martin, era famoso, apresentava um programa semanal de TV chamado Orando em Família. Era um pregador raivoso e implacável, que falava do fogo do inferno e fazia Maria se lembrar do pai de Lissy. O rumo que a vida de Susan tinha tomado certamente era uma bela lição sobre o que acontecia a garotas criadas em lares punitivos de fundamentalistas religiosos.

Não, ela não podia procurar a família de Susan.

Quem, então?

Maria estendeu a mão para o telefone, com intenção de ligar para a agência de modelos para a qual ela, Susan e Claire trabalhavam. Não exatamente como modelos, embora fossem chamadas assim. Bem, às vezes elas posavam para fotos.

Pensar no tipo de foto que faziam quase a fez sorrir apesar das circunstâncias.

Billie, que marcava os programas para elas, saberia o que fazer. Talvez ele mesmo tivesse intermediado a ida de Susan e Claire ao barco na quinta-feira. Ela provavelmente não fora incluída por que não dormia fora de casa. Lissy não lhe permitia.

No mesmo instante em que sua mão se fechou em torno do telefone, escutou uma batida na porta. O apartamento era pequeno, com sala de jantar e estar combinadas, cozinha norte-americana e dois quartos, um dos quais ela dividia com Lissy. A única entrada ficava na sala, a no máximo um metro e meio de onde Maria estava parada.

A batida foi suave, educada, em nada alarmante. Não deveria ser uma de suas amigas, muito mais espalhafatosas, e tampouco a senhoria, cuja batida era brusca e vigorosa. Nem Lissy, que teria chamado pela mãe.

Quem, então, poderia estar batendo na porta no meio de uma tarde de segunda-feira? Um vendedor, talvez?

Maria sabia que estava assustada com a notícia a respeito de Susan, mas ainda assim ficou surpresa com a hesitação com que se aproximou, de sua própria porta. Era como se uma vizinha dentro de sua cabeça estivesse sussurrando: Tenha cuidado!

A voz de Susan?

Maria se moveu lentamente, os pés descalços silenciosos no carpete bege manchado. Outra batida soou quando ela alcançou a porta, causando-lhe um sobressalto. Teve de respirar fundo para se acalmar antes de aproximar o rosto do olho mágico.

Um homem de camiseta Nike cinza e boné da Universidade do Mississippi estava parado no corredor. Seu rosto era redondo, gorducho e pálido, e os cabelos que escapavam pelas laterais do boné eram curtos e escuros. Ele olhava impacientemente para os dois lados do corredor.

Enquanto Maria o observava, ele tirou o chaveiro de Susan do bolso e enfiou uma das chaves na fechadura.

CAPÍTULO 7

16h Jackson

Apesar de um pouco constrangida com a própria aparência, Ronnie finalmente desceu as escadas. O som da voz de Quinlan conversando com a mãe a guiou até a cozinha.

Ela hesitou em frente à porta por um momento, não querendo interromper a conversa íntima. Mas se sentiria igualmente deslocada se ficasse no corredor, na sala ou no andar de cima.

Mais cedo ou mais tarde, sabia que teria de se juntar a eles, ou um dos dois iria procurá-la. Era melhor assumir um ar de confiança e

entrar de uma vez.

Ronnie não se sentiria tão desconfortável se tivesse podido aplicar batom ou pó compacto ou usar uma chapinha, mas, como havia deixado a bolsa para trás, não tinha nenhum cosmético com ela. Conseqüentemente, seu rosto carregava apenas alguns vestígios de rímel e um toque do creme para as mãos que ela havia encontrado em uma prateleira do banheiro. Sem musse, gel ou laquê, ela não conseguira fazer nada com os cabelos além de secá-los e prendê-los atrás das orelhas.

Mas não havia o que fazer, ela disse a si mesma, e entrou na cozinha.

Quinlan e sua mãe estavam sentados em torno de uma mesa redonda de carvalho num canto da cozinha, junto a uma janela ampla que dava para o jardim dos fundos. Como o resto da casa, a cozinha era antiquada. Quadrados de linóleo branco e amarelo, gastos em alguns pontos, cobriam o piso. Os armários eram cor de mostarda, presumivelmente para combinar com os eletrodomésticos de um dourado escuro. Os balcões eram laminados de branco e exibiam objetos como uma caixa de pão de madeira e embalagens de temperos. Cortinas de riscado amarelo pendiam de varões simples de metal nas janelas. Perto da pia de aço inox, uma cafeteira automática enchia o ar do aroma estimulante de café fresco. Um pano de prato listrado de vermelho estava pendurado na alça do forno. Aquela pista, somada a um cheiro inidentificável mas apetitoso que se misturava ao do café, levou Ronnie a concluir que o jantar estava no forno.

Era uma cena inesperadamente familiar, pensou.

Quinlan e sua mãe ergueram os olhos para ela. Ele tinha trocado o terno manchado por uma camiseta pólo azul-marinho e jeans, e seus cabelos estavam ligeiramente úmidos, levando Ronnie a supor que, assim como ela, ele havia tomado uma ducha.

— Está sentindo-se melhor? — perguntou a Sra. McGuire. Quinlan apenas sorriu e a fitou em silêncio.

Usando uma calça xadrez amarela e branca e camiseta amarela com a barra xadrez, ambas vários números maiores do que o dela, Ronnie se sentia um palhaço. Se a calça não tivesse um cordão na cintura, ela não conseguiria mantê-la no lugar.

— Belo traje — disse ele finalmente.

— Obrigada — respondeu ela com um sorriso adocicado. A malha da camiseta que ele usava revelava ombros largos e braços surpreendentemente musculosos, e o jeans era do tamanho certo. Obviamente, ele deixava algumas mudas de roupa na casa da mãe. Sorte dele.

— Não implique com ela — disse Sally McGuire, balançando a cabeça para o filho com ar de reprovação e pondo-se em pé. Para Ronnie, ela ofereceu: — Aceita uma fatia de bolo? E que tal um copo de leite ou uma xícara de café?

— Eu adoraria um pedaço de bolo. Com leite, por favor. Os dois combinam tão bem, não é mesmo? — Ronnie lançou um olhar frio para Quinlan enquanto se sentava.

— É verdade — concordou a Sra. McGuire por sobre o ombro, erguendo a tampa de vidro do prato sobre o balcão e cortando uma fatia do bolo escuro com glacê branco cremoso.

— Obrigada por me emprestar suas roupas — disse Ronnie enquanto a mulher colocava a fatia imensa em um prato e o passava para ela.

— De nada. Seria melhor se eu tivesse alguma coisa do seu tamanho. — Servindo o leite no copo, a Sra. McGuire deu uma risadinha. — Melhor para mim também. É uma pena que a gente não possa comer bolo e ser magra ao mesmo tempo, não é?

— É verdade — concordou Ronnie, pegando o copo. Deslizando o garfo através do bolo macio, ela sentiu seu aroma intenso e sua boca se encheu de água. Ela não se permitia comer doces com muita frequência, mas naquele dia simplesmente não conseguiria reunir a força de vontade necessária para resistir. — Parece maravilhoso. Eu geralmente não como sobremesa.

— Nota-se — disse Quinlan. Sua expressão indicou a Ronnie que ele admirava seu corpo.

Bem, não havia nada de surpreendente naquilo, pensou ela. Manter um corpo admirável era o motivo pelo qual ela comia com cuidado, nadava sempre que podia e fazia musculação três vezes por semana.

O bolo se derreteu em sua língua numa explosão de doçura cremosa. Os olhos de Ronnie quase se fecharam de prazer.

— Está delicioso — disse ela, dando outra garfada.

— Os bolos da mamãe são famosos. Todo mundo que prova se lembra deles. — Quinlan já estava na metade da própria fatia, que era pelo menos duas vezes maior do que a dela, e não aparentava qualquer desejo de parar.

Se era assim que ele comia normalmente, era difícil imaginar como conseguia manter-se tão magro.

Ela colocou outro pedaço pequeno de bolo na boca, saboreando-o. Era tão bom, algo tão inesperado para seu paladar acostumado a frango, peixe e saladas, que ela queria fazê-lo durar o máximo possível. Mas perceber que Quinlan a observava com expressão divertida a fez comer mais rápido.

— Está realmente fantástico — disse ela para a Sra. McGuire, e tomou um gole de leite.

Integral, claro, sendo que ela nunca tomava leite que não fosse desnatado.

Se comesse daquele jeito com frequência, não demoraria a ficar com 100 kg, pensou.

— A receita é da minha avó. Ainda posso sentir o gosto da cobertura que ela fazia. Era de outro mundo. — A Sra. McGuire se sentou à mesa com seu próprio copo de leite e um prato de bolo.

— Não poderia ser melhor do que a sua — disse Ronnie dando outra garfada.

— Antes que eu me esqueça, aqui estão suas pérolas. — Quinlan tirou um pequeno embrulho de papel-toalha do bolso das calças e o colocou sobre a mesa.

— Obrigada — disse Ronnie. Abrindo o papel, ela guardou o colar no bolso e colocou os brincos nas orelhas outra vez. Com os dedos já firmes outra vez. levou apenas alguns segundos.

— São lindas! — A Sra. McGuire admirou as jóias. O olhar de Quinlan seguiu o mesmo caminho que o da mãe, mas ele ficou calado.

— Obrigada.

A Sra. McGuire sorriu para ela. — Você nasceu no Mississippi? — perguntou, cortando sua fatia de bolo.

Ronnie balançou a cabeça negativamente. — Em Massachusetts. Eu me criei em Boston.

— Sua família ainda vive lá?

— Somente meu pai e uma de minhas irmãs. Minha outra irmã mora no Delaware com a família, e minha mãe, na Califórnia com seu novo marido. Estamos espalhados pelo país.

— Você tem duas irmãs? Eu também. Sou a mais velha.

— Eu sou a mais nova. — Ronnie comeu o último pedaço de bolo com pesar. Passariam-se meses antes que ela se permitisse comer algo tão engordativo novamente.

— Quantos anos você tem? — perguntou Quinlan subitamente.

— Vinte e nove.

— Ela parece mais jovem — explicando-se, ao ver que a senhora McGuire o repreendia com o olhar por perguntar a idade de uma mulher.

— Você deve ter ... 37 — adivinhou Ronnie, recusando-se a se colocar na defensiva por causa de sua juventude. Sabia o que ele e sua mãe provavelmente estavam pensando: que Lewis, com 60 anos, tinha mais do que o dobro da sua idade. Mas lembrou a si mesma que Quinlan trabalhava para ela, e que não lhe devia satisfações.

— Na mosca. Você deveria trabalhar numa daquelas barraquinhas de quermesse onde adivinham a idade e o peso das pessoas. — O rosto dele relaxou, e ela não se sentiu mais como se estivesse sendo julgada.

— Como você sabe?

— É fácil. Marsden tem 37. Se vocês foram colegas de faculdade, faz sentido que tenham a mesma idade.

— Você não gosta muito de Marsden, não é mesmo? — perguntou a Sra. McGuire, percebendo alguma coisa no tom de voz de Ronnie. — Eu sempre o achei um rapaz tão simpático e educado.

— Ele a chamava de mãe sempre que se encontravam — explicou Quinlan. — E vivia fazendo-lhe elogios.

— Marsden não aprova meu casamento com o pai dele — disse Ronnie. — Acho que eu ainda não conheci seu lado simpático e educado.

— E quanto a Joanie e Laura? — perguntou Quinlan. Ele tinha terminado seu bolo e estava tomando uma xícara de café.

— Infelizmente, acho que elas estão do lado de Marsden. — Durante seu primeiro ano de casados, as duas filhas de Lewis tinham sido tão grosseiras com ela quanto ousavam ser na presença do pai. Aparentemente já resignadas com o fato, elas agora eram gentilmente frias quando precisavam estar na companhia da madrasta. Não que isso acontecesse com frequência. Embora as duas morassem perto de Sedgely, as únicas ocasiões em que Ronnie via as enteadas e suas famílias eram na Páscoa, no Dia de Ação de Graças e no Natal. E no aniversário de Lewis, é claro, que seria no mês seguinte e sempre era comemorado com uma grande festa.

— Joanie sempre me pareceu uma ótima menina — disse a Sra. McGuire. — Numa certa época,...

Ela parou de falar, olhando constrangida para o filho.

— Vá em frente, mamãe, conte todos os segredos da família — disse Quinlan com bom-humor. Para Ronnie, ele acrescentou: — Numa certa época, eu e Joanie fomos namorados. Mamãe esperava que nós nos casássemos.

— É mesmo? — Ronnie sorriu para ele com surpresa. Quanto mais ficava sabendo a respeito de suas ligações com os filhos de Lewis, menos inclinada se sentia a confiar nele. — Que pena que não deu certo. Hoje você seria meu genro.

— Parece meio incestuoso, não? — Quinlan deu uma risadinha, dissipando a tensão. —

São águas passadas. Eu me casei com outra pessoa; Joanie, também, e eu não penso nela há mais ou menos 17 anos. Ela tem filhos?

— Dois — disse Ronnie. — Um menino e uma menina.

— Eu sei que Marsden também tem dois. E Laura? — perguntou a Sra. McGuire?

— Uma menina, Jilly, de seis anos.

— O que significa que você já tem netos — disse Quinlan, como se tivesse acabado de descobrir o fato e o considerasse ao mesmo tempo espantoso e divertido. — As crianças a chamam de vovó?

— Quando se dignam a falar comigo, elas me chamam de Ronnie — disse ela com voz fria. — Acredite em mim, nós não somos a Família Dó-Ré-Mi.

Fez-se um silêncio pesaroso enquanto os três digeriam aquela verdade.

— Acho que não vamos poder fazer fotos de família, então. — Quinlan tinha o cenho franzido, os pensamentos evidentemente voltados para o trabalho enquanto matutava as palavras de Ronnie. — Você sabe, os avós dedicados cercados pelos netos. Quando a vovó é mais jovem do que a mãe, a imagem não funciona. — Seu olhar cravou-se em Ronnie. — O que nós precisamos é fazer você parecer mais madura. Menos glamourosa. Vovó seria demais, mas vamos tentar convencer as pessoas de que você ao menos pode ser a mãe de alguém.

— Mas a verdade é que eu não sou mãe de ninguém, e não acho que deva tentar parecer o que não sou. — Ronnie ergueu o queixo e o encarou sem vacilar. Já tinha escutado a mesma coisa de outros consultores. Todos eles queriam mudá-la, melhorá-la. Estava cansada daquilo. O que havia de errado com seu jeito de ser?

Tanto Quinlan quanto sua mãe pareciam estar estudando-a. Os dois tinham os mesmos olhos. Sally também fora abençoada com íris de um azul acinzentado profundo cercadas por um anel cor de chumbo, embaixo de sobranceiras e cujos escuros e grossos. Belos olhos, pensou Ronnie, e muito penetrantes.

— Projetar uma imagem é crucial na política. Só estou pedindo que você tente projetar o tipo de imagem que vai ajudar seu marido a se reeleger. — A voz de Quinlan era paciente. Ele empurrou o prato vazio para o lado e se inclinou para a frente com os braços cruzados sobre a mesa.

— O que exatamente você tem em mente? — perguntou Ronnie, cautelosa.

Quinlan examinou-a outra vez. Ronnie teve a impressão de que todos os aspectos de sua aparência estavam sendo analisados e deixando muito a desejar.

— Você pinta o cabelo?

— O quê? — A surpresa fez sua voz subir uma oitava.

— Você pinta o cabelo? — repetiu ele, como se fosse a pergunta mais razoável do mundo.

— Isso não é coisa que se pergunte a uma dama — protestou Sally enquanto Ronnie respondia com um "Não!" indignado.

— Não acredito que esta cor tão escura seja natural — disse Quinlan, olhando intensamente para ela. — É... vermelho demais.

— Bem, infelizmente, você tem de acreditar — retrucou Ronnie, ofendida. — Não que a cor do meu cabelo seja problema seu. Você trabalha para mim, e não o contrário.

— Tommy... — sua mãe começou a dizer, mas foi silenciada por um gesto de cabeça do filho. Ele focalizou seu olhar atento em Ronnie.

— Escute aqui, Sra. Honneker: eu fui contratado para fazer com que os bons cidadãos do Mississippi queiram votar no seu marido na próxima eleição. Ele é benquisto no Estado, respeitado, altamente elegível. Seu principal ponto negativo é você. Você é o que nós temos de tornar mais aceitável para os eleitores. Não é segredo algum que eles não gostam de você; tivemos uma prova inegável disso hoje. Boa parte desta rejeição advém do fato de que eles acreditam que você roubou o senador da primeira esposa. É uma avaliação justa, mas a sua aparência não está ajudando. É

como jogar sal na ferida: você parece com o tipo de mulher que poderia e gostaria de roubar o marido das outras. Parece jovem demais e sexy demais para uma mulher de político, pelo menos de um político vitorioso de 60 anos de idade.

— Ai, ai, ai — murmurou a Sra. McGuire, olhando para o rosto ruborizado e furioso de Ronnie e depois para a expressão determinada de seu filho, enquanto os dois se entreolhavam por sobre a mesa. — Acho que é melhor eu deixar vocês conversarem a sós. Tommy, meu querido, tenha modos, por favor.

Ela se levantou, depositou a louça que tinha usado na pia e sumiu no corredor.

Depois que ela saiu, Ronnie sustentou o olhar inflexível de Quinlan por mais alguns instantes, pronta para uma batalha.

— Não vai funcionar — disse ela com veemência. — É óbvio que o fato de eu ser muito mais jovem do que Lewis o incomoda. Bem, o fato de você se sentir incomodado com isso e de ser tão ligado aos filhos dele incomoda a mim. Eu não me sentiria à vontade trabalhando com você.

Embora seja muito grata por sua ajuda hoje, receio que serei obrigada a encerrar nossa colaboração.

Eu sinto muito. — Ela pegou seu prato, empurrou a cadeira para trás e se levantou.

Quinlan continuou sentado, fitando-a. — Está tentando dizer que eu estou despedido? —

Ele não parecia especialmente perturbado com a idéia.

— Puxa vida, você é esperto, não? — Ronnie lhe deu um sorriso irônico e se virou para largar os pratos na pia.

A voz dele a seguiu, afetada e igualmente irônica. — Prezada Sra. Honneker, eu fui contratado pelo comitê de campanha do senador, não pela senhora. Eles são os únicos que podem demitir-me.

Ronnie se virou outra vez, rígida de raiva. — Eu não vou trabalhar com você. Não confio em você. E se eu disser que você está despedido, acredite em mim, você está despedido. Lewis vai apoiar minha decisão.

Quinlan franziu a testa e seus lábios se abriram para lhe retrucar. Obviamente pensando duas vezes sobre o que estava prestes a dizer, ele suavizou a expressão do rosto e se levantou, deixando seu prato na mesa.

— Não nos precipitemos — disse diplomaticamente, andando na direção dela.— Acredito que seus cabelos sejam naturalmente ruivos, por que seu temperamento inflamável combina com eles. A política é um jogo, e para ganhá-lo às vezes você tem de fazer coisas que não quer. Eu sei que você não deseja que o senador perca a eleição por sua causa. Eu posso ajudá-la a se tornar um trunfo ao invés de uma desvantagem para ele. Não é isso o que você quer? — Ignorando sua expressão feroz, ele a pegou pelo braço e a conduziu à porta dos fundos.

— Você quer ajudá-lo a vencer a eleição, não quer? — ele continuou, abrindo a porta. Eles desceram dois degraus de concreto e chegaram

a um gramado pontilhado de dentes-de-leão.

— Sim — respondeu ela com má vontade, permitindo que ele a conduzisse a um balanço de madeira antigo à sombra de um carvalho alto. — Mas ...

— Então vamos conversar.

Eles andaram até a árvore e Ronnie se sentou no balanço, não inteiramente à vontade. A brisa repentina que tocou seu rosto era agradavelmente fresca, e o fumo que crescia num campo vizinho farfalhou quando a brisa se transformou numa lufada de vento. O balanço se moveu, Ronnie ergueu os olhos e viu que a mão de Quinlan segurava a corrente.

— Eu estou do seu lado — disse ele com expressão séria. — Só porque conheço Marsden, Joanie e Laura, não significa que eu pense como eles. Estou aqui para ajudar você. Tudo o que se passar entre nós será confidencial. Eu não vou sair por aí espalhando seus segredos. Se alguma sugestão minha não lhe agrada, você tem toda a liberdade de recusá-la, mas eu sou pago para fazer sugestões. Pense sobre isso e decida se ainda quer despedir-me. Se quiser, muito bem. Por outro lado, se achar que podemos trabalhar juntos apesar do fato de eu conhecer seus enteados e achar seu cabelo vermelho demais e sua aparência sexy demais, vou dar o melhor de mim. E pode ter certeza de que eu sou muito bom. — Ele fez uma pausa. — A decisão é sua.

CAPÍTULO 8

A irritação de Ronnie, que era facilmente despertada mas também desaparecia com rapidez, já tinha passado. Quinlan era tão persuasivo que poderia vender geladeiras a esquimós, pensou ela, e seu sorriso charmoso era uma arma poderosa.

— Você vai mesmo se demitir se eu quiser? — Não querendo se dar por vencida tão facilmente, ela decidiu fazer com que ele se

esforçasse um pouco mais para conquistá-la.

— Com certeza.

— A qualquer momento?

— É só você pedir.

— E não vai ficar bravo se eu não quiser seguir seus conselhos? Não vai sair correndo para se queixar a Lewis ou Marsden ou para o comitê da campanha?

— Não.

— Se fizer isso, eu vou demiti-lo. — Era um aviso, anunciado com a devida frieza.

— Entendido.

Ronnie se rendeu, com um olhar sério e ainda desconfiado. — Então acho que podemos tentar.

— Obrigado. — Ele a fitou por um instante e depois perguntou, esperançoso: — Uma gravidez está realmente fora de cogitação?

O corpo de Ronnie enrijeceu. Seus olhos se estreitaram.

— Brincadeirinha — disse ele, sorrindo. — Ok, nada de gravidez. E suponho que você também não queira mudar a cor de seus cabelos. Poderíamos tentar um castanho-rato, ou algo parecido.

— Não! — Na verdade, embora seus cabelos fossem naturalmente avermelhados, sua cabeleireira realçava-lhes a cor mensalmente. Mas ela preferia manter aquela informação para si mesma. Era o tipo de coisa que ninguém precisava saber.

— E quanto as suas roupas? — O que há de errado com as minhas roupas? — perguntou ela na defensiva.

— São muito ... — Ele hesitou. Um brilho divertido apareceu em seus olhos.

— Muito o quê?

As sobrancelhas expressivas diziam o que ele não ousava declarar.

— Vamos lá, diga — ela desafiou.

— Sexy — disse ele. — Não posso mentir, é uma verdade evidente.

— Hoje eu estava usando um vestido simples — protestou Ronnie, indignada. — E ainda por cima de Unho, comprado na Saks de Washington!

— Eu diria que este é o problema. Seu vestido tem a cara de Washington, e não do Mississippi.

— Isso é ridículo!

— Sua roupa era parecida com as das mulheres que você conheceu hoje?

Ronnie hesitou. A lembrança de Rose e do vestido floral de péssimo gosto surgiu em sua mente. — De jeito nenhum.

— É exatamente isso que estou tentando explicar-lhe. Para lhe darem seu voto, os eleitores têm de gostar de você, e a grande maioria tende a preferir pessoas que consideram parecidas com eles mesmos. Para você, a chave é se vestir como o povo do Mississippi. Talvez um pouco melhor, com roupas de mais qualidade, mas na mesma linha.

— Era um vestido de verão perfeitamente apropriado — protestou Ronnie outra vez.

— Ok, vamos analisar a situação. O que você precisa se perguntar é que tipo de reação seus trajes vão despertar nos eleitores. O que

— Você estava usando hoje era um vestido simples de verão, sem dúvida nenhuma. Vou até acreditar que era de linho. Não há problema nenhum com isso. Mas era roxo, sem mangas, justo, curto e de estilo sofisticado. Vendo-a com ele, os eleitores jovens do sexo masculino provavelmente pensaram "Que gostosa!". Os mais velhos provavelmente pensaram a mesma coisa, e também podem ter se lembrado que suas esposas não se parecem e nem se vestem como você. As mulheres mais velhas podem ter se lembrado de Eleanor, comparado vocês duas mentalmente e se voltado contra você por solidariedade a ela. E as mais jovens, mesmo as da sua idade, que podem usar esse tipo de vestido curto e sem mangas, talvez tenham pensado que não têm dinheiro para comprar uma roupa assim e se ressentiram pelo fato de que você pode, porque se casou com um homem mais velho e rico por causa do dinheiro dele. De modo que, com aquela roupa, você não tinha como vencer.

— Basicamente, o que você está me dizendo é que roupas elegantes estão proibidas.

— Não, não é isso que eu estou dizendo. Estou dizendo que roupas elegantes curtas, justas e sensuais estão proibidas. Quero que você ande bonita, muito feminina, mas também muito sóbria.

Saias longas ou na altura do joelho, nada que seja justo ou colante ou que revele muito a sua pele.

Pense no que uma mãe deve usar para uma reunião na escola dos filhos. Pense no que uma professora de catequese deve usar.

— Em outras palavras, devo pensar em cafonice.

— Pense em vencer — corrigiu Quinlan. — Vencer a eleição.

— Você realmente acredita que as minhas roupas vão fazer tanta diferença?

— Vão ajudar.

— Ok. Vou lembrar-me disso cada vez que for vestir-me para aparecer em público. Está bem assim?

— É só o que lhe peço — ele olhou para o relógio em seu pulso. — Temos de dar um jeito de levar você para casa. Já passa das cinco da tarde.

Ronnie ficou surpresa ao perceber que ainda não queria retornar para Sedgely. Sentia um aperto no peito só de pensar em voltar, depois do que havia acontecido na feira no início da tarde.

Todos iriam culpá-la por aquele desastre de relações públicas, e haveria uma multidão de repórteres esperando por ela.

Não sentia a mínima vontade de enfrentar aquilo.

— Ainda não — disse ela, procurando um meio de retardar o inevitável. Indicou o balanço ao seu lado. — Sente-se e vamos conversar. Nada de conselhos — acrescentou, com um olhar suplicante -, apenas uma conversa.

Quinlan hesitou, depois soltou a corrente e se sentou ao lado dela, mantendo o balanço em movimento com o pé.

— Sobre o quê?

Ronnie sorriu, satisfeita com seu sucesso. — Sobre você. Se você pode me fazer perguntas, então eu também posso. Há quanto tempo você é casado?

— Eu não sou casado. — Ele estava com o olhar perdido no campo ondulante de fumo, e seu rosto estava de perfil para ela. O olhar de Ronnie percorreu sua testa, o nariz reto, o queixo resolutivo. Ele tinha belos traços, ascéticos porém muito másculos.

— Mas você disse... — Ronnie se recordava claramente de ouvi-lo dizer que ele e Joanie tinham se casado com outras pessoas.

— Eu sou divorciado.

— Ah. — Ronnie refletiu sobre a informação. Uma possibilidade fez seus olhos se iluminarem. — Está envolvido com alguém?

— Por quê? — Ele olhou para ela com expressão guardada. Ela pensou ter detectado um ligeiro brilho especulativo em seus olhos.

— Isso não é resposta.

— É a melhor resposta que posso lhe dar.

— Thea está solteira e à procura.

— Quem é Thea? — A voz dele se tornou levemente desinteressada.

— Minha assessora de imprensa. Você conheceu hoje.

Quinlan pensou por um momento. — Cabelos pretos, saia cinza curta, pernas bonitas?

— A própria. — Ronnie franziu a testa. — Você achou a saia dela curta demais?

— Não, na verdade não.

— O meu vestido era do mesmo comprimento! — Ronnie apontou a incoerência.

Quinlan balançou a cabeça. — E daí? Ela não é casada com um senador dos EUA que está tentando reeleger-se. As regras não são as mesmas. Não importa se a saia dela for curta. Ninguém a estará julgando.

— É isso que eu odeio na política. — Ronnie suspirou. — Todos estão sempre me julgando.

— Você deveria ter pensado nisso antes de se casar com o senador. A propósito, por que se casou com ele? Foi amor à primeira vista?

Ronnie começou a responder, mas balançou a cabeça negativamente.
— Ah, não. Agora estamos falando sobre você, não sobre mim. E o seu casamento? Foi amor à primeira vista?

— Claro. — Ele abriu um sorriso. Vendo seus olhos brilhar, Ronnie percebeu que estava relaxando e sorrindo também. Quinlan tinha uma grande capacidade de deixar as pessoas à vontade, pensou. Ou pelo menos a ela. — Eu tinha 21 anos, estava no último ano da faculdade, e ela também. Éramos loucos um pelo outro. Ela engravidou, e nós nos casamos. Mas não durou muito.

— Quanto tempo vocês ficaram casados?

— Doze anos. Na verdade, o casamento acabou depois de uns cinco anos, mas continuamos juntos por causa do nosso filho.

— Você tem um filho? — Ronnie não sabia por que tinha ficado tão surpresa. Era perfeitamente razoável que um homem da idade dele tivesse um filho, ou mais. Marsden tinha dois.

— Você o conheceu — disse Quinlan, surpreso. — Mark.

— Oh. — Com aquela nova informação, ela agora via o diálogo que tinha presenciado entre Quinlan e Mark de uma forma inteiramente diferente. — Não me dei conta que ele era seu filho. Quantos anos ele tem?

— Quase 17, mas acha que tem 30 — disse ele com sarcasmo.

— Ele mora com você? — Ronnie tivera a impressão de que Mark vivia ali com a Sra.

McGuire.

Quinlan balançou a cabeça. — Não o tempo todo. Natais, verões, pelo menos um fim de semana por mês. Temos um esquema flexível. Mas ele sabe que eu estou sempre disponível.

— Então você mora com sua mãe?

— Passo muito tempo aqui, especialmente quando Mark está na cidade. Mamãe e ele são muito ligados, e eu não gosto de deixá-lo sozinho no meu apartamento. Mas a maioria das minhas coisas estão lá, de modo que o considero a minha casa. Eu viajo muito. Passar vários meses por ano na estrada é inevitável na minha profissão.

— Faz muito tempo que você trabalha como consultor político? — Ronnie estava curiosa para saber como se entrava naquele universo. Pelo que sabia, não havia cursos de consultoria política nas faculdades. Ele devia ser bem conhecido no meio, pois fora reconhecido por Christine Gwen.

Ele ergueu uma sobrancelha. — Está querendo saber se sou competente? Sou. Um dos melhores, na verdade. Trabalho com campanhas políticas desde que estava no ensino médio.

Ronnie não duvidava que ele estivesse dizendo a verdade, mas alguma coisa lhe parecia estranha. Consultores políticos cobravam bem, e os melhores facilmente ganhavam na casa de seis dígitos. Mas Quinlan dava a impressão de ter batalhado muito para conquistar Lewis como cliente e de precisar desesperadamente de dinheiro.

Antes que ela pudesse insistir no assunto, a porta de tela se abriu e a Sra. McGuire apareceu nos degraus.

— Tommy? — ela chamou.

— Estou aqui. — Ela virou a cabeça e localizou os dois no balanço.

— Telefone — disse ela. — É o Kenny.

Quinlan ficou sério. — Com licença. — Ele se levantou e se dirigiu à casa. A Sra.

McGuire veio na direção de Ronnie e eles se cruzaram no meio do caminho.

— Acho que vamos ter uma bela tempestade. — A Sra. McGuire alcançou o balanço e ficou parada ao lado dele por um momento, olhando para o campo de fumo. Nuvens escuras se acumulavam no horizonte ao norte. A tarde ainda estava opressivamente quente, mas havia uma brisa fresca intermitente que balançava folhas e cabelos e anunciava a mudança iminente do tempo.

— Assim espero — disse Ronnie. — Qualquer chuvisqueiro seria um alívio deste calor.

— Eu até que gosto do calor. — A Sra. McGuire sorriu para ela. — |j Acho que é porque significa verão para mim. Minhas lembranças mais felizes são dessa casa no verão. O pai de Tommy e eu nos mudamos para cá num verão. Ele nasceu no verão seguinte, e o irmão dele, três verões depois. E quando os

meninos eram pequenos, sempre havia churrascos ao ar livre, banhos de rio e muita alegria no verão.

— Parece que vocês tinham uma vida idílica aqui — disse Ronnie.

— Idílica, não, mas boa. Pelo menos até o pai de Tommy morrer. Depois disso, as coisas mudaram. — Ela suspirou. — Mas é a vida, não é? A única coisa certa é que tudo muda.

A porta de tela bateu, interrompendo a conversa. Ronnie olhou em volta e viu que Quinlan estava retornando. Sua expressão era sombria, e ela sentiu uma pontada de ansiedade. Que teria acontecido para deixá-lo assim?

— Alguma coisa errada? — perguntou ela quando ele se aproximou.
— Ele baixou os olhos para ela, e depois para sua mãe, que o observava com o cenho franzido. Era óbvio que ela também percebia que algo não estava bem.

— Você pode nos dar licença por um minuto, mamãe?

A Sra. McGuire ergueu as sobrancelhas, mas assentiu. — É claro.

— Que houve? — perguntou Ronnie, angustiada, enquanto a outra mulher cruzava o gramado. Quinlan olhou para ela por um segundo sem responder. Sua expressão mostrava que ele estava desconfortável com o que tinha de dizer.

— Que houve? — ela repetiu, com os punhos cerrados em preparação para o que já sentia que seriam más notícias.

— Meu sócio, Kenny Goodman, acaba de sair do telefone com um repórter do Globe. É

um tablóide semanal, caso você não conheça.

— Eu conheço o Globe — disse Ronnie, torcendo as mãos no colo.

Era óbvio que ele estava relutante em continuar.

— Eles querem uma declaração sua a respeito de uma reportagem que vão publicar. — Ele hesitou, esfregando o queixo. O estômago de Ronnie começou a se contorcer outra vez. Eles se entreolharam. — Dizem que encontraram uma mulher que afirma ter tido um relacionamento íntimo e duradouro com seu marido. Uma prostituta. Ela vai contar tudo na edição da próxima semana.

CAPÍTULO 9

— Pode não ser verdade — disse Quinlan ao ver que Ronnie ficava em silêncio. Ela podia sentir o próprio rosto empalidecendo, o sangue sendo drenado da pele para se concentrar em algum local profundo

dentro de seu corpo. De repente, sentiu-se tonta. — Você está bem?
— Quinlan se sentou ao lado dela, seu peso fazendo o balanço se mover. Ronnie não respondeu. Não conseguia.

Tinha de se concentrar na respiração: para dentro, para fora, para dentro, para fora.

Ele repetiu a pergunta, e ela conseguiu pelo menos assentir.

— Não se esqueça de que é um tablóide. Eles compram as matérias. Esta mulher deve estar ganhando um bom dinheiro para caluniar seu marido. Como eu disse, pode não ser verdade.

Ronnie sabia que era verdade. Sabia sem dúvida alguma, no mesmo local profundo de suas entranhas onde seu sangue havia se concentrado. Ela devia estar com uma expressão terrível no rosto, pois Quinlan se sentiu compelido a pegar sua mão. A pele dele era quente; os dedos, longos e fortes.

— Sra. Honneker? — disse ele com cuidado.

— Ronnie — ela lhe deu um sorriso triste. — Depois do que passamos juntos hoje, podemos dispensar essas formalidades.

— Ronnie. — Sua outra mão se uniu à primeira num gesto carinhoso. Seu olhar era ao mesmo tempo triste e compassivo. — Sei que esta é uma péssima notícia, e eu preferiria não ter lhe contado. Mas assim que o jornal chegar às bancas, os repórteres vão cair em cima de você como pulgas num cachorro. Você precisa estar preparada. Precisa ser forte e saber o que dizer.

Ronnie estava tendo dificuldade em respirar. Seria possível asfixiar-se de puro sofrimento emocional? As mãos dele pareciam ser a única fonte de calor em um mundo subitamente gelado. —

Oh, Deus, repórteres. Acho que eu não vou agüentar. Não vou conseguir falar com eles.

Quinlan se acomodou no balanço de modo a poder encará-la. Seus joelhos tocaram os dela. Seus olhos eram intensos. — Eu sei que isso é um choque. Eu sei como você se sente.

Ela emitiu um som inarticulado de ceticismo.

— Eu sei, sim — continuou ele. — Meu casamento acabou quando descobri que minha esposa tinha transado com metade dos homens da cidade enquanto eu viajava. Eu sei que dói, e sei que você tem a impressão de ter levado um coice de mula no estômago. Mas há mais coisas em jogo aqui do que seu relacionamento com seu marido. — Ele acariciou gentilmente a mão dela.

— A eleição. — A voz de Ronnie soou pétrea.

Ele olhou para ela com firmeza. — Isso mesmo, a eleição. Se houver alguma esperança de superar este incidente, você tem de ficar ao lado do seu marido. Tem de manter a cabeça erguida e dizer a todos que o apóia não importa o que aconteça. Sua reação será a chave para como os eleitores vão entender o que aconteceu: sensacionalismo dos tablóides ou um escândalo capaz de sepultar a carreira dele. Mais uma vez, lembre-se, pode nem mesmo ser verdade.

É verdade, pensou Ronnie, mas não disse nada. — E se ela tiver provas? E se a mulher que procurou o Globe puder provar que estava tendo um caso com Lewis? Ela deve ter alguma espécie de prova, ou eles não teriam coragem de publicar a história. — Sua voz não estava muito firme, embora seus pensamentos já estivessem mais organizados.

Ela não conseguia entender por que estava tão abalada por saber que uma prostituta afirmava ter um relacionamento com seu marido. Há um bom tempo já sabia que ele era capaz de levar para cama qualquer ser do sexo feminino que se mostrasse disposto.

Ronnie ia dizer isso a Quinlan, mas se conteve. Qualquer que fosse o estado de seu casamento, Lewis era seu marido e tinha um cargo importante e respeitado. Por mais magoada ou furiosa que estivesse, não podia revelar a extensão de suas aventuras a ninguém, nem mesmo a Quinlan, que subitamente parecia ocupar o posto de seu melhor amigo. A lealdade ao marido a proibia, assim como seu próprio orgulho.

— Não importa o que eles tenham de concreto, nós podemos virar a nosso favor. É tudo uma questão de interpretação. Você só precisa ficar ao lado dele. Se houver provas, o que ainda não sabemos, podemos fazer o mesmo que Clinton: dizer que seu casamento está mais forte agora e que qualquer problema que vocês possam ter tido já foi resolvido. Se for necessário, o senador pode até mesmo confessar que cometeu um erro com esta mulher, derramar algumas lágrimas e prometer nunca mais cair em tentação, e você pode dizer que o perdoou. Esta história da prostituta não precisa ser um golpe fatal; a campanha pode sobreviver.

— E se eu decidir mandar a campanha para o inferno? — Apesar de toda sua racionalização, a voz de Ronnie estava tremendo. Ela achava que já se acostumara com a infidelidade crônica de Lewis, mas tê-la esfregada em seu rosto daquele modo a magoava mais do que ela achava que seria possível. Ele realmente chegara a amá-la? A dor que acompanhava a pergunta era tal que Ronnie a expulsou de sua mente. Talvez fosse a perspectiva de ter o que até então havia sido uma agonia estritamente particular revelada de forma tão pública que a incomodasse. Ser humilhada perante o mundo todo — só de imaginar, ela já sentia náuseas. Soltou a mão de entre as de Quinlan e se levantou, caminhando cegamente.

— Você é quem sabe — disse ele, seguindo-a enquanto ela saía da sombra protetora do carvalho para o sol ardente. — Só você pode decidir isso.

Ronnie seguiu em frente, o queixo rígido, os passos determinados. Não sentia o sol, não escutava o som do cascalho triturado sob seus

pés dando lugar ao asfalto silencioso. O calor se erguia em ondas em torno dela, borrando a paisagem, mas ela não notava. Não dizia nada. Sentia-se como se tivesse sido sugada para o vácuo, como se estivesse em um lugar isolado, sozinha, e que o resto do mundo não era real.

Como aquilo tinha acontecido?

Quando criança, em Boston, ela sempre tivera consciência de uma vaga sensação de infelicidade que pairava como uma nuvem sobre sua família. Eles nunca conversavam.

Nunca riam juntos, nunca choravam juntos, nunca se abraçavam nem se beijavam ou compartilhavam qualquer coisa exceto os aspectos mais mundanos do dia-a-dia. Seus pais pareciam não ter tempo para nada além de ganhar a vida, e nem isso faziam muito bem. Ela olhava para sua casa modesta, exatamente igual a todas as outras casas modestas no bairro de trabalhadores onde eles viviam, para suas irmãs, ansiosas para se casar para poderem sair de casa, para a mãe descontente e o pai conformado, e via a pobreza assustadora de suas vidas. Aquele tipo de existência não era para ela. Ronnie queria algo diferente, algo mais. Queria ser feliz. Como conseguir o que desejava passou a ser sua principal interrogação.

O que era a felicidade? O dinheiro era um fator chave, concluiu, testemunhando as brigas intermináveis de seus pais por causa da falta dele. E o amor. Mais do que qualquer outra coisa, ela queria ser amada.

Em resumo, o que Ronnie queria era uma vida tão diferente do cotidiano triste de seus pais quanto possível.

Faminta, ela lia a respeito dos ricos, suas enormes mansões, suas fantásticas carreiras, suas viagens exóticas e seus romances ardentes, e sonhava. Eles pareciam tão felizes, tão amados. Suas vidas pareciam ser tão maiores do que a dela, ou de qualquer outra pessoa que conhecesse. Eles tinham o que ela queria: glamour, animação, romantismo.

O sonho se transformou em determinação. Ela podia ter uma vida assim, e teria.

No colégio de ensino médio, escolhia seus namorados com muito cuidado, temendo que um envolvimento intenso demais pudesse

distraí-la de sua meta, e voltou os olhos para a faculdade.

Na Universidade Norte-Americana, estudou muito e fez poucos amigos. Embora saísse com alguns rapazes, continuava cautelosa. Casamento e filhos tinham sepultado o sonho de muitas mulheres antes dela, e Ronnie estava determinada a não aceitar menos do que o pacote completo.

Pensou em estudar Direito, pensou em estudar Medicina, pensou em ser jornalista de televisão como Diane Sawyer ou Barbara Walters. Nada parecia estar fora do seu alcance. Qualquer coisa — tudo — era possível.

Então o senador Lewis R. Honneker IV entrou em sua vida. Ele tinha tudo: era rico, famoso, bem-sucedido. Era bonito, com a aparência robusta dos irlandeses, e bem-apessoado, com um jeito amigável que prometia bom humor inesgotável. Até mesmo sua idade era, aos olhos dela, mais um trunfo do que uma desvantagem. Sua maturidade parecia prometer estabilidade, algo que ela não tinha em sua vida desde o divórcio dos pais.

Ele a achou atraente, o que ela percebeu desde o início.

Mas no início havia Eleanor. Ronnie não iria cometer o erro de se tornar a amante de um homem casado. Não era essa a vida que ela queria.

Quando Eleanor o deixou, e ele começou a cortejá-la de verdade, tudo mudou. Lewis sabia ser encantador quando queria alguma coisa e parecia querê-la muito seriamente.

Foi fácil apaixonar-se por ele, fácil deixar-se encantar. Fácil casar-se com ele.

Foi fácil tornar-se a segunda Sra. Lewis R. Honneker IV.

Com o simples ato de se casar com ele, Ronnie adquiriu tudo o que sempre desejara. Ou pelo menos era o que pensava na época.

Como, apenas três anos depois, tudo podia ter dado tão errado? Era inacreditável, como se um lindo diamante tivesse se transformado em cinzas na palma da sua mão.

A única resposta era que o que ela tivera nas mãos nunca fora um diamante de verdade.

Mas tudo ainda estava em seu lugar, lembrou ela. Ela ainda tinha tudo — ou quase tudo —

com que sonhara quando era uma adolescente naquela casa modesta.

Agora ela era alguém, a esposa de um senador dos EUA. Convidada para as melhores festas de Washington, recebida na Casa Branca. Rica, famosa, fotografada. Uma daquelas pessoas sobre as quais ela lia nas revistas.

Então seu príncipe revelara ser um sapo, e daí? Isso acontecia o tempo todo. Era a realidade, que jamais se conformaria totalmente aos sonhos de uma jovem. A chave era não arruinar a própria vida por causa disso. Não era o momento de deixar o coração comandar a cabeça.

Isso seria nada menos do que autodestruição.

Agüente firme, ela disse a si mesma. E não esqueça do que conquistou.

Ela ergueu a cabeça e se deteve. O mundo entrou em foco outra vez. O asfalto negro que se estendia à sua frente tinha um brilho quase prateado no clarão implacável do sol. As pequenas valas dos dois lados da estrada estreita estavam cheias de ervas daninhas e flores do campo. Ao longe, o gado pastava em campos ressequidos.

Um corvo passou voando por cima de sua cabeça. O calor do chão atravessava os chinelos emprestados, e o cheiro do alcatrão quente e do esterco agredia suas narinas.

Ela tinha a sensação de estar sendo assada pelo sol.

Uma sombra surgiu ao lado dela, mais longa e mais larga do que a sua, inconfundivelmente masculina em seu formato, assim como a dela era inconfundivelmente feminina: Quinlan. Ronnie ergueu os olhos e viu que ele a observava com o olhar apertado por causa da luminosidade. A luz do sol bronzeava sua pele e dava um reflexo dourado a seus cabelos.

Ele é bonito, ela pensou.

For um momento, ela sustentou seu olhar, e se deu conta de que o futuro dele, assim como o seu, dependia do que ela decidisse fazer. O salário dele e o de muita gente vinham da campanha.

Ela tinha o poder de mandar aquela máquina toda para o inferno.

— Eu vou ficar do lado dele — disse.

— Muito bem. — Ele sorriu, claramente satisfeito com a decisão, e naquele momento Ronnie o desprezou. Assim como Lewis, a vitória política era o seu Deus. Tudo podia ser sacrificado no altar da todopoderosa eleição.

— Vamos dar um jeito para que o suplemento de domingo publique uma matéria sobre você, falando sobre seu casamento e os momentos difíceis que vocês souberam superar. Não precisamos ser muito específicos; os leitores vão entender. Talvez até seja possível matar dois coelhos com uma só cajadada: abafar a história da prostituta e fazer você parecer mais simpática ao mesmo tempo.

— Que ótima idéia. — Quinlan pareceu não notar a amargura na voz de Ronnie. Pela expressão em seu rosto, ele estava concentrado.

Tudo era uma questão de imagem e interpretação dos fatos.

Ronnie deu meia-volta e retornou ao balanço.

CAPÍTULO 10

17b30min Biloxi

A mão, fantasmagoricamente branca, ergueu a colcha cor de malva. O intruso estava usando luvas de borracha para vasculhar o apartamento; por isso sua mão parecia tão cadavérica.

Quando percebeu isso, Maria sentiu seu coração dar um salto, como um cavalo puro-sangue cruzando a linha de chegada. Depois, ele pareceu parar totalmente de bater quando um rosto quase de cabeça para baixo surgiu em sua linha de visão, espiando embaixo da cama.

Visto daquele ângulo, o pedaço de rosto (cabelos negros, testa vincada, sobrancelhas cerradas, olhos de basset hound) deveria ser cômico. Espremendo-se contra a parede no ponto mais escuro e remoto sob a cama, Maria não sentia nenhuma vontade de sorrir.

Se ele a visse, ela sabia que ia morrer.

Graças a Deus Lissy não estava em casa.

Ela ficou imóvel, a respiração suspensa, a cabeça escondida nos braços para que o oval de seu rosto pálido não a denunciasse. Espiou o homem através do véu de cabelos loiros oxigenados que cobriam seu rosto. Por mais que temesse atrair a atenção dele pela simples intensidade de seu olhar apavorado, ela não conseguia desviá-lo.

Como um pássaro em frente a uma serpente, estava mesmerizada, fascinada, incapaz de tirar os olhos de seu assassino em potencial.

Temia que, se piscasse, talvez não percebesse o instante em que ele a identificasse e lançasse o golpe.

Após um momento de agonia que pareceu durar um ano, a colcha voltou para o lugar.

Maria continuou imóvel, respirando somente quando necessário.

O terror quase a sufocava. Seus pulmões queimavam por uma respiração longa e uniforme, mas ela tinha medo de que ele escutasse. Até mesmo as inalações curtas que ela não conseguia controlar podiam ser suficientes para atraí-lo, por mais que estivessem abafadas por seus braços.

Uma sombra escureceu uma parte da colcha. Ele ainda estava ao lado da cama. Será que sabia que ela estava ali? Poderia de algum modo sentir sua presença, assim como ela rastreava a dele com os sentidos aguçados pelo terror, mais sensíveis do que qualquer radar?

A ânsia de se mover, de explodir em gritos debaixo da cama e correr freneticamente para a porta era quase avassaladora. Pôr um fim rápido naquele tormento, naquela cena de filme de terror de congelar o sangue, seria um alívio.

E também uma estupidez.

Ele a pegaria. Não havia como sair de debaixo da cama, atravessar o quarto e a sala, abrir a porta e escapar. Não com ele tão próximo.

Sua única esperança de sobreviver era ficar imóvel e silenciosa como um tronco sob o abrigo da cama.

Ela ouviu um rangido quando o colchão afundou perto do centro. Maria parou de respirar.

Ele estava sentado na cama.

Algo bateu no chão com um som abafado. O travesseiro, sem a fronha. Uma ponta dele aparecia por baixo da colcha, suas listras brancas e cor-de-rosa uma testemunha silenciosa do que estava acontecendo.

Colcha, cobertores e lençóis formaram uma pilha sobre o carpete. Maria podia vê-los pela abertura criada pelo travesseiro.

A cama balançou. Alguma coisa substancial bateu no chão. O colchão.

O estrado seria o próximo?

É claro que sim. Se ele estava procurando alguma coisa, e não parecia haver muita dúvida disso, não iria esquecer o estrado.

E quando o erguesse, ele a encontraria. Tampouco havia dúvida disso.

O som de algo se rasgando fez seus olhos se arregalarem. Pela fenda, ela pôde ver a borda do colchão amarelo, que agora estava em pé. Viu um pé calçando tênis preto, a perna de uma calça azul-marinho do joelho para baixo e uma mão com uma luva de borracha branca segurando uma faca.

A faca atravessou a capa pesada do colchão como se cortasse uma folha de papel.

A mesma faca iria atravessar sua carne com pouco esforço.

Maria ouviu um clique estranho e percebeu que eram seus dentes batendo de medo.

Apertou o maxilar, rilhando os dentes até doer.

Se um milagre não acontecesse nos próximos segundos, ela ia morrer.

Maria não acreditava em Deus desde que ficara órfã aos 10 anos de idade, apesar de todas suas orações infantis para um ser todo-poderoso no qual sua mãe, consumida pela dor, acreditava com todo o coração. Ela não acreditava havia 14 anos. E não acreditava agora.

Naquele momento de extremo terror, seu instinto foi rezar. Era um resquício da infância, quando a mãe a arrastava para a igreja duas vezes por semana e supervisionava suas orações todas as noites.

Mas ela era uma adulta agora, não uma criança, e sabia que orações nunca eram atendidas.

Não havia ninguém para quem rezar.

Ele terminou de examinar o colchão. Maria soube ao vê-lo caído no chão com a superfície que antes era de brocado toda retalhada.

A colcha foi jogada longe, e aterrizou numa pilha num canto perto do armário.

Agora, Maria podia ver todo o quarto até uma altura de cerca de meio metro. Via as roupas de cama, o colchão mutilado, o conteúdo de suas gavetas que havia sido despejadas no chão.

Via dois pés de tênis pretos, ligados a duas pernas em uma calça azul-marinho, parados ao lado da cama.

Via seu próprio reflexo no par de espelhos que cobriam as portas deslizantes do armário.

Não!

O pavor tomou conta dela outra vez. Se ele simplesmente se virasse, também poderia vê-la.

O telefone da sala tocou com uma estridência tão inesperada que fez Maria estremecer. O

aparelho insistiu duas, três vezes.

Então a secretária eletrônica atendeu.

Susan tinha gravado a mensagem. Era ao mesmo tempo sinistro e consolador escutar a voz tão familiar na fita. Ouviu-se um chiado e dois cliques (a secretária eletrônica nunca tinha funcionado perfeitamente), e depois o bipe.

O intruso foi para a sala para escutar melhor a mensagem.

O coração de Maria saltou novamente. Era sua chance, talvez a única. Ela rastejou de debaixo da cama, cravando cotovelos e calcanhares no carpete fino, e andou de quatro até o armário, o único outro esconderijo possível no quarto, enquanto alguém deixava um recado.

— Susan, é Paul. Onde você estava no sábado à noite. Eu esperei até as 10. Ligue para mim. Tchau.

Paul era um sujeito com quem Susan estava saindo. Um cara legal, que talvez por isso mesmo nunca tivesse despertado muito seu interesse. Susan era assim.

Revisando seu próprio histórico com homens, Maria se perguntou se todas as mulheres funcionavam daquele jeito. Havia algo nos homens boçais que as atraía irresistivelmente?

Ela escutou quando Paul colocou o fone no gancho. Fechou a porta do armário mais alguns centímetros. Não ousava fechá-la totalmente por medo de que ele se lembrasse que a deixara parcialmente aberta.

Passos rápidos e abafados indicaram que o intruso estava voltando para o quarto.

Maria sentiu seu estômago revirar. Sua garganta se fechou e suas mãos formaram punhos cerrados ao lado do corpo. Fique calma, ela disse a si mesma. Fique calma.

Lá dentro, o armário era uma bagunça de roupas que haviam sido puxadas dos cabides, sapatos, bolsas e outros objetos derrubados da prateleira de cima. Maria se entocou embaixo de uma pilha de roupas de verão, fez-se tão pequena quanto possível e fechou os olhos.

O som de algo deslizando e uma batida do outro lado da porta a fizeram estremecer: ela tinha tanta certeza quanto era possível ter sem efetivamente ver a cena de que ele estava erguendo o estrado da cama.

CAPÍTULO 11

Sexta-feira, 1º de agosto Tupelo

Não, eu não sou perfeito. Mas estou pedindo que vocês me elejam para o senado dos EUA, e não para ser canonizado. Uma onda de risos se seguiu àquela frase, como já havia acontecido incontáveis vezes ao longo das mais de duas semanas desde que A História, como a equipe da campanha chamava a matéria da prostituta, estourara.

O desastre de relações públicas de Ronnie, o incidente com a tinta na feira, havia sido totalmente eclipsado pela História, que foi publicada no Globe cinco dias depois. Àquela altura, Quinlan já a programara tão bem que ela poderia recitar as frases permitidas durante o sono. Em pé na tribuna, com o rosto bronzeado aberto em um sorriso amplo, Lewis acenou em resposta aos aplausos trovejantes e se dirigiu ao seu assento, apertando a mão do governador e de outros políticos no caminho.

Ronnie tinha a sensação de que seu próprio rosto podia quebrar-se com a rigidez do sorriso forçado. Sentada na plataforma ao lado da

cadeira vazia de Lewis, ela estava totalmente exposta ao público. Seu trabalho era assistir em adoração enquanto ele falava, bater palmas com entusiasmo quando ele terminava e sorrir, sorrir, sorrir.

O que ela realmente queria fazer era vomitar. Era tudo tão falso. Ele era falso, ela era falsa.

A estratégia que Quinlan tinha esboçado naquela tarde sufocante de julho funcionara perfeitamente. Ele, Kenny Goodman, Lewis, Marsden e um bando de outros consultores continuavam a refiná-la, partindo do princípio de que, quando um homem admite seu erro, este não tem mais o poder de atingi-lo.

Eles chamavam isso de dar uma de Clinton.

O ex-presidente tinha lhes mostrado o caminho, e a técnica era um sucesso inegável.

Lewis tinha de se esforçar um pouco mais num ritmo que não sentia necessidade de adotar havia anos. Então ele tinha dormido com uma prostituta depois adorável segunda esposa, e daí? No fim das contas, não se tratava de uma questão de caráter, uma questão de moral, uma traição de confiança. Ele simplesmente cometera um erro. Isso apenas provava que ele era humano como todo mundo. Os homens são assim mesmo. Isto lhe rendia boas risadas entre os homens, a maioria dos quais parecia ter uma admiração mal-disfarçada de suas proezas com o sexo oposto.

Sua jovem esposa era gostosa, e ele ainda tinha outras mulheres por fora para um avô de 60 anos, até que não era mau. Em certos círculos fazia com que ele parecesse mais vigoroso, mais viril. É claro que a esposa tinha ficado um pouco brava no início, mas já havia superado e o casamento se tornara mais forte por ter sido testado.

Todo aquele episódio sórdido estava rapidamente sendo reduzido a pouco mais do que assunto de piadas. Lewis já estava até fazendo graça de si mesmo em seus discursos.

Os quais Ronnie escutava com um sorriso nos lábios, enquanto por dentro se sentia —

como? Não, não estava mais brava. Apenas vazia.

Ele pegou sua mão que descansava no colo e levou-a aos lábios. Seus olhos castanhos brilhantes — os mesmos olhos nos quais ela um dia vira honestidade e integridade — encontraram os dela, e ele sorriu. O beijo que ele deu em seus dedos era um gesto de relações públicas, e ela sentiu uma onda de revolta. Mas eles estavam no palanque e eram o centro de todos os olhares, o senador e sua esposa afrontada...

Ronnie sorriu para ele com adoração, enquanto seu corpo ficava rígido como uma pedra e seu estômago se revirava.

O que ela realmente queria fazer era cuspir no rosto dele e ir embora. Para sempre.

Tinha a vida que sempre desejara, mas o preço era cada vez mais difícil de pagar.

Quando o jantar no clube privado terminou e ela já tinha percorrido o salão ao lado de Lewis, eram 10h da noite. Seu rosto estava congelado num sorriso perpétuo, sua cabeça girava com as bobagens que ela tinha dito e seus dedos doíam de tantos cumprimentos.

— Você está enfrentando tudo isto muito bem — sussurrou a esposa de um dos apoiadores de Lewis no ouvido de Ronnie, enquanto segurava suas duas mãos e se inclinava para frente para lhe dar um beijo no rosto. Ela era casada com um juiz, como era seu nome? Ah, John Hill. Ronnie se lembrava que, quando alguém as apresentara, a Sra. Hill tinha sido fria como o gelo.

Ela era contemporânea e conhecida de Eleanor.

Pelo menos o escândalo tinha servido para que algumas mulheres passassem para o lado de Ronnie. Elas agora pareciam vê-la com um certo grau de simpatia. As esposas dos políticos, especialmente, tinham-lhe apoiado, e ela se perguntava se elas lidavam com a mesma hipocrisia em suas vidas. Provavelmente todos os dias, concluiu.

A política, como já dissera alguém mais sábio do que ela, era um negócio sujo.

Pelo menos agora, nas palavras de Quinlan, ela era uma delas. Uma mulher que enfrentava problemas como todas as outras.

Despedindo-se de seu anfitrião, John Heyden, de uma próspera família proprietária de aviários, Lewis apertou sua mão calorosamente, enquanto Martha Heyden pespegava o beijinho social obrigatório no rosto de Ronnie e recitava as gentilezas esperadas, nenhuma das quais Ronnie realmente escutou. O ritual de beija-mãos das funções políticas já lhe era tão familiar que ela podia colocar-se em piloto automático e ainda assim conseguia dar respostas apropriadas.

— Não os deixe se empolgar demais com essa bobagem das inspeções sanitárias, está bem, Lewis? — disse Heyden, dando-lhe tapinhas nas costas quando a trupe do senador se voltou para a porta.

— É para isso que eu estou indo para o Arkansas, John. — Lewis era todo charme, um homem grande e caloroso que nunca dava a impressão de se sentir desconfortável no meio de estranhos. E era verdade, Ronnie tinha de admitir. O que o mundo não sabia era o quanto o homem por trás do charme era superficial, incapaz de sustentar um relacionamento verdadeiro.

Com Lewis, estava tudo à mostra. Era um homem sem a mínima profundidade emocional.

Não espantava que a iniciativa do divórcio tivesse sido de Eleanor. A situação com ela provavelmente lhe servia à perfeição.

Finalmente, eles estavam atravessando as portas de carvalho maciço, cruzando a varanda e descendo as escadas até os carros. Estacionadas em frente à casa sob a supervisão dos seguranças de Lewis estavam duas grandes limusines pretas, a primeira das quais iria conduzi-lo ao jato particular em que voaria para Little Rock, para a reunião tão importante com os criadores de frango. A segunda era para Ronnie. Ela tinha um compromisso na manhã seguinte, um café da manhã para mulheres universitárias, e depois seria entrevistada pelo jornal e pela emissora de TV

locais, o que significava passar a noite em Tupelo. Quartos para ela e seus acompanhantes já estavam reservados no Hyatt.

— Ligo para você amanhã, meu bem — ao pé da escada, Lewis parou para dar um beijo rápido no rosto da esposa. Seus lábios eram quentes, e o braço que ele jogou em torno dos ombros dela era forte. Mas ela sabia que era tudo uma encenação. Gestos públicos de afeição eram típicos dele, mas não significava nada, embora Lewis parecesse mais satisfeito com ela desde o início do escândalo do que há um bom tempo. Ela não o sujeitara a discussões, queixas nem gritos. Nenhuma ameaça de divórcio, nenhuma cena. Apenas silêncio em particular e sorrisos em público.

Exatamente como ela sorria agora, dizendo: — Boa viagem.

— Cuidem da minha esposa, rapazes, ouviram bem? — disse Lewis em tom amigável para Quinlan e Kenny, que também iam passar a noite no Hyatt, junto com Thea, para acompanhar as entrevistas do dia seguinte. Lewis se virou com um aceno e, seguido por seu próprio séquito, entrou na limusine. A porta se fechou e segundos depois o carro se afastou do meio-fio.

Um motorista uniformizado segurava a porta da segunda limusine à espera de Ronnie. Ela entrou e apoiou a cabeça cansada no couro

macio, fechando os olhos enquanto os outros também subiam no carro.

— Você está bem, Ronnie? — perguntou Thea suavemente. Sua assessora de imprensa havia sido uma grande fonte de apoio nas últimas semanas, e Ronnie lhe era grata por isso. Como mulher e amiga, ela tinha percebido parte de seu descontentamento, embora Ronnie tivesse tido o cuidado de exibir a mesma face estóica para sua equipe que mostrava ao público. Nunca se sabia quem poderia passar informações para a imprensa, e em que circunstâncias.

— Só estou cansada. — Ronnie não se deu ao trabalho de abrir os olhos. Se fizesse isso, teria de conversar com eles, e não tinha vontade. Sabia que era irracional, mas sentia uma hostilidade por Quinlan quase maior do que por Lewis. Afinal de contas, era ele quem tinha inventado a mentira que ela estava vivendo para o mundo, e quem a convencera a levá-la adiante.

Ele lhe apresentara pesquisas que diziam como ela deveria vestir-se, de que assuntos falar em seus discursos e até mesmo as palavras carinhosas que o casal deveria usar um com o outro em público.

(Meu bem era a preferida dos eleitores, ganhando por grande margem de querida — muito elitista -, meu amor — muito melosa -, e minha amada — muito antiquada. Por isso, graças a Quinlan, meu bem era como Lewis a chamava agora sempre que tinha uma chance. Por seu lado, Ronnie só conseguira usar a expressão três vezes em duas semanas. As palavras ficavam trancadas na sua garganta cada vez que tentava pronunciá-las, e ela temia que acabasse por se sufocar. Se isso acontecesse, também seria culpa de Quinlan.)

Embora os olhos de Ronnie estivessem fechados e ela se esforçasse para fingir que estava sozinha no carro, Quinlan se dirigiu a ela: — Amanhã, no tal encontro de mulheres universitárias, quando você

estiver respondendo às perguntas da platéia, se alguém mencionar Doreen Cooper...

Doreen Cooper era o nome da prostituta que Lewis tinha "visitado" mais ou menos uma vez por semana durante o último ano sempre que estava em Washington. Aquela que tinha gravado suas conversas com ele, tirado fotos dos dois juntos e contado ao mundo todo quais eram suas preferências na cama.

— ... simplesmente diga que você vê o que aconteceu como um teste para seu casamento, que agora está mais forte do que nunca.

— Eu sei o que dizer. — Ronnie abriu os olhos e fitou Quinlan, que estava sentado na frente dela, sem nenhuma simpatia.

Ele sorriu apaziguadoramente. Lidar com ela era o seu trabalho, e ele era muito esforçado.

Até então, não havia sido fácil, ela sabia.

— Eu sei que você sabe — disse ele. — Você está indo muito bem. Mas este encontro de amanhã será sua primeira fala em público desde que a História estourou. Simplesmente repita a mesma coisa com palavras diferentes: "Foi um verdadeiro teste, mas faz parte do passado", "O

casamento é um desafio, e este incidente foi um teste para nós. Como casal, estamos mais fortes do que nunca", "Já deixamos este problema para trás". As palavras-chave são teste, desafio, fortes.

— Quer que eu escreva na palma da minha mão para não esquecer?

— A frase sarcástica foi pontuada por olhos faiscantes na penumbra do carro. Ela estava ficando cansada de repetir frases como um papagaio idiota.

— Só não se deixe constranger. — Ele era imperturbável, como tinha sido desde o início.

Por mais que algumas de suas sugestões a enfurecessem, ele mantinha a calma.

Saber que ele estava "lidando com ela" fazia o sangue de Ronnie ferver.

— Oh, Tom, você não pode repassar isso com Ronnie amanhã? Ela está cansada. — Thea interveio antes que Ronnie pudesse responder.

Thea e Tom agora eram bons amigos, tendo passado muito tempo na companhia um do outro nas últimas semanas. Sem dúvida eles apreciavam a crise que os aproximara.

Que linda história para os netos aquilo iria render! Nós estávamos trabalhando para um senador sem-vergonha e sua esposa burra, e ...

— É, Tom, dê um descanso. — Kenny cutucou seu sócio com o cotovelo. Kenny era bondoso e bem-humorado, e muitas vezes Ronnie tinha a sensação de que ele sentia pena dela.

Quinlan, por outro lado era inflexível: diga isso, diga aquilo, faça isso, faça aquilo, use esta roupa, use aquela roupa, segure a mão do senador, deixe seus olhos se encherem de lágrimas, seja digna, sorria.

Na opinião de Ronnie, o jingle da campanha, que tocava sempre que ela ou Lewis apareciam em público, deveria mudar de "Happy Days Are Here Again" para "Stand by Your Man"*1.

Àquela altura, ela quase podia ouvir as palavras do lamento caipira de Tammy Wynette cada vez que Quinlan abria a boca.

— Certo — disse ele, e calou-se.

Thea sorriu para ele. Ronnie fechou os olhos outra vez.

Uma cesta de frutas esperava por ela na mesa da suíte do hotel. Ronnie ficou feliz ao vê-la, porque estava com fome, e em jantares como aquele do qual acabava de participar ela nunca conseguia comer.

Era uma cesta enorme, obviamente cara, com mais laranjas, uvas e maçãs do que ela poderia comer sozinha em um mês. Provavelmente oferecida pelo grupo para o qual elaalaria na manhã seguinte. Tirando os sapatos — escarpins confortáveis com saltos de 5 cm, no estilo ditado 1 *N.T.: Duas canções norte-americanas muito populares, cujos títulos significam, respectivamente: "Os bons tempos estão de volta" e "Apóie o seu homem".

por Quinlan -, Ronnie andou até a mesa e procurou o cartão. Encontrou-o embaixo de um cacho de uvas, uma das quais jogou na boca enquanto abria o envelope.

A uva estava azeda. Ronnie fez uma careta.

"Meu bem, você está sendo maravilhosa. Com todo o meu amor, Lewis", dizia o cartão, em uma letra que ela não reconhecia.

Uma cesta de frutas? De Lewis? Ronnie sentiu uma bolha de riso histórico subir em sua garganta.

Nunca, desde que eles haviam se conhecido, ele lhe enviara uma coisa daquelas.

Como presente de um marido penitente para uma esposa ultrajada, era ridículo.

Obviamente ele havia pedido a alguém para mandar um presente para ela no hotel. Ou talvez algum membro mais diligente de sua equipe tivesse tido a idéia sozinho.

Algo para manter a mulherzinha feliz. Algo que dissesse que ela era apreciada. Algo para mantê-la dançando conforme a música.

E não se esqueça de chamá-la de meu bem.

Era até possível que Quinlan fosse o autor da idéia. Embora ele supostamente estivesse a serviço dela, tudo indicava que ele era do time de Lewis.

Pensando melhor, Ronnie absolveu Quinlan daquela iniciativa estúpida em particular.

Uma cesta de frutas era um presente tosco demais para ter sido mandado por ele.

Quinlan teria encomendado uma pesquisa e descoberto que o melhor presente que um senador pecaminoso poderia oferecer a sua esposa leal seria uma jóia fabulosa, ou algo parecido.

Ronnie entrou no banheiro. O piso era de mármore verde-escuro, agradavelmente frio sob seus pés. Ela se inclinou para abrir as torneiras da banheira — não vinha conseguindo dormir bem ultimamente e descobrira que mergulhar numa banheira quente ajudava bastante — e voltou para a pia. Por um momento, ficou imóvel, fitando o próprio reflexo no espelho.

Não se reconhecia. Sim, seus traços eram os mesmos, tão delicados, elegantes e adoráveis como sempre, seus cabelos tinham o mesmo vermelho profundo, e seus olhos a mesma cor de chocolate. Mas havia olheiras sob os olhos, e uma pequena ruga vertical entre as sobrancelhas que não desaparecia quando ela relaxava a testa. Erguendo uma das mãos bem tratadas — agora, sob a orientação de Quinlan, suas unhas eram pintadas de rosa pálido ao invés dos tons mais escuros que ela preferia — pressionou o indicador sobre a ruga, tentando alisá-la. Examinando-se criticamente, Ronnie concluiu que parecia desfigurada. Será que estava começando a demonstrar sua idade —

com certeza uma mulher de 29 anos não deveria parecer tão velha! — ou seria só o estresse? É

claro que sua aparência exausta também podia ser atribuída aos rosas pálidos e marrons suaves de sua maquiagem, cores que ela nunca escolheria por si mesma, mas que haviam sido recomendadas pelo consultor de imagem contratado por Quinlan.

Assim como o tailleur bege que estava vestindo havia sido recomendado por algum outro assessor de Quinlan. Segundo ele, as pesquisas mostravam que os tons terrosos e pastéis eram os preferidos dos eleitores do Mississippi.

Bem, aplausos para os eleitores do Mississippi. Os tons terrosos e pastéis não a favoreciam, mas lá estava ela, usando-os dos pés à cabeça.

É claro que ela não se reconhecia, pensou. Ela não era mais ela mesma. Era uma criatura que Quinlan, Lewis e o resto da equipe tinham inventado, a perfeita esposa de político, na qual tudo, desde as roupas até a maquiagem e os comentários, eram ditados por pesquisas.

Eles a tinham transformado numa mulher de plástico.

Não, corrigiu-se Ronnie, ela permitira que eles a transformassem numa mulher de plástico.

A brilhante, bonita e ambiciosa Verônica Sibley que ela havia sido antes de se casar fora apagada. Em seu lugar estava a Sra. Lewis R. Honneker IV, a mulher do senador.

Subitamente, Ronnie se deu conta de qual era o preço a pagar por um lugar ao sol: nada menos do que sua vida.

A Sra. Lewis R. Honneker IV não era mais real do que uma Barbie. Era um apêndice que podia ser manipulado à vontade segundo as necessidades do marido.

Há quanto tempo ela não sentia qualquer emoção genuína? Há quanto tempo não ria de verdade, abraçava alguém com vontade ou fazia sexo ardente?

Bonecas de plástico não precisavam sentir.

Mas ela precisava.

Estava farta de ser uma Barbie. Queria ser real outra vez.

Queria sentir.

Ronnie fitou seu reflexo por mais alguns segundos. Depois se virou, abaixou-se, fechou as torneiras e andou até sua mala já aberta.

Antecipando um improvável tempo livre durante as viagens, os empregados de Sedgely tinham instruções para incluir um ou dois trajes mais casuais junto com suas roupas de trabalho.

Ronnie encontrou uma camiseta e um jeans. Estendeu as peças na cama, depois hesitou, olhando para elas. Queria vestir alguma coisa ousada. Por um momento, refletiu.

Quando encontrou a solução, vasculhou a mala outra vez em busca do kit de costura que invariavelmente carregava. Localizou-o, pegou a tesoura e voltou para a cama, com um pequeno sorriso curvando seus lábios.

Quinze minutos depois, parecendo muito diferente da matrona da sociedade que havia entrado na suíte, ela pisou no corredor acarpetado e andou decididamente na direção dos elevadores.

A porta se fechou atrás dela com um clique.

CAPÍTULO 12

Tom não sabia que horas eram quando o telefone ao lado de sua cama começou a tocar, só que era o meio da noite.

— Mas que ...? — enquanto era despertado um bruscamente, ele soltou um palavrão, estendendo a mão para a fonte do som estridente e quase derrubando a lâmpada e o rádio-relógio da mesa de cabeceira. O quarto do hotel estava em total escuridão.

Com uma das mãos, ele endireitou a lâmpada e recolocou o relógio na mesa, piscando 2:25, enquanto a outra mão procurava o telefone. O fim da campainha irritante foi sua recompensa.

— Alô? — ele grunhiu.

— Você está dormindo? — perguntou Kenny. Tom fez uma careta de irritação ao ouvir a voz conhecida.

— Agora não estou mais — disse, deitando-se novamente e piscando na escuridão. — Que houve?

— Temos um problema.

— Por que será que isso não me surpreende? — suspirou Tom. — O que foi? O senador conheceu outra garota de boa família?

— Não, desta vez foi a patroa.

— A patroa? — Por um momento, Tom ficou perdido. Então seus olhos se arregalaram. —

A Sra. Honneker?

— Ela está no Yellow Dog, um bar no centro da cidade, bebendo como um gambá e dançando com todo mundo. Também parece que está vestida como uma stripper.

— O quê!? — Tom se sentou na cama, já totalmente desperto. Tateou em busca do interruptor e acendeu a luz. — Como você sabe disso?

— Um repórter a reconheceu e telefonou para o hotel, tentando confirmar se era ela ou não. Como ela não atendeu, a ligação foi transferida para o meu quarto.

— Minha nossa! — Um pensamento ocorreu a Tom. — Talvez não seja ela. Você verificou?

— Sim. Ela entrou num táxi e saiu cerca de meia hora depois que nós chegamos. O

porteiro escutou-a perguntar ao motorista onde ficavam os bares. Eu diria que há 99,99% de chance de que a ruiva do Yellow Dog seja a nossa chefinha.

— Jesus, Maria, José! — gemeu Tom, atirando longe as cobertas e jogando as pernas sobre a borda da cama. — Temos de ir buscá-la. O que ela pensa que está fazendo? O que você disse ao repórter?

— Que a Sra. Honneker está em seu quarto de hotel dormindo como um bebê.

Tom gemeu outra vez, esfregando o nariz em uma tentativa fútil de espantar a dor de cabeça que já se anunciava. — Isso não vai segurá-los por muito tempo. Dê-me 10 minutos e vamos nos encontrar na recepção.

— Ah, Tom...

— O que foi? — ele estava impaciente, procurando o terno que tinha despido apenas duas horas antes. Pendurado nas costas de uma cadeira, não estaria tão amassado, e de qualquer maneira isso não importava. O que importava era tirar aquela doida de circulação o mais rápido possível, antes que alguém conseguisse provar que era ela. Ou pior, tirar fotos.

A mera possibilidade já lhe dava náuseas.

— Eu, ah, eu estou meio ocupado.

— Você está ocupado? A esta hora da noite, enquanto temos uma crise dessas nas mãos?

Que é que você pode estar fazendo? — Tom prendeu o fone entre o ombro e a orelha e começou a vestir as calças.

— Eu... estou com alguém.

— Você está com alguém? — Por um milésimo de segundo, ele não compreendeu. Então, fez-se a luz. Com as calças ainda abertas, Tom ficou rígido, chocado. — Uma mulher? Você está me dizendo que tem uma mulher no seu quarto? E a Ann?

Ann era esposa de Kenny e amiga de Tom. As coisas não paravam de melhorar. Daquele jeito, dali a pouco o senador iria bater na porta dizendo que seu vôo havia sido cancelado e exigindo saber onde estava sua mulher.

— Podemos falar sobre isso amanhã? — A voz de Kenny era envergonhada, como aliás deveria ser.

— Pode ter certeza que vamos falar sobre isso amanhã. — Tom se recompôs e começou a se vestir outra vez. — Eu não acredito nisso. Em nada disso.

— De qualquer maneira, você não precisa de mim. É uma situação muito delicada, e acho melhor mesmo você tirar a madame do bar sozinho. Vai ser menos constrangedor e vai atrair menos atenção se alguém estiver assistindo. Amanhã de manhã, todos podemos fingir não saber de nada.

— Que você quer dizer com todos? Deixa pra lá. Eu nem quero saber. Droga, Kenny, você é um homem casado, com problema de coração. Vou tirar seu couro de manhã.

Dizendo isso, Tom bateu o telefone. Inacreditável. A coisa toda era inacreditável.

Em cinco minutos, ele estava na rua. Felizmente não teve de procurar um táxi. Devido aos vários compromissos de sua cliente no dia seguinte, ele havia alugado um carro, que acabou sendo extremamente útil naquele momento.

Sem querer alertar os funcionários do hotel para sua missão, Tom entrou num posto de gasolina uma quadra adiante e perguntou como chegar ao Yellow Dog. O frentista sonolento não teve dificuldade de explicar. Era o bar mais conhecido da cidade.

Também era, como Tom descobriu enquanto passava pelas lojas escuras da rua principal, impossível de não encontrar. Um imenso cachorro de neon amarelo piscava acima de um galpão de dois andares.

Ele parou no estacionamento lotado do outro lado da rua. Ignorando um casal que se beijava sobre o capô de um carro e outro que se apalpava na calçada, dirigiu-se às portas de vidro na frente do prédio.

O pulsar da música podia ser ouvido da rua. Quando as portas se abriram para que ele entrasse, o volume do som quase o fez recuar.

— São cinco dólares. — O preço da entrada foi gritado para ele de uma cabine ao lado da porta por um garoto com aparência de lutador profissional. Um grupo de jovens de minissaia e seus acompanhantes fardados de jeans saíram do bar enquanto ele tirava uma nota de cinco da carteira e a passava pela abertura redonda.

— Fechamos daqui a uma hora — avisou o garoto com indiferença, aplicando o carimbo fosforescente de um cachorro risonho na mão de Tom. O relógio acima de sua cabeça marcava 10

para as 3 da manhã.

Às 9 horas, ela deveria falar para um grupo de mulheres, e depois dar entrevistas ao meio-dia.

Jesus, Maria, José!

Tom assentiu, e finalmente pôde passar pela porta estreita e entrar na caverna escura.

— Uma pessoa? — Uma garçonne magra e loira com a barriga de fora o recepcionou erguendo um dedo. Ela também tinha de gritar para ser escutada.

Tom assentiu e seguiu a garota de minissaia em meio ao salão lotado de corpos delineados por luzes estroboscópicas. A pista de dança estava cheia, mas os clientes pareciam não se importar e dançavam em toda parte, nos corredores, na frente do bar, alguns até mesmo sobre as mesas.

Fachos de luzes frenéticas cruzavam o salão aleatoriamente como flashes de fotógrafos, iluminando suas vítimas por um segundo ou dois antes de seguirem em frente.

Graças a Deus o lugar era tão escuro que era quase impossível distinguir homens de mulheres a uma distância de mais de um metro e meio, e muito menos reconhecer qualquer pessoa.

Não surpreendia que o repórter tivesse tido de telefonar para confirmar a identidade de Ronnie.

E talvez não fosse ela, pensou Tom com um último fio de esperança. Podia ser um engano, ou até um trote armado por Kenny.

A garçonne parou em frente a uma mesa minúscula com tampo de mármore branco. Tom se sentou em um dos bancos altos desconfortáveis e pediu uma Heineken. As palavras foram gritadas a plenos pulmões e se perderam na cacofonia um segundo depois. A

garçonete, aparentemente acostumada a ler lábios no escuro, assentiu e deu meia-volta.

O volume do som era tão atordoante que ele mal podia escutar os próprios pensamentos.

Lutou contra a vontade de tapar os ouvidos com as mãos e começou uma busca visual metódica do salão. Além de sua cliente errante, também procurava repórteres que a espionassem. Claro que aquilo só funcionaria se o repórter fosse conhecido dele, mas Tom conhecia muita gente.

Como já havia notado, era quase impossível reconhecer qualquer um. Após alguns minutos, Tom percebeu que, para encontrar Ronnie, teria de ir de mesa em mesa e de casal para casal, aproximando-se e olhando com atenção o rosto de cada pessoa presente. Os únicos que ele dispensaria automaticamente seriam aqueles obviamente grandes demais ou de cabeça raspada. Até mesmo um cabelo curto poderia ser enganoso, pois ela podia ter prendido os cabelos ou colocado um boné.

Quem poderia saber?

A garçonete voltou com a cerveja, que colocou na mesa em cima de um pequeno guardanapo de papel. Gritando um agradecimento, Tom pegou a carteira e procurou uma nota, que entregou à moça indicando que ela podia ficar com o troco. Ela iluminou o dinheiro com uma pequena lanterna pendurada na sua pulseira, e, pela intensidade do sorriso que lhe deu, Tom adivinhou que a nota era de dez ou vinte, ao invés dos cinco que ele pretendia lhe dar.

Droga, ele não tinha dinheiro para jogar fora.

Mas aquela era a última de suas preocupações, pensou, tomando metade da cerveja em um único gole e preparando-se para ficar em pé e começar sua busca. Descobrir se...

Lá estava ela. Não havia como confundir aqueles cabelos ruivos tocados pela luz. Estava dançando, rodopiando na verdade, com um garoto que não parecia muito mais velho do que Mark.

Ela jogava a cabeça para trás e ria enquanto dançava, e seus dentes pareciam sinistramente brancos na luz ultravioleta. Estava usando um jeans cortado muito curto com a franja desfiada em torno das coxas, uma camiseta preta justa e sandálias de salto alto que faziam suas pernas parecerem ter dois quilômetros de comprimento. Como Kenny lhe avisara, ela estava apetitosa. O garoto parecia enfeitiçado.

Tom ficou em pé, tomado de uma raiva surpreendente, como se ela estivesse traindo a ele, o que era uma bobagem. Ela era sua chefe, não sua esposa.

Tomou o resto da cerveja e considerou suas opções. Seu primeiro impulso era ir até lá, agarrar aqueles cabelos vermelhos demais e arrastá-la para fora do bar, mas isso estava fora de questão. Primeiro, iria atrair muito a atenção, e segundo, ele não podia tratar com brutalidade a mulher que era o seu ingresso de volta ao cenário da política. Não seria bom para os negócios.

Teria de usar toda sua astúcia para tirá-la dali sem atrair muitos olhares. A primeira coisa a fazer, obviamente, era livrar-se do garoto, cujas mãos já estavam na cintura dela. Mais um minuto ou dois e Tom tinha poucas dúvidas de que estariam agarrando seu traseiro. E ao que parecia, a madame estava adorando.

Não era preciso ser um gênio para perceber que a Sra. Lewis R. Honneker IV tinha saído naquela noite com toda a intenção de levar alguém para a cama.

Sinto muito, querida, pensou Tom com um sorrisinho irônico, dirigindo-se à pista.

Quando os alcançou, ela estava com os braços em torno do pescoço do garoto e se esfregava nele de um jeito que fazia um padre pensar

sujeira. E pela expressão em seu rosto, ele não estava nem vagamente pensando em virar padre.

Tom bateu de leve no seu ombro, e não se surpreendeu ao ser ignorado. Bateu outra vez com um pouco mais de força, quase lhe dando um empurrão, ao mesmo tempo em que soltava uma das mãos esguias de sua cliente do pescoço do garoto.

Por cima do ombro de seu parceiro de dança, ela piscou para ele, surpresa. O garoto se virou com um desejo assassino nos olhos.

Tom não podia culpá-lo. Ele também ia querer matar qualquer um que interrompesse uma cena daquelas.

— Quê... — o garoto começou a perguntar com raiva.

— Minha esposa — berrou Tom, mostrando-lhe o imenso diamante quadrado e a aliança estreita de ouro no dedo anular esquerdo da mulher.

— Oh! — A expressão do garoto se alterou de forma ridícula. Seus braços caíram ao lado do corpo e ele recuou, erguendo as mãos em frente ao peito num gesto de rendição.

— Desculpe-me, cara. Ela não disse que era casada.

Tom assentiu enquanto o garoto desaparecia. A mão que ele estava segurando soltou-se e enlaçou seu pescoço, logo sendo seguida pela outra.

O aroma ténue de algum perfume caro provocou as narinas de Tom quando ela colou o corpo no dele. Em seus braços, ela se fez dócil, feminina e muito, muito sensual.

Com a sensação de que estava perdendo o controle da situação, Tom segurou-a firmemente pela cintura e olhou com gravidade dentro daquele par de olhos cor de chocolate convidativos.

CAPÍTULO 13

Mentiroso — sussurrou Ronnie sem parar de dançar. O corpo de Quinlan contra o seu era rijo, forte, másculo, e seu pescoço estava quente sob as mãos dela. Encontrá-lo ali era uma surpresa, mas nada má. Desde o primeiro dia ela tinha achado seu consultor político pessoal um homem muito atraente.

— Há u, repórter aqui — ele disse em seu ouvido. Seu hálito cheirava ligeiramente a cerveja. — Precisamos ir embora.

Ronnie aproveitou que ele baixou a cabeça para falar e se encostou ainda mais nele. Seu peito lhe dava uma sensação gostosa contra os seios. Ele era maior do que ela, mais largo, mais alto. Seu rosto tinha a aspereza da barba, e as mãos dele na sua cintura eram fortes. Ele estava usando o mesmo terno risca-de-giz sobre azul-escuro, e, ao vê-lo pela primeira vez naquele dia, ela tinha percebido que a roupa enfatizava seu corpo, destacando os ombros largos e o abdome liso, o quadril estreito e as coxas musculosas. O único defeito que ela conseguiu encontrar na aparência de Tom no jantar foi que, todo abotoado, bem passado e sério, ele parecia tenso.

Agora ele estava com a barba crescida, sua camisa branca tinha o colarinho aberto e ele não estava usando gravata.

Ronnie sentiu a pele começar a se arrepiar.

— Você escutou o que eu disse? — A voz dele em seu ouvido tornou-se impaciente.

Ronnie balançou a cabeça e se agarrou ainda mais a ele. — Eu quero dançar.

Ele recuou para encará-la. Ela lhe deu um sorriso sexy e esfregou-se nele no ritmo da música.

Ele franziu a testa numa carranca e se inclinou para frente para falar em seu ouvido outra vez. — Você andou bebendo.

Era uma acusação sutilmente indignada, e fez Ronnie sorrir.

— Você está certo — concordou ela, abraçando-o com mais força. Ele girou para impedir que eles se chocassem com o casal à esquerda. As pessoas dançavam em volta deles muito próximas, fazendo de tudo exceto sexo explícito na pista de dança.

A procissão de garotos com quem ela tinha dançado antes não estimulava muito sua libido.

Ela não tivera vontade de dormir com nenhum deles. Mas Quinlan era outra história.

Como ele seria na cama, ela se perguntou. Só de pensar nas possibilidades, sentiu um calor espalhar-se até a ponta de seus pés.

Fazia muito tempo que ela não sentia aquilo por homem nenhum.

— Vamos voltar para o hotel. — A voz dele em seu ouvido agora era persuasiva. Ronnie gostou daquilo, e se aconchegou ainda mais.

— Talvez — disse ela. — Depois de dançar.

— Ronnie...

Era a primeira vez que ele falava, com ela naquele tom desde que se conheceram.

Geralmente, não a chamava pelo nome, apenas lhe disparava "sugestões", e quando tinha de se dirigir a ela era como sra. Honneker, com o sotaque sulista irônico que lhe dava vontade de esbofeteá-lo. Ronnie decidiu recompensá-lo acariciando sua nuca, e percebeu que isto o deixou tenso.

As mãos dele apertaram sua cintura, os dedos se cravaram em sua barriga, e ela teve a impressão de que ele estava tentando criar espaço entre os dois.

De jeito nenhum, ela disse sem palavras, reforçando o abraço em seu pescoço. Seu quadril pressionou o dele, e ela descobriu que ele fora tão afetado pela proximidade quanto ela.

Ele também a achara atraente desde o início. Ela já tinha sido admirada por muitos homens e sabia reconhecer os sinais.

— Tom — ela ronronou o nome dele. A sensação em sua língua era boa, exatamente como a sensação em seus braços.

— Temos de ir — ele disse no seu ouvido outra vez.

— Vá se quiser. Eu vou encontrar outra pessoa para dançar comigo. Eles mal se moviam, apenas oscilando ao ritmo da música. A lã tropical fina do terno de Tom era áspera contra os braços e pernas nuas de Ronnie. A sensação era erótica, como se ela estivesse nua nos braços dele, que permanecia vestido. Outros casais se encostavam neles por todos os lados, limitando seus movimentos. Ronnie percebeu que de alguma forma eles se afastaram para um canto escuro não muito longe de uma porta com um sinal discreto de saída. Embora houvesse muitas pessoas em torno deles, a sensação de estar a sós era intensa.

O último obstáculo contra um abraço totalmente envolvente eram as mãos dele em sua cintura.

Se ele tivesse perguntado, ela teria dito que qualquer resistência era fútil.

Ela o apertou até que cada centímetro de seu corpo estivesse em contato com o dele.

Largando seu pescoço, deslizou lentamente as mãos por seus ombros e braços até os pulsos.

Removeu as mãos dele de sua cintura e o fez abraçá-la. Ele não resistiu, embora ela tivesse a impressão de que sua capitulação era relutante. Azar o dele, ela pensou, adorando a sensação dos braços dele enquanto suas mãos voltavam a se entrelaçar atrás do seu pescoço. Um pequeno sorriso satisfeito curvou seus lábios, e ela pousou a cabeça no ombro dele.

— Sabia que são mais de 3 da manhã? Você tem de dar um discurso às 9. — Tom lhe repreendia, mas ela não se importava: a respiração dele era quente em seu ouvido.

— Talvez — disse ela, erguendo os olhos para ele com um sorriso. Seu queixo estava no mesmo nível do nariz dela, escurecido pela barba crescida e excitantemente másculo.

— Que você quer dizer com talvez? — Ele parecia tenso quando falou em seu ouvido outra vez. Seus rostos se tocaram de leve.

— Talvez eu não queira voltar para o hotel. — Ela inclinou a cabeça, esfregando o rosto contra aquele maxilar viril que cheirava vagamente a — quê? Alguma espécie de creme de barbear, talvez? Algo com um toque de menta. Provando-o com a ponta da língua, descobriu que também era um pouco salgado. Ela transformou a prova em um beijo, apertando os lábios contra o pescoço de Tom.

Ele emitiu um som inarticulado e sua cabeça saltou para trás, deixando o ponto que ela havia beijado fora de seu alcance. Suas mãos retornaram para a cintura de Ronnie, agarrando-a firmemente e afastando-a alguns centímetros de si.

Ele pareceu precisar de um tempo para se recuperar. Ronnie observou-o respirar fundo uma vez, depois outra. Escuros e indecifráveis, os olhos dele encontraram os dela, e eles se encararam por um instante. Depois ele se inclinou para frente para

falar em seu ouvido com um humor forçado na voz. Por mais que tentasse; ele não conseguiria enganá-la. Estava tão excitado com a proximidade de seus corpos quanto ela.

— Agora já chega, ouviu bem? Eu sei que as duas últimas semanas foram muito difíceis, e você saiu hoje para desopilar um pouco. Eu compreendo. Amanhã tudo vai parecer diferente.

Vamos voltar para o hotel e...

— E o quê? — Ela beijou a ponta de sua orelha, puxou-a para dentro de sua boca e a mordeu de leve. Ao contrário do rosto, seu lóbulo era macio e tenro

— Que droga, Ronnie, pare com isso! — Ele puxou a cabeça para trás e olhou para ela com fúria, deixando o pescoço exposto. Ela sorriu e correu a boca por aquela coluna bronzeada e quente.

— O quanto você bebeu? — A voz dele era brusca e seu corpo estava rígido como uma tábua contra o dela. Seus dedos lhe apertavam tanto a cintura que quase doía.

Ronnie podia sentir sua pulsação contra os lábios.

— Não muito. — Ela ficou na ponta dos pés para sussurrar em seu ouvido, e explorou as curvas delicadas com a língua. Ele estremeceu.

— Já chega. Vamos embora. — Havia uma determinação férrea em sua voz e nas mãos que subiram para arrancar os braços dela de seu pescoço.

— Eu não quero ir — disse Ronnie, resistindo enquanto as mãos dele forçavam seus pulsos para baixo. Ela o encarou. — Eu vou fazer a maior cena do mundo se você me obrigar. Se não quer brincar comigo, tudo bem. Não vai ser difícil encontrar alguém que queira.

— É isso o que você quer? Brincar? — Agora ele estava imóvel, e não mais fingia dançar.

Seus olhos brilhavam para ela através da escuridão. Ele parecia ruborizado, perturbado, furioso.

Ronnie sorriu para ele, um sorriso deliberadamente sedutor. E assentiu.

Ele a encarou por um instante com o rosto crispado e murmurou algo que ela não entendeu. Então apertou seus pulsos e cobriu-lhe a boca com um beijo.

CAPÍTULO 14

Ronnie tinha se esquecido como era ser beijada daquela maneira. Os lábios dele eram firmes, quentes e famintos. Ela abriu a boca para retribuir o beijo e sentiu o seu corpo reviver com toda a paixão ardente de uma garota de 17 anos.

Tom se afastou e baixou os olhos para ela, que sorriu com antecipação sonhadora. As mãos dele apertaram seus pulsos. Seus olhos estavam inquietos, brilhantes.

— Isso é o máximo que eu pretendo brincar numa pista de dança pública com um repórter nos rondando. Agora você vem comigo.

— Para onde?

— Para onde você acha? De volta para o hotel.

— Ótimo. — Ronnie estava sorrindo enquanto deixava que ele a puxasse para a saída. "De volta para o hotel" era um destino cheio de possibilidades.

Ele escolheu a porta mais próxima, que se abria para um beco nos fundos do bar. Manteve uma das mãos aferrada em seu pulso

enquanto a conduzia por dentro do prédio e depois para o estacionamento do outro lado da rua, que estava às escuras exceto pelos círculos amarelos de luz dos quatro postes colocados nas extremidades. Enquanto caminhava, ele olhava em torno, obviamente alerta para alguma coisa. O repórter do qual tanto falava Ronnie pouco se importava.

Alguns outros casais também pareciam estar no processo de sair do Yellow Dog. Vários deles tinham parado em diferentes pontos entre a entrada do estacionamento e seus carros para se abraçar. Ronnie os observava com inveja. Seus lábios ainda estavam úmidos do beijo de Tom.

Ela queria que ele a beijasse outra vez. Na verdade, pretendia encorajá-lo a ir muito além.

Ele parou ao lado de um carro compacto azul-claro, abriu a porta do passageiro, fez com que ela se sentasse e se inclinou por cima dela para prender o cinto de segurança. Ronnie aproveitou a proximidade para correr as mãos sobre o peito dele. A camisa branca era fria e lisa; o corpo por baixo dela, quente e musculoso.

O cinto de segurança se fechou com um clique. Seus olhares se encontraram e ele a beijou na boca, um beijo rápido e forte. Ronnie não teve tempo de reagir antes de ele recuar e bater a porta.

Ela se acomodou no assento, observando-o dar a volta pela frente do carro. Ele se sentou ao lado dela, fechou a porta, prendeu o cinto e olhou para ela com uma expressão sombria.

— Tom — Ela repetiu o nome dele sorrindo Sua cabeça descansava contra o banco e seu rosto estava virado para ele.

— Ronnie — disse ele, sem nenhum traço da entonação dengosa que ela tinha usado. —

Você faz idéia da repercussão que isso teria se alguém estivesse tirando fotos e se essas fotos acabassem nos jornais? — Ele enfiou a chave na ignição e ligou o motor.

— Você está falando de quando me beijou? — O perfil dele era realmente muito bonito.

Ele era muito bonito, especialmente a boca, que era sensual de uma forma que até então ela não havia notado.

— Isso e todo o resto. — Ele lhe lançou um olhar que ela não conseguiu decifrar, e saiu de ré da vaga.

— Se publicarem uma foto de você me beijando, vai parecer que nós estamos tendo um caso — disse ela — O resto foi apenas dança.

— É mesmo? — A voz de tom era sarcástica — Por sorte, acho que um fotógrafo não conseguiria tirar fotos reconhecíveis naquelas condições Droga, Ronnie, mais um escândalo e a campanha vai para o espaço — Ele engatou a primeira e acelerou na direção da saída do estacionamento.

— Eu não me importo.

Ele olhou para ela outra vez. Seu rosto agora estava mais severo; o olhar, mais frio, dando a impressão de que ele estava exercitando um tremendo autocontrole.

— Você vai se importar de manhã, quando já tiver digerido todo esse álcool

— Eu disse que não bebi tanto assim.

Eles chegaram à rua. Sua resposta foi de escárnio: — Isso é o que você diz.

— Não acredita em mim?

- Não
- Acha que estou dando em cima de você porque estou bêbada.
- Mais ou menos isso.
- Você está bêbado?
- Eu tomei uma cerveja.
- Então não está bêbado?
- Não.
- Você me beijou. Duas vezes.

O olhar que ele lhe lançou deveria ter feito Ronnie se encolher no banco. Ao invés disso, ela cruzou as longas pernas nuas com uma lentidão muito deliberada e sorriu para ele.

— Escute, Sra. Honneker, a situação é a seguinte: esta campanha está recém recuperando-se de um escândalo sexual. Os eleitores parecem dispostos a esquecer o lapso de seu marido, estão gostando mais de você por causa do jeito como enfrentou a história, e, de modo geral, as coisas parecem bem. A chave agora é não estragar tudo, e sair por aí bebendo pelos bares se encaixa na categoria de estragar tudo. Há repórteres por todo lado, e você pode estar certa de que um deles vai reconhecê-la.

Na verdade, você foi reconhecida, só não tinham 100% de certeza. Mas pode apostar que o sujeito que acha que a viu no Yellow Dog vai estar no seu discurso das nove da manhã para ver se você vai estar com cara de ressaca. A não ser que já tenha conseguido identificá-la positivamente, o que significa que ele vai ter uma bela manchete para o jornal de amanhã, e que a campanha do seu marido irá definitivamente para o brejo.

Ele dobrou à esquerda em um cruzamento. Puxando a barra do short, que tinha subido até quase o alto de suas coxas, Ronnie cruzou as pernas outra vez. O movimento lhe rendeu um olhar fulminante.

— Você tem namorada? — perguntou Ronnie, nem um pouco interessada nas possíveis ramificações de sua escapadela naquele momento.

— O quê? Por quê?

— Eu só queria saber.

— Você escutou alguma coisa do que eu disse? — Ele parecia exasperado.

— Escutei cada palavra, e fiz uma pergunta: você tem namorada? Os olhos dele se estreitaram. — Pensando em Thea outra vez? Ronnie balançou a cabeça negativamente.

— Desta vez, estou pensando em mim mesma.

As mãos dele apertaram com mais força a direção, e seus lábios se comprimiram. Ronnie teve a impressão de que ele estava pesando diversas opções antes de responder.

— Sim, eu tenho namorada.

— Como é o nome dela?

Ele hesitou. — Diane.

— Ela é daqui?

— Ela mora em DeKalb, perto da casa da minha mãe.

— Por que ainda não fomos apresentadas? Você tem praticamente morado conosco nas últimas três semanas.

— Porque eu prefiro manter minha vida particular separada da minha vida profissional. —

A resposta foi curta e grossa.

— Elas nunca se misturam, sua vida particular e sua vida profissional?

— Não se eu puder evitar.

— E o que acontece se você não puder evitar? — A pergunta tinha um tom de provocação.

— Eu posso evitar.

Fez-se uma pausa quando ele parou no semáforo para esperar o sinal verde. Um carro de polícia cruzou na frente deles, e depois foi sua vez.

— Ela é bonita?

— Quem?

— Sua namorada, Diane.

— Sim, ela é bonita.

— Tão bonita quanto eu?

Ele olhou para ela, obviamente exasperado outra vez. — Não, ela não é tão bonita quanto você. Quem poderia ser? Agora, por favor, cale a boca e me deixe dirigir. A última coisa que precisamos é ser parados pela polícia.

Seu tom de voz foi rude. Ronnie sorriu e ficou obedientemente calada. Àquela hora da noite, ou da manhã, na verdade, as ruas estavam praticamente desertas. Os estabelecimentos comerciais

estavam escuros e vazios, exceto por um posto de gasolina com loja de conveniência.

Quando passaram pelo posto, Ronnie viu o retângulo de muitos andares que era o Hyatt na esquina seguinte.

— Chegamos — disse ela.

— Graças a Deus.

— Você fala como se quisesse se livrar de mim.

— Estou feliz por ter conseguido trazê-la de volta para seu quarto em segurança. — Ele entrou no estacionamento do hotel, encontrou uma vaga perto de uma entrada lateral, parou o carro e desceu. Ronnie esperou enquanto ele dava a volta para abrir sua porta, e depois ficou simplesmente sentada olhando para ele com um pequeno sorriso. Ele lhe deu um olhar muito duro, inclinou-se para dentro e soltou seu cinto de segurança.

Nada de beijos. Nada de toques.

— Vamos — disse ele, endireitando as costas e puxando-a pela mão.

— Você não se sente um carcereiro acompanhando uma presa de volta à cela? —

perguntou Ronnie com ironia.

— Não, eu me sinto um consultor político muito sortudo que acaba de conseguir evitar um enorme escândalo. Assim espero. — Ele fechou a porta e se virou para encará-la, ainda segurando sua mão. Surpresa ao ver que estava ligeiramente cambaleante, Ronnie se apoiou na lateral do carro. O local que ele tinha escolhido para estacionar ficava a uma boa distância da luz de segurança mais próxima, e eles estavam nas sombras. Uma lua azulada flutuava no céu estrelado, e uma brisa quente soprou uma mecha de cabelos

ruivos sobre a boca de Ronnie. Ele a observava com uma expressão subitamente atenta. Seus olhares se encontraram, e ele apertou sua mão ao mesmo tempo em que comprimia os lábios quase imperceptivelmente.

Antes que Ronnie pudesse dizer qualquer coisa, Tom se virou, puxando-a atrás dele na direção de uma porta lateral pouco iluminada.

— Por que estamos indo por aqui? — Ela descobriu que era muito difícil caminhar rapidamente com aqueles saltos de 10 cm.

— Caso alguém tenha tido a brilhante idéia de esperar por você na recepção, para pegá-la voltando da sua noitada.

— Eu não tinha pensado nisso.

— Aparentemente não.

Tom usou o cartão que servia como chave de seu quarto para abrir a porta lateral, que se fechou atrás deles com um clique suave. O longo corredor no qual se viram era ladeado por uma linha dupla de portas fechadas, com arandelas que iluminavam fracamente o papel de parede bege e verde. O carpete verde-floresta abafava seus passos. Um profundo silêncio recobria tudo, fazendo Ronnie se lembrar do castelo da Cinderela depois que a fada-madrinha malvada tinha lançado seu feitiço. Ela e Tom poderiam muito bem ser as duas únicas pessoas vivas ali dentro.

Tom continuava segurando sua mão enquanto eles percorriam o corredor. Embora não houvesse nada de romântico em seu toque — Ronnie tinha a sensação de que ele estava tentando evitar que ela fugisse outra vez -, ela fechou os dedos finos em torno de sua mão larga e ficou contente.

Ela o desejava, e iria tê-lo. Sua mente poderia resistir de início, mas seu corpo já era dela.

Ronnie sabia que ele ardia por ela exatamente como ela ardia por ele.

Os elevadores principais do hotel ficavam em um saguão ao lado da recepção. Elevadores secundários estavam posicionados perto dos fundos, um em cada uma das três alas. Tom parou em frente a um deles e apertou o botão. Segundos depois, a porta se abriu com um ding. Ele entrou puxando Ronnie e apertou o botão do sexto andar.

— Meu quarto fica no sétimo — ela protestou enquanto a porta se fechava e eles começavam a subir.

— Nós vamos subir o último andar pela escada, por via das dúvidas. Não é tão difícil para um bom repórter conseguir o número do seu quarto, e eu não quero que nos surpreendam saindo do elevador.

— Como estamos cuidadosos...

— Pode acreditar.

O movimento do elevador afetou seu equilíbrio, e ela cambaleou um pouco. Ele apertou sua mão, ajudando-a a recuperar a firmeza.

— Então você não bebeu tanto assim, não foi? — A pergunta era sarcástica. Ronnie balançou a cabeça teimosamente, agarrando-se à mão dele. Tudo começava a girar.

As mãos unidas tocaram de leve sua coxa nua abaixo do short, fazendo uma onda de calor se espalhar por seu corpo. Ela viu nos olhos de Tom que ele também havia sentido algo.

— Pelo amor de Deus, que é isso que você está usando? — Os olhos dele desceram para o jeans cortado e deslizaram pelas pernas de Ronnie. Ela sabia que tinha pernas bonitas, longas, esbeltas e bronzeadas. Seus pés quase nus nas sandálias de tiras finas também eram belos e delicados, com unhas pintadas de coral.

— Isso se chama short — disse ela, quando o elevador alcançou seu destino.

— Belo traje para a esposa de um senador.

— A esposa de um senador não é diferente de qualquer outra mulher.

— É, sim. O marido dela precisa ser reeleito.

Eles desceram no corredor do sexto andar. Uma busca rápida localizou um sinal luminoso indicando a escada ao lado do elevador. Tom abriu a porta e Ronnie, não tendo muita opção uma vez que ele ainda segurava sua mão, o seguiu.

Quando ela viu os dois lances de escada que os aguardavam, seus joelhos ameaçaram fraquejar.

— Você realmente acha que isso é necessário? — perguntou. — Eu tenho a sensação de ter dormido e acordado em um filme do James Bond.

— É melhor prevenir do que remediar. — Ele soltou sua mão e indicou que ela deveria ir na frente. Com um suspiro, Ronnie começou a subir os degraus. Ela avançava lentamente, cada degrau requerendo um esforço crescente. O corrimão de metal era frio ao toque, e ela se agarrava a ele com todas as forças. Os degraus de concreto amplificavam o som de seus passos. Quando chegou ao patamar do sétimo andar, ela olhou para trás. A atenção de Tom estava fixa nos movimentos do seu traseiro.

Ele provavelmente percebeu que ela o observava, pois ergueu os olhos. O desejo faiscou neles por um instante, inconfundível. Segundos depois, parou no patamar ao lado dela.

— Você está com a sua chave?

Ronnie assentiu, abrindo a pequena pochete de couro pendurada em seu cinto e tirando dela o cartão-chave.

Ele o pegou, fez um gesto para que ela ficasse em silêncio e abriu cuidadosamente a porta de metal sólido. Uma inspeção rápida do corredor obviamente revelou alguma coisa errada. Ele ficou imóvel e depois, com muito cuidado, fechou lentamente a porta outra vez. Próxima como estava, Ronnie escutou apenas um clique tênue.

— Que foi? — perguntou ela enquanto ele soltava uma fiada de palavras.

— Estão de tocaia na frente do seu quarto. São dois, uma mulher e um homem, provavelmente uma repórter e um fotógrafo. Merda. Merda.

— Você está brincando.

— Parece que eu estou brincando? — Sua expressão soturna dizia tudo. — Tenho de admitir que eles estão sendo inteligentes. Se tivessem esperado na recepção, você poderia tê-los despistado. Nós teríamos despistado. Mas se você realmente saiu, tem de voltar para o quarto mais cedo ou mais tarde. Não há como eles perderem. Se estiver lá dentro, você terá de sair. Se estiver fora, terá de entrar. De qualquer modo, eles conseguirão o que querem. Merda.

— Se eles não tiverem fotos minhas no bar, não podem provar que eu estive lá. Posso ter simplesmente saído para caminhar.

— Às 3 da manhã? No lindo centro da cidade de Tupelo? Vestida desse jeito? — Os olhos de Tom percorreram o corpo dela, e ele balançou a cabeça. Depois agarrou sua mão e começou a descer as escadas. — Venha.

— Para onde? — Ronnie estava disposta a ir com ele para qualquer lugar. Para dizer a verdade, não achava a idéia dos repórteres esperando em frente a sua porta tão perturbadora assim.

Qual era o problema? A idéia de que a campanha pudesse terminar quase a agradava. Ela estava farta de fingir.

— Para o meu quarto. Para onde mais? — Ronnie sorriu.

O quarto dele ficava no quarto andar. Eles desceram pela escada, pois Tom não queria que os sons do elevador atraíssem atenção, e percorreram o corredor silencioso.

Ele largou a mão dela para inserir seu cartão na fechadura, depois deu um passo para trás para que ela entrasse na sua frente.

Ao contrário das acomodações dela, as dele eram simples: carpete marrom, paredes beges, duas poltronas forradas de laranja de aparência desconfortável em torno de uma mesinha redonda em frente à única janela, uma televisão e uma cama kmg-size. A julgar pelas cobertas fora do lugar e o travesseiro no chão, Tom a ocupara mais cedo. A luminária — alta da mesinha de cabeceira estava acesa.

— Você saiu da cama por minha causa — disse Ronnie, virando-se — j" para encará-lo.

Ele estava parado no meio do quarto, no corredor estreito entre a cama e a televisão, apenas alguns passos atrás dela. — Eu sinto muito.

Ele parou, olhando para ela com as mãos enfiadas nos bolsos das calças e balançando-se nos calcanhares.

— Sente-se enquanto eu tento descobrir um jeito de escapar dessa j
— Ele indicou uma das cadeiras atrás dela com um aceno de cabeça.

Ronnie sorriu para ele. Seus cabelos estavam amarfanhados, a barba, crescida, e ele parecia ao mesmo tempo cansado e agitado.

Ao invés de se sentar, ela se aproximou. Os olhos dele se estreitaram, desconfiados, e suas mãos saíram dos bolsos, mas ele ficou imóvel.

— Nós poderíamos simplesmente esperar que eles desistam — ela sugeriu, parando muito perto dele — Não podem ficar aqui para sempre

— Eles não precisam ficar para sempre — disse Tom. — Você tem um compromisso às 9

h, lembra-se? Se não sair do seu quarto bem vestida e maquiada, vão saber que você não estava lá.

— E isso é tão escandaloso? Talvez eu tenha dormido em algum outro lugar — disse Ronnie dando de ombros.

— A questão é onde, e com quem. Se descobrirem que você não está no seu quarto e decidirem investigar a história, é isso o que vão perguntar, acredite em mim.

— Talvez conclua que eu estou dormindo com você.

— Depois daquela pequena comédia no Yellow Dog, eu diria que isso não está fora do campo das possibilidades.

— Eu não me importaria. — Ela estendeu a mão e prendeu um dos dedos no colarinho da camisa de Tom, fitando-o intensamente enquanto abria o primeiro botão. — E você?

— Eu me importaria muito — disse ele, detendo a mão dela antes que pudesse causar mais danos. — Particularmente porque não seria verdade.

— Nós podemos tornar isso verdade. — Ela deu um passo para frente, até seus corpos quase se tocarem. Sua mão livre subiu para acariciar o rosto dele.

— Ronnie... — A voz dele era um aviso. — Pare com isso.

— Eu não quero parar. — Ficando na ponta dos pés, ela apertou os lábios contra sua boca.

CAPÍTULO 15

Por um momento, Tom ficou parado, imóvel, enquanto a mão dela deslizava por trás de seu pescoço e sua boca o provocava. Ela observava suas reações por trás das pálpebras baixadas.

Os olhos dele estavam abertos e fixos em seu rosto. Quando a língua de Ronnie abriu caminho entre seus lábios fechados, o corpo dele enrijeceu.

Ela percebeu a resistência e enfiou os dedos por dentro do colarinho da camisa, acariciando-lhe a nuca quente. Ao mesmo tempo, sugou seu lábio inferior e o mordeu de leve.

Uma cor escura tingiu o rosto de Tom, que emitiu um som inarticulado. Então seus olhos se fecharam, sua boca se abriu, e a mão que segurava a dela entre seus corpos a soltou e a enlaçou pela cintura. Ele assumiu o controle do beijo com um ímpeto que a deixou sem fôlego. Abraçando-a, puxou-a mais para perto e cobriu sua boca com a dele, beijando-a com uma fome crua que a fez estremecer de prazer. Fechando os braços em torno do seu pescoço, ela retribuiu o beijo.

Os lábios dele eram firmes, secos e experientes. Por dentro, a boca era quente, molhada e tinha gosto de cerveja. Os braços que a seguravam eram fortes, o corpo dele era maior do que o dela, duro onde o dela era macio. Ela correu os dedos pelos cabelos de sua nuca. Os fios eram curtos e sedosos.

Quando ele levantou a cabeça, ela sorriu. O olhar de Tom percorreu seu rosto, tocando cada traço, demorando-se na boca. Seus braços estavam firmes em torno dela, achatando-lhe os seios contra o peito

viril. Quadris e coxas se encaixavam perfeitamente. Ela podia sentir a urgência nele, a tensão dos braços, a rigidez dos ombros e das costas, a dureza pressionada contra seu abdome.

Ele a desejava Não havia como negar.

— Tom — ela sussurrou.

Os olhos dele escureceram ainda mais, e sua boca ficou tensa.

— Ronnie — A voz de Tom veio carregada, de paixão, e também de uma espécie de ternura.

As mãos dela entraram por debaixo do paletó, fazendo-o deslizar de seus ombros. Ele pareceu hesitar por um momento, e mais uma vez ela pensou que ele pretendia resistir.

Mas ele largou-a apenas pelo tempo suficiente para tirar o casaco, que caiu no chão com um farfalhar abafado. Ela começou a abrir os botões de sua camisa, depois passou as mãos para dentro dela, acariciando o peito cabeludo.

— Ronnie. — Desta vez a voz dele estava mais rouca, mais grave, mais profunda, com um toque de advertência. Mas ele não fez nada para detê-la. Estava gostando do modo como ela o tocava, ela podia perceber.

A pele dele era quente e estava levemente úmida de suor. Os músculos por baixo dela eram rijos. Os olhos brilhavam inquietos, observando-a. Suas mãos a seguravam pela cintura.

A camisa estava quase totalmente desabotoada quando ela desceu as mãos até a fivela do cinto.

Ele prendeu a respiração e segurou a mão dela, afastando-a de seu corpo. Por um momento, ficou tão imóvel que poderia ser uma estátua de pedra, exceto pela chama azul em seus olhos. Então

largou a mão dela. Seus braços voltaram a abraçá-la, e ele voltou a beijá-la, fazendo-a se inclinar para trás, a boca firme e exigente.

Ronnie se agarrou a ele, devolvendo o beijo com cobiça. Sua cabeça girava, seus joelhos estavam fracos, e seu corpo tremia de desejo.

Ele a pegou no colo, e os olhos de Ronnie se abriram com surpresa. Então ela enlaçou seu pescoço, excitada com a facilidade com que ele a carregava para a cama.

Com uma das mãos, ele afastou as cobertas, depois se abaixou para deitá-la gentilmente no colchão. Os braços dela em torno de seu pescoço o trouxeram para baixo.

Sentado na cama, inclinado sobre ela, ele beijou-lhe a boca, o pescoço, as orelhas. Ronnie arqueou as costas quando seus lábios encontraram o ponto onde a gola da camiseta terminava.

— Seu cheiro é tão bom — sussurrou ele junto de sua pele, e ergueu a cabeça. Seus olhares se encontraram.

Ronnie sorriu para ele. Seus cabelos estavam desalinhados, os olhos brilhavam, e ele parecia belo, sexy e muito másculo. Seu olhar nunca deixando o dele, ela estendeu a mão para a barra da camiseta e puxou-a por sobre a cabeça, depois jogou-a no chão. Só o que ela queria naquele momento era estar nua nos braços dele.

— Você é linda! — A respiração dele estava acelerada. Seus braços estavam apoiados dos dois lados do corpo de Ronnie, e o olhar deslizou para seus seios. Ela estava usando um sutiã comum de náilon branco que a cobria mais do que a maioria dos seus biquínis. Tinha seios bonitos, cheios, firmes e redondos sem ser grandes demais, que naquele instante pressionavam o sutiã, com os mamilos eretos e claramente visíveis sob o tecido fino.

Ele ergueu os olhos outra vez, encontrando os dela. Seu corpo irradiava calor.

Sem nenhum aviso, ele ficou em pé.

— Tom — ela protestou, estendendo os braços para trazê-lo de volta.

— Você não quer ir para cama de sapato — disse ele, com a voz ligeiramente rouca.

Tremendo por dentro, as unhas cravadas no colchão, ela ficou deitada enquanto ele andava até o pé da cama e pegava um de seus tornozelos finos. Erguendo seu pé, ainda na sandália de salto alto, equilibrou-o contra a coxa enquanto seus dedos abriam as tiras. Em um instante, o sapato estava no chão. Ele baixou a cabeça, levantou o pé outra vez e depositou um beijo na sola que fez uma onda de calor subir pela perna de Ronnie. Ela estremeceu, fechando os olhos. Gentilmente, ele recolocou aquele pé no colchão e pegou o outro, repetindo a operação. Quando finalmente ficou descalça, ela tinha a sensação de que suas entranhas iam derreter-se.

Carregando os sapatos, ele voltou para a cabeceira da cama. Seu rosto estava vermelho, os cabelos revoltos, os olhos escuros. No fundo deles havia uma emoção que ela não conseguia decifrar. O desejo estava lá, forte e faminto, também estampado em seu rosto, mas havia algo mais.

Algo que ela estava excitada demais para tentar entender.

Ele colocou os sapatos na mesa de cabeceira, lado a lado, depois se virou e olhou para ela por um momento. Sua camisa já estava totalmente desabotoada, e ela podia ver os músculos rijos do seu peito e a cunha de pelos escuros que o cobriam. Ronnie se moveu no colchão, silenciosamente convidando-o a se juntar a ela. Seus olhares se encontraram.

— Você é linda e sexy, e eu a quero tanto que estou prestes a explodir — disse ele. A paixão tornava sua voz rouca e crispava seu

rosto, mas também havia um toque de tristeza nele que não se adequava bem à situação.

— Tom, venha para a cama. — Ronnie estendeu as mãos para pegar a dele e puxá-lo para baixo, sem paciência para decifrar nuances.

— Tenho de resolver um problema primeiro — disse ele, escapando das mãos dela com o simples expediente de cobri-la com o lençol. De repente, Ronnie se viu tapada até o pescoço.

— Um problema?! — Ela se sentou na cama, as cobertas caindo até a cintura, a voz cheia de indignação.

— Lembra-se dos repórteres? — Ele olhou para ela, hesitou e depois se abaixou, segurou seu rosto entre as mãos e a beijou na boca. Reclinando-a outra vez nos travesseiros enquanto a beijava, segurou as mãos dela, que tentavam abraçar-lhe o pescoço novamente.

— Tom!

— Deixe-me livrar dos abutres, e já voltarei — disse ele, erguendo-se.

— Você não pode simplesmente me deixar!

— Vou levar no máximo 15 minutos — ele prometeu. — Aí teremos o resto da noite.

Ronnie o fitou com uma mistura de desejo e ressentimento. Que ele conseguisse pensar em problemas quando ela estava ardendo por ele era ultrajante. Mas Tom também a queria. Ela sabia que não estava enganada quanto àquilo.

— Feche os olhos, pense em coisas boas, e eu volto daqui a pouquinho, Ok?

— Quinze minutos.

— É quanto eu vou demorar, prometo. — Ele beijou suas duas mãos e as soltou. — Já volto.

Ele se virou e se afastou da cama, pegando o paletó no caminho até a porta. Um momento depois, Ronnie escutou o clique que indicava que ele tinha saído e olhou para o relógio ao lado da cama: 4:20. Quinze minutos...

Seu corpo latejava de paixão. Ela se virou, enterrando o rosto na maciez dos travesseiros.

Seus membros estavam curiosamente pesados, sua cabeça girava.

Quinze minutos. Não era muito. Ela o faria pagar da maneira mais agradável possível por fazer aquilo com ela, mantendo-o acordado a noite toda.

Enquanto esperava, fazia o que ele tinha sugerido, e fechou os olhos.

O tilintar de um telefone não muito longe de seus ouvidos a despertou. O som perfurou sua cabeça, fazendo-a doer. Piscando, Ronnie rolou na cama, tentando orientar-se enquanto olhava para as sombras de um teto que não reconhecia. O barulho continuava, e ela pegou um travesseiro e jogou na direção do aparelho. Seus olhos se arregalaram quando Quinlan entrou em seu campo de visão vindo do pé da cama.

— Bom-dia, Bela Adormecida! — disse ele, atendendo ao telefone.

Sem camisa, usava apenas uma calça cinza-escuro. Uma toalha do hotel estava pendurada em seu pescoço, e metade de seu rosto estava coberta de espuma branca. A outra metade já estava barbeada. A memória de Ronnie começou a voltar.

— Ótimo. Obrigado — ele agradeceu e pôs o fone no gancho. Ronnie olhou para o relógio: 7:05.

— Quinze minutos — ela grunhiu, encostando-se na cabeceira da cama e dando-lhe um olhar furioso.

A boca de Tom se torceu num meio-sorriso. — Você estava dormindo. — Ele se abaixou para pegar alguma coisa do chão. Sua camiseta preta, que jogou para ela.

— Vista-se. Você precisa voltar para seu quarto. Era a segurança do hotel no telefone. Eles estão escoltando seus amigos da imprensa para fora.

Ronnie olhou para a camiseta e só então percebeu que, da cintura para cima, estava usando apenas seu fino sutiã. Não que ela se importasse que Tom a visse daquele jeito; na verdade, ainda queria que ele fizesse mais do que simplesmente olhar.

Ele se afastou da cama, abriu as cortinas para deixar entrar o sol da manhã e voltou para o banheiro.

Cobrindo os olhos com a mão, Ronnie gemeu. A luz parecia ter um bilhão de espinhos afiados, todos eles cravados em seus olhos e cérebro. Após um instante, a dor diminuiu e ela baixou a mão, apertando os olhos para procurar a camiseta sobre a cama. Escutou o som da água corrente vindo do banheiro.

Sua visão ainda não estava totalmente em foco enquanto ela vestia a camiseta e jogava as pernas sobre o lado da cama. Sua cabeça doía incrivelmente e rodou um pouco quando ela se sentou. Sua boca parecia estar cheia de algodão.

— Tome. — Ele estava de volta, abaixado na frente dela, oferecendo-lhe duas aspirinas na palma da mão aberta e segurando um copo d'água na outra. Ainda estava sem camisa, os ombros largos e surpreendentemente bronzeados para um homem loiro. Seu rosto agora estava inteiramente barbeado.

— Você poderia por favor fechar a cortina? — Ela aceitou as aspirinas e a água com uma careta.

— Dor de cabeça? — Sua voz misturava simpatia e divertimento enquanto ele se levantava e puxava as cortinas até a metade.

— Sim — Ela engoliu os comprimidos com um gole d'água. Quando ergueu os olhos, ele estava abotoando uma camisa branca.

Ronnie apoiou uma das mãos no colchão e levantou-se. Um violento ataque de tontura quase a fez se sentar outra vez.

— Epa! — Ele estava ao lado dela, segurando seu braço.

— Eu estou bem. — Ela o afastou, e, andando com muito cuidado, foi para o banheiro.

Lavou o rosto com sabonete e água fria, encontrou um anti-séptico bucal e fez um gargarejo, depois usou a escova de Tom para se pentear. Sentindo-se um pouco melhor, olhou-se no espelho e concluiu que parecia um perfeito exemplo de "eu sou você amanhã". Seu rosto estava pálido e com olheiras, os cabelos caíam de qualquer jeito em torno do rosto, a camiseta preta estava amassada. Por sorte, sua pochete, que ainda trazia na cintura, continha batom e pó compacto.

Abrindo-a, ela cobriu os lábios de vermelho escuro, suavizando a cor com as pontas dos dedos.

Estava aplicando o pó quando ele bateu de leve na porta.

— Tudo bem aí dentro?

— Já estou indo. — Ronnie guardou os cosméticos novamente e abriu a porta. Ele esperava por ela, totalmente vestido e com uma gravata vermelha aberta em torno do pescoço. Na mão, segurava as sandálias.

— Precisamos ir. Não se esqueça de que você tem de dar um discurso em mais ou menos

— ele olhou para o relógio — uma hora e meia.

— Por que você me lembra disso? — Ela andou até ele e pegou as sandálias da sua mão.

Nesse instante, a lembrança vívida de como elas haviam sido removidas de seus pés a fez encará-lo.

Pelo súbito brilho quente em seus olhos, ela percebeu que ele também se lembrava.

— Tom...

— Depois. Agora você tem de voltar para o quarto e se aprontar para o trabalho.

Antes que ela pudesse responder, ele abriu a porta e enfiou a cabeça para fora, olhando para os dois lados do corredor. Pegando-a pelo pulso, dirigiram-se à escada num passo rápido. A cabeça de Ronnie latejava, e ela quase teve de correr para acompanhá-lo. Levava as sandálias na mão.

Apesar da dor de cabeça, da boca seca, do estômago nauseado e dos joelhos fracos, Ronnie percebeu que se sentia mais feliz do que em muito tempo. Fixando o olhar nas costas largas do homem que a arrastava sem piedade por três lances de escada, ela também entendeu a razão: Tom.

CAPÍTULO 16

Pelo jeito você conseguiu levá-la de volta ao hotel sã e salva — sussurrou Kenny ao parar do lado de Tom no fundo do salão de baile do Banking Creek Country Club, ambos encostados na parede de gesso, observando Ronnie ser apresentada. O salão havia sido

decorado especialmente para o café da manhã das Mulheres Universitárias com dezenas de mesas com toalhas brancas e um palanque forrado de azul. O evento estava lotado, e os aplausos que receberam a oradora foram calorosos. Tom se dava crédito por aquilo. Seus esforços estavam sendo recompensados.

— Não era ela. — Uma mulher que tinha passado quase toda a noite acordada bebendo e dançando não podia estar com uma aparência tão boa quanto a de Ronnie naquela manhã, pensou Tom quando ela começou a falar.

— Quê? — Kenny olhou para ele com surpresa, e sua voz aumentou de volume.

— Eu disse que não era ela. E fale baixo. — Se as palavras foram abruptas, Tom não pôde evitar. Defender a reputação daquela madame parecia ter-se tornado sua missão na vida, e ele sabia como funcionava a cabeça de Kenny. A sua também funcionava do mesmo jeito, assim como a de todos os homens que ele conhecia. Uma mulher casada dançando e bebendo num bar com outros homens que não seu marido era uma vagabunda, especialmente uma mulher bonita e ruiva com um corpo de parar o trânsito. Ele não queria que Kenny nem qualquer outra pessoa pensassem daquele jeito sobre Ronnie. Quer ela merecesse ou não.

— Mas... — Kenny estava com os olhos arregalados de surpresa.

— Você me tirou da cama às duas da manhã por nada, amigão. Levei uma hora para inspecionar todas as ruivas daquele bar, e depois fiquei preocupado até as 7 da manhã, quando bati na porta dela. Ela atendeu, Kenny. A campainha do telefone estava desligada. Ela tinha dormido como um bebê em sua própria cama a noite toda.

— Puxa vida, eu não sei o que dizer. Pensei que a informação fosse quente.

— Bem, você pensou errado.

— Eu sinto muito de verdade.

A resposta de Tom foi um grunhido. Ronnie já estava falando, ainda agarrando-se às laterais da tribuna com ambas as mãos, embora ele lhe tivesse dito para não fazer aquilo pelo menos umas cinqüenta vezes e eles tivessem ensaiado os gestos que ela podia usar para dar mais vida a suas palavras. Ele conseguira alterar o conteúdo de seus discursos, mas seu estilo de falar melhorara pouco. Ela ainda era inexpressiva como uma vassoura. Estranhamente, Tom achava sua ineficácia como palestrante encantadora. Fazia Ronnie parecer um pouco... vulnerável.

Ele ainda mal acreditava que não tinha lhe dado o que ela queria na noite anterior. Fora por pouco. Mesmo depois de conseguir controlar-se o bastante para escapar para o corredor do hotel, ele quase havia dado meia-volta e retornado ao quarto. Mas dormir com a Sra. Lewis R.

Honneker IV não era seguro nem inteligente. Se o senador descobrisse — se qualquer um descobrisse — seria um inferno. Para ele e para ela.

Ele usou o tempo no corredor para clarear a cabeça, diminuir sua ânsia e elaborar um plano para se livrar da repórter e do fotógrafo acampados em frente ao quarto dela. No fim das contas, até que fora fácil: ele tinha telefonado para a segurança do hotel e solicitado que eles fossem expulsos. Oh, não às 4 da manhã, pois como a Sra. Honneker ou qualquer membro de sua equipe poderiam saber que a dupla estava lá àquela hora, a menos que um ou mais deles tivessem saído? Não, ele esperou até quase as 7 horas e fingiu ter recém-encontrado os dois no corredor. Um telefonema, e o problema foi resolvido.

Fácil.

O que não tinha sido fácil fora entrar outra vez em seu quarto depois do que julgou ser um intervalo suficiente. Como ele já imaginava,

Ronnie estava profundamente adormecida, esticada em sua cama com o rosto enterrado no travesseiro.

Por mais que negasse, ela tinha bebido demais.

Ela estava dormindo de barriga para baixo e tinha se destapado. Dado o que estava vestindo, parecia quase nua. A única parte de seu corpo que estava decentemente coberta era o traseiro, e aquele short já não escondia muito. Olhando para o corpo esguio de pele branca e macia, Tom sentiu o desejo que pensava ter controlado começar a se rebelar.

Mas no final ele tinha feito a coisa certa, o que um cavalheiro faria, e dormido no chão. De manhã, eles mal haviam tido tempo de levá-la de volta ao seu quarto, empurrá-la para baixo do chuveiro, vesti-la apropriadamente, enchê-la de café e de respostas e torná-la capaz de funcionar antes de saírem para o evento.

Deliberadamente, ele não havia deixado tempo para reminiscências sobre o que havia se passado entre eles durante a noite, embora soubesse que estava apenas retardando o inevitável.

Pelos olhares escaldantes que ela lhe vinha lançando durante toda a manhã, a madame não estava pronta para esquecer o passado. Ele pensara que, sem os efeitos da bebida para incendiá-la e com a luz do sol colocando tudo em perspectiva, ela ficaria feliz em fingir que a coisa toda nunca tinha acontecido. Nada disso. Ronnie queria continuar de onde tinham parado, e, esperto e cuidadoso como era, ele teria de rejeitá-la.

Por mais que quisesse levar a madame para a cama, ter um caso tórrido com Ronnie Honneker entraria direto no topo da lista das coisas mais idiotas que ele já tivesse feito. Seria como acender o pavio de uma banana de dinamite, segurá-la na mão e depois se perguntar por que metade do corpo havia explodido.

Ela estava chegando na parte em que dizia que as crianças do Mississippi eram o futuro do Estado quando seus olhos se encontraram. Apesar de suas melhores intenções, o olhar certo que atravessou o salão lotado foi o bastante para fazer seu sangue ferver. Embora sua cabeça fosse sensata, o resto dele queria tanto dormir com ela que a necessidade era quase uma dor física.

Ele desviou o olhar.

— Então, quem era a sua acompanhante? — perguntou a Kenny num tom ranzinza para se distrair.

Kenny lhe deu um olhar enviesado, defensivo, ficou vermelho e deu de ombros sem responder.

— Você pensou em Ann pelo menos uma vez? — a gorducha e sorridente Ann era, na opinião de Tom, o tipo de mulher perfeitamente definida pelas palavras esposa e mãe.

— Foi uma noite só, Ok? Não vai prejudicar Ann porque ela não vai ficar sabendo.

— Belo raciocínio. — A resposta de Tom foi sardônica.

— Eu não planejei nada. Ela deu em cima de mim, e simplesmente aconteceu.

Aquilo se parecia tanto com a experiência do próprio Tom na noite anterior, que sua irritação com o sócio se evaporou. Exceto, é claro, que ele não era casado e tinha tido o bom senso de se controlar antes de cair na cama com alguém que era.

Mas as coisas poderiam facilmente ter sido diferentes.

Ronnie encerrou o discurso, e Tom aplaudiu junto com a platéia. Logo depois veio a sessão de perguntas e respostas. Ele ficou tenso, mas ela se saiu muito bem.

Quando uma mulher inconveniente perguntou à queima-roupa o que ela achava do seu marido ter um caso com uma prostituta, ele ficou tão nervoso que quase pulou. Que ela iria dizer?

— Eu não gostei nem um pouco — disse Ronnie lentamente. Ela estava usando um tailleur de verão de seda amarela com saia na altura do joelho, conservadora, que o próprio Tom escolhera em seu armário naquela manhã, juntamente com sapatos sóbrios com saltos de 5 cm que eram a antítese das sandálias sensuais que ele havia tirado dos pés dela na noite anterior. — Eu ainda não gosto. Mas poucas coisas neste mundo são perfeitas, e nosso casamento certamente não é uma delas. No entanto, nós dois queremos preservá-lo e nos comprometemos com isso. Eu vejo o que aconteceu como um desafio que vai tornar nossa união ainda mais forte.

Bravo! Tom ficou impressionado. Ela tinha usado todas as palavras que ele vinha martelando em sua cabeça dia após dia. Enquanto a audiência aplaudia a resposta, ela olhou para ele por cima de suas cabeças. Ele ergueu os polegares e sorriu, orgulhoso.

Ele se sentia como o dr. Frankenstein observando os primeiros movimentos de seu monstro.

Depois vieram as entrevistas, que também correram bem, e depois um almoço rápido a caminho do aeroporto. Ronnie riu muito enquanto eles comiam hambúrgueres do McDonalds no carro, principalmente das palhaçadas de Kenny e Thea no banco de trás, porque Tom não estava falando muito. Ela se sentou na frente ao lado dele, sem tocá-lo, sem sequer fazer um único comentário direcionado a ele. Ainda assim, se ela fosse um gorila de 400 kg, ele não estaria mais ciente de sua presença. Embora mantivesse a atenção no trânsito, sua visão periférica não deixava de acompanhar o cruzar e descruzar de suas pernas, o modo sensual como ela se deslocava no assento em busca de conforto, e os olhares rápidos que lançava para ele.

Tom ligou o ar-condicionado no máximo, e ainda assim sentia que estava queimando.

— Ei, companheiro, você está muito quieto hoje — disse Kenny, batendo em seu ombro em uma censura bem-humorada quando eles entravam no aeroporto.

— Provavelmente porque passei a noite acordado — ele disparou sem pensar. Os olhos de Ronnie imediatamente se arregalaram. Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, Tom acrescentou rapidamente, com um olhar na direção dela: — Kenny me fez sair do hotel no meio da noite procurando uma coisa que ele achava que estava perdida. Mas ele estava errado. O objeto estava exatamente onde deveria estar o tempo todo.

— Ei, Ronnie, Kenny pensou que você tinha saído para dançar em algum bar —

esclareceu Thea com uma risadinha. — Ele mandou Tom atrás de você.

— Kenny estava enganado — disse Tom friamente, enquanto Ronnie fingia sorrir com o absurdo daquela idéia. Com um lampejo de surpresa, ele percebeu que Thea devia ser a

"acompanhante" de Kenny. De que outra forma ela poderia saber o que tinha acontecido? O

engraçado era que ela vinha dando descaradamente em cima dele, Tom, nas duas últimas semanas.

Obviamente, Thea não era muito exigente quanto a seus interesses românticos.

O clima no vôo para casa não foi melhor do que no carro. O avião era um pequeno turbo jato alugado para a campanha, e o ruído dos motores limitava as conversas.

Ainda assim, em autodefesa, Tom descansou a cabeça no apoio do banco e fingiu dormir.

Mas Ronnie se sentou perto o bastante para que seus braços se tocassem sempre que ela se movia.

Ele podia ouvir o sussurrar sedoso de suas coxas envoltas pela meia-calça cada vez que ela cruzava e descruzava as pernas, e sentia seu perfume.

O mesmo maldito perfume.

Quando o avião aterrissou, ele estava tão ereto que ficou surpreso por conseguir levantar-se. Caminhar normalmente era um esforço.

Por algum motivo, a limusine que deveria levar Ronnie de volta a Sedgely não tinha aparecido. Os outros três tinham deixado seus carros no aeroporto para que pudessem voltar para casa dirigindo.

— Eu lhe dou uma carona, Ronnie — ofereceu, Thea quando eles chegaram na área de estacionamento e ficou óbvio que o carro de Ronnie não estava lá.

Tom pensou em pegar seu celular e ligar para a locadora de veículos com instruções peremptórias de mandarem um carro naquele instante, mas foi atrapalhado pelo fato de estar carregando sua própria mala e a de Ronnie, além da pasta de trabalho. Kenny levava a bagagem de Thea além da sua, em uma divisão de tarefas que dizia muito sobre o estado de várias relações caso alguém parasse para refletir sobre o assunto.

Ele esperava que isso não acontecesse.

— Obrigada, Thea, mas Tom pode levar-me para casa. Quero conversar com ele de qualquer maneira — disse Ronnie alegremente. Ela falava como se querer conversar com Tom fosse a

coisa mais natural do mundo, o que até poderia ser se se ignorasse o provável assunto da conversa.

— Sem problemas — disse ele, pois não havia como se recusar sem atrair uma atenção de que nenhum deles precisava. Além disso, aquela conversa teria de acontecer em algum momento.

Ele se sentia um covarde adiando essa conversa necessária.

As nuvens escuras que se acumulavam no céu a oeste eram emblemáticas do seu humor.

Ronnie andou ao lado dele até o carro, silenciosa mas feliz. Seus estados de espírito era tão fáceis de identificar quanto o tempo. Embora o céu estivesse encoberto, estava excessivamente quente e úmido. O ar estava imóvel, antecipando a tempestade iminente. Até mesmo a biruta ao final da pista de pouso estava inerte.

Ronnie acenou para Thea, que entrava num carro próximo. Kenny ainda estava caminhando, indo para a direita. Tom largou as malas no chão atrás de seu carro, destrancou o porta-malas e abriu as portas do motorista e do passageiro antes de colocar a chave na ignição e ligar o ar-condicionado.

Quando terminou de guardar a bagagem no porta-malas, Ronnie já estava sentada com a porta fechada.

Sentindo-se como um homem a caminho da própria execução, ele andou até a porta do motorista e entrou.

CAPÍTULO 17

Eu telefonei do hotel em Tupelo e cancelei a limusine — disse Ronnie enquanto Tom entrava na longa corrente de carros que saíam do aeroporto. — Então não vá reclamar para eles.

Apesar de estar lutando contra os efeitos de uma ressaca e das poucas horas de sono, ela se sentia em ebulição. Não era mais uma mulher de plástico. Tinha se libertado e conquistado sua individualidade. E, não acidentalmente, começara um caso com Tom.

Ele olhou para ela. As linhas que cercavam seus olhos e contornavam a boca estavam mais pronunciadas do que o normal, e seu rosto estava carrancudo. Com um ligeiro sorriso para si mesma, ela atribuiu aquela aparência, cansada à falta de sono.

— É mesmo?

A resposta breve não foi nada encorajadora. Ronnie franziu a testa para ele. As nuvens escuras que tinham vindo do oeste agora enchiam o céu. Algumas gotas de chuva começaram a bater no pára-brisa.

— Você não se importa de me levar para casa. — Era mais uma afirmação do que uma pergunta. Ela sabia que ele não se importava. A curiosa intimidade que tinha surgido entre eles naquele primeiro dia havia criado raízes e se fortalecido. Ele era seu aliado, seu amigo, seu confidente, bem como quase seu amante. Ela quase se sentia capaz de ler sua mente.

Tom olhou para ela outra vez, depois balançou a cabeça para indicar que não se importava.

Mais gotas caíram, e ele ligou os limpadores. O som era rítmico e tranquilizador.

O interior do carro estava ficando cada vez mais fresco à medida em que o ar-condicionado tomava força.

— Foi muita gentileza sua fingir que eu não fui a lugar nenhum na noite passada.

Obrigada.

— Não há de quê.

— Você por acaso perdeu a voz? — perguntou Ronnie com um traço de exasperação após mais alguns minutos de silêncio da parte dele.

— Mal disse duas frases o dia inteiro.

— Ronnie... — ele começou a falar, mas hesitou. O semáforo do qual se aproximavam ficou vermelho, e ele freou. Eles eram o terceiro carro na fila para dobrar à esquerda e pegar a auto-estrada 80. A chuva estava começando a ficar mais forte, com gotas imensas que faziam o calçamento soltar fumaça quando o atingiam.

— Não que eu me importe. Acho os homens calados muito interessantes. Na verdade, acho você muito interessante, calado ou não. — Ela disse isso com humor e ternura, e ele lhe lançou um olhar indecifrável. Aproveitando a oportunidade, Ronnie soltou o cinto de segurança, ajoelhou-se no banco e se inclinou na direção dele. Agarrando seu ombro com uma das mãos para se equilibrar, ela deslizou a outra mão por trás de seu pescoço e baixou a cabeça para beijar-lhe a boca. Ele ficou imóvel por um momento, e depois retribuiu o beijo com intensidade, os lábios firmes, a língua explorando sua boca, a mão deslizando sob seus cabelos para segurar sua cabeça.

Uma buzina sou atrás deles, impacientemente. Ele a pegou pela cintura e a empurrou firmemente de volta para o banco. O carro começou a se mover outra vez. Eles estavam bloqueando o tráfego enquanto se beijavam.

— Você devia ter me acordado ontem — disse ela com um sorriso, fechando outra vez o cinto de segurança.

— Que droga, Ronnie. — Ele fez uma pausa, olhando para ela com aquele olhar misterioso. — Eu não acordei você de propósito.

Ela ficou séria.

— Eu sei que você pensa que a noite passada foi o início de alguma espécie de caso de amor entre nós dois, ou algo assim. Mas não foi. Era parte do meu trabalho.

— Quê? — ela exclamou após um instante de espanto, dividida entre a indignação e a descrença com aquela afirmação absurda. — Está tentando dizer que me beijar, tirar a minha blusa e me levar para a cama fazem parte do seu trabalho?

— Você me beijou, você tirou a própria camiseta, e carregá-la para a cama foi a melhor maneira de colocá-la para dormir. Eu fiz o que tinha de fazer para tirar você daquele bar e levá-la de volta ao hotel para estar com uma cara decente no café da manhã.

Algo na expressão dele indicava que aquilo não era uma piada: ele estava falando sério. A chuva agora caía por todos os lados, parecendo uma cortina de prata. O trânsito ficou mais lento enquanto os motoristas tentavam enfrentar o súbito dilúvio.

— Eu não acredito em você!

— Pois é verdade.

— Tudo bem, talvez eu o tenha beijado primeiro, quando estávamos dançando, mas depois disso você veio para cima de mim! Assim como você me beijou agora! Não me diga que estava fingindo! Eu sei muito bem o que é um beijo com vontade!

O olhar de Tom agora era frio e severo. — Você é uma mulher bonita. É claro que pode despertar o meu desejo, especialmente quando se joga em cima de mim como fez na noite passada.

Eu sou humano. Mas nunca tive a intenção de fazer sexo com você. Fui contratado para lidar com você, e foi isso o que fiz.

Ronnie sentiu seu rosto se inflamar. A fúria que fervia dentro dela era tão intensa que ela mal enxergava.

— Seu idiota — disse ela, esbofeteando seu rosto com toda força. Os freios gemeram, o carro deu uma guinada e por um momento eles derraparam sem controle. Depois, ele dominou a direção e parou no acostamento. Seu rosto estava quase tão branco quanto o dela estava vermelho.

Quando se virou para encará-la seus olhos soltavam faíscas, e a boca estava rígida. Na face, a marca de sua mão ficava cada vez mais nítida.

Libertando-se do cinto de segurança com um movimento rápido, ele estendeu as mãos e agarrou seus antebraços, empurrando-a contra a porta ameaçadoramente.

— Quer saber o que me tornaria um idiota? — ele perguntou, apertando os dentes enquanto a fuzilava com o olhar. — Eu seria um idiota se tivesse ido para a cama com uma mulher que deu em cima de mim porque bebeu demais. Eu seria um idiota se tivesse ido para a cama com uma cliente cuja família eu conheço. Eu seria um idiota se tivesse ido para a cama com uma mulher casada. Mas eu não fiz nada disso, e não vou fazer, por mais que queira. E você sabe por quê?

Porque não compensa os problemas que iria causar. Esta mulher não vale os problemas que me causaria.

Ele soltou seus braços, prendeu o cinto de segurança outra vez e deu a partida no carro.

Seu rosto era feito de pedra enquanto eles voltavam para a auto-estrada encharcada. Pequenos músculos saltavam no canto de sua boca.

Tremendo de raiva, Ronnie afundou de novo no banco, disparando olhares venenosos e esfregando os braços onde ele a tinha segurado. Não a machucara de verdade, mas ela queria que ele

pensasse que sim, para se sentir culpado, embora a culpa parecesse ser o último de seus pensamentos.

Eles ficaram em silêncio por talvez quinze minutos, passando pelo trânsito do centro da cidade na hora do pique, ainda mais lento por causa da chuva. Eram apenas 17:45, mas estava quase tão escuro quanto a noite por causa da chuva.

— Acho que não preciso nem dizer isso, mas vou dizer de qualquer maneira — anunciou Ronnie depois de se controlar o bastante para poder falar. — Você está despedido.

Ele riu uma risada curta e desprovida de humor. — Você não pode despedir-me, esqueceu?

— Você disse que pediria demissão quando eu quisesse, e agora eu quero!

— Eu menti.

— Você é bom nisso, não é? Mentiras?

A cor tinha voltado ao rosto de Tom, de modo que a marca da bofetada mal estava visível, e ele parecia ter controlado sua raiva. A de Ronnie, por outro lado, ainda ardia como uma fogueira oculta, embora ela lutasse para não demonstrar. Seria o mesmo que declarar o quanto ele a tinha magoado, e seu orgulho não permitiria isso.

— Você tem uma entrevista com a Ladies' Home Journal na segunda-feira às 14h — disse ele numa voz inexpressiva. — Vou chegar antes para repassarmos as instruções. E seria uma boa idéia se alguém a fotografasse indo à igreja amanhã com seu marido.

— Eu não vou mais trabalhar com você.

Ele olhou para ela. Agora, parecia quase ter voltado ao normal, exceto por uma sutil dureza na boca e nos olhos.

— Você vai trabalhar comigo. Você vai, porque eu estou fazendo um excelente trabalho com você, queira admitir ou não. Graças a mim, o senador está se recuperando do seu pequeno equívoco e a sua popularidade está aumentando. Eu sou uma das poucas pessoas a sua volta que estão do seu lado, e não do lado de seu marido. Eu pensaria nisso se fosse você.

— Vá para o inferno.

Eles já estavam entrando em Sedgely, subindo o longo caminho ladeado por carvalhos que levava até a casa. As árvores cobertas de barba-de-bode pareciam chorar.

O pórtico branco em estilo neoclássico mal estava visível através da chuva. Ronnie franziu a testa quando distinguiu diversas figuras em pé na varanda.

Tom estendeu a mão e baixou o pára-sol do lado do passageiro para que ela pudesse se olhar no espelho iluminado.

— Seu batom está borrado — disse, passando a mão sobre a própria boca.

Sem uma palavra, Ronnie fez o que podia para consertar sua aparência, depois fechou o pára-sol outra vez. O carro contornou o semicírculo pavimentado em frente à casa e parou junto à varanda.

— Fique aí, vou pegar um guarda-chuva no porta-malas — disse Tom, desligando o motor. Ignorando-o, Ronnie saiu do carro e subiu correndo os degraus, sem se importar com a chuva. O bater da porta e o som de passos no piso molhado indicavam que ele vinha logo atrás dela.

— Ronnie, meu bem, você chegou em tempo de se despedir de Frank Keith. Minha nossa senhora, você está encharcada! Frank, lembra-se da minha esposa?

Lewis a envolveu em um abraço de urso. Com um olhar rápido, ela viu a sogra parada ali, juntamente com Marsden, Frank Keith e a esposa. Ronnie colou um sorriso no rosto e murmurou clichês educados enquanto apertava a mão do vice-governador e da vice-primeira-dama. O tempo todo, sentia a presença de Tom atrás dela.

— E aí, cara, como vão as coisas? — O rosto quadrado de Marsden relaxou em um sorriso enquanto ele passava por Ronnie para cumprimentar Tom. Ele era um homem parrudo, que parecia uma cópia mais curta e desfocada do pai sem nada da sua boa aparência ou de seu charme. —

Minha madrasta anda tirando seu couro?

Antes que Tom pudesse responder, Dorothy se aproximou e o abraçou. Com 81 anos, a mãe de Lewis parecia surpreendentemente jovem, com o corpo mantido sempre magro e cabelos tingidos de castanho, até que se chegasse perto o bastante para ver as rugas que cruzavam seu rosto como uma rede. — Como está você, Tom? Faz tanto tempo que não o vejo! Vai ficar para o jantar?

— Obrigado, Sra. Honneker, mas hoje não posso — ele disse sorrindo. Nesse meio tempo, Lewis chamou sua atenção com um aceno na direção do vice-governador.

— Frank, este é Tom Quinlan, de quem eu lhe falei. É um antigo colega de escola de Marsden e está fazendo um excelente trabalho...

— Se vocês me dão licença, vou entrar e trocar estas roupas molhadas — murmurou Ronnie para o grupo, cujos membros não pareciam estar prestando muita atenção nela.

Obsequiosamente, Lewis libertou-a de seu abraço.

Enquanto a conversa descambava para a política, Ronnie atravessou a varanda e entrou na casa.

CAPÍTULO 18

Segunda-feira, 4 de agosto

9h30min

Biloxi

Maria estava apavorada. Apesar dos ruídos alegres dos desenhos animados da televisão que enchiam o quarto desleixado, ela estava nervosa como um rato numa sala cheia de gatos, como se algo estivesse à espreita, esperando pelo momento certo de saltar sobre ela.

Na noite anterior, um dos telejornais tinha apresentado um segmento curto sobre Susan intitulado "Vida e Morte da Filha do Pregador". Com o som do Mississippi como pano de fundo, a repórter, uma jovem chamada Crystal Meadows, narrara como Susan tinha "se perdido", passando a usar drogas, abandonando a faculdade e caindo numa vida de prostituição. O sofrimento, o horror e a impotência de sua família foram descritos com detalhes minuciosos (nenhum deles verdadeiro, segundo o que a amiga lhe contara). O pai dela chegara a chorar em frente às câmeras.

Crystal Meadows também tinha falado sobre a morte de Susan. A autópsia revelara que ela tinha sido espancada antes de ser asfixiada. Seu pai, Charlie Kay Martin, dirigira-se à câmera jurando não descansar até que a pessoa ou pessoas responsáveis pela morte de sua filha fossem levadas à justiça.

A repórter terminou o segmento com estas palavras: "A pressão é grande no Departamento de Polícia de Biloxi".

Maria também se sentia sob grande pressão.

— Quer um pouco de Cheerios, mamãe? — Assistindo Scooby-Doo deitada de barriga para baixo com a cabeça nos pés da cama, Lissy sacudiu a caixa na direção dela. Sua boca estava cheia de sucrilho seco, e uma lata de coca-cola estava no chão junto à cama. Não era o café da manhã mais nutritivo do mundo, pensou Maria, aceitando

o oferecimento, mas pelo menos era um café da manhã. —
Obrigada, querida.

O dinheiro escasseava e suas economias não iriam durar muito tempo. Alugar um quarto numa pensão por três semanas custava caro, assim como alimentar uma magricela de sete anos de idade que estava sempre faminta e colecionava os brindes do McLanche Feliz. Elas não podiam continuar vivendo daquele jeito, mas Maria não sabia o que fazer. Todos os seus instintos gritavam que ela se escondesse.

Claire tinha desaparecido. Pelo menos, Maria não conseguira entrar em contato com ela.

Ligara para seu apartamento, deixando mensagens até lotar a secretária eletrônica, e tinha ido lá pessoalmente, batendo na porta até que uma vizinha viesse ver o que estava acontecendo. O zelador do complexo de apartamentos onde Claire morava não sabia de nada e não estava muito interessado, uma vez que o aluguel já estava pago até o dia 15.

A Agência de Modelos Beautiful tinha fechado de repente, depois de funcionar por dois anos. Os telefones não respondiam, e o escritório estava vazio, como ela descobriu quando foi verificar.

Ela não sabia o que tinha acontecido com Billie, Joy, que às vezes a substituía, ou Rick, o gerente.

Eles tinham simplesmente sumido, todos eles. Só de pensar, os cabelos da sua nuca se arrepiavam. Todos desaparecidos, e ninguém se importava. Ela tinha a sensação de que, se não tomasse cuidado, seria a próxima. Ela e Lissy. Quem quer que estivesse dando sumiço em todas aquelas pessoas também chegaria a elas. A idéia fez Maria estremecer.

Desde que fugira do apartamento no dia em que o homem o invadira, Maria tinha voltado apenas por 15 minutos para buscar

roupas para si mesma e para Lissy. Ela sentia nos ossos que aquele apartamento não era mais um lugar seguro.

Susan estava morta, Claire tinha desaparecido. O mesmo acontecera com a Agência de Modelos Beautiful, Billie, Joy e Rick. Pelo que ela sabia, a única coisa que eles todos tinham em comum era aquele programa no barco na quinta à noite.

Ela também tinha uma ligação com o evento. Levara Susan e Claire até a marina e sabia que elas tinham entrado num barco chamado The Sun-alguma coisa, e que nunca haviam retornado.

Sempre que se lembrava disso, sua garganta se fechava de medo e ela mal conseguia respirar.

O homem que invadiu o apartamento tinha usado as chaves de Susan para entrar. Maria tinha certeza, porque o chaveiro tinha uma foto da amiga de biquíni em um dos lados, e das duas brigando pela câmera do outro. Ela se reconheceu claramente no retângulo de plástico que balançava na mão do homem.

Se ele estava com o chaveiro de Susan, não era absurdo deduzir que ele a matara, ou que pelo menos desempenhara algum papel em sua morte. Maria o vira e podia identificá-lo.

O rosto dele estava gravado em sua memória para todo o sempre.

Mais do que qualquer outra coisa, aquele rosto a apavorava.

Mas ele não sabia disso. Não tinha como saber. Não tinha idéia de que ela estava no apartamento naquele dia. Se soubesse, ela estaria morta.

Ele provavelmente não sabia que ela existia, e não estava interessado nela. Por que deveria estar?

Maria estremeceu. Levantando-se, andou até a janela e levantou uma ponta da cortina. Já estava quente, e a umidade da chuva do dia anterior ainda se fazia notar.

A luz do sol se derramava pela rua estreita. Aquela parte de Biloxi era pobre e maltratada.

O único carro que percorria lentamente a rua era um Chevy antigo com a traseira amassada e grandes manchas de ferrugem. Seu apartamento ficava no segundo andar. Dali, ela podia ver a cabeça calva de um homem que atravessava a rua diretamente abaixo dela. A luz do sol se refletia na pele lisa.

Como se percebesse que estava sendo observado, ele olhou para cima. Maria o fitou e então se afastou da janela, petrificada.

Era o homem que tinha revirado o apartamento, o homem que estava com o chaveiro de Susan.

Desta vez, ele estava vindo atrás dela.

CAPÍTULO 19

Segunda-feira, 4 de agosto

13h00 Jackson

Ronnie estava deitada numa espreguiçadeira ao lado da piscina, desfrutando do calor do sol em sua pele. Estava sozinha, exceto pelo rapaz que fazia a manutenção da piscina, John —

alguma-coisa, que ia a Sedgely uma vez por semana durante o verão desde que ela se lembrava. O

som da peneira percorrendo a água não era alto o bastante para abafar os passos no caminho de cascalho que vinha da casa.

Seu corpo ficou tenso. Ela respirou fundo, forçou-se a relaxar os músculos e sorriu para si mesma. Tom não se atrasara um minuto; a pontualidade era muito importante para ele. Fechando os olhos, ela virou a cabeça para o lado oposto do portão de ferro batido no muro de quase dois metros de altura que cercava a piscina e fingiu estar dormindo. Um segundo depois, levou a mão às costas e rapidamente desamarrou a parte de cima do biquíni. Puxando as tiras para deixar as costas nuas ao sol — e aos olhos de Tom -, ela se deitou outra vez.

A carícia suave da rede continuava em seu ritmo constante. O som dos passos ficou mais alto, e então ela escutou o rangido que anunciava a abertura do portão.

Os passos cessaram. Ronnie sorriu para si mesma, imaginando Tom parado com uma das mãos no portão aberto, imobilizado pela cena a sua frente: a piscina azul em forma de feijão, faiscando como uma safira ao sol; os muros altos de tijolo cobertos de trepadeiras cercando o pátio como uma fortaleza; John, o homem da piscina, com seu uniforme marrom olhando surpreso para o intruso; ela mesma, cabelos ruivos derramados sobre um ombro e a pele branca exposta, usando um minúsculo biquíni vermelho, estendida numa toalha de praia amarelo-vivo sobre a espreguiçadeira.

Finalmente, ela ouviu o som que estava esperando: passos no concreto. Ele estava andando na direção dela. Os passos pararam quando ele chegou do seu lado.

Ronnie ficou imóvel, prendendo o riso na garganta. Ela podia imaginar a expressão dele, o cenho franzido, o maxilar tenso. Ele certamente não aprovaria a imagem dela deitada ali daquele jeito.

Mas iria desejá-la.

Desta vez, ele teria de tomar a iniciativa. Ela não estava se oferecendo para ele de novo.

— Ronnie.

Pelo menos Tom não era hipócrita a ponto de voltar a chamá-la de Sra. Honneker. Se tivesse feito isso, ela teria ficado nua e se jogado em seus braços com John como testemunha, e ele que se virasse para explicar.

Ela se moveu como se estivesse acordando. Virando a cabeça para poder vê-lo, jogou os cabelos por cima do outro ombro, deixando-os se derramarem pela lateral da espreguiçadeira até o piso de concreto. Cada movimento era deliberadamente insinuante.

— Ronnie. — A voz de Tom agora estava impaciente. Ronnie tomou cuidado para não sorrir. Ela pretendia torturá-lo, provocá-lo e enlouquecê-lo, e depois se afastar.

Em breve ele iria descobrir que ela estava falando sério quando dissera que não queria mais trabalhar com ele.

Com um rápido pestanejar, ela olhou para cima, como se não conseguisse identificar a voz e tivesse de verificar quem estava ao seu lado. Tom estava usando um terno azul de linho risca-de-giz, com camisa branca e gravata na cor exata de seus olhos, quase fechados para se defender da luz cegante do sol, que dourava seus

cabelos e bronzeava sua pele. Ele parecia alto, magro e belo — e também irritado. Muito irritado.

— Ah, é você — ela disse num tom entediado, fechando os olhos outra vez e virando a cabeça para o lado oposto, isolando-o.

A irritação de Tom era tão palpável quanto um campo elétrico. Ronnie sabia que o estava deixando furioso, e isso lhe dava imensa satisfação.

Os sons relaxantes dos passarinhos cantando nas árvores e das abelhas que passavam zunindo ocupadas em suas tarefas contrastavam com a atmosfera cada vez mais carregada..

O cheiro de coco do filtro solar caro que ela estava usando, misturado ao aroma adocicado das flores da madressilva que cobria os muros, perfumava o ar. O tecido macio da toalha sob sua pele estava agradavelmente tépido. Apesar de tudo isso, Ronnie estava ainda mais ciente de elementos intangíveis: o olhar de Tom em seu corpo quase nu e sua crescente exasperação.

O som de metal raspando o concreto e de borracha se esticando deixou claro que ele estava puxando uma cadeira para se sentar ao lado dela.

— Uma das perguntas que o entrevistador vai fazer será sobre o fato de você ser mais jovem do que seus enteados — ele informou com a voz calma. Obviamente, pretendia ignorar os esforços dela para provocá-lo. — Se formularmos a resposta com cuidado, acho que podemos ganhar pontos com as mães que estão no segundo casamento. Acho que você deve dizer que...

— ... eu odeio meus enteados, eles me odeiam e nós somos uma família problemática —

ela completou, mantendo a cabeça virada para o lado oposto e os olhos fechados, sabendo que sua pose iria irritá-lo quase tanto

quanto a resposta.

— Muito engraçado.

Ronnie sorriu. Aquilo era delicioso demais. Ela abriu os olhos e se sentou de frente para ele, levando os pés até o concreto quente. Quando se moveu, a parte de cima do seu biquíni quase deslizou dos ombros, mas ela foi rápida e segurou as tiras antes que caíssem.

Por detrás dos cílios baixos, ela observou o rosto de Tom.

Ele a estava comendo com os olhos, medindo-a dos pés à cabeça. Seus olhos correram pelas pernas lisas e o abdome reto até se fixarem nos seios. As taças escarlates do biquíni estavam a alguns milímetros do pornográfico. Na verdade, mal cobriam seus mamilos.

— Opa! — disse Ronnie, olhando para ele com malícia. Com os polegares, levou as tiras do biquíni lentamente de volta para os ombros.

— Que diabos você pensa que está fazendo? — ele falou em voz baixa, para que John não pudesse ouvir. Seus olhos a fuzilavam.

— Tomando sol — retrucou Ronnie com indiferença, sem se dar ao trabalho de baixar a voz.

— Por que não fica nua de uma vez? — A entonação irada de sua voz deliciou-a.

— Às vezes eu fico — respondeu ela com um sorriso enquanto amarrava o biquíni nas costas.

Levantando-se, ela calçou os tamancos de salto alto e acenou para John.

— Até a semana que vem — disse, dirigindo-se ao pavilhão da piscina.

— Tenha um bom dia, Sra. Honneker — respondeu o homem. Tom a seguiu. Ela podia sentir seu olhar fulminante nas costas enquanto caminhava. Sabia que ele estava gostando do que via. A parte de baixo do biquíni era pouco mais do que dois pequenos triângulos de tecido vermelho amarrados do lado, e a parte de cima, nas costas, era uma fina tira vermelha.

Era o menor biquíni que ela possuía. Escolhera-o naquele dia pensando em Tom.

Resolva esse problema, pensou ela, acrescentando um rebolado a mais ao seu andar.

O pavilhão da piscina era uma antiga casa de hóspedes que havia sido reformada dez anos antes. Consistia em um quarto, cozinha, banheiro e uma sala na qual Ronnie tinha montado uma míni-academia de ginástica. Todos os seus equipamentos de exercício estavam ali, da esteira aos aparelhos de musculação. Uma das paredes era coberta com um imenso espelho, e havia um colchonete colorido no chão.

Ronnie abriu as portas de vidro que levavam à sala de exercício, e sua pele se arrepiou instantaneamente ao entrar no ambiente com ar condicionado. Atrás dela, Tom fechou as portas.

— Você gosta de fazer os empregados babarem daquele jeito? — Pelo tom de sua voz, ele parecia ter passado da irritação para a raiva explícita.

— De que jeito? — Ronnie se dirigiu ao banheiro sem sequer olhar para ele.

— Como se estivessem assistindo a um show de strip-tease.

— John estava fazendo isso?

— Se John é o homem que estava limpando a piscina, pode ter certeza. Ele estava praticamente salivando quando eu cheguei.

— E o que você está fazendo aqui, aliás? — Ronnie fingiu não saber.

— Eu disse que viria mais cedo para conversarmos. Você tem uma entrevista com Ladies'

Home Journal às 14h, lembra-se? — Ele parecia estar cerrando os dentes.

— Ah, isso — disse Ronnie com indiferença, chegando ao banheiro e se virando com um sorriso. — Eu cancelei.

Ela fechou a porta na cara dele.

— Quê? — A exclamação indignada foi claramente audível através da porta fechada, mas ela fingiu não escutar

Vinte minutos depois, quando saiu do banheiro, ele estava sentado na cadeira de palha que ficava no canto da sala de exercícios folheando uma revista. Era a W, e Ronnie quase sorriu ao vê-lo obrigado a se entreter com uma revista de moda. Pela expressão em seu rosto, Tom estava totalmente farto. Da revista, da situação, dela.

— Você ainda está aqui? — Ela atravessou a sala e foi até a cozinha.

Depois de tomar banho, tinha vestido um uniforme de tênis: uma pequena saia plissada que mal lhe cobria o traseiro, uma camiseta pólo sem mangas, tênis e meias.

Os cabelos ruivos estavam presos com um laço branco na nuca.

Ela estava linda, e sabia disso.

— Como assim, você cancelou a entrevista? — Ele parou no vão estreito da porta, e seus ombros praticamente preencheram todo o espaço disponível.

Ronnie tirou uma caixa de leite desnatado da geladeira e despejou mais ou menos uma xícara num liquidificador que estava no balcão. Guardando novamente o leite e fechando a porta da geladeira, ela olhou para ele.

— Eu cancelei. Liguei para eles e disse para não virem. — Ela picou metade de uma banana e juntou-a ao leite.

— Você ligou para a Ladies' Home Journal e disse para eles não virem? — Ele falava como se aquilo fosse inacreditável.

— Bem, na verdade eu pedi para Thea ligar — esclareceu, acrescentando morangos à mistura.

— Você pediu a Thea que... — ele fez uma pausa, como se não estivesse encontrando as palavras certas. Quando recomeçou, sua voz tinha um tom controlado. — Não foi fácil convencê-los a entrevistar você, sabia?. Todo o tipo de celebridades competem para aparecer naquela revista, mas eu cobre alguns favores antigos e eles concordaram em vir aqui hoje. Com o ângulo certo, o artigo teria feito muito bem à campanha e a você. Mas você cancelou.

— É isso mesmo, cancelei — ela concordou alegremente. Tirando meia dúzia de cubos de gelo da fôrma do freezer e colocando-os no liquidificador, ela fechou a tampa e ligou o aparelho.

Por um momento, o ruído das lâminas impediu a conversa.

— Você já ouviu falar no feitiço que vira contra o feiticeiro? — perguntou Tom, quando ela pôde escutá-lo outra vez. Ele cruzou os braços sobre o peito e encostou um dos ombros no batente da porta. A cor da gravata fazia seus olhos parecerem tão azuis quanto a piscina lá fora.

Mais uma vez, ela observou como eram lindos, mesmo quando estavam olhando para ela com desprezo, como naquele momento.

Notar a beleza de seus olhos não melhorou em nada a disposição de Ronnie.

— O que você quer dizer? — Arqueando uma sobrancelha, ostensivamente desinteressada, Ronnie passou a mistura cor-de-rosa espumante para um copo e tomou um gole.

— Quero dizer que cancelando a entrevista, você prejudicou a si mesma, e não a mim.

— Eu disse que não ia mais trabalhar com você. E estava falando sério.

Seus olhares se encontraram, medindo-se mutuamente.

— "Nenhuma ira é maior do que a da mulher desprezada no amor"*2 — ele citou calmamente.

O rosto de Ronnie anuviou-se, e sua mão se fechou com mais força em torno do copo.

— Você está cheio de frases feitas hoje, não é mesmo? — perguntou ela com um sorriso forçado. Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, foi interrompida pelo som da porta de vidro se abrindo na outra sala.

— Ronnie? — uma voz masculina chamou.

— Estou aqui — ela respondeu, e depois disse a Tom: — Se você me dá licença, eu tenho um jogo de tênis marcado.

Deixando o copo ainda quase cheio na pia, ela andou na direção dele, de cabeça erguida.

Ele deu um passo para o lado para deixá-la passar.

2 'N.T.: No original: "Hellhath nofury like a woman scorned".
Adaptado de uma fala da peça *The Mourning Bride*, do dramaturgo

inglês do séc. XVII William Congreve.

Michael Blount estava na sala de exercícios, alto, moreno e charmoso em seu short de tênis e camiseta pólo, com a raquete na mão. Ele sorriu quando a viu.

— Olá, Michael — ela cumprimentou, retribuindo o sorriso com outro, esfuziante.

— Pronta? — perguntou ele, olhando para Tom atrás dela com óbvia curiosidade.

— Sim. — Ela passou por ele e saiu sem se dar ao trabalho de apresentar os dois homens, e Michael a seguiu.

— Quem era aquele sujeito? — perguntou Michael, quando eles estavam na rua.

— Apenas mais um dos muitos puxa-sacos de Lewis — ela respondeu com indiferença, certa de que Tom, que estava parado na porta observando-os, ainda podia escutá-la.

— Ninguém importante. Como está o seu joelho?

CAPÍTULO 20

Segunda-feira, 4 de agosto

17h00

Mamãe, para onde estamos indo?

— Você já vai ver.

Na verdade, aquela era uma boa pergunta, pensou Maria. Elas estavam dirigindo havia horas em direção ao norte pela Rota 49, parando em um McDonald's de Jackson para almoçar e para que Lissy pudesse brincar um pouco num daqueles playgrounds de plástico que eles tinham em todos os restaurantes. Depois, tinham voltado para o carro e tomado a rodovia 1-55. Maria não tinha um destino específico em mente. Só sabia que precisava fugir.

Graças a Deus, ela tivera a precaução de estacionar o carro duas quadras adiante do hotel.

Bem, precaução não era a palavra mais correta. Medo descrevia melhor sua motivação, medo de que o homem que tinha revirado o apartamento pudesse vir atrás dela e reconhecesse seu carro perto do hotel, somasse dois mais dois e soubesse onde encontrá-la. Na hora, aquele raciocínio tortuoso lhe parecera uma paranóia injustificada, mas provara ser a manobra que tinha salvo sua vida e a da sua filha.

Depois de ver o homem na rua, ela pegou Lissy pela mão, catou a bolsa e saiu correndo pela porta. O elevador estava ocupado — seria ele já subindo? -, e por isso elas desceram pela escada de incêndio. O quarto foi deixado exatamente como estava: a TV ligada, as luzes acesas, os sucrilhos espalhados pelo chão onde tinham caído quando Maria arrancara Lissy da cama.

Ela sabia que tinha assustado a filha, sussurrando para que ela calasse a boca quando a criança começou a protestar, obrigando-a a correr como se o próprio diabo estivesse atrás delas.

O que, aliás, descrevia exatamente como Maria se sentia.

A veemência em sua voz fizera a garotinha empalidecer e arregalar os olhos. Maria se sentia mal ao lembrar daquilo, mas pelo menos conseguira tirá-las de lá em segurança.

Depois que estavam no carro e bem longe do hotel, ela respondeu laconicamente à pergunta de Lissy: — Cobradores.

Lissy entendia aquilo. Sempre havia cobradores na porta delas.

Maria não queria contar-lhe a verdade: que estava convencida de que o homem calvo da rua tinha vindo matá-las.

Ela não sabia como podia ter tanta certeza, mas tinha. Sentia aquilo no fundo do seu coração.

Se tinha conseguido encontrá-las no Hotel Curzan, uma pensão pulguenta numa zona obscura da cidade, ele devia ser bom, e seria capaz de continuar seguindo seus passos.

Já não havia dúvida de que ele sabia da sua existência, embora Maria não entendesse como. Talvez conhecesse seu rosto pela foto da carteira de motorista. Era isso o que as pessoas que estavam procurando outras pessoas faziam, não era? Iam ao Departamento de Trânsito e pediam uma cópia da carteira de motorista. Ele provavelmente também sabia que tipo de carro ela tinha, e talvez pudesse até localizá-lo por seus gastos com cartões de crédito.

Maria empalideceu ao lembrar que havia sacado dinheiro em um caixa automático a apenas meia quadra do hotel na tarde anterior. Teria sido assim que ele as encontrara?

O pânico ameaçava tomar conta dela. Elas não tinham para onde ir e tampouco tinham dinheiro, e agora ela estava com medo de sacar o pouco que restava em sua conta.

Ela devia ir à polícia, mas eles iriam separá-la de Lissy, e isso Maria não podia suportar.

Ainda assim, era melhor do que as duas acabarem mortas.

Ele provavelmente as estava seguindo naquele instante.

— Mamãe, eu preciso fazer xixi.

Maria olhou para a filha. — Vamos parar daqui a pouco — prometeu.

— Aonde estamos indo?

Lissy normalmente não se queixava, mas aquele havia sido um dia cansativo.

— Estamos fazendo uma pequena viagem — disse Maria, sabendo que teria que inventar um destino muito em breve. — Só nós duas. Não é legal?

— Você passou outro cheque sem fundo? — Lissy lhe deu um olhar severo, como se ela fosse a mãe e Maria fosse a filha.

— Não! — respondeu Maria, indignada.

— Então por que estamos fugindo?

— Nós não estamos fugindo. Nós estamos indo visitar alguém.

— Quem?

Ela olhou para a menina com um misto de admiração e exasperação. Lissy podia ser criança, mas não era boba.

Elas passaram por uma placa que indicava a cidade de Pope, 50 milhas adiante. Maria teve uma súbita inspiração.

Talvez alguém pudesse ajudá-las. — Um velho amigo meu — disse, agora mais confiante.

— Quem?

— Fique quietinha, Dona Sabichona, e você vai ver.

— Mamãe, nós não temos nem escova de dentes. Você deixou todas as nossas coisas no hotel.

— A gente se vira.

— Eu preciso fazer xixi.

Lissy pôde ir ao banheiro quando Maria parou em uma pequena loja de conveniências em Pope. Enquanto a menina entrava, ela se sentou no carro em frente ao telefone público no limite do estacionamento, procurando um nome familiar na lista telefônica.

Encontrou o que estava procurando, colocou uma moeda no aparelho e discou, o tempo todo olhando em volta nervosamente.

Por favor, por favor, atenda.

Uma voz masculina atendeu

— Jerry? — A voz de Maria estava trêmula.

— Sim?

— É a Maria.

— Que Maria?

— Maria de Biloxi, não se lembra? Da Agência de Modelos Beautiful.

— Oh, sim, Maria! Por que diabos você está me ligando?

Ela umedeceu os lábios. — Jerry, eu estou com um problema sério. Preciso de ajuda.

CAPÍTULO 21

Terça-feira, 5 de agosto Jackson

Tom me deu uma bronca ontem por ter cancelado aquela entrevista para a Ladies' Home Journal. — Equilibrando uma xícara de café no colo, Thea estava sentada em uma das poltronas de couro azul-marinho que ladeavam a lareira. Eram dez da manhã, e ela e Ronnie estavam revisando a agenda da semana na sala de Sedgely, que tinha se transformado no escritório de Ronnie durante os meses que ela passava no Mississippi.

A peça era uma antiga sala de estar, que ficava no segundo andar, não muito longe do quarto de Ronnie. Estantes de livros que iam do piso de madeira envernizada até o teto três metros e meio acima ocupavam o restante da parede da lareira. Do lado oposto, um par de janelas altas adornadas com cortinas de seda amarela se abriam para o gramado dos fundos. As paredes eram revestidas de papel listrado azul e branco, e o teto, a lareira, os frisos de gesso e as janelas eram brancas. Um tapete oriental Tabriz muito gasto em tons de azul e rosa cobria a maior parte do piso.

A mesa de Ronnie, um enorme retângulo de mogno que já tivera lugar de destaque no gabinete de Lewis no senado, era o ponto focal da sala. Ronnie estava sentada na cadeira de couro azul-marinho atrás dela, sua xícara de café empurrada para o lado e esquecida enquanto ela examinava a folha impressa a sua frente com expressão séria.

— É mesmo? — Assumindo um ar de desinteresse, ela respondeu à afirmação de Thea sem sequer olhar para ela.

— Ele também me disse para não fazer mais alterações na sua agenda sem consultá-lo primeiro.

— É mesmo? — desta vez, Ronnie ergueu a cabeça, com um brilho belicoso nos olhos.

Thea sorriu desconfortavelmente para ela. — Ele fica muito sexy quando está bravo.

— Não se esqueça de que você trabalha para mim, não para ele.

— Foi o que eu lhe disse.

— E o que ele fez?

— Foi aí que ele ficou bravo. Apertou a boca, estreitou os olhos e, por um minuto, parecia estar dizendo todos os palavrões do dicionário dentro da cabeça. Então, ele disse simplesmente:

"Falo com você amanhã", e saiu da sala. Desceu a escada, saiu pela porta da frente e alguns minutos depois escutei seu carro indo embora.

Ele estava tão bravo que saiu cantando os pneus.

— Hum! — Ronnie voltou sua atenção para a agenda outra vez, determinada a não demonstrar interesse em Tom e seus humores. Não que ela estivesse interessada.

— Você não gostaria de levá-lo para a cama? — devaneou Thea com um suspiro, reproduzindo tão bem os pensamentos de Ronnie que esta ergueu os olhos outra vez, surpresa.

Felizmente, Thea interpretou aquele olhar de outra maneira, e acrescentou rapidamente: —

Você não, porque você é casada com o senador e tudo mais, mas eu gostaria.

— Ele é divorciado, sabia?

— É? — Ronnie quase riscou da agenda uma cerimônia em homenagem ao vencedor de um concurso estadual de soletração no qual ela deveria entregar o troféu e um certificado ao vitorioso, mas hesitou no último segundo. Claro que Tom havia inventado aquilo como parte de seu plano para associá-la às crianças e à educação (duas áreas extremamente valiosas para influenciar eleitores do sexo feminino com educação universitária, ele havia dito). Mas ela não iria decepcionar uma criança, nem mesmo para enfurecer Tom. Com má vontade, decidiu manter o compromisso.

— Kenny disse que Tom tem namorada, e que não ficaria surpreso se eles se casassem qualquer dia desses. Parece que estão juntos há uns dois anos. — Thea sorriu.

— Kenny é bonitinho, você não acha? Não é gostosão como Tom, mas é um doce.

— Kenny parece ser ótimo — murmurou Ronnie. A idéia de Tom se casando com uma namorada de muitos anos fez seu estômago se contrair.

Aquilo provavelmente era conversa fiada, ela disse a si mesma. Naquela noite inesquecível, Tom havia lhe dito que ela era mais bonita do que sua namorada. Que homem diria uma coisa dessas sobre a mulher com quem pensava em se casar?

— Kenny disse que eles tinham uma firma de consultoria política muito badalada, mas aí Tom se meteu numa confusão, a firma foi à bancarrota e eles perderam tudo. Ele diz que eles estão entrando de novo nos eixos, e é importante fazerem um bom trabalho com você.

Com a atenção totalmente distraída do relacionamento de Tom com a namorada, Ronnie olhou para Thea, curiosa. O que sua assessora estava dizendo fechava com tudo o que ela mesma tinha observado em Tom: a impressão de que ele não tinha dinheiro, a necessidade feroz de ter sucesso no trabalho com ela, todo o tempo e a energia que ele estava dedicando à campanha.

— Que tipo de confusão? — ela perguntou quase sem querer. Thea deu de ombros. — Não sei. Kenny não disse, e eu não perguntei. Talvez...

Ela foi interrompida quando o telefone da mesa de Ronnie começou a tocar.

— Quer que eu atenda? — Thea estendeu a mão para o telefone enquanto Ronnie assentia.

— Escritório da Sra. Honneker. Não, ela não está disponível no momento. — Thea escutou por um instante sugando as bochechas, um gesto que para ela indicava ansiedade.

— Às 9:45 de amanhã? Sim, eu... eu direi a ela. Ok, até logo, Moira.

Thea desligou. Por um momento, as duas mulheres se entreolharam. Thea, nervosa, e Ronnie, curiosa.

— Quem era? — Ronnie finalmente perguntou.

— Era Moira, do escritório de Washington — Thea explicou desnecessariamente. Ela hesitou, e depois prosseguiu: — A entrevista para a Ladies' Home Journal foi reagendada para as 10 da manhã, amanhã. Parece que Tom telefonou para eles, disse que tinha havido um mal-entendido, e eles concordaram em voltar. Só que agora vai ser uma entrevista conjunta com você e o seu marido. Moira ligou para dizer que o senador não poderá estar em casa hoje à noite, mas vai encontrá-la na biblioteca do andar de baixo às 9:45 da manhã. Ele está pensando em usar um terno azul-marinho, camisa azul e gravata amarela, e você deve escolher uma roupa que combine com estas cores.

CAPÍTULO 22

Seu traidor filho da puta — Ronnie disse a Tom num sibilo cheio de veneno, enquanto descia os últimos degraus da escadaria principal

de Sedgely com uma das mãos no corrimão de carvalho entalhado.

Eram nove e meia da manhã de quarta-feira. O sol se derramava pelos painéis de vidro dos dois lados da porta da frente, fazendo cintilar as muitas facetas do antigo lustre de cristal e iluminando os grãos de poeira suspensos no ar. O hall de entrada de mármore reluzia depois da faxina que Selma fizera no dia anterior. O papel de parede ouro-pálido em padrão adamascado sutil fazia as paredes parecerem brilhar com o reflexo atenuado da luminosidade da rua.

Um olhar rápido em torno revelara a Ronnie que Tom, parado junto à porta com as mãos nos bolsos, estava sozinho. Ele estava usando um terno cinza-chumbo, camisa branca e a mesma gravata azul da segunda-feira, que mais uma vez produzia o efeito indesejável de ressaltar a cor de seus olhos.

A mera visão dele foi suficiente para deixar Ronnie furiosa de novo. De madrugada, ela tinha prometido a si mesma que iria manter-se fria e altiva em sua presença qualquer que fosse a provocação, mas agora, vendo-o na sua frente, não conseguiu conter a língua.

— Bom dia para a senhora também, Sra. Honneker. — Um sorriso charmoso acompanhou a saudação, quase cantada com a voz arrastada do sul.

A combinação do sotaque, do sorriso e do tratamento formal foi a última gota. Ronnie explodiu.

— Como se atreve a passar por cima de mim e fazer meu marido remarcar uma entrevista que eu havia cancelado?

Com os olhos soltando faíscas, ela pisou no hall e andou diretamente para ele, brandindo o dedo indicador. Ao invés de recuar, como a maioria das pessoas tendiam a fazer quando confrontadas com seu temperamento forte, ele se manteve imóvel.

— Você pode cancelar outra vez, só que terá de explicar para o seu marido exatamente por quê. — Ele segurou a mão que parecia prestes a cravar um dedo em seu peito.

Quando seus olhares se encontraram, o sorriso dele tornou-se mais duro. — Imagino que você não queira contar-lhe a verdade: que você deu em cima de mim e eu a rejeitei, e por isso você está empenhada em me fazer pagar. — Ele fez uma pausa, medindo-a com os olhos. — A propósito, conseguiu que aquele tal de Michael jogasse alguma coisa além de tênis com você ontem?

Com os olhos em chamas, Ronnie arrancou a mão do jugo de Tom no mesmo instante em que a porta da frente se abriu. Atrás dele surgiu Kenny, usando um paletó esporte verde e calça xadrez, arrastando atrás de si um cachorro desajeitado e sujo que parecia ser uma cruz de São Bernardo com poodle. O animal era enorme, com longos cachos no estilo Shirley Temple em diferentes combinações de preto e branco por todo o corpo. Os olhos pretos mal estavam visíveis por entre a franja.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Aqui no Mississippi, nós chamamos isso de cachorro — respondeu Tom. Antes que Ronnie pudesse fazer algo além de crucificá-lo com o olhar por aquela frase sarcástica, Lewis desceu as escadas. Usando o terno azul-marinho e a gravata amarela prometidos, com os cabelos cor de prata escovados impecavelmente para trás, Lewis parecia um senador. Ronnie não o via desde a manhã de domingo, quando ele viajara para Washington, e não sentira nenhuma saudade.

— Como vai, meu bem? — ele perguntou, passando um braço em torno dos ombros dela e depositando um beijo em sua bochecha. Ronnie sorriu para ele com mais ternura do que tinha lhe demonstrado em um bom tempo, mas depois se deu conta de que

aquele tipo de sorriso era idéia de Tom, e a lembrança varreu a doçura de sua face.

— É esse o cachorro? Como é mesmo o nome dele? — Lewis voltou a atenção para Tom.

Tom olhou para Kenny, que respondeu por ele. — Jefferson Davis*3, senador.

— Ele é do abrigo de animais abandonados — disse Tom. — A história que bolamos é a seguinte: a Sra. Honneker o encontrou lá, comprou-o e o trouxe para morar em Sedgely, muito provavelmente salvando a vida do pobre bicho.

Ronnie o fitava enquanto digería suas palavras. Ele realmente queria que ela mentisse sobre a aquisição daquela... besta?

— Ah, por favor — disse ela, incrédula, saindo para a esquerda na direção da sala de estar onde a entrevista e a sessão de fotos deveriam acontecer.

Decorada em tons de ouro-velho, branco e rosa, com entalhes em madeira e cortinas de seda listradas em rosa e branco, a sala de estar era grande, bonita e imponente, cheia de móveis e pinturas antigas. Com suas oito janelas que iam do piso ao teto, sempre fazia Ronnie pensar num cenário de cinema. Mesmo agora era difícil para ela acreditar que pessoas realmente habitassem lugares como aquele. A sala era usada principalmente por Dorothy para receber visitas, e para impressionar repórteres e assemelhados.

— Suponho que o nome do cachorro também tenha sido idéia minha. Jefferson Davis!?

Não poderia ser mais piegas? — Ronnie disparou esta última observação por sobre o ombro.

3 N T Político sulista, eleito presidente dos Estados Confederados da América durante a Guerra Civil

— O nome tem apelo para os eleitores do seu marido, para os eleitores do sul. Como você é do norte, precisa fazer tudo o que puder para parecer mais assimilada respondeu Tom. Ele seguia Lewis, que vinha atrás de Ronnie. Kenny, com o cachorro pela coleira, encerrava a fila.

— Você pode chamá-lo só de Davis, se quiser — disse Kenny. — Ele também atende assim.

— Ele provavelmente atende a qualquer nome. Você já tentou "cachorro"?

— Escute, Ronnie, eu conversei sobre isso com Tom e a idéia é boa: este cachorro vai parecer simpático para todos os eleitores do Mississippi — disse Lewis. — Quero que você siga a orientação dele e diga que tirou o cachorro de um abrigo para animais abandonados porque sentiu pena dele e o batizou como Jeff Davis para homenagear nosso Estado e o falecido presidente da Confederação. Isso vai fazer as pessoas daqui gostarem mais de você. De qualquer maneira, há muito tempo eu venho dizendo que quero um cachorro.

Ronnie nunca tinha escutado Lewis dizer aquilo. Eleanor era alérgica a pêlos, e por isso a presença de animais dentro de qualquer uma das casas da família não era permitida havia pelo menos 38 anos, uma situação que nunca parecera incomodar seus moradores. Mas no altar da toda-poderosa política, Lewis estava disposto a sacrificar até mesmo um elefante, quanto mais um cachorro.

— Tudo bem, como quiserem — disse ela. Sua raiva de Tom estava muito perto do ponto de ebulição, e ela não queria explodir na frente de testemunhas. Fez um esforço para controlar a língua enquanto passava pelas portas de mogno que separavam o bali da sala de estar, onde Dorothy os esperava.

— Bom dia, Dorothy — Ronnie cumprimentou a sogra com um sorriso. Usando um talleur verde de verão, Dorothy parecia ao mesmo tempo frágil e elegante sentada no sofá de brocado cor-de-rosa que era a peça central da sala.

— Ronnie.

— Bom dia, mamãe.

O rosto de Dorothy se iluminou quando Lewis entrou na sala.

— Você está especialmente bonito hoje, meu filho — disse ela quando ele se abaixou para beijar seu rosto. Depois, olhou para Ronnie, que se servia de café na bandeja que havia sido colocada no aparador abaixo da janela.

— Você também está muito bem, Ronnie — ela acrescentou.

— Obrigada, Dorothy. Você também.

Ronnie sabia que de fato estava muito bem. Estava usando o colar triplo de pérolas que Lewis havia lhe dado, com um vestido de algodão num tom de amarelo tão claro que era quase creme. O vestido (selecionado por um dos assessores de Tom especialmente para a sessão de fotos) era ajustado, mas não colado ao corpo, com decote moderado, mangas japonesas, saia reta que passava dos joelhos e um cinto fino do mesmo tecido. A barra e a gola eram enfeitadas com bordados delicados no mesmo tom de amarelo-claro. Seus sapatos de couro bege eram fechados e tinham saltos de 5 cm.

Dorothy ficaria igualmente bonita vestindo exatamente aquele traje.

— Meu Deus do céu, que é aquilo? — exclamou Dorothy quando Davis entrou pachorrentamente na sala, as unhas arranhando o piso de madeira de lei. Kenny, que o conduzia, ergueu os olhos, mas foi Lewis quem respondeu.

— Nós arranjamos um cachorro para a entrevista, mamãe. Foi idéia de Tom, e eu achei ótimo. Os eleitores adoram cachorros. Ele também inventou um novo slogan para a campanha, agora que estamos quase empatados com Orde. Como é mesmo, Tom?

— HBO — ele respondeu. — Honneker bate Orde.

— HBO — Lewis repetiu para Dorothy. — Honneker bate Orde. Vai ficar ótimo nos adesivos para carros.

George Orde era um ex-deputado estadual que tinha subido vertiginosamente nas pesquisas ao mesmo tempo em que Lewis caíra. Naquele momento, ele parecia ser a principal ameaça à continuação de Lewis no senado.

— Se mantivermos nossa linha de ação, Orde não será difícil de derrotar — disse Tom.

— Eu concordo — disse Lewis.

— Como é o nome dele? — perguntou Dorothy, referindo-se ao cachorro.

— Jefferson Davis — disse Ronnie em tom seco. — Ou só Davis, para facilitar.

Ao escutar seu nome, Davis abanou a cauda, quase derrubando uma pastora de porcelana que estava sobre a mesa lateral de madeira. Com um gesto rápido, Kenny salvou a peça de antiquário da aniquilação.

— Bom cachorro — disse Lewis, acariciando-lhe a cabeça enquanto Kenny segurava a guia com uma das mãos e recolocava o bibelô em seu lugar com a outra.

— Senador, Sra. Honneker, Sra. Lewis: a Srta. Cambridge está aqui, com a srta. Topai e o Sr. Folger, da revista — anunciou Selma da

porta. Todos os olhos se voltaram naquela direção.

Thea entrou na sala acompanhada de um homem de camiseta com os cabelos presos em um rabo-de-cavalo e uma câmera pendurada no ombro, e uma mulher de uns 40 anos com cabelos castanhos curtos e bem cortados, batom rosa-forte e terninho bege. Em uma das mãos, a mulher trazia uma pasta de couro; na outra, segurava uma rosquinha comida pela metade.

Com um latido alto, Davis se soltou e abocanhou a rosquinha. A srta. Topai deixou cair a pasta com um grito. Uma luminária caiu no chão e se quebrou. Com a rosquinha na boca e arrastando a guia atrás de si, Davis correu para o hall de entrada perseguido por Kenny, Thea e Selma.

— Segure aqui — Tom sussurrou no ouvido de Ronnie, passando-lhe alguma coisa fria e úmida. Ronnie olhou para o objeto, primeiro com surpresa e depois com nojo. Era um pedaço de presunto retirado de um dos pequenos sanduíches que estavam na bandeja. Para que aquilo?

Ela ergueu os olhos para Tom, confusa e tão surpresa com aquele presente inesperado que esqueceu o quanto estava irritada com ele.

— Davis, aqui! — gritou Kenny. O som vinha de algum lugar próximo, talvez do hall.

Unhas que arranhavam freneticamente a madeira precederam o reaparecimento do cachorro por alguns segundos. A repórter, srta. Topai, deu um salto para trás quando o animal em fuga e os humanos que o perseguiam irromperam novamente na sala.

O cachorro parou por um instante, erguendo a cabeça e olhando em torno. Seu nariz farejou o ar, e ele se dirigiu a Ronnie.

Arregalando os olhos e abrindo a boca, ela observou sua aproximação.

— Diga o nome dele: Davis. Chame o cachorro! — ordenou Tom em voz baixa. A urgência daquele sussurro precipitou sua obediência.

— Davis! — Ronnie exclamou o nome do animal com voz trêmula e estridente.

O cachorro parou na frente dela, abanou o rabo e começou a lamber sua mão. O fotógrafo apontou a câmera.

— Sorria — instruiu Tom.

CAPÍTULO 23

Tom, trazer aquele cachorro para cá foi um golpe de gênio. Puro gênio. — Rindo, o senador dava tapinhas no ombro de Tom enquanto eles passavam para a sala de jantar, onde Selma estava dando o toque final na mesa.

Tom observou que a sala não tinha sofrido qualquer alteração desde a época em que ele costumava jantar ali com a família de seu colega, quase duas décadas antes.

O papel de parede ainda era o mesmo, um importado chinês pintado à mão incredivelmente caro. As cortinas eram de brocado em tons de ouro, com longas franjas amarradas com laços para emoldurar as janelas altas. A mobília — uma mesa para dez pessoas, o louceiro, o aparador e o faqueiro — era pesada, muito trabalhada e antiga. Até os pratos usados para compor a mesa pareciam ser os mesmos. A fina porcelana branca com filetes em ouro era quase translúcida de tão antiga. Tom se lembrava de como ele, um estudante universitário remediado jantando com a família rica e distinta de seu colega, tinha medo de quebrar uma das peças simplesmente usando os talheres com muita força. Ele costumava cortar a carne com muito cuidado e dar garfadas como se seu prato estivesse cheio de nitroglicerina.

Nos anos seguintes, Tom tinha mudado muito, mas Sedgely parecia não ter mudado nada.

O senador acrescentou: — O artigo vai ficar ótimo. As fotos também foram excelentes.

Ronnie com aquele cachorro! Maravilhoso!

— Fico feliz que tudo tenha dado certo, senador — disse Tom, dirigindo-se à cadeira que Lewis indicava com um aceno da mão. Ele observou o senador dar a volta na mesa e ocupar a cabeceira. Depois que a dupla da Ladies'Home Journal tinha ido embora, ele, Kenny e Thea haviam sido convidados para almoçar com a família, e todos tinham aceitado.

Agora, vendo-se sentado diretamente à frente de Ronnie, ele desejava ter recusado o convite. Ela conseguia ficar linda e sensual mesmo no vestido recatado escolhido pelo comprador pessoal da Nordstrom's. Reflexos cor de rubi criados pelo lustre brilhavam em seus cabelos, e sua pele parecia tão macia ao toque quanto ele se lembrava. O batom cor-de-rosa sutil realçava seus lábios cheios, do mesmo modo que as linhas modestas do vestido enfatizavam mais do que escondiam seu corpo. Usando somente a maquiagem discreta aprovada pela equipe para acrescentar um toque de classe, seus olhos pareciam cheios de segredos. Ela estava usando as pérolas que ele tirara de seu pescoço no dia em que se conheceram, e ele podia jurar que também estava usando o mesmo perfume provocante.

Ela estava furiosa com ele. Toda vez que seus olhares se cruzavam, a ira emanava dela tão tangível quanto fagulhas de fogos de artifício. Ele esperava que ninguém mais percebesse.

Ela estava olhando para ele agora. Em pé atrás da cadeira, descansando as mãos na madeira ornamentada, seus olhares se cruzaram sobre a mesa.

— HBO e Jefferson Davis — disse ela num tom quase inaudível na agitação da sala. —

Não posso acreditar que estamos lhe pagando para inventar coisas como essas.

Tom deu de ombros. — Cada um tem sua especialidade — disse ele, e sentou-se. Ele não iria entrar numa briga com ela. Não naquele dia, nem no dia seguinte, nem na semana seguinte. Ele ia dar a outra face tantas vezes quantas fosse necessário até que sua raiva se esgotasse e o fogo que ainda ardia entre eles tivesse morrido.

Depois disso, Ronnie o ignorou calculadamente, o que lhe pareceu uma coisa boa naquelas circunstâncias. Mas a rigidez dos músculos de seu rosto e o lampejo ocasional de seus olhos avisavam que a raiva estava apenas controlada. Qualquer um com um mínimo de sensibilidade notaria isso em dois minutos.

Graças a Deus os outros convidados não pareciam ser muito perceptivos.

Selma voltou empurrando um carrinho com os pratos de sopa e distraíndo a atenção de Tom. Concentrar-se na comida era uma boa idéia, decidiu ele. Quando o prato fundo foi colocado a sua frente, ele viu que a entrada era um creme de tomate com uma colherada de nata enfeitado com folhas de endro.

Vermelho-rubi e branco cremoso — as cores de Ronnie.

Droga, concentre-se na comida.

A sopa parecia ótima e cheirava muito bem. Felizmente, seu aroma era forte e apimentado o bastante para se sobrepôr ao perfume sutil que pairava no ar.

Tom se concentrou em comer.

— Bem, depois de usarmos o pobre animal como assessor político por duas horas, imagino que vamos mandá-lo de volta para o abrigo — disse Ronnie acidamente, com a colher na mão. Ela dirigiu a pergunta ao senador, mas antes seu olhar se fixou em Tom por uma fração de segundo. Ele sentiu o impacto como um golpe físico. — Não acha que é um pouco cruel?

O rancor em sua voz era dirigido somente a ele, Tom sabia muito bem. Ele só esperava que ninguém mais percebesse. Um olhar disfarçado em torno da mesa o tranqüilizou.

Se os outros comensais tinham qualquer suspeita de que Ronnie o estava alfinetando, estavam escondendo muito bem. Na verdade, mereceriam Oscars.

Mas nenhum deles sabia representar tão bem. Ele relaxou um pouco.

— Ronnie, meu bem, Sedgely é muito grande. Podemos ficar com ele se você quiser. Um cachorro não pode incomodar tanto assim — O tom do senador era conciliador, seu sorriso para a jovem esposa cheio de charme, embora não parecesse ter o poder de alegrá-la. — Vai ser bom para você ter um animal de estimação.

Começando a comer a salada, que estava tão boa quanto a sopa, Tom se perguntou a respeito da natureza do relacionamento entre Ronnie e o senador. Quase involuntariamente, seu olhar saltou de um para outro. Ela parecia ser fria com o marido, enquanto ele parecia quase juvenil em sua ânsia de agradá-la, o que era perfeitamente compreensível dados os eventos recentes. Afinal de contas, ele fora flagrado traindo a mulher. É claro que ela estava lhe dando um gelo, e que ele queria compensá-la.

A investida de Ronnie sobre ele teria sido parte de uma campanha para punir o senador pelo caso extraconjugal?

Tom não gostou daquela idéia. Ele franziu o cenho para Ronnie sem sequer perceber o que estava fazendo até ela fuzilá-lo com os olhos outra vez.

A salada — não, agora era um sanduíche aberto de frango grelhado — certamente estava ótimo.

Contudo, Ronnie e o senador não agiam como amantes, nem mesmo como um casal em meio a uma séria crise. Quando estavam juntos, ele não percebia qualquer calor.

E, por experiência própria, ele sabia que Ronnie era capaz de gerar um calor considerável.

Como tinha feito muitas vezes desde que a conhecera, Tom se pegou pensando em como o senador e sua esposa seriam na cama. Um homem velho como ele, como uma mulher jovem e bonita como Ronnie certamente ia querer...

A mão que segurava a faca com que ele estava cortando o sanduíche se crispou, e o talher produziu um som desagradável contra o prato.

Imediatamente, ele tentou redirecionar seus pensamentos.

— Eu realmente não gosto de cachorros dentro de casa — disse Dorothy placidamente, e Tom percebeu que eles deviam estar discutindo os prós e contras de manter Jefferson Davis como mascote por algum tempo. — Eles soltam pêlos.

— Eu posso levar o cachorro para minha casa se você quiser — disse ele, contribuindo para a conversa, como se tivesse acompanhado cada palavra. — Vou levá-lo para a casa da minha mãe. Ela tem espaço bastante para um cachorro tão grande.

Sem querer, seu olhar encontrou o de Ronnie. Se a atitude dela em relação ao senador era fria, com ele era o oposto. A raiva ainda

fervilhava em seus olhos. Tome cuidado, ele avisou mentalmente. Não seria bom para nenhum dos dois que o senador ou qualquer outra pessoa suspeitasse que o relacionamento entre eles fosse ou tivesse sido algo mais do que profissional.

— A casa da sua mãe. — As palavras de Ronnie saíram arrastadas, o que para uma garota de Boston era um grande feito. Tom quase sorriu. O antagonismo em seu olhar suavizou-se um pouco, e ele pôde ver que ela se lembrava das horas que haviam passado na fazenda. Naquela tarde, eles tinham sido amigos.

— É uma boa idéia — disse Kenny jovialmente. — Ele vai ter muito espaço para correr.

— Eu não poderia causar este inconveniente para sua mãe. — Ronnie o fitou outra vez, e subitamente a inimizade retornou a seus olhos com força total. Voltando a atenção para o senador, ela sorriu com doçura exagerada. — Que bom que você acha que podemos ficar com ele, Lewis.

Acho que eu gostaria de ter um cachorro.

O olhar que ela fixou no senador era positivamente açucarado. Por um momento, Tom ficou perplexo. Somente então percebeu que Ronnie nunca antes havia tratado o marido com algo mais do que civilidade na sua presença.

Eles eram marido e mulher. Em algum momento, em algum lugar, os dois tinham de gerar algum calor.

O senador já era um homem de idade quando Tom estava na faculdade, ou pelo menos naquela época ele o considerava um homem velho. Sempre pensara nele como o pai rico e influente do seu colega, e durante algum tempo até cogitara tê-lo como sogro. Certamente nunca havia imaginado Lewis Honneker casado com uma garota que ele quisesse levar para a cama.

Era impossível imaginar Ronnie fazendo amor com o senador. Ele não queria nem tentar.

Embora não conseguisse evitar.

O que os dois faziam ou deixavam de fazer no quarto não era da conta dele.

O senador retribuiu o sorriso de Ronnie, deliciado. Tom reconheceu aquela expressão: era o rosto esperançoso de um homem em falta tentando reconciliar-se com a esposa.

E também reconheceu algo mais: o olhar escaldante que Ronnie havia dado ao marido na verdade era direcionado a ele.

Em um lampejo de insight, Tom se deu conta de que os ingredientes para um desastre de grandes proporções estavam reunidos. Se ele não saísse da órbita de Ronnie, mais cedo ou mais tarde a situação iria explodir em seu rosto.

Ele a desejava demais, e saber que a recíproca era verdadeira o excitava quase insuportavelmente.

— Oh, querida, você realmente quer ficar com aquele cachorro? — Dorothy estava contrariada. — Bem, acho que podemos tentar.

— Ele é um ótimo cachorro — disse Kenny. — Vai ser um animal de estimação perfeito.

— Ele não parece ser muito bem treinado — comentou Thea.

— Vamos mandá-lo para um adestrador. — Ronnie sorriu, deslocando a atenção para Kenny. — Você pode providenciar isso, não pode, Kenny? Você parece tão eficiente em resolver problemas.

Ela pestanejou os longos cílios para Kenny, que ficou momentaneamente embasbacado com a voltagem sexual dirigida a

ele.

Minha nossa, aquela mulher era uma ameaça! Ela agora estava flertando com o pobre e desavisado Kenny. E tudo por causa dele, Tom.

Ele queria sacudi-la até seus dentes baterem. Queria beijá-la até ela desmaiar, queria voltar no tempo para o quarto de hotel em Tupelo, rolar por cima dela na cama e amá-la até ela pedir clemência.

Mas mesmo excitado pelas imagens que cruzavam sua mente, ele sabia muito bem que estava na hora de cair fora.

CAPÍTULO 24

Nas duas semanas seguintes, Tom desapareceu da vida de Ronnie, e Kenny tomou seu lugar como assessor onipresente. Sua agenda estava lotada, e ele comparecia à maioria dos eventos oficiais com ela e sua equipe. Geralmente, Thea também os acompanhava. Do modo como os dois se comportavam, às vezes Ronnie tinha a impressão de estar segurando vela. Mesmo na presença de muitas pessoas — não, especialmente quando estava cercada de pessoas —, ela se sentia solitária.

Somente um tolo preferiria trabalhar com Kenny do que com seu sócio desaparecido, Ronnie dizia a si mesma. Como consultores políticos, os dois eram muito diferentes.

Kenny estava sempre alegre, nunca criticava suas roupas, sua maquiagem, seu penteado, seu comportamento ou seus discursos. Ele simplesmente jamais a criticava.

Nas poucas vezes em que fazia comentários sobre algo que ela poderia mencionar em algum evento, era sempre uma sugestão, não uma ordem, e entremeada por muitos elogios.

Kenny era uma companhia agradável, prestativa e pouco exigente.

Ela não sentia a mínima atração sexual por ele, embora o estimasse muito.

À medida que os dias passavam, a pergunta que começou a ocupar sua cabeça a ponto de excluir quase tudo mais era onde estará Tom?

Não suportando mais não saber, Ronnie por fim engoliu seu orgulho e perguntou a Thea, muito casualmente.

— Kenny disse que eles arranjaram alguns outros clientes, e Tom está se ocupando deles.

Você sabe, mapeando estratégias e tudo mais. Acho que eles pensam que você está indo tão bem nas pesquisas que não precisa mais tanto dele.

Eu preciso dele sim, por pouco Ronnie não disse em voz alta.

Para o inferno com as pesquisas. Ela precisava de Tom.

Ele havia telefonado pelo menos uma vez, pelo que ela sabia.

Estava em seu escritório quando o telefone tocou. Era um fim de tarde, não muito depois de Thea ter ido para casa. Não era o telefone da residência, ou Selma teria atendido a ligação, mas a linha particular de Ronnie.

Ela quase acionou a secretária eletrônica, imaginando que provavelmente seria alguém convidando-a para algum evento. Mas no último segundo mudou de idéia e tirou o fone do gancho, perfeitamente preparada para fingir que era a própria secretária se fosse necessário.

— Alô? — disse cautelosamente.

— Ronnie?

Ela teria reconhecido aquela voz profunda e quente mesmo no fundo da caverna mais escura do planeta. Sua mão agarrou o fone com mais força, pressionando-o contra a orelha.

— Tom.

Ela sabia que deveria dizer algo mais, mas no momento parecia capaz apenas de pronunciar o nome dele.

— Por que você está atendendo ao telefone?

É o meu telefone, porque não deveria atendê-lo?, pensou, mas disse: — Thea já foi para casa.

— Oh.

Ela podia ouvir-lhe a respiração, lenta e regular. Ele não parecia ter pressa de falar. A única coisa que ela temia era que ele pudesse desligar.

— Como você está? — ele perguntou após um momento.

— Bem. Estou bem. — Uma idiotice, mas ela não estava conseguindo pensar direito e muito menos manter uma conversa sensata. — E você?

— Ótimo. — Ele respirou fundo. — Bem, eu...

— Onde você está? — ela perguntou apressadamente, apertando ainda mais o fone, a única coisa que os ligava.

— Em Nevada. — Ela percebeu um súbito sorriso em sua voz. — A eleição para governador por aqui está agitada.

— Bill Mayer? — Ela disse o nome do atual governador do estado.

— Não. Matt Grolin, um concorrente, mas ele não parece ter muita chance de efetivamente vencer.

— Nem com a sua ajuda?

Ele fez uma breve pausa. — Puxa, que estranho você me dizer uma coisa tão lisonjeira.

— Eu sei ser lisonjeira.

O timbre da voz dele caiu um pouco. — Eu me lembro bem.

— Tom.

— Hum?

— Você está trabalhando para o candidato ou para a esposa dele?

— Um e outro, conforme o necessário.

A idéia de que ele estivesse orientando alguma outra mulher sobre tudo, desde seus sapatos até seus discursos, não era nada agradável.

— A Sra. Grolin é bonita?

Ele riu. — Muito atraente, para uma mulher de 62 anos.

— Oh. Ótimo.

— Ronnie?

— Sim? — perguntou ela após um instante.

— Kenny está tomando conta de tudo para você? — O que quer que ele pretendesse dizer, não era aquilo. Ronnie percebeu a mudança em seu tom.

— Ele nunca me critica.

— Minha nossa. — Ele riu outra vez.

— Recebi uma cópia daquele artigo da Ladies' Home Journal. Ficou muito bom.

— Eu sabia que ficaria. Como está Davis?

— Grande e peludo. — A voz seca de Ronnie traiu seu desagrado.

— Ele ainda está em Sedgely?

— Sim. Selma está indo com ele às sessões de treinamento. Ele tem pulgas, quer pular no meu colo o tempo todo e não pára de me lambe. Acho que está procurando outro pedaço de presunto.

Tom continuava a rir. — Cachorro esperto.

— Você não diria isso se ele estivesse pulando em você.

— Onde estão todos?

— Como eu disse, Thea foi para casa; Kenny também. Dorothy está jogando bridge, Selma está em algum lugar da casa, e Lewis está em, vejamos, Friar's Point, inaugurando um monumento.

— Como está o senador? — Houve uma súbita mudança na voz de Tom. A simples menção ao seu marido erguia uma barreira entre os dois, e Ronnie desejou poder retirar as palavras.

— Lewis está bem.

— Na verdade, foi por causa dele que liguei.

— Oh? — A voz dela esfriou um pouco.

— Sim. Depois que desligarmos, vou passar um fax com algumas idéias para um comercial de televisão. Ele pediu sugestões de pontos para usar contra Orde.

— Se você queria falar com Lewis, por que não ligou para os escritórios dele? Ele tem três, no andar de baixo, no centro da cidade e em Washington.

— Eu tentei os três, mas ninguém atendeu.

— Entendo. — Ronnie respirou fundo. — Então você teve de se contentar em ligar para mim. Foi muita sorte me encontrar aqui.

— É, eu tive sorte.

— Acho melhor desligar para que você possa passar o fax.

— Ronnie...

— Sim?

Uma ligeira hesitação. — Você está certa. É melhor desligar.

— Muito bem, então. Adeus.

— Até logo.

Ronnie afastou o fone de seu ouvido e o fitou por um instante. Ela queria dizer... o que era mesmo que ela queria dizer? Quando você vem para casa? Você está vindo para casa?

Mas não podia. Ele sequer tinha ligado para falar com ela. Tom não queria nada com ela, porque ela era uma mulher casada e ele não era um idiota.

Seu idiota!

Ela pôs o fone no gancho.

E quase começou a chorar.

Ela teria chorado, se não se recusasse terminantemente a deixar um idiota como Tom Quinlan reduzi-la às lágrimas.

Além dos compromissos de campanha, Ronnie tinha muito a fazer. Viajou com Lewis para o funeral de um colega do senado que havia morrido na queda de seu avião particular, e ficou fora por dois dias. Ela fazia parte da diretoria de diversas organizações, todas as quais tinham reuniões.

Boa parte do seu tempo era consumido na preparação da Competição Internacional de Bale, que acontecia nos EUA a cada quatro anos e teria sede em Jackson naquela edição. Os planos para a festa de aniversário de Lewis também estavam em andamento. Alguém tinha de supervisionar tudo, e Dorothy se cansou mais rapidamente do que no ano anterior, deixando a tarefa para Ronnie. Com tanta coisa acontecendo, poderia se deduzir que ela não teria um segundo para pensar em Tom. Não era verdade.

Ela achava, ou melhor, esperava que ele não fosse perder a festa de Lewis. Estava quase certa de que ele viria. Praticamente nenhum dos convidados deixava de comparecer ao evento anual.

Na quarta-feira antes da festa, a confirmação de Tom finalmente chegou pelo correio, junto com várias outras. Para simplificar, eles tinham começado a incluir cartões de resposta nos convites, como era feito para os casamentos.

O convite dele fora endereçado ao sr. Thomas S. Quinlan e acompanhante.

A confirmação dizia que duas pessoas iriam à festa.

Será que ele ia trazer a namorada, aquela com quem Thea havia dito que ele estava pensando em se casar? A idéia não agradou a Ronnie, e ela percebeu que estava com ciúmes de uma mulher que nunca tinha visto. A namorada de Tom. Simplesmente formular as palavras em sua mente a perturbava.

Mas pelo menos ele viria.

Pensando melhor, ela pouco se importava se ele viesse com um time inteiro de top-models, desde que viesse.

Toda a sua animosidade em relação a ele havia desaparecido. A única coisa em que ela conseguia pensar era o quanto queria vê-lo outra vez.

CAPÍTULO 25

Sábado, 23 de agosto

Na noite da festa, Ronnie passou muito tempo se preparando. Estava nervosa, o que não era comum para ela. Não era a perspectiva dos mais de 500 convidados que a deixava inquieta, nem o fato de que a imprensa estaria presente como todos os anos para registrar as festividades, e nem mesmo a lembrança das dezenas de coisas que poderiam dar errado.

Ela certamente não estava preocupada com sua aparência: sabia que estava bonita. Estava usando um vestido vermelho-sangue de Isaac Mizrahi, bordado com centenas de pedras de cristal que cintilavam com cada movimento seu, de alças finas e decote pronunciado. Do colo até logo acima dos joelhos, agarrava-se ao seu corpo como uma segunda pele, destacando cada curva, e do joelho para baixo, abria-se numa cascata, de babados em estilo flamenco. O vestido por si só já era imponente, e usado com sandálias de cetim vermelho com salto-agulha de 10 cm e um delicado conjunto de colar e brincos de diamante, era simplesmente arrasador.

Tom provavelmente diria que o traje era sensual demais para a esposa de um senador.

Com um pequeno sorriso, Ronnie admitiu para si mesma que daquela vez ele estaria certo.

Olhando para seu reflexo no imenso espelho que cobria uma parede inteira de seu closet, ela ficou satisfeita com o que viu. Seus cabelos estavam presos num coque francês não muito apertado, com alguns cachos soltos emoldurando-lhe o rosto. Os olhos tinham sido delineados de leve com lápis e esfumados com a sombra cinza-chumbo que era sua favorita, antes que as pesquisas a obrigassem a adotar os tons terrosos. Exceto pelo toque de blush, que acentuava as maçãs do rosto, sua pele estava branca como leite e tão perfeita quanto a porcelana mais fina. O

batom era do mesmo vermelho-vivo do vestido.

Ela estava linda, e sabia disso.

A banda começou a tocar um pouco antes de Ronnie sair do quarto. A noite acabara de cair, uma linda noite quente do final de agosto. Tudo estava em ordem. A festa estava começando.

Ela sabia que Lewis estaria do lado de fora recepcionando os convidados. Loquaz por natureza, ele estava em seu elemento como a estrela de uma grande comemoração.

Era quase certo que Dorothy também estaria lá fora, fazendo as honras da anfitriã tão bem ou melhor do que Ronnie. Marsden e sua esposa, Evangeline, estariam ocupados circulando e assegurando o total conforto dos convidados, assim como Joanie, Laura e seus maridos. A festa de Lewis era um grande evento anual, que não parava de crescer. Todos os membros da família tinham papéis a desempenhar e, com anos de experiência, faziam-no sem esforço.

Ronnie era a novata. Ela sabia que se ficasse em seu quarto, poucos sentiriam sua falta.

Em outros anos, durante outras festas, ela odiara ser o centro das atenções. Noventa por cento daquelas pessoas tinham sido amigas de Eleanor.

Mas não naquela noite. Uma dúzia de malucas armadas com baldes de tinta não conseguiriam mantê-la em seu quarto.

Naquela noite, ela iria descer a escadaria principal com os babados farfalhando em torno das pernas e um frio na espinha.

Porque Tom estaria lá.

CAPÍTULO 26

A banda estava tocando "Você me deixa sem fôlego" quando ele a viu. Naquelas circunstâncias, a canção não poderia ser mais adequada, mas ele teve a sensação de ter sido chutado no estômago por uma mula. Tinha ido à festa pensando que estava muito bem armado contra ela.

Ao vê-la, soube que estava errado.

Ela literalmente o deixou sem fôlego, pois ele se esqueceu de respirar enquanto a admirava.

Por um momento, ela parou na varanda dos fundos, observando a multidão de convidados.

Depois desceu os degraus, a cabeça altiva, o corpo esguio ereto. Os flashes dos fotógrafos começaram a explodir como fogos de artifício em torno dela. Aquela luz e a das centenas de lanternas japonesas penduradas nas árvores pareciam ser absorvidas pelos cristais vermelhos do vestido quando ela se movia, transformando-o numa coluna de chamas vivas. Seus cabelos estavam presos para cima, expondo o pescoço fino, os ombros e boa parte do colo branco. Seus olhos estavam enormes; a boca, carmim. Faíscas cintilavam em torno de seu pescoço e das orelhas.

Fogo e gelo. A perfeita definição de Ronnie.

— Quem é ela? — perguntou Diane, que devia ter seguido seu olhar, pois assim como ele fitava Ronnie com uma ligeira expressão de espanto. A doce e querida Diane, que também estava muito bonita naquela noite num vestido de cetim azul, com os cabelos loiros penteados no salão de beleza e a maquiagem rosada de bom gosto.

— É a Sra. Honneker — disse Tom laconicamente, arrancando os olhos de Ronnie e do burburinho em torno dela para olhar para sua acompanhante. — Você quer mais um drinque?

— A Sra. Honneker? — A voz de Diane subiu uma oitava, e ela ignorou completamente seu oferecimento, como se suspeitasse que não passava de um artifício para distraí-la.

Sua cabeça girou, e Tom presumiu que ela estava acompanhando o avanço de Ronnie em meio à multidão.

— A mulher do senador? — Ela revirou os olhos e assentiu. — É claro que é ela. Agora entendo as coisas que dizem por aí. Nas fotos que eu havia visto, ela parecia muito mais discreta.

— Ela deve ter decidido exagerar hoje à noite. — Tom se esforçava para parecer indiferente, recusando-se a desviar os olhos da namorada.

— Não quer dançar?

Sem esperar a resposta, ele depositou o copo pela metade de Diane junto ao seu numa mesa vizinha e puxou-a para a pista de dança. Uma das três pistas, na verdade, todas as quais estavam começando a ficar cheias.

"Você me deixa sem fôlego..."

Mas isso não acontecia com Diane. Segurando-a nos braços, seus seios pressionando-lhe o peito e as coxas tocando as suas, Tom não sentia nada. Absolutamente nada.

Exceto um desejo doloroso e urgente por Ronnie, que fora engolida pela multidão.

Duas horas se passaram antes que ele a visse outra vez. Ele e Diane se juntaram a Kenny e Ann, caminhando pelo jardim, desfrutando a festa mais como observadores do que como participantes. Tentando ser discreto, ele tinha conseguido mantê-los afastados da tenda principal, onde o bolo de aniversário do senador foi cortado, brindes foram feitos e toda a comemoração estava concentrada. Aquela era uma estratégia da parte de Tom: ele queria tempo para esfriar a cabeça antes de se encontrar frente à frente com Ronnie.

Ele teria ido embora se conseguisse pensar num bom motivo para isso. Mas não conseguia.

A noite estava quente e enluarada, a comida estava ótima, a música, agradável.

Três imensas tendas brancas tinham sido armadas no gramado dos fundos. O bufê estava na tenda da esquerda, o bar, na da direita, e o extravagante bolo de aniversário, na do centro. A banda tocava num coreto próximo ao grande pátio de pedra que ficava junto à casa, mas a música chegava a toda parte por meio de um elaborado sistema de som. Para além das tendas, o terreno em declive, com platôs decorados como áreas de descanso era cortado por caminhos de tijolos ladeados por cercas-vivas de cinqüenta anos de idade. Tochas de citronela queimavam por todos os lados, criando uma atmosfera exótica ao mesmo tempo em que espantavam os insetos. Touceiras de marias-sem-vergonha vermelhas e cor-de-rosa circundavam quase todas as árvores, e um pequeno canteiro de rosas com uma fonte borbulhante no centro formava o núcleo de outro pátio de pedra transformado em pista de dança.

Foi lá que Tom encontrou Ronnie.

Andando distraidamente por um dos caminhos, ele foi saudado por Marsden, que o chamou. Seu ex-colega estava com a esposa,

Evangeline, uma loira gorducha que Tom não conhecia muito bem, e sua irmã Joanie, com o marido.

— Tom! — Joanie o cumprimentou com um abraço. Era estranho pensar que eles quase se casaram, já que mal se lembrava dela. Joanie devia estar com mais ou menos 30 anos, ele estimou.

Seus cabelos estavam tão escuros quanto antes, só que agora eram curtos ao invés das longas mechas da adolescência, e seu corpo era ainda mais magro e atlético do que quando ela era uma garota.

— Você está ótima — disse ele com sinceridade.

Ela o examinou de cima a baixo. — Você também. — Olhando para o marido alto, careca e sorridente ao seu lado, acrescentou: — Você se lembra de Syd?

Tom não se lembrava, mas assentiu e apresentou Diane, Kenny e Ann. Os três velhos amigos passaram alguns minutos trocando notícias sobre suas vidas e famílias, exclamando ao ouvir as idades e o número de filhos que cada um havia produzido.

Então Marsden cutucou Tom, puxando-o para fora do círculo da conversa.

— Quero que você veja uma coisa — disse em voz baixa. Virando-se, Tom olhou na direção que Marsden indicava, e sentiu suas entranhas se contorcerem outra vez.

Ronnie estava dançando de costas para eles. As lanternas de papel a banhavam numa suave luz amarela. Seu cabelo vermelho-escuro parecia cheio e macio no coque, que deixava a pele branca de sua nuca e do topo das costas nua exceto pelos diamantes em torno do pescoço. O fogo do vestido começava logo abaixo dos ombros e contornava seu corpo até os joelhos, onde se abria em urna cascata de babados. Com cada passo, seus quadris oscilavam um convite.

Com ela estava um homem que Tom não conseguiu identificar, embora pudesse jurar que o conhecia de algum lugar. Tinha altura média, era um pouco corpulento, o cabelo castanho-claro tinha corte militar, e o smoking parecia apertado nos ombros largos. Ele estava com um dos braços em torno da cintura de Ronnie, segurava uma de suas mãos com muita força e olhava para ela com um sorriso indecente.

— Quem é o sujeito? — perguntou Tom, tendo o cuidado de manter a voz neutra.

— É o senador Beau Hilley, do Texas. Presidente da Comissão de Orçamento, provável candidato à presidência pelo Partido Republicano em 2000, talvez o próximo presidente dos EUA.

— Marsden balançou a cabeça. — Um imbecil. São onze da noite e ele já bebeu demais. Você não tem a impressão de que ele quer traçar a minha querida madrasta ali mesmo na pista de dança?

— Ele é casado, não é? Onde está a esposa dele? — perguntou Tom, evitando responder diretamente. Qualquer um que não fosse cego ou míope iria concordar com Marsden.

Embora Tom nunca tivesse trabalhado para Hilley, eles já haviam sido apresentados e, como era regra no pequeno mundo da política, já ouvira falar muito dele. Era milionário por esforço próprio, legislador habilidoso, ambicioso, cheio de iniciativa. Tinha dois pontos fracos: o álcool e as mulheres, e ambos estavam à mostra naquele momento.

— Está lá, com papai.

Um aceno de cabeça de Marsden fez Tom olhar para a esquerda. Sem dúvida nenhuma, lá estava o senador, dançando com uma loira atraente num vestido azul-noite.

— Dá para acreditar naquela vadia? Aposto que ela seria capaz de dar até para uma árvore.

O olhar de Tom voltou para Marsden. Ele tinha levado apenas um segundo para se dar conta de que "aquela vadia" era Ronnie, e mais um segundo para perceber que não tinha o direito de fazer nada a respeito.

— Para mim, parece que eles estão só dançando. — Dito em um tom leve o bastante, ainda era uma crítica, embora não a que ele teria preferido.

Marsden resmungou: — Dá para ver exatamente por que o papai se casou com ela, não é mesmo? Eu não me importaria de tirar uma casquinha se ela não fosse minha nova mamãe.

— Mas ela é. — As palavras saíram ríspidas. A raiva corria pelas veias de Tom quente como lava. Ele não perdia a paciência com freqüência, mas se sentia prestes a perdê-la agora.

Refreou o impulso de dar um soco em Marsden, depois invadir a pista de dança e fazer o mesmo com o parceiro de Ronnie.

Marsden suspirou. — Bem, é melhor separar aqueles dois antes que as coisas fujam do controle. Não queremos ter problemas com Hilley, e esta é uma situação delicada. Se a madrasta o rejeitar, ele vai ficar furioso. Se a madrasta não o rejeitar, e eu tenho a impressão de que ela não rejeita nada que use calças, papai vai ficar furioso se descobrir. De um jeito ou de outro, não precisamos disso hoje. A imprensa e os doadores de campanha estão aqui.

Ele deu um passo na direção da pista de dança e Tom o deteve, puxando-o pelo braço.

— Deixe que eu faço isso — disse, e começou a andar na direção de Ronnie.

Aquilo era um erro, e Tom sabia, mas do modo como se sentia naquele momento, Marsden só iria encostar as mãos em Ronnie por cima do seu cadáver. Aliás, ninguém ia encostar as mãos em Ronnie, exceto ele.

Déjà vu, pensou ironicamente enquanto batia de leve nas costas do senador salivante.

— Com licença, senador — ele disse quando o homem se virou e lhe deu um olhar irritado. — Há um telefonema urgente para o senhor lá dentro.

— Urgente? — Hilley franziu a testa e parou de dançar.

— Urgente — confirmou Tom, apossando-se da mão de Ronnie. Seus dedos eram delicados e sedosos contra os dele. Aquele maldito perfume já estava enchendo suas narinas quando ele a puxou para si.

Hilley olhou na direção da casa. — Com licença, Ronnie, vou atender esta ligação e já volto. Não desapareça.

— Não vou desaparecer, senador — ela prometeu, já passando para os braços de Tom.

— Beau. Você pode me chamar de Beau.

— Beau — disse Ronnie olhando para trás com um sorriso.

— Você flerta com todos os homens que encontra? — perguntou Tom, com uma ponta de exasperação na voz quando seus olhares se encontraram. A cintura de Ronnie era firme e flexível sob sua mão, e os seios que tocavam seu peito ameaçavam incendiá-lo. Suas coxas tocaram as dela, e ele lutou como nunca para não deixar transparecer o que sentia para o que ele sabia ser uma platéia de observadores interessados. Para o bem dela e dele mesmo.

— Está com ciúmes? — perguntou ela, erguendo as sobrancelhas provocativamente.

— Sim. — Tom ficou surpreso ao escutar a si mesmo admitindo aquilo. A palavra sinalizava rendição. Sua mão ficou tensa nas costas de Ronnie, e os dedos se cravaram no tecido macio do vestido para sentir-lhe a pele. Mais uma vez, ele teve de se lembrar que não estavam a sós.

— Ótimo — ela disse, e então sorriu com uma doçura lenta e fascinante, olhando dentro dos olhos dele. — Olá, Tom.

Aquele sorriso lhe causou mais dor do que um soco no nariz. Ele mal pôde continuar dançando.

— Olá, Ronnie. Ainda está brava comigo?

Ela balançou a cabeça negativamente. — Eu senti sua falta.

— Eu pensei que Kenny nunca criticava você.

— Ele não critica. Mas senti sua falta mesmo assim.

— Fico feliz em saber. — Ele girou com ela de modo a ficar de costas para o público, com medo do que um observador mais atento poderia ler em seu rosto. — Você está linda!

— Obrigada. Pensei que você iria achar este vestido sensual demais. Ele sorriu, os olhos deslizando por todas as partes de seu corpo que ele podia ver. — E certamente é.

— Mas você não vai me passar uma descompostura, vai?

— Eu me dei esta noite de folga.

— Oh. Havia mesmo um telefonema para o senador Hilley?

— Não.

— Eu imaginei. — Ela sorriu para ele outra vez. Olhando nos olhos dela, Tom sentiu seu corpo estremecer. Não era apenas o fato de que ela estava linda, embora estivesse, tampouco o fato de que ele a desejava, embora desejasse. Ele tinha a sensação de que ela lhe pertencia.

Embora não pertencesse.

— Muitas pessoas estavam observando você dançar com Hilley, e posso apostar que agora estão observando você dançar comigo. Portanto, tenha cuidado. — Era difícil lhe dar aquele conselho quando o que ele mais queria era tomá-la nos braços e beijá-la ali mesmo na frente de todos.

— Estou cansada de ter cuidado.

— Infelizmente, às vezes é necessário.

— Por que você sumiu?

Tom riu com mais amargura do que humor. Ele poderia dizer que o trabalho assim o exigira, mas não seria verdade. Pelo menos não a verdade relevante, e ela saberia tão bem quanto ele.

— Você sabe a resposta.

— Então por que voltou?

— Porque não consegui evitar. — Com alguma surpresa, ele percebeu que tinha sido absolutamente sincero. Enganava-se achando que tinha ido à festa porque era seguro, porque sua atração por ela estava bem controlada. Na verdade, ele exultara com o pretexto fornecido pelo convite, pois simplesmente não conseguia mais ficar longe dela.

Tinha de vê-la outra vez.

— Vi que você trouxe sua namorada.

Ronnie não tinha olhado na direção de Diane, não que Tom tivesse notado, e ele duvidava que tivesse perdido algum de seus movimentos desde que a localizara na pista de dança. Ela devia ter identificado Diane antes de Marsden ter chamado sua atenção para a situação com Hilley, e Tom se perguntou o quanto daquele flerte com o senador teria sido por causa dele.

— Está com ciúmes? — ele repetiu sua pergunta.

— Sim.

— Ótimo. — Rodopiando com ela para um ponto mais isolado, ele sorriu e a apertou nos braços um milímetro mais.

— Ela é muito atraente.

— Obrigado.

— Aposto que ela é uma mulher direita.

— Sim, ela é muito direita.

— Vai casar-se com ela?

Os olhos de Tom se estreitaram. — O que você acha?

— Acho que você estaria cometendo um erro. -

— Por quê?

— Porque ela não o excita. — Os olhos de Ronnie acariciaram o rosto dele com ternura, e um pequeno sorriso curvou os cantos de sua boca. A mão dela em seu ombro parecia queimar o tecido do smoking e da camisa como se fosse feita de fogo líquido.

— Como você sabe disso?

— Não é verdade?

— Eu não vou responder a essa pergunta.

— Ela não o excita. — Ela baixou os olhos, depois o encarou outra vez. — Diga a verdade, Tom.

Ela estava sendo implacável. — Podemos não falar sobre Diane, por favor?

— Por que não?

— Porque ela não tem nada a ver com isso.

— Você quer dizer conosco?

— Você sabe que é disso que eu estou falando.

— E será que podemos falar sobre nós?

— Parece que sim, não é?

— Você não parece muito feliz com isso.

— Eu não fiquei feliz quando peguei catapora quando era criança, mas não havia, nada que pudesse fazer além de me coçar.

Ronnie sorriu. — Está me comparando a uma catapora?

— Você é pior. Eu me recuperei da catapora em uma semana.

— Tom! — Houve uma mudança sutil em seu tom de voz, e um ligeiro vinco surgiu na pele lisa entre suas sobrancelhas.

— Hum?

— Lewis está vindo para cá. Acho que ele quer trocar de parceira. A mão de Tom apertou a dela com possessividade instintiva, mas era

inútil.

Ele teve de entregar a mulher que queria para o homem a quem ela pertencia.

E teve de fazer isso com um sorriso.

CAPÍTULO 27

Tom largou a mão de Ronnie e se afastou dela, sorrindo para a Sra. Hilley enquanto Lewis tomava a esposa nos braços. Eles não tinham dado dois passos quando a música parou. Aliviada, Ronnie se desvencilhou de Lewis e andou até onde os filhos de seu marido estavam conversando com Kenny e a mulher — e a namorada de Tom.

Tom seguia Lewis de perto. Ronnie não teve de olhar para trás para saber. Ela parecia ser capaz de perceber a presença dele com suas terminações nervosas.

A namorada era bonita. Ronnie não esperava que não fosse. Estava usando um vestido de cetim azul-claro que caía reto até os pés, sem mangas, mas nada revelador, e um único fio de pérolas. Seus cabelos batiam na altura do queixo, enrolados para dentro nas pontas, num penteado elegantemente simples. Seu nariz era pequeno e reto, o queixo quadrado. A boca carnuda provavelmente era seu traço mais interessante; o pior eram os olhos pequenos demais. Embora ainda estivesse muito distante para ter certeza, Ronnie podia apostar que eles eram azuis.

Uma loira de olhos azuis vestida de azul. Segura, previsível e tediosa.

Tom merecia mais.

A esposa de Kenny também era loira, mas seus cabelos eram mais longos e bufantes, para combinar com suas formas arredondadas.

Estava usando um vestido tomara-que-caia longo, com o corpo em preto e a saia em branco, que lhe caíria melhor se as cores fossem invertidas. Kenny estava dizendo alguma coisa para ela que a fazia rir, e sua mão se fechava possessivamente em torno do braço do marido.

Marsden tinha um brilho nos olhos e a boca levemente retorcida enquanto observava o pai e a madrasta se aproximarem. Ronnie sabia o que ele pensava dela, e também sabia que ele adoraria levá-la para a cama.

Havia tanta chance disso acontecer quanto de alienígenas invadirem a terra. Ela desprezava Marsden tanto quanto ele a desprezava. Não, mais, porque ela não sentia o mínimo grau de desejo por ele.

A esposa de Marsden, Evangeline, sempre mimetizando o marido, estava torcendo seu pequeno nariz de pug quando Ronnie se aproximou, como se captasse um cheiro desagradável.

O olhar de Syd era abertamente de admiração, enquanto o de Joanie era ao mesmo tempo invejoso e especulativo, fixando-se em Ronnie e depois em Tom. Ronnie se lembrou que a filha de Lewis quase tinha noivado com ele, e se perguntou se ela ainda teria um radar particularmente sensível no que dizia respeito ao ex-namorado. Ela não ficaria surpresa se Joanie percebesse a tensão que parecia formar um arco entre ela e Tom como uma corrente elétrica, quente o bastante para aquecer o ar.

Lewis parou ao lado dela em frente ao grupo, deslizando um braço em torno de sua cintura. Sorrindo, Ronnie lutou contra o desejo de se livrar dele.

A cada dia que passava, tornava-se mais difícil suportar os toques de Lewis.

— Olá, papai — Joanie cumprimentou, colocando a mão no braço de Lewis e ficando na ponta dos pés para beijar seu rosto. — Sinto

muito não ter visto você cortar o bolo. Feliz aniversário mesmo assim.

— Obrigada, querida. Onde você estava?

Quaisquer que fossem seus defeitos como marido, Lewis era um pai afetuoso, e Ronnie tinha de admitir que ele amava seus três filhos, que o retribuía com devoção.

— Cárter está com otite outra vez. Você sabe como é. — Cárter era a filha de quatro anos de Joanie.

— Pobrezinha.

— Já conhecem a Sra. Hilley? — perguntou Tom, quando o par se juntou a eles. Ele passou por Ronnie e parou a apenas alguns passos de distância na frente dela, ao lado de Diane, segurando sua mão.

Ronnie ficou surpresa ao perceber o quanto não gostava daquilo. Todos cumprimentaram a Sra. Hilley.

— Diane, Ann, acho que vocês não conhecem o senador e a Sra. Honneker. Esta é Diane Allbright, e a esposa de Kenny, Ann Goodman — Tom prosseguiu com as apresentações.

— Muito prazer. — Sorrindo, Ronnie cumprimentou as duas.

— Então esta é a sua mulher. — Depois de apertar a mão de Ann, Lewis se virou para Diane, medindo-a de cima a baixo. Para Tom, acrescentou: — Vejo que você ainda tem bom gosto.

— Obrigada, senador — disse Diane com uma risada. Tom apenas sorriu.

Ronnie, atizada pelo que sabia ser um ataque de ciúmes totalmente infundado, virou-se para Ann e disse: — Gostei muito de trabalhar

com seu marido.

Kenny deu uma risadinha. — Ela só diz isso porque eu sou bonzinho demais. É verdade, eu admito.

Ronnie sorriu para ele. — Bonzinho e adorável.

Lewis olhou para Tom. — Ouvi dizer que você é que é o carrasco.

— Foi por isso que o contratamos, papai — intrometeu-se Marsden.

— Acho que eu não me descreveria exatamente assim — disse Tom.

— Vamos perguntar a Ronnie. — Joanie se virou para sua madrasta.

— É ela quem deve saber. Que você acha, Tom é um carrasco?

Havia um toque de malícia na pergunta, pensou Ronnie cogitando outra vez se a filha de Lewis teria percebido algo entre ela e Tom.

Ronnie olhou para ele, como se refletisse sobre a pergunta de Joanie. Era difícil manter-se casual e relaxada. Ele estava de dar água na boca em seu smoking preto, com os cabelos loiros brilhando à luz das lanternas e os olhos muito azuis. Seu rosto estava impassível, a expressão ligeiramente defensiva quando seus olhares se encontraram.

Ela lutou contra si mesma para não sorrir para ele.

— Sem dúvida nenhuma — disse, sabendo que uma resposta muito cautelosa seria um erro.

Tom assentiu para ela. — Muito obrigado.

— Não há de quê. — Por alguns segundos, ele se entreolharam, depois Tom voltou sua atenção para a Sra. Hilley, perguntando educadamente sobre sua família.

Ronnie olhou para a Ann Goodman. — E seu marido não é bonzinho demais. Ele é apenas um grande cavalheiro.

— Ele nos arranhou um cachorro inacreditável — disse Lewis.

— Ele lhe deu um cachorro? — Ann parecia surpresa.

— Enorme. Seu nome é Davis. Ronnie gosta muito dele.

Ronnie riu ao ver a expressão horrorizada no rosto de Ann. — De fato, sou muito grata a Kenny por nos trazer Davis. Ele deve estar em algum lugar por aí.

— Está preso no porão — disse Marsden. — Selma disse que ele estava de olho no bufê.

— Provavelmente estava mesmo. — O tempo todo, enquanto sorria e conversava, Ronnie estava totalmente consciente da presença de Tom a menos de um metro de distância.

Seu olhar se voltava para ela de tempos em tempos, e Ronnie sentia seu calor antes que ele voltasse para a Sra. Hilley.

A mão dele ainda segurava a de Diane, mas Lewis também continuava a enlaçar sua cintura.

Ronnie se perguntou se Tom detestava as mãos de Lewis sobre ela tanto quanto ela odiava a mão dele em Diane.

— Na verdade, o cachorro foi idéia de Tom. Eu só tive de fazer o trabalho sujo — disse Kenny.

— Tom sempre foi bom em convencer outras pessoas a fazerem o trabalho sujo por ele —

disse Joanie, com ar de reminiscência. Ela olhou para Marsden com um sorriso animado. — Você se lembra quando ele perdeu o caderno de Química na noite antes da prova final e fez você ligar para a

professora e dizer que ele teve de viajar porque sua mãe fora atropelada e estava morrendo?

Marsden riu. — Com certeza, eu me lembro.

Tom ameaçou: — Não comecem a desenterrar histórias da faculdade, a não ser que vocês queiram que eu retribua.

Os três se entreolharam e depois riram. Ronnie lembrou a si mesma que Marsden e Joanie eram velhos amigos de Tom, um dado que ela tendia a esquecer.

Na verdade, um dado que ela preferia esquecer.

— Você conhece Tom há muito tempo? — ela perguntou educadamente a Diane.

— Há mais ou menos dez anos. Eu era colega de trabalho de... — neste ponto, Diane se deteve, olhando em dúvida para Tom.

— Sandra — ele completou com voz seca. — Tudo bem, Diane. Você pode mencionar minha ex-mulher.

Ronnie não sabia que o nome dela era Sandra. De repente, ficou curiosa. — Colega de trabalho? O que você faz?

— Sou professora de 4ª série.

— Deve ser fascinante. — Então, a esposa infiel de Tom era professora. Ela olhou de relance para ele.

— Na verdade, não. Vinte e três crianças de 10 anos de idade podem ser muito cansativas.

Eu espero aposentar-me em breve.

— É mesmo? — "Quando se casar com Tom?" era a pergunta que queimava a ponta da língua de Ronnie, mas ela se conteve. Não

sabia se Diane esperava casar-se com ele.

Um rápido olhar para a mão de Tom ainda segurando com naturalidade a da outra mulher esclareceu sua dúvida: claro que sim. Eles estavam juntos há muito tempo.

A banda começou a tocar outra vez.

— Lucy, gostaria de dançar? — Lewis se virou para a Sra. Hilley.

— Gostaria sim, obrigada. Foi um prazer conhecê-los. — Ela sorriu para o grupo e deixou Lewis conduzi-la à pista.

— Eu odeio ter de interromper a conversa, mas você, Joanie e Ronnie deveriam estar circulando — Tom disse a Marsden. — Esta é uma noite de trabalho para vocês.

— Ele está certo. — Marsden olhou para a irmã e depois para a esposa. — Venha, Evangeline, vamos ver se conseguimos encher um pouco mais o cofre da campanha. — Ele pegou a mão da esposa e começou a puxá-la. — Vejo vocês mais tarde.

— Esta festa me deu um trabalhão desde o início — Joanie suspirou.
— Acabou a diversão, Syd, vamos circular.

Ronnie ficou com seus consultores políticos e suas acompanhantes. Ann estava cantarolando junto com a banda.

— Vamos dançar, benzinho — Kenny disse a ela, e pedindo licença, eles se dirigiram à pista.

Tom olhou para Ronnie por cima da cabeça de Diane. Ela pôde ler seus pensamentos tão claramente como se ele tivesse falado em voz alta.

Ele queria dançar com ela, mas ia dançar com sua namoradinha. .
Covarde, pensou.

Depois, baixou os olhos e sorriu para Diane.

— Vocês dois, divirtam-se. Acho que vou entrar na casa por um instante. Estou com começo de dor de cabeça.

Ela olhou para Tom outra vez. — É engraçado, mas quando estamos dando uma festa, o único lugar em que consigo um pouco de paz e silêncio é no meu escritório.

Ele captou a mensagem. Ela sabia que sim, podia ver em seus olhos. A questão era o que ele iria fazer. Ele a seguiria se quisesse ficar a sós com ela tanto quanto ela queria ficar com ele.

— Foi um prazer conhecê-la, Sra. Honneker — disse Diane.

— Por favor, me chame de Ronnie — ela pediu com um sorriso. — Também foi um prazer conhecê-la. Qualquer amigo de Tom é nosso amigo também.

Com um aperto de mão e outro sorriso para Diane e um olhar sério para Tom, ela se dirigiu para casa.

Na cozinha, falou rapidamente com os banqueteiros, que estavam repondo freneticamente as bandejas sob o olhar de águia de Selma, e pegou um copo d'água.

— A festa está ótima, Sra. Lewis — disse a empregada com um sorriso. — A banda é mesmo maravilhosa.

— Você deveria ir para lá e dançar um pouco.

— Eu já fiz isso, e vou fazer de novo assim que tiver certeza de que os camarões estão frios e os salgadinhos estão quentes. Estes patetas trocaram as bandejas da última vez, e colocaram os camarões em cima de um prato aquecido.

— Minha nossa! Bem, fico feliz por você ter se dado conta — disse Ronnie, terminando de beber e colocando o copo na pia.

— Eu estou de olho em tudo, não se preocupe. — Selma falou com determinação. Ronnie sorriu e a deixou com seus afazeres.

Cantarolando enquanto subia a escada, ela sentiu aquele frio na barriga outra vez.

O que faria se Tom não viesse?

Escutou a porta da frente se abrir, e o som de vozes masculinas. Olhando para baixo, viu Lewis e Beau Hilley entrando no hall e andando na direção do escritório de Lewis, na ala leste da casa. Eles pareciam absortos numa discussão séria, que ela não tentou escutar porque não estava interessada em nada que eles pudessem dizer um ao outro. Levantando a barra do vestido, ela subiu os últimos degraus correndo.

— Ronnie, meu bem, é você? — chamou Lewis.

Sabendo que tinha sido apanhada, Ronnie se deteve no alto da escada e virou-se para sorrir para os dois homens, que tinham interrompido a conversa para olhar para ela.

— Eu só entrei para resolver algumas coisas, Lewis. Está se divertindo, senador Hilley?

— Beau — corrigiu ele, com um sorriso lento, quando seu olhar encontrou o dela. Ronnie sabia o que aquela expressão no rosto do homem significava, e não gostava nem um pouco. Mas continuou a sorrir. Ele estava bêbado e era nojento, mas também era um senador importante e poderoso, e amigo de seu marido. Desde que apenas olhasse, sem tocar, estaria tudo bem.

— Beau — ela repetiu.

— Como eu estava dizendo, Lewis, foi uma coisa muito estranha: quando cheguei aqui em cima, não havia telefonema nenhum. Ninguém sabia de nada. O seu homem me deve explicação.

— Ele deve ter se enganado — disse Ronnie. — Bem, se vocês me dão licença, vou deixá-los à vontade para terminarem sua discussão.

— Vai levar apenas alguns minutos. Depois, por que você não volta para a festa conosco?

Aquela banda é muito boa — convidou Hilley olhando para Lewis, ele disse:

— Você já disse para sua esposa que só trabalhar sem se divertir torna as pessoas chatas?

— Muitas vezes — disse Lewis.

— Você é um doce por se preocupar comigo, Beau — miou Ronnie, balançando a cabeça para ele. Na verdade, ela o achava um idiota, mas talvez ele ficasse daquele jeito só quando bebia.

Pelo bem do país, ela esperava que fosse assim. — Eu provavelmente vou demorar um pouco mais.

Tenho de providenciar algumas coisas. Mas quem sabe eu encontro você dentro de, digamos, uma hora, na pista de dança, onde estávamos antes?

— Encontro marcado — disse Hilley, abrindo um enorme sorriso e olhando para seu relógio. — Meia-noite e meia, então. Não se esqueça!

— Não vou esquecer! — prometeu Ronnie por cima do ombro enquanto subia o último degrau para o patamar do segundo andar. Lewis e Hilley seguiram para o escritório.

Ela escutou suas vozes desaparecendo lentamente enquanto caminhava na direção oposta.

Droga, pensou, quando Tom vier, teremos de ir para algum outro lugar. Não era bom arriscar que Beau Hilley ou Lewis viessem procurá-la e a encontrassem com ele.

Chegando no seu escritório, ela fechou a porta e se encostou nela, fechando os olhos.

Estava cansada, agitada, feliz, nervosa.

Será que Tom viria?

Ela queria tanto que ele viesse.

Embora as janelas estivessem fechadas, ela podia ouvir a banda lá embaixo. As cortinas estavam abertas, e as luzes da festa a atraíram. Ela não tinha acendido nenhuma lâmpada, de modo que podia olhar sem ser vista. As lanternas japonesas penduradas por todo o terreno transformavam o gramado numa terra de sonhos, e as tochas de citronela plantadas em locais estratégicos contribuíam com seu brilho bruxuleante. Mulheres em vestidos de noite e homens de smoking passeavam pelos caminhos de pedra, dançavam e conversavam nas tendas. Mais perto, dois garçons portando grandes bandejas cobertas desciam os últimos degraus que levavam ao gramado.

Segundos depois, Selma os seguiu, em marcha quase militar.

Ronnie sorriu. Com Selma para supervisionar os banqueteiros e Lewis, sua mãe e seus filhos para receber os convidados, ninguém sentiria sua falta. Ela podia fazer o que quisesse a noite inteira.

O som tênue de passos no corredor a fez dar as costas para a janela. Segurando a cortina com uma das mãos, ela esperou, o coração já se acelerando de antecipação.

Os passos se tornaram mais altos e depois pararam em frente à porta, que ela tinha deixado destrancada. A maçaneta girou. A porta se abriu. Uma nesga de luz se derramou pelo tapete. A silhueta alta de um homem desenhou-se contra a luz do corredor.

Ronnie sorriu, largou a cortina e se jogou nos braços dele.

O tempo de conversar já tinha passado.

CAPÍTULO 28

Subindo para a casa, Tom escutou a banda a começar uma balada romântica e sensual. A letra falava de um amor ardente, e ele sentiu seu corpo responder à batida urgente da música.

Tinha sucumbido inteiramente à necessidade que pulsava em suas veias e à magia do vento quente, da noite estrelada e de uma mulher especial.

Moral, escrúpulos e bom senso que se danassem: ele não podia mais se conter.

Ia tomar para si o que queria, e para o inferno com as conseqüências.

Simplesmente pensar em Ronnie lhe trazia um sorriso aos lábios e uma dor lânguida entre as pernas. Ele apressou o passo.

— Ei, Tom! — era Thea, acenando do caminho que levava à varanda. Como estavam a uns dez metros um do outro, ele pôde apenas devolver o gesto, sem parar para falar com ela.

Thea estava usando um vestido de lantejoulas pretas com o que pareciam ser penas na barra, e estava muito bonita. Tom sabia que poderia levá-la para a cama com pouco mais do que um estalar de seus dedos. Nenhuma inquietação moral, nenhuma conseqüência potencialmente arrasadora, nenhum vínculo.

Simplesmente o bom e velho sexo descompromissado.

O único problema era que ele não estava interessado. Ela não o excitava. Não havia qualquer encantamento entre ele e Thea.

Ou Diane.

Ou qualquer outra pessoa além de Ronnie.

Talvez ele tivesse uma queda por cabelos ruivos.

Ou talvez por enormes olhos castanhos, ou lábios carnudos, ou pele de porcelana. Também podia ser um corpo com curvas nos lugares certos, talvez um excesso de maquiagem e saltos de 10

cm.

Ou talvez fosse simplesmente Ronnie.

O que quer que fosse, pegou-o de jeito.

Pior do que catapora.

Pelo menos Thea estava com alguém, ele pensou, enquanto vencia correndo os degraus até a casa. Ela estava agarrada no braço de algum sujeito quando acenou para ele.

Isso era bom. Ele não queria que Ann suspeitasse do que tinha acontecido entre Thea e Kenny.

Ele não deixava de perceber a ironia de condenar seu melhor amigo por quebrar seus votos de fidelidade enquanto ele mesmo estava prestes a quebrar alguns.

E nem sequer se convencia de que o caso dele e de Ronnie era diferente.

Era apenas uma fome tão elementar e incontrolável quanto uma força da natureza.

Ele a desejava. Ela o desejava. Quando estavam juntos, o ar entre eles se inflamava.

Talvez ele fosse moralmente podre, mas não ia mais lutar contra aquele impulso. Não mais.

Não havia por quê. Ele já tinha perdido a batalha — ou vencido, dependendo de como se interpretassem as coisas. De qualquer modo, descobrira que não era capaz de renunciar a ela.

Entrando na casa pela porta da frente, ele olhou rapidamente em torno e calculou estar sozinho. Sabia onde ficava o escritório e subiu a escada principal a passos rápidos.

Não queria mais conversar. Ia puxá-la para os seus braços e beijá-la até ela ficar sem fôlego, e...

Estava chegando ao patamar do andar de cima quando um grito abafado o fez congelar pelo tempo de uma batida de seu coração.

Então, escutou outro grito e uma batida, como se algo caísse no chão, e correu na direção do som.

A porta do escritório de Ronnie estava aberta. A luz do corredor se derramava para dentro da peça, mas não havia outra fonte de iluminação. Um vislumbre de vermelho cintilante foi a primeira coisa que ele viu, e depois dois pés em sandálias de salto alto chutando furiosamente o ar.

Ficou claro o que estava acontecendo enquanto ele corria para salvá-la. Algum imbecil descontrolado — provavelmente Beau Hilley — estava empurrando Ronnie sobre sua mesa, beijando-a e apalpando a frente de seu vestido. Ela se debatia, golpeando as

costas dele com um dos punhos, puxando seus cabelos com o outro, tentando desvencilhar-se.

Em toda sua vida, Tom tivera vontade de cometer assassinato tão poucas vezes que podia contá-las nos dedos das mãos.

Agora, podia acrescentar mais uma.

Ele não disse uma palavra, simplesmente pegou o tarado com uma das mãos no fundilho das calças e outra no colarinho do paletó e o arrancou de cima de Ronnie. Então, enquanto o homem se virava, acertou-lhe um direto de dar inveja a Mike Tyson.

Sua vítima gemeu, depois desabou no chão como uma pedra.

— Tom! — No intervalo de um segundo, Ronnie se levantou da mesa e se jogou em seus braços, exatamente onde ele queria que ela estivesse. Sentiu que ela tremia e a abraçou, beijando suas orelhas e seu pescoço enquanto murmurava palavras doces para acalmá-la e inalava o aroma erótico de seu corpo.

Depois, deu uma boa olhada no homem que estava caído no chão a seus pés, e congelou.

— Meu Jesus Cristo! — exclamou, suspendendo temporariamente os carinhos que fazia na mulher em seus braços. Uma dezena de pensamentos passaram simultaneamente por sua cabeça, o primeiro sendo que ele acabava de nocautear o senador Lewis Honneker IV em sua própria casa por tentar fazer amor com sua própria esposa.

— O que foi? — com os braços ainda em torno de seu pescoço, Ronnie ergueu a cabeça para encará-lo.

— É o seu marido — disse ele, como se ela pudesse não saber. Ele ainda a abraçava, mas já sem tanto entusiasmo.

— Sim. Ela sabia.

— Então que diabos está acontecendo aqui? — A culpa, combinada à confusão e a uma raiva crescente, tornou sua voz mais aguda.

— Como assim, que está acontecendo? — A voz dela tinha um tom ameaçador que ele já havia escutado antes. Ronnie estava prestes a perder a cabeça. Bem, ela não estaria sozinha. Ele não gostava de ser feito de bobo, nem de cometer erros potencialmente catastróficos como aquele.

Já lhe ocorrera que Ronnie podia estar dando em cima dele simplesmente para se vingar do marido infiel, mas Tom nunca considerara a idéia seriamente: a eletricidade entre eles era tão real que parecia impossível fingir.

Mas ele já se enganara uma vez.

— Sua idéia era que ele encontrasse você comigo, ou que eu encontrasse você com ele? —

Sua voz era pouco mais do que um rosnado. Ou você convenientemente esqueceu que me convidou para vir aqui?

— O quê? — Ela pareceu ficar sem palavras por um momento. — Você não viu que ele estava atacando-me?!

— Ele é o seu marido — disse Tom, frio como gelo.

Ela se desvencilhou de seus braços. No chão, o senador se mexeu e gemeu. Em uma reação reflexiva, Tom abriu e fechou os dedos da mão dolorida.

Ronnie olhou para baixo e depois para ele outra vez. — Adeus, Tom. — Virando-se, saiu do escritório.

O senador rolou no chão, depois se sentou, balançando a cabeça estonteada.

Dividido entre ir atrás de Ronnie e ajudar o homem sentado no chão, Tom decidiu que as necessidades do senador deviam ter precedência, e se ajoelhou ao lado dele.

A mágoa de Ronnie não traria conseqüências sérias. O senador, por outro lado, podia estar machucado; ele não era um homem jovem, e o soco fora muito bem dado.

Tom se sentia o maior idiota do planeta Terra.

— Eu sinto muito, senador. O senhor está bem?

— É você, Tom? — o senador piscava, desorientado. Ele estava bêbado, e o cheiro de álcool em seu hálito era forte o bastante para provocar lágrimas nos olhos de Tom.

— Sou eu, senador. O senhor pode mexer o maxilar? — Tom apertou os olhos, esquadrinhando o rosto do outro homem em busca de sinais de danos sérios.

— Ela não quer mais dar para mim, sabia? — O senador massageou o queixo com desconsolo. — Há mais de um ano. Temos até quartos separados. Droga, por que ela acha que eu me casei com ela?

Tom se sentou nos calcanhares. — Ela não quer dar? — repetiu cuidadosamente.

— Ela é gostosa, não é, garoto? Eu vi você babando. Ela faz todo mundo babar! Droga, eu também. Mas ela é fria, fria como gelo. Não quer dar. Eu até já implorei, mas não adiantou nada.

Não conte isso a Marsden, está bem? — Sua expressão tornou-se muito séria.

— Não vou contar — prometeu Tom, correndo uma das mãos pelo queixo do senador.

Estava começando a inchar, mas o osso parecia intacto.

— Eu tenho direitos sobre ela! Tentei lhe dizer isso, mas ela disse que me deixará se eu a obrigar, e sabe que eu não posso divorciá-la outra vez. A última separação quase acabou comigo nas pesquisas. Você sabe muito bem.

— Eu não acho que o senhor tenha o direito de forçá-la a fazer sexo, senador — disse Tom cuidadosamente. — Acho que isso se chama estupro.

— Diabos, um homem não pode estuprar a própria esposa!

— Os tempos mudaram, senador, e as leis também. Hoje em dia, se uma mulher diz não, é não, mesmo se ela for sua esposa.

— Você já ouviu bobagem maior na sua vida? — o senador apelou para ele de homem para homem. — Bem, se é assim, acho que foi bom você ter aparecido, porque eu pretendia cobrar o que é meu. Esquentada como ela é, provavelmente me daria um tiro depois, ou chamado a polícia para me prender. Não sei o que seria pior. Deus do céu, pense no escândalo! Orde iria adorar.

— O senhor consegue ficar em pé? — Tom se levantou e o ajudou. Ele estava um pouco trêmulo, mas isso se devia mais aos efeitos do álcool do que ao soco que ele tinha levado.

— Acho que perdi toda a vontade de participar da festa. Vou para a cama. — O senador mexeu o maxilar para os dois lados e fez uma careta.

— Eu não tentaria forçar sua esposa outra vez se fosse o senhor disse Tom, largando o braço do senador e seguindo-o de perto enquanto ele caminhava com dignidade, ainda que um tanto cambaleante, pelo corredor.

— Não vou fazer isso — disse ele em tom sombrio. — Mas, diga-me você, o que um homem deve fazer? A esposa não quer dar, e os malditos jornais o crucificam se você for pego com outra mulher. Quem diz que este mundo pertence aos homens não sabe de nada.

— Neste ponto o senhor está certo. — Tom foi com ele até o quarto, onde o senador imediatamente caiu de barriga para baixo em cima da colcha, que ainda não tinha sido tirada da cama. Em menos de um minuto, estava roncando. Tom o fitou por um instante, com as mãos nos bolsos de trás, então desfez o nó da gravata do senador e tirou os sapatos de seus pés. Tendo feito o que podia para deixar o homem mais confortável, saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Perdido em seus pensamentos, ele desceu a escada. Estivera muito perto de trair um homem que nunca havia lhe tratado senão com bondade, um homem que lhe oferecera trabalho quando ele precisava, um homem que ele admirara durante toda a sua vida.

Um homem que, por outro lado, era cronicamente infiel e acabara de tentar estuprar a própria esposa.

Uma mulher que Tom ainda precisava possuir.

Como se metera em tal confusão?

O que havia entre ele e Ronnie não iria simplesmente desaparecer.

Ele poderia desaparecer, mas sabia que não conseguiria manter-se longe dela por muito tempo.

Nem com toda a força de vontade do mundo. Não para sempre. Se fosse embora naquele instante, estaria de volta em uma semana.

Ele se conhecia o suficiente para saber disso.

Já tinha tentado fugir, mas simplesmente saltara da frigideira para o fogo. À única coisa a fazer era encarar a situação de frente.

Em primeiro lugar, ele e Ronnie precisavam conversar.

Enquanto chegava àquela conclusão, ele atravessou a porta da frente. A sua direita, para além da magnólia centenária coberta de botões brancos que marcava o canto da casa e das graciosas colunas dóricas que sustentavam o telhado da varanda da frente, a festa ainda estava a todo vapor.

O som indistinto de vozes e risos se erguia acima da música. As lanternas japonesas flutuavam sobre os convidados como milhares de vagalumes.

As estrelas brilhavam no céu escuro. Uma lua fantasmagoricamente pálida seguia seu caminho entre fiapos de nuvens.

Ele desceu os degraus até a entrada dos carros. Encontrar Ronnie sem a ajuda de companhias indesejadas não ia ser fácil. Olhou na direção das tendas, tentando identificar um vislumbre de cabelos ruivos.

Um cintilar no chão não muito longe de seus pés chamou sua atenção. Alguma coisa brilhante — um pedaço de vidro? Não, era muito pequena e simétrica.

Intrigado, ele se abaixou para pegá-la. Era pequena, redonda e translúcida, e ele soube instantaneamente o que era.

Levantando-se e guardando o objeto no bolso, ele olhou em torno outra vez.

Talvez quatro metros adiante, havia outra.

Ele seguiu a trilha das contas. Como João e Maria largando migalhas de pão, Ronnie tinha marcado seu caminho, ainda que sem querer,

com os cristais do vestido.

Ele encontrou quatro, mas só precisava de dois. Assim que percebeu em que direção ela tinha seguido, teve uma boa idéia de onde estaria.

Afastando-se da festa e entrando na escuridão do outro lado da casa, Tom respirou fundo e franziu a testa. Embora soubesse que era quase impossível, ele pensou ter detectado o perfume dela no vento quente que acariciava seu rosto.

CAPÍTULO 29

Ronnie escutou o rangido e olhou por cima do ombro. Estava escuro na pequena fortaleza em torno da piscina, mas não tanto que a impedisse de ver a silhueta de um homem de ombros largos que passava pelo portão e o fechava atrás de si. Por um instante, ela duvidou. Então, o luar se refletiu em seus cabelos e ela não teve mais dúvidas de quem ele era.

— Vá embora — disse, nadando para o outro lado da piscina. Embora achasse que não havia luz suficiente para se notar, ela estava apenas de calcinha; o vestido, as meias, os sapatos e as jóias estavam sobre uma cadeira junto à borda.

— Peço desculpas por tudo o que disse na casa. Eu interpretei mal a situação. — Ele acompanhou os movimentos de Ronnie de uma extremidade à outra da piscina, caminhando ao lado dela no deck de concreto.

— Não aceito suas desculpas. Vá embora.

— Isso também não é fácil para mim, sabia?

— O que exatamente você quer de mim, Tom? — ela perguntou, parando de nadar de repente, os braços se movendo na água apenas para manter o equilíbrio. O ponto mais fundo da piscina

tinha apenas um metro e meio, e a água batia em seus ombros se ela ficasse na ponta dos pés. Ronnie estava nadando de peito, e por isso sua maquiagem ainda estava preservada, e os cabelos presos, secos, exceto pelos cachos em torno do pescoço.

— Esta é uma boa pergunta — disse ele, enfiando as mãos nos bolsos da calça de modo que o casaco foi puxado para trás, revelando o quadril.

Ela riu uma risada amarga. — Não seja tão hipócrita! Você quer sexo, e só está tendo um pouco de dificuldade de passar por cima da sua consciência.

Ele não respondeu por um momento, e depois disse: — Deixe-me lhe fazer uma pergunta, então: o que exatamente você quer de mim?

Ronnie o fitou, desconcertada. Nunca tinha pensado seriamente naquilo. O que ela queria não era apenas sexo, era Tom. Ela começou a nadar outra vez.

— Sexo? É isso que você quer de mim, Ronnie? — ele a perseguia pelo concreto, acompanhando seu deslocamento.

— Eu quero que você vá embora — disse ela, chegando à borda da piscina e virando-se para mais uma volta.

— Se eu fosse, não iria adiantar. Eu acabaria voltando. Nós já sabemos disso.

Ela continuou a nadar.

— Temos de resolver isso, Ronnie. — Sua voz era paciente enquanto ele caminhava ao lado dela.

Detendo-se na água outra vez, ela o encarou com fúria: — Eu não vejo maneira de resolver isso. O seu problema é que eu sou casada.

Bem, não posso mudar isso. Eu sou casada.

— E já pensou em se divorciar? — ele perguntou calmamente.

— Não. — Ela começou a nadar outra vez.

— Então o que você quer é continuar casada com o senador enquanto dorme comigo pelas costas dele, estou certo?

O olhar enviesado que ela lhe lançou foi desafiador. — Por que não?

— Por que eu tenho um problema com isso.

— Então vá embora.

— Você poderia sair daí para podermos conversar como duas pessoas razoáveis?

— Não há nada para conversar. Se você tem um problema com o fato de eu ser casada, então sugiro que volte para Diane, que é solteira, e faça sexo com ela.

— Eu poderia fazer isso, assim como você poderia fazer sexo com seu marido. Mas não acho que isso iria satisfazer nenhum de nós.

Ela não respondeu.

— Ronnie, você pode por favor sair desta maldita piscina e falar direito comigo? — Agora havia um toque de exasperação em sua voz.

Ela parou de nadar e olhou para ele. — Muitas pessoas casadas têm casos. Centenas, milhares.

— Será a voz da experiência falando?

— Para sua informação, nos meus três anos de casada eu nunca tive um caso. Mas Lewis anda pulando a cerca desde o primeiro dia,

então por que não posso fazer o mesmo?

— Por nenhum motivo especial, exceto que eu não quero ser o homem com quem você pula a cerca.

— Por que não?

— Porque casos assim são complicados, e as pessoas acabam ferindo-se. Porque hoje à noite, quando estávamos dançando, eu tive de tomar muito cuidado para fingir que não estava adorando, para não dar a impressão de que havia algo entre nós. Porque eu gostaria de poder levá-la para almoçar, jantar e ir ao cinema. Porque eu não gosto da idéia de dar uma rapidinha sempre que pudermos fugir das vistas de todos por quinze minutos. Eu não gosto da idéia de ter de fugir das vistas de todos, ponto.

— Não precisa ser assim.

— Vai ser assim.

— Será a voz da experiência falando?

— Talvez.

— Ah, eu tenho que confessar tudo, mas você não.

— Ronnie, é muito difícil conduzir esta conversa com você dentro d'água.

— Você está fugindo da pergunta.

— E você está fugindo do problema.

— E qual é o problema? Se nós vamos ou não dormir juntos? No que me diz respeito neste instante a resposta é não.

Ela começou a nadar outra vez. Tom ficou onde estava, com os braços cruzados sobre o peito, observando-a. Com toda a extensão

da piscina entre os dois, ele era pouco mais do que uma grande sombra escura contra o concreto pálido. Quando nadou outra vez na direção dele, Ronnie viu que ele estava com uma expressão muito séria.

— Você não dorme com o senador há mais de um ano — ele disse quando ela se aproximou.

Ronnie parou de nadar e virou-se para olhar para ele. — Como você sabe disso?

— Ele me contou. Agora há pouco, lá em cima.

— Que você dois estavam fazendo, comparando suas vidas sexuais?
— A indignação tingia sua voz.

— Eu o ajudei a ir para a cama. Ele estava bêbado. Nós conversamos sobre o que ele tentou fazer com você.

— Não diga.

— Ele não ama você.

Ronnie ficou em silêncio por um momento, apenas olhando para ele através da escuridão.

Seus braços ainda estavam cruzados sobre peito, e ele a encarava com a testa franzida.

— E daí? — ela começou a nadar outra vez. Sabia que Lewis não a amava, nunca a amara.

Tinha levado algum tempo para perceber isso, mas agora sabia que era um fato. Ele se casara com ela pela velha e boa razão de que não conseguiria levá-la para cama de outra maneira. Depois que obtivera o que queria, ele rapidamente havia voltado suas atenções

para outras mulheres, embora quisesse continuar a fazer sexo com a esposa sempre que tivesse vontade.

— Droga, Ronnie, nós precisamos falar sobre isso. Ele não ama você, e também sei que você não o ama. Então por que continua casada com ele?

Agora ela estava em pé na água, olhando para ele.

— Ronnie?

— Você realmente quer saber? Muito bem, eu lhe contarei: eu cresci numa casinha modesta em Boston, uma entre centenas de pequenas casinhas modestas que eram exatamente iguais umas às outras, só nosso bairro. Meu pai trabalhava por comissão numa revenda de carros usados, e na maior parte do tempo tinha de fazer mágica para pagar a prestação da casa. Eu sei disso porque meus pais estavam sempre brigando por causa de dinheiro. Quando eu tinha 14 anos, minha mãe conheceu um homem que podia lhe dar mais e fugiu com ele, e deixou-nos para trás. Eu era a caçula. Minhas irmãs se casaram e saíram de casa, e a renda do meu pai caiu porque ele não tinha mais vontade de trabalhar. O vestido que usei na minha formatura do colegial custou quinze dólares numa loja de roupas usadas. Naquele dia eu jurei que não iria viver minha vida inteira daquele jeito. Eu queria algo melhor.

Fazendo uma pausa, ela respirou fundo para controlar as emoções que ameaçavam sufocar suas palavras. Ele se abaixou ao lado da piscina, com um dos braços pendurados sobre o joelho dobrado, os olhos firmes em seu rosto.

— Você quer sair desta droga de piscina? — Sua voz era quase um rosnado.

Ronnie balançou a cabeça negativamente. Sua voz estava controlada outra vez. — Você me perguntou por que eu continuo casada com Lewis, e eu quero lhe explicar.

Ela ergueu a mão esquerda para fora d'água, mostrando o grande diamante em seu dedo.

— Está vendo este anel? Custou mais do que meu pai ganhava num ano inteiro. Olhe em torno de você, Tom. Olhe para este lugar. A casa em que eu cresci não era muito maior do que o pavilhão da piscina. Lewis tem três casas tão grandes quanto esta. Eu posso comprar todas as roupas que quiser, e presentes para minha família que de outra forma eles não poderiam ter. Posso viajar, tenho cartões de crédito, tenho jóias. Tenho um carro, vários carros na verdade. Somos sócios de quatro clubes.

— Ronnie, você está chorando? Por favor, saia da piscina.

— Eu não estou chorando. Estou falando com você. Eu continuo casada com Lewis porque, como sua esposa, tenho tudo o que aquela garotinha do vestido de quinze dólares sempre sonhou.

Exceto amor, ela pensou, mas ficou em silêncio. Sua garganta se fechou, ela apertou os olhos e fez um imenso esforço para não chorar.

Era absolutamente inútil chorar pelo que não podia ser consertado.

Tom disse um palavrão que Ronnie nunca o escutara usar antes. Abrindo os olhos, ela viu que ele estava andando para os degraus do canto da piscina que levavam ao lado mais raso. Ele entrou na água sem se dar ao trabalho de tirar os sapatos ou a roupa, e andou na direção dela.

Observando sua aproximação, Ronnie se surpreendeu ao sentir lágrimas quentes rolando pelo próprio rosto, e secou-as com as costas das mãos.

— Por favor, não chore — ele disse quando a alcançou. Sua voz estava rouca, mas também terna. Seus braços a enlaçaram e ele a

puxou para si. Ronnie respirou fundo com um som que quase parecia um soluço, e abraçou seu pescoço.

CAPÍTULO 30

Você está partindo meu coração. Quer parar com isso? Ele recuou um pouco a cabeça para olhar nos olhos dela.

— Eu não estou chorando — ela repetiu, teimosa, e enterrou o rosto na curva entre o ombro e o pescoço de Tom. Fechando os olhos, Ronnie respirou fundo e se concentrou em cumprir suas palavras.

Sentia-se tão triste recordando a garotinha que nunca soubera realmente o que era ser amada... E ainda não sabia.

— Ronnie, olhe para mim.

Ela ainda não podia olhar para ele, não antes que as lágrimas desaparecessem. Estar em seus braços outra vez era tão bom, tão perfeito, que ela não queria mover-se.

A parte superior do smoking de Tom estava seca enquanto o resto de seu corpo estava encharcado. Colada nele como estava, ela sentia cada parte de seu corpo: os botões da camisa a fivela do cinto, a dureza logo abaixo, os músculos fortes por baixo do tecido molhado. Até mesmo a ponta de seus dedos estava em contato com o couro macio dos sapatos dele.

— Ronnie.

Ela ergueu os olhos, olhando para seu rosto envolvido em sombras, para os olhos que brilhavam de preocupação por ela.

— Tom.

Não havia mais nada a dizer.

Suas bocas se encontraram, e eles se beijaram. A boca de Tom era quente e tinha um gosto t nuo de uísque. Seus braços a apertaram tanto que ela mal podia respirar.

Ronnie não se importou. Inclinou a cabeça e lhe ofereceu sua língua.

Embaixo d'água, as mãos dele percorreram suas costas, traçaram a curva da cintura.

— Você está nua? — ele perguntou com voz rouca, deslizando a boca por seu rosto até o ponto macio abaixo da orelha.

— Quase — ela sussurrou a resposta contra o pescoço dele enquanto provava sua pele salgada.

A mão de Tom subiu e pousou em seu seio. O gesto fez o cora o de Ronnie quase parar de bater. Sua respira o ficou suspensa, e seu sangue pareceu ferver.

Ele nunca a tocara tão intimamente antes. Ela percebeu com surpresa que ele a fizera arder de desejo sem jamais fazer qualquer coisa além de beijá-la. Ela tinha sonhado com ele, em fazer amor com ele, mas em seus sonhos tudo era muito diferente. Ele apertou e acariciou seu corpo, e ela sentiu seus ossos se dissolverem.

Ronnie se pegou pensando na diferença que fazia estar com o homem certo.

— Vamos sair desta piscina. — Ele a beijou outra vez e a pegou no colo. Ronnie retribuiu o beijo com abandono, enlaçando-o com pernas e braços enquanto ele a carregava até a borda da piscina. Ela apertou as pernas com mais força em torno dele e aprofundou o beijo. Todo o corpo de Tom se contraiu em resposta.

Ele se afastou e a ergueu para fora d'água, deixando-a sentada no piso de concreto. Exceto pela minúscula calcinha preta, ela estava nua. A  gua escorria pelo seu corpo, ligeiramente inclinado para a

frente, e os globos arredondados de seus seios se projetavam na direção dele. Seus mamilos estavam eretos, duros pelo frio do ar da noite batendo em sua pele malhada, e por Tom. O

resto de seu corpo, os quadris estreitos, as pernas longas, reluziam ao luar.

Tom olhou para ela, um olhar atento e longo que deslizou do alto de seu penteado ainda elegante até os calcanhares, e seu rosto se tensionou até os ossos ficarem visíveis sob a pele. Então ele pôs as mãos na borda azul da piscina e alçou o corpo para fora d'água. Ficou em pé e estendeu a mão para ajudá-la a se levantar.

Quando Ronnie ia abraçá-lo, ele a pegou no colo outra vez. Aninhada em seu peito, ela sorriu e o beijou.

Eles ainda se beijavam quando passaram pelo portão de ferro e chegaram ao pavilhão da piscina. A porta de vidro não estava trancada. Ele a empurrou e entrou com Ronnie nos braços no ambiente gelado pelo condicionador de ar.

Ronnie estremeceu e interrompeu o beijo para direcioná-lo à cama, ao termostato ou a qualquer lugar mais quente.

— Droga! — Tom deu uma topada em alguma coisa e tropeçou. Ronnie gritou ao sentir seu corpo despencando pelo ar até bater com força em alguma coisa fria, sólida e molhada, que gemeu — Tom.

Por um instante, ela ficou exatamente onde estava, confusa. Estava deitada de costas, com o traseiro sobre as coxas de Tom, as costas e a cabeça em seu peito, as pernas estendidas no chão.

Sentiu que ele se movia embaixo dela e rolou para o chão, percebendo que estavam deitados no colchonete de borracha que ela usava para se exercitar e que obviamente havia sido a causa do acidente.

Ficou de barriga para baixo, com a cabeça levantada e o tórax apoiado nos cotovelos para olhar para ele, e começou a rir.

— Você está bem? — perguntou entre risos.

— Exceto pela bunda dolorida, o cóccix possivelmente quebrado e minha dignidade ferida, estou bem. E você?

— Eu caí por cima. Não me machuquei.

— Ótimo. — Ele ficou de lado, apoiando a cabeça em uma das mãos. Um sorriso malicioso torceu sua boca. Olhando para ele, Ronnie se lembrou de todas as fantasias que tivera nas últimas semanas com aquela boca, e correu o dedo indicador pelos lábios macios.

Outra risada sacudiu seu corpo.

Ele puxou seu dedo para dentro da boca e o mordeu delicadamente.

— Você vai rir a noite inteira? — perguntou.

— Provavelmente.

Ela ainda estava sorrindo quando ele a fez deitar de costas e ficou em cima dela. O

colchonete era largo e surpreendentemente confortável.

— Engraçadinha. — Ele baixou a cabeça para beijá-la. Sua língua quente e impetuosa explorou-lhe a boca. A mão encontrou seu seio e se fechou sobre ele, e subitamente Ronnie não estava mais rindo. Ela fechou os olhos e retribuiu o beijo, as mãos perdidas entre os cabelos sedosos de sua nuca.

Ela tinha imaginado beijá-lo daquele jeito, mas sua imaginação não chegara nem perto da delícia da realidade.

Ele tirou o paletó sem separar os lábios dela. Ela correu as mãos por seus ombros, adorando a sensação da pele sob o algodão macio, inebriada pelo prazer de poder beijá-lo e tocá-lo à vontade. A parte de baixo de sua camisa e as calças estavam encharcados e geladas, mas a mão em seu seio era quentes. Ela arqueou as costas, empurrando-se contra aquela mão possessiva, como um gato pedindo para ser acariciado. Sua respiração se acelerou.

Então ele interrompeu o beijo e se afastou um pouco.

Ronnie abriu os olhos e viu que ele a fitava, os olhos se movendo lentamente por todo seu corpo banhado pelo luar que entrava pela porta larga de vidro. A mão dele cobrindo-lhe o seio parecia grande e bronzeada contra sua pele perolada. Ele ficou deitado de lado, estudando-a sem pressa. Suas roupas formais — a camisa branca com abotoaduras, a gravata borboleta e a faixa pretas, a calça preta com fita de cetim nas laterais, meias e sapatos pretos, faziam um contraste erótico com sua nudez.

Ronnie olhou para o rosto dele e se lembrou de que uma vez pensara que ele não teria paciência para os pecados da carne.

Estava certa, em parte. Ele havia resistido até que nenhum dos dois pudessem resistir mais.

— Eu tive tantas fantasias com você nua que fico surpreso que minha cabeça não tenha entrado em curto-circuito — ele disse com a voz rouca. — Cada vez que eu a via, pensava em tirar suas roupas. Depois de algum tempo, nem precisava vê-la para isso. Podia estar no meio de uma sessão crucial de estratégia com Matt Grolin, e me pegava pensando se o seu umbigo seria para dentro ou para fora.

Com um sorriso torto, ele passou a mão por sua barriga, para investigar a questão. Ronnie prendeu a respiração.

— Não devia estar sendo muito bom para os negócios. — Ela tocou seu rosto. A pele lisa já estava começando a esquentar; ele devia ter

se barbeado um pouco antes de chegar à festa.

— Não. — Ele beijou a palma de sua mão. Suas pernas se moveram, e ela percebeu que ele estava tirando os sapatos.

— Não se mova — disse ele, ficando em pé e começando a se despir com eficiência. A gravata, que ela já tinha desatado, foi a primeira a sair, seguida da faixa.

O coração de Ronnie bateu mais forte enquanto ela observava Tom remover as abotoaduras dos punhos, e depois a camisa. Suas mãos chegaram à fivela do cinto, e um arrepio quente tomou conta do corpo de Ronnie. Ela ficou deitada de costas sobre o colchonete vermelho, cravando os dedos na borracha macia enquanto o assistia tirar a calça.

Por fim, ele ficou apenas de cueca. Enfiou os polegares no elástico da cintura e a abaixou também com movimentos rápidos e impacientes. A visão dele nu fez a boca de Ronnie ficar seca.

Seu olhar percorreu o corpo sólido, a amplitude dos ombros, o triângulo de pêlos no peito, os quadris estreitos de atleta, as pernas musculosas.

Em sua imaginação, ele jamais fora tão lindo.

Ela teve apenas um vislumbre antes dele se aproximar novamente, mas foi o bastante: Tom estava faminto por ela, grande e inchado de desejo, a prova se projetando rija de seu corpo.

Ela ergueu os braços para acolhê-lo e deslizou as mãos por seus ombros, maravilhada com a força dos músculos. Ele se acomodou ao lado dela, passando um braço sob seu pescoço, e com a outra mão afastou uma mecha de cabelos de seu rosto.

Ronnie sorriu. Ele lhe deu um beijo rápido e forte nos lábios.

— Sinta meus braços tremendo — disse Tom erguendo a cabeça. — Da última vez que tremi assim, eu tinha 16 anos e estava prestes a experimentar o banco de trás do carro do meu pai.

— Você experimentou muito aquele banco? — ela perguntou suavemente, acariciando-lhe os braços. A pele era quente e acetinada; os músculos por baixo dela, eram volumosos e rijos.

Como ele havia dito, estavam tremendo, e ela adorou saber que tinha tal poder.

— O máximo que pude, mas não demorei muito a parar de temer. — Ele estava sorrindo até as mãos dela se moverem para acariciar seu abdome musculoso. Então, seus olhos se anuviaram e ele a beijou outra vez.

A delicadeza que ele vinha mostrando desapareceu. Em seu lugar surgiu uma fome feroz que a pegou de surpresa. Ela respondeu à urgência dele com intensidade crescente, apertando-se contra seu corpo, abraçando-o, pegando fogo.

As mãos dele estavam em toda parte: em seus seios, na barriga, subindo e descendo por suas coxas. Mas ele não a tocava onde ela mais queria ser tocada, e aquilo a estava deixando louca.

Ela se contorcia, tentando explicar sem palavras o que queria, sem sucesso. Ele já estava quase em cima dela, com a cabeça inclinada para beijar seu mamilo, as coxas encaixadas, o membro rígido lhe pressionando a perna. A umidade quente de sua língua nos seios a fez arfar. Ela o puxou mais para perto, guiando sua boca de um seio ao outro.

Então, por fim, a mão de Tom desceu por sua barriga e deslizou por baixo da calcinha.

Ronnie queria tanto a mão dele entre suas pernas que achou que ia morrer se tivesse de esperar mais. E ele a fez esperar. Sua mão se

movia dentro da calcinha com a velocidade de um glacial, os dedos longos acariciando e explorando cada milímetro de sua carne, ocasionalmente mergulhando para provocá-la com toques de borboleta até ela começar a erguer os quadris do chão em antecipação.

Tom beijou-lhe os seios, depois a boca, depois os seios outra vez, enquanto todo seu corpo suplicava, e então finalmente sua mão chegou onde ela mais queria. Ele acariciou a fenda entre suas pernas, e um calor escaldante se espalhou por seu corpo. Ronnie se moveu para encorajá-lo, pedindo silenciosamente para ser invadida, possuída, até que por fim ele lhe deu o que queria.

Gemendo, ela beijou suas orelhas, seu pescoço, seus ombros, todos os lugares que podia alcançar, as unhas se cravando em suas costas, o corpo em chamas. O toque de Tom era a carícia lenta de um homem que compreendia como funcionava o corpo de uma mulher. Ele a provocava, depois recuava para então repetir o processo, até ela se transformar em fogo líquido em suas mãos.

— Tom, por favor — ela sussurrou por fim, abrindo os olhos enquanto lutava para se segurar, sabendo que ia explodir a qualquer momento e querendo-o dentro dela quando isso acontecesse.

O rosto dele estava rubro; os olhos, estreitos e brilhantes; a respiração, curta. Ele observou seu rosto enquanto seus dedos deslizavam para dentro dela outra vez, e quando ela arqueou as costas em resposta, seus olhos pegou fogo.

— Como eu quis fazer isso — ele disse em voz baixa e rouca. Então, arrancou sua calcinha e rolou para cima dela, beijando-a com movimentos rápidos e bruscos que indicavam que ele também havia chegado ao limite do seu controle. Ela o enlaçou com as pernas quando ele se posicionou entre suas coxas, tão pronta para ele que pensou que iria morrer se tivesse de esperar mais um segundo.

Ele entrou nela, imenso, quente e duro, arremetendo fundo muitas e muitas vezes até ela perder a cabeça e finalmente gozar com uma intensidade que nunca havia sonhado ser capaz, todas as suas idéias preconcebidas de si mesma e do mundo explodindo em um milhão de pedaços enquanto ela gritava o nome dele.

CAPÍTULO 31

23 de agosto

Meia-noite

Pope

O que você está assistindo, Maria? — Jerry Fineman parou no vão da porta da sala, olhando para ela, que estava sentada num canto do sofá vendo TV. Ele estava usando uma das suas camisetas de física desbeijadas e as mesmas calças pretas que colocara de manhã. Era óbvio que tinha simplesmente se levantado da cama e vestido a mesma roupa outra vez.

— Letterman. — Maria ergueu os olhos com um sorriso. — Acordei você? Desculpe-me.

— Não. — Jerry andou até o sofá e sentou-se ao lado dela. As almofadas cederam sob seu peso. Ele tinha 51 anos, era policial aposentado de Biloxi e divorciara-se dez anos antes. Não era bonito — era careca e tinha barriga de cerveja, e pouco mais do que 1,70 m — mas era um homem bom. Maria o conhecera quando recém chegou em Biloxi, desesperada, e fora forçada a recorrer às esquinas para alimentar Lissy. Ele quase a prendeu, mas ficou com pena dela, emprestou-lhe cinquenta dólares e a levou de volta para o carro onde ela estava morando com a filha. Ajudou-a a se reerguer, e ela lhe retribuía com sexo grátis sempre que ele queria. Quando ele foi embora de Biloxi quase dois anos antes, nenhum dos dois esperava reencontrar-se. E lá estavam eles.

Ela lhe contou a história toda, desde o momento em que tinha levado Susan e Claire ao Biloxi Yacht Club até o dia em que batera na sua porta. Ele ficou cético quando ela afirmou que todos os que sabiam que as duas tinham entrado naquele barco pareciam ter desaparecido ou morrido, e tampouco acreditou que havia um homem que queria matá-la.

Mas prometeu verificar. Enquanto isso, se estivessem com medo de voltar para Biloxi, ela e Lissy poderiam ficar com ele. Mais cedo ou

mais tarde a situação iria resolveria. Isso fora há quase três semanas.

Maria tinha aceitado a oferta porque confiava nele. Acreditava que ele usaria seus contatos na polícia para rastrear o homem que tinha matado Susan, provavelmente Claire, e só Deus sabia quem mais, e que agora estava atrás dela. Confiava que ele manteria Lissy em segurança enquanto fazia isso, e que era capaz de manter a boca fechada sobre sua duvidosa guarda da filha.

— Quer comer alguma coisa? — Maria esticou as pernas, preparando-se para levantar.

Jerry olhou para ela com um sorriso nos lábios. Resultado de uma das piadas fracas de Letterman, ela pensou.

— Depois do jantar que você preparou hoje? Eu ainda estou sentindo-me um balão —

disse ele, batendo de leve na ampla barriga.

— Posso pegar uma cerveja se você quiser. — Ela ainda estava em posição de se levantar.

— Você não precisa servir-me.

— Eu não me importo.

— Escute, Maria. — Toda a sua atenção agora estava nela, e não mais dividida com a TV.

— Eu não vou chutar você e sua filha daqui, não importa o que aconteça. Você não precisa ser minha empregada.

— Eu não... — Maria parou no meio da frase, por que aquilo era exatamente o que ela vinha fazendo desde que Jerry lhes oferecera

um teto. Se ele não tivesse lhe ajudado, elas não teriam a quem apelar, e ela sabia muito bem disso.

— Eu a estou ajudando como amigo, e não para que você cozinhe, limpe a casa e lave minhas roupas.

Maria ficou em silêncio por um momento, apenas olhando para ele. Quando falou, foi com um nó na garganta.

— Você é um bom homem, Jerry Fineman — disse suavemente, e sorriu para ele. Depois, deslizou do sofá, ficou de joelhos na frente dele e estendeu a mão para o zíper de suas calças.

Ela pretendia agradecê-lo da única forma que ele não iria recusar.

CAPÍTULO 32

Quando Ronnie finalmente abriu os olhos, Tom estava deitado em cima dela, saciado e mais pesado do que ela imaginava ser possível. Seus braços estavam em torno dela, a cabeça repousava na curva entre seu ombro e o pescoço, os corpos ainda unidos. Virando a cabeça, ela beijou seu rosto.

— Tom, eu estou congelando. Vamos sair daqui.

Ele ergueu a cabeça para olhar para ela. Seus olhos brilharam por um momento, e então ele sorriu.

— Você é a coisa mais linda que eu já vi na minha vida, a mais sexy e a de cheiro mais doce. Eu poderia fazer amor com você a noite inteira. Como pode estar com frio num momento como esse?

Ela o sentiu mover-se dentro de si. Longe de estar exausto, todo seu corpo parecia estar despertando outra vez. As coxas se alongaram e depois se contraíram entre as dela. Ele respirou fundo e ela pôde senti-lo enrijecer novamente.

— Eu não estou com frio, estou congelando. — Ela estremeceu para provar. — Nós estamos deitados numa poça d'água, e o ar-condicionado está à toda.

— Você não estava com frio alguns minutos atrás.

— Eu não acredito que você não esteja gelado.

— Boneca, você me deixa tão quente que acho que nunca mais vou sentir frio.

Ela achou graça: — Boneca? Que jeito de falar é esse?

— É o jeito dos verdadeiros homens do sul. Você vai acostumar. — Já ereto outra vez, ele estava apoiado nos cotovelos, pressionando os quadris de Ronnie contra o chão e observando seu rosto enquanto mergulhava fundo dentro dela.

— Tom... — ela arquejou.

Abaixando a cabeça, ele tomou seu mamilo nos lábios e o sugou enquanto se movia lentamente para dentro e para fora dela. Segurando seus ombros, Ronnie perdeu o fio dos próprios pensamentos.

Quando ela recuperou a razão pela segunda vez, ainda presa ao chão pelo peso do corpo de Tom, a temperatura na sala era a mesma de antes: gélida.

— Tom — ela suplicou em seu ouvido. — Tem uma cama no outro quarto. Com cobertas.

Ele virou a cabeça para morder seu pescoço. — Você ainda não está satisfeita? Muito bem, então, vamos nos mudar.

Com mais energia do que ela esperava sentir outra vez em sua vida, ele se pôs de pé num movimento fluido, pegando sua mão e

puxando-a para cima. Por um momento, eles ficaram frente à frente, ambos nus e banhados pelo luar que se derramava pela porta. Seus olhos se encontraram, e ele sorriu para ela. Ronnie se encostou nele, descansando sobre o peito amplo, os braços em torno de sua cintura.

Ela fechou os olhos para saborear o momento. Todos os seus devaneios, todos os sonhos, todas as fantasias que ela tivera com ele estavam realizando-se.

Ele a apertou nos braços quentes e fortes. A sensação foi deliciosa. Cada centímetro do seu corpo estava arrepiado pelo frio do ar-condicionado, e seus ossos pareciam tão sólidos quanto um pudim.

— Seu traseiro é incrível! — disse ele, deslizando as mãos para agarrar a parte de sua anatomia que elogiara. — Para sua informação.

Um bipe agudo assustou os dois. As mãos de Tom saltaram. Ele levou um segundo para identificar que o som vinha do seu relógio. Apertou o botão, e fez-se silêncio outra vez.

— Deve ser à prova d'água — disse Ronnie com um toque de humor.

— Ao que tudo indica.

— Que horas são?

— Três da manhã. A que horas você acha que precisamos voltar antes que eles mandem alguém procurar por você?

— Não sei. Quando amanhecer? — Ela se libertou de seus braços e começou a andar na direção do quarto. — A que horas sai o sol?

— Lá pelas cinco e meia. É melhor voltarmos um pouco antes, por segurança.

A sala de exercícios dava diretamente para o quarto. A cama que ocupava a parede do fundo era de solteiro, coberta com uma antiga colcha de retalhos que chegava até o chão e muitas almofadas decorativas. Desde que Ronnie passara a usar o pavilhão da piscina, ninguém havia dormido nela. Mesmo assim, estava sempre pronta.

— Pode desligar o ar-condicionado? O termostato fica ali na parede — disse ela, jogando as almofadas no chão.

Ele encontrou o botão com a ajuda da pequena luz vermelha que anunciava seu funcionamento. Num acordo mútuo e silencioso, nenhum dos dois cogitou acender as luzes.

Não que precisassem — entre a porta deslizante de vidro e a pequena clarabóia sobre a cama, eles podiam ver o suficiente.

— Então esta Cinderela se transforma em abóbora de manhã, e não à meia-noite — disse ele andando na direção dela.

— É a carruagem que se transforma em abóbora, não a Cinderela — corrigiu Ronnie, subindo na cama e puxando as cobertas até o pescoço

— Dá no mesmo

O olhar de Ronnie percorreu o corpo de Tom enquanto ele se aproximava da cama, e um pequeno sorriso curvou seus lábios. Simplesmente vê-lo nu era suficiente para esquentá-la um pouco.

De repente, ela se lembrou de algo, jogou as cobertas para o lado e saiu da cama.

— O que foi? — ele franziu a testa para ela

— Se você não quiser vestir o smoking encharcado outra vez, ele precisa ir para a secadora.

— Eu faço isso, volte para a cama. Já disse que não estou com frio.
— Ele se virou e saiu do quarto, proporcionando a Ronnie uma excelente perspectiva de suas costas largas e do traseiro rijo. As marcas vermelhas das unhas dela em sua pele apareciam de leve na escuridão. Lembrando-se de como as fizera, Ronnie estremeceu de prazer e se aninhou outra vez sob a colcha. — Onde fica a máquina?

— No banheiro.

Alguns minutos depois, ela escutou a porta da secadora batendo e depois o zumbido constante do motor.

— Espero que não encolha — disse ele, voltando para o quarto.

— Acho que não — respondeu Ronnie com um sorriso. — Mas, dependendo do tecido, pode derreter.

— Ótimo. — Tom subiu na cama ao lado dela. Ronnie se moveu para lhe dar mais espaço e depois se aconchegou contra seu corpo. Ele ficou deitado de costas, com a cabeça no único travesseiro. Suas longas pernas, os braços musculosos e o centro do seu peito eram cobertos de pêlos grossos, que ela acariciava distraidamente com a cabeça deitada em seu ombro.

— Tom! — Com um sobressalto, Ronnie se lembrou de algo outra vez. — Será que sua namorada ainda está aqui?

— Eu mandei Diane para casa num táxi antes de subir para procurá-la. Disse a ela que precisava resolver um problema urgente e tinha de ir imediatamente para o aeroporto.

— Você é um mentiroso muito criativo, não?

— Quando é necessário.

— Você vai vê-la de novo em breve?

— Não antes de você ver seu marido, acredite. — Ronnie suspirou, os dedos móveis em seu peito. — Você já está se arrependendo, não está?

— Do quê? De ter você nua nos meus braços? — Ele balançou a cabeça e deu um sorriso torto. — Boneca, fazer amor com você é o mais próximo que espero chegar do paraíso em toda a minha vida. Como eu poderia arrepender-me?

— Você está arrependido, eu sei.

— Não me arrependo de nada. — Ele mudou de posição para encará-la. O coque havia se desmanchado, e os cabelos de Ronnie se espalhavam pelo travesseiro em ondas sedosas.

Ele pegou uma mecha e a esfregou entre o polegar e o indicador como se avaliasse sua textura. — Você se lembra de quando falamos sobre ser a outra mulher? Bem, eu não tenho certeza se consigo ser o outro homem.

— Tom...

— Quieta — ele disse, e a beijou.

Quando o relógio anunciou cinco horas, ambos estavam saciados e sonolentos.

— Hora de levantar — disse ele apertando seu traseiro outra vez. Ela estava deitada em cima dele, a cabeça pousada em seu peito, as pernas dos dois entrelaçadas.

Inclinando a cabeça, fitou-o com os olhos cheios de sono.

— Estou exausta demais para me mexer — murmurou.

— Fico feliz em escutar isso. É o que você merece por me fazer passar a noite em claro.

— Eu não deixei você dormir?

— Tudo bem, foi mútuo. Então nós dois vamos pagar por isso passando o domingo inteiro com sono.

Ronnie gemeu: — Eu tenho um jogo de tênis ao meio-dia.

— Com Michael? — A voz de Tom perdeu a doçura.

Ronnie ergueu corpo apenas o suficiente para depositar um beijo rápido em sua boca. —

Sabe que eu sei direitinho quando você não gosta de alguma coisa? Você perde o sotaque. Sua voz fica fria e metálica, quase hostil.

— Eu me sinto bem hostil neste momento. Você vai jogar tênis com aquele sujeito?

— Michael é casado com uma grande amiga minha, Kathy Blount. — Um olhar para o rosto dele persuadiu Ronnie de que aquela não era a melhor hora para joguinhos de ciúmes. — Ela e o irmão eram campeões de tênis no colegial e jogam duplas mistas contra Michael e eu. Eles sempre ganham — bem, nove de cada dez partidas. É o único esporte que eu pratico com Michael.

Quando ele veio buscar-me naquele dia, Kathy estava esperando no carro.

— Ah.

— É, ah.

— Você me fez pensar outra coisa de propósito.

— Você merecia.

— É mesmo?

— É.

Eles trocaram olhares desconfiados, e então a expressão de Tom se suavizou num sorriso relutante.

— Provavelmente — admitiu. Seus braços apertaram-na e ele rolou para cima dela e novamente a beijou.

Quando saíram da cama, eram quase seis horas. Vestiram-se apressadamente, Ronnie com a roupa de ginástica que guardava no pavilhão da piscina para se exercitar e Tom com o smoking seco porém amassado, com a gravata e a faixa enroladas e guardadas em um dos bolsos. Ronnie saiu para buscar as roupas que tinha usado na noite anterior ao lado da piscina, as quais pretendia deixar no armário do pavilhão para levá-las para casa mais tarde. Seria mais seguro entrar com a roupa de ginástica, pois assim, se alguém a visse, ela poderia simplesmente dizer que estava exercitando-se. Ou muito cedo, ou muito tarde, dependendo se alguém sabia que ela não tinha dormido na noite anterior.

Aquela forma sorrateira de se comportar era uma experiência nova e desagradável para ela, mas achou melhor não dizer nada a Tom. Ela sabia como ele se sentia, e não queria reavivar a discussão.

— Vamos, eu vou com você até a casa. — Tom estava parado atrás dela no vão na porta do quarto enquanto ela guardava o vestido no armário. Sua camisa estava abotoada pela metade, e ele precisava barbear-se. Estava tão sexy que ela sentiu suas entranhas se aquecerem outra vez só de olhar para ele.

Sem os dois se darem conta, seus dedos se entrelaçaram enquanto eles seguiam o caminho de tijolos ladeado pela cerca-viva que levava a casa. O dia estava nascendo, embora o sol ainda não tivesse surgido. O orvalho acumulado nas folhas molhou suas roupas, impregnando-as do aroma das madressilvas. O ar estava parado, como se Sedgely ainda não tivesse acordado.

Eles pararam um pouco antes de alcançar a entrada da garagem, sob um imenso carvalho do qual pendiam fios cinzentos de barba-de-bode. Ronnie olhou para a grande mansão branca a sua frente, para as árvores, arbustos e canteiros bem cuidados que a cercavam, para as tendas parcialmente visíveis, para as lanternas japonesas apagadas, tochas enegrecidas e outros resquícios da festa tão recente. Tudo o que ela via falava silenciosamente de riqueza e de uma vida de luxo fácil.

Então ela se virou para olhar para Tom.

— Eu preciso entrar — disse.

— Eu sei.

— Você vai aparecer mais tarde?

Ele apertou sua mão. — Tenho de pegar um avião às duas.

— Oh, não! — Ronnie teve impressão de que o ar havia sido sugado de seus pulmões. —

Para onde você vai?

— Para Nevada, depois para a Califórnia e depois para o Tennessee. Só vim para cá por causa da festa.

A idéia de se separar dele era quase insuportável. — Por quanto tempo você vai ficar fora?

— Provavelmente uma semana.

— Uma semana!

— Acha que vai sentir saudades?

— Oh, Tom! — Virando-se para ele, ela ficou na ponta dos pés para enlaçar seu pescoço.

Ele a beijou rapidamente e ergueu a cabeça. Quando seus olhares se encontraram, beijou-a outra vez.

Por fim, ele se afastou. — Entre — disse. — Eu ligo pra você. Vou estar viajando muito para você me ligar.

— Tom...

— Entre. O dia está nascendo.

O sol surgia, pintando o céu ao leste em camadas cada vez mais claras de rosa e lilás. Não havia mais nada a fazer. Ela tinha de entrar. Mas deixá-lo ali, à sombra do grande carvalho, foi uma das coisas mais difíceis que Ronnie teve de fazer em toda sua vida.

CAPÍTULO 33

Nos dias que se seguiram à festa, a agenda de Ronnie esteve cheia. Ela participou de comícios, reuniões das entidades em que atuava, almoços e jantares. Iam voltar para Washington na sexta-feira depois do Dia do Trabalho, e ela também tinha de se preparar para aquilo. Pela primeira vez, a idéia de trocar Sedgely pelos prazeres mais cosmopolitas da capital veio acompanhada de uma pontada de arrependimento. Antes, ela contava os dias com ansiedade.

A pontada, ela supunha, tinha algo a ver com Tom. Não, tinha tudo a ver com ele. Ronnie tinha a sensação de está-lo deixando para trás, o que obviamente era ridículo.

Ela provavelmente o veria tanto em Washington quanto em Jackson.

O que, pensando bem, era muito menos do que suficiente.

Ele telefonou uma vez para o seu celular. Como estava cercada de pessoas naquele momento — dois patrulheiros, Thea e um casal de repórteres que estavam cobrindo sua visita a escolas estaduais no início do ano letivo no delta do Mississippi — ela não teve escolha

senão manter a conversa breve e profissional. As escolas estavam em péssimas condições, e os alunos eram em grande parte pobres. Kenny tinha sugerido a visita como mais uma forma de enfatizar para a mídia a sua preocupação com a educação, e Ronnie ficou genuinamente tocada pela pobreza que encontrou.

Mas quando Tom telefonou, ela desejou ardentemente que as crianças, os professores, Thea e todos os outros a sua volta desaparecessem para que ela pudesse ter alguns minutos de privacidade para falar com ele. O que ela queria dizer não era para os ouvidos de mais ninguém.

— Era Tom? — perguntou Thea, quando ela desligou.

Ronnie assentiu, deslocando toda a sua atenção para as máscaras de argila que as crianças tinham feito na aula de artes para decorar a sala.

— Ele queria alguma coisa? Devo ligar para ele? Não entendo por que ele não ligou para o escritório. — Thea estava com uma expressão intrigada. Tanto quanto ela sabia, Tom não ligava diretamente para Ronnie por motivo algum.

Ronnie balançou a cabeça negativamente. Mentir era difícil, mas ela se esforçou. — Ele queria saber o que eu acho de dar uma entrevista para outra revista feminina.

Com o incidente da Ladies' Home Journal ainda vívido na memória das duas, aquela era uma boa resposta. Ronnie ficou orgulhosa de si mesma. A curiosidade de Thea se evaporou.

O desejo de Ronnie por Tom só aumentou.

Ela sentia a falta dele com uma intensidade que piorava a cada hora a que passaram separados.

Ele deveria voltar no sábado, mas, por vários motivos, acabou chegando em casa na sexta-feira à tarde. Encerrando um breve discurso sobre a natureza histórica do evento, Ronnie estava ocupada em cortar a fita da cerimônia de inauguração do desfile do Dia do Trabalho, que seria seguido de um fim de semana inteiro de shows de acrobacias aéreas e demonstrações de aviões militares, quando ergueu os olhos e viu Tom parado em frente à multidão.

Ele estava usando jeans, camiseta e boné, observando por baixo da aba a grande tesoura prateada que ela segurava partir a fita de cetim vermelho. Inicialmente, ela não o reconheceu. Ele era apenas mais um homem alto e atlético, um pouco mais ousado do que a maioria, talvez, pois a fitava abertamente. Então seus olhares se encontraram, e ele sorriu.

Quando Ronnie o reconheceu, seu rosto se iluminou, e ela perdeu completamente o fio do que estava dizendo. O sorriso que lhe devolveu foi ao mesmo tempo espontâneo e elétrico.

— A senhora encontrou uma amiga, Sra. Honneker? — perguntou Chip Vines, o coordenador do evento, que estava ao seu lado enquanto ela cumpria sua tarefa cerimoniosa.

— Sim, encontrei — ela respondeu, recuperando a noção de tempo e espaço com a pergunta. Um rápido olhar enviesado revelou que Kenny e Thea, que acertavam detalhes com os seguranças de Ronnie a alguns metros de distância, estavam acenando para Tom, Mas ele estava cego para seus gestos, todo o seu olhar ainda concentrado nela.

— Se já terminamos, vou até lá cumprimentá-la — disse, entregando-lhe a tesoura.

— Sim, já terminamos. Agradecemos muito a sua presença.

O pequeno grupo de pessoas posicionadas sobre o palanque desceu, e a estrutura com rodas foi levada embora. Kenny, Thea e os

patrulheiros formaram um círculo em torno de Ronnie enquanto a platéia se aglomerava para assistir as acrobacias aéreas.

Atrás dela, o primeiro avião militar emergiu do hangar e tomou a pista. A multidão aplaudiu.

O sorriso de Tom se ampliou à medida que ela se aproximava. O desejo de pular em seus braços era quase avassalador, e ela podia ler o desejo em seu rosto. Ronnie parou na frente dele, estendendo a mão.

— Olá, Tom — disse, enquanto seus olhos diziam muito mais. Ele pegou sua mão, cumprimentando-a com seriedade.

— Olá, Ronnie. — Seu olhar saltou dela para Kenny e Thea, logo atrás. — Foi um discurso excelente. Olá, Kenny, Thea. Todos vocês já conhecem o meu filho?

Pela primeira vez Ronnie percebeu que Tom não estava sozinho. Um adolescente estava parado ao lado dele.

— Mark, esta é a Sra. Honneker, e a srta. Cambridge.

— Oi — disse Mark, assentindo primeiro para Ronnie e depois para Thea.

— É um prazer conhecê-lo, Mark. — Ronnie sorriu para ele e apertou sua mão, seguida por Thea. Kenny obviamente já o conhecia e cumprimentou-o com familiaridade.

Embora eles não tivessem sido apresentados na ocasião, Ronnie se lembrava do garoto daquele dia na casa da mãe de Tom. Ele era quase tão alto quanto o pai, e havia uma clara semelhança entre os dois, principalmente no formato da boca e do queixo e na cor dos olhos. Os cabelos do garoto eram castanho-claros, um tanto mais escuros do que os de Tom, e, vestindo uma bermuda larga e camiseta branca, ele parecia muito mais magro do que o pai.

Ronnie ficou ligeiramente espantada ao ver que era objeto do olhar de admiração de Mark.

Ela estava usando um vestido de seda azul-turquesa abotoado na frente, longo e sem mangas, bastante discreto. Poderia ter sido feito com as instruções de Tom sobre o figurino apropriado para uma campanha em mente. Não havia nada de sensual na roupa, mas mesmo assim o adolescente a comia com os olhos.

Ela olhou para Tom para ver como ele receberia aquela evidência da admiração do filho, mas ele estava dizendo alguma coisa para Thea e parecia não ter notado.

— Que você está fazendo aqui? Achei que só ia chegar amanhã — Kenny colocou em palavras a pergunta que Ronnie queria fazer.

— Mark veio passar o fim de semana comigo, então acelerei um pouco o trabalho e acabei mais cedo.

A multidão aplaudiu quando mais aviões apareceram na pista. O pequeno grupo se deslocou para não impedir a visão dos que estavam atrás deles.

— Ele chegou há mais de uma hora, mas quis ficar para ver o show aéreo — disse Mark causticamente. — Se eu soubesse, teria pedido para a vovó apanhá-lo.

Tom olhou para Ronnie com um sorriso nos olhos. — Eu tenho uma queda por aviões —

disse, dando de ombros. — Não se preocupe, você estará em casa a tempo para o seu encontro.

— Preciso pegar Loren às seis e meia.

— Não se preocupe, eu já disse.

— Odeia ser uma desmancha-prazeres, mas tenho de ir — disse Thea. — Eu também tenho um encontro hoje à noite.

— Todd Farber? — perguntou Ronnie, mencionando o homem que Thea tinha levado à festa de Lewis com um erguer das sobrancelhas. Thea assentiu.

— Então, acho melhor irmos — disse Ronnie, tentando não parecer tão relutante quanto estava. Seu olhar encontrou o de Tom outra vez. Vê-lo tão rapidamente e num lugar público era quase pior do que simplesmente não vê-lo.

— Vamos acompanhá-la até o carro — disse ele.

— Eu pensei que você queria ver o show! — protestou Mark, indignado.

— Nós podemos ver do estacionamento tão bem quanto daqui. — A voz de Tom soou autoritária. Ronnie teve de sufocar um sorriso enquanto eles se viravam e se dirigiam ao estacionamento.

Os patrulheiros saíram na frente, abrindo caminho entre o público, seguidos por Mark, Thea e Kenny. Tom pegou a mão de Ronnie, puxando-a para trás.

— Sentiu minha falta? — perguntou em voz baixa.

Ronnie olhou para ele e apertou sua mão. Não ousava tocá-lo de nenhuma outra forma.

Muitos dos presentes a conheciam, e a imprensa estava cobrindo o evento, embora estivessem concentrados nas acrobacias.

— Você sabe que sim.

Ele passou algo para sua mão. Olhando para baixo, ela viu que era um envelope dobrado com alguma coisa dura dentro, e olhou para

ele interrogativamente.

— É a chave do meu apartamento. Mark vai sair no máximo até às seis.

A mão de Ronnie se fechou em torno do retângulo de papel. Seu coração se acelerou, e ela lhe deu um sorriso rápido e radiante.

— Você por acaso está me convidando para jantar?

— Algo assim.

— Papai, você poderia andar logo? — O chamado impaciente de Mark assustou os dois, e eles olharam em torno. Com seu momento de privacidade interrompido, Ronnie e Tom avançaram para se juntar aos outros.

Lewis iria fazer um discurso em uma reunião de plantadores de fumo às sete e meia, e Ronnie deveria ir com ele, mas alegou uma dor de cabeça debilitante e retirou-se para o quarto.

Dorothy estava recebendo sua turma do bridge, umas vinte mulheres idosas que tagarelavam na sala de estar. Ronnie as viu quando desceu outra vez depois que Lewis já tinha ido embora. Isso facilitava as coisas para ela, pois a sogra não iria sentir sua falta. Ao invés de se esgueirar para fora, porém, o que acarretaria o perigo de darem por sua ausência ou a pegarem voltando, ela disse a Selma que ia dar uma volta de carro para ver se o ar fresco melhorava sua dor de cabeça.

Então simplesmente entrou no seu BMW branco e saiu.

O apartamento de Tom ficava ao norte da Fortification Street, em Belhaven. O endereço, bem como as instruções para encontrá-lo, estavam escritos no envelope que guardava a chave. Era uma parte antiga da cidade, com árvores altas, casas grandes e arquitetura eclética. O apartamento ficava numa antiga mansão vitoriana de

tijolos que havia sido transformada em condomínio. Tom tinha todo o terceiro andar para si.

Atrás do prédio havia um beco, onde Ronnie estacionou para evitar que alguém a visse ou reconhecesse seu carro. O dia ainda estava claro, um belo entardecer de verão.

Várias pessoas estavam em seus jardins, cuidando das plantas ou conversando com os vizinhos na varanda. Inspirando-se em Tom, Ronnie estava usando jeans e camiseta, e trazia os cabelos presos sob um boné.

Caminhou apressadamente até o edifício e subiu as escadas. A porta do apartamento era de carvalho maciço. Tom e Mark Quinlan, estava escrito à mão numa pequena etiqueta encaixada na moldura de latão abaixo da campainha.

Ela apertou o botão e esperou.

Tom abriu a porta.

Ronnie entrou. Ele fechou a porta e a puxou para os seus braços.

O boné caiu no chão.

Mais tarde, com seus desejos já atenuados, Tom revirou a geladeira atrás de ingredientes para um jantar leve. Depois de gastar uma grande quantidade de energia no quarto, ele se declarou faminto e a arrastara em busca de comida. Ronnie se sentou na pequena mesa de tampo de vidro num canto da cozinha, tomando uma lata de coca-cola, observando-o. Descalço e sem camisa, usando apenas um jeans desbotado, ele estava incrivelmente belo enquanto examinava as prateleiras, ela pensou sorrindo para si mesma.

— Que tal um sanduíche de presunto? — ele perguntou, tirando uma bandeja enrolada em papel de alumínio da prateleira de baixo e fechando a porta da geladeira. — Sandra está convencida de que eu

não alimento Mark adequadamente, então mandou esta peça de presunto e um pote de lentilhas. — Ele riu. — Provavelmente ela tem razão. Quando ele está comigo, nós geralmente acabamos pedindo pizza.

— Um sanduíche seria ótimo — disse Ronnie. Então, com naturalidade estudada, ela perguntou: — Você e Sandra se dão bem?

Pousando a bandeja no balcão, ele removeu o papel de alumínio.

— Razoavelmente, por causa de Mark. Nós dois o amamos muito. É claro que durante o divórcio, a história era diferente.

Tom pegou uma faca, pratos e pão, e começou a cortar fatias do presunto.

— Vocês se separaram porque ela estava tendo casos enquanto você viajava? — ela perguntou, recordando o que ele havia lhe contado no dia em que se conheceram.

Tom assentiu. — Sim.

— Você foi pego de surpresa? — Era difícil imaginar que ele não tivesse suspeitado de nada. Ela suspeitara de Lewis desde o início. Não, ela tivera certeza.

Tom terminou um sanduíche e começou a preparar o segundo. — Sim. Não tinha a menor idéia. Um dia cheguei mais cedo de uma viagem, assim como hoje, e a surpreendi na cama. Não foi uma cena bonita.

Ronnie teve a impressão de que ele estava minimizando as coisas. — Deve ter sido horrível.

— Foi. Mostarda?

— Não, obrigada. Só presunto, por favor.

— Nem maionese?

— Não, nada.

Ele andou até a mesa carregando dois pratos de papel. Ronnie achou graça ao descobrir que os sanduíches eram altos o bastante para alimentar três pessoas cada um.

— Obrigada — disse.

Ele se sentou na frente dela e mordeu o sanduíche.

— Então o divórcio foi culpa de Sandra? — sondou Ronnie, removendo cerca de metade do presunto do sanduíche para poder comê-lo.

— Você quer todos os detalhes sórdidos, não é? — ele sorriu para ela, conformado. — Se eu fosse hipócrita, diria que sim. Mas a verdade é que eu estava trabalhando demais, o que significa que nunca estava em casa. Ocasionalmente, conhecia mulheres nas viagens de trabalho e ... — Ele ergueu as sobrancelhas sugestivamente.

— Dormia com elas? — completou Ronnie.

— Isso resume bem as coisas. Eu estava casado desde os 21 anos, e deixei de amar Sandra mais ou menos dois anos depois.

— Entendo. — Ronnie deu uma mordida no sanduíche. — Mas mesmo assim você ficou surpreso ao encontrar sua esposa dormindo com outra pessoa.

— Surpreso não é a palavra correta. — Tom largou o sanduíche e pegou sua Coca-Cola, mas devolveu a lata à mesa sem tomar um gole. — Eu enlouqueci. Dei uma surra no sujeito, apavorei Sandra e

fui embora O divórcio levou quase dois anos para ser concluído. Ela acabou ficando com tudo: a casa, os carros, o fundo de pensão, Mark. Durante o processo, eu não conseguia me concentrar-me no trabalho, e a firma afundou. Acabamos sendo acusados de aceitar centenas de milhares de dólares em contribuições ilegais de campanha em nome de um de nossos clientes da época. Não tínhamos feito nada, a propósito, não que isso tenha feito muita diferença no final. Estava tudo nos jornais; fico surpreso que você não saiba. Tivemos de pagar uma imensa multa e depois disso fomos à bancarrota. Finalmente, Kenny e eu começamos a nos reerguer. —

Ele sorriu para ela. — Você foi a nossa chance. Agora estamos de volta a todo vapor. Eu tenho de admitir que aprendi muito com a experiência.

— Tom — Ronnie começou a falar, mas parou. Seu sanduíche estava esquecido no prato.

— Sim?

— Diga-me uma coisa: onde eu me encaixo neste quadro? Estou na categoria das mulheres que você conhece durante o trabalho e que ocasionalmente leva para a cama? Ou você ainda está

"cuidando de mim" pelo bem da firma?

Tom a fitou por sobre a mesa, e lentamente colocou o sanduíche no prato. Seus olhos se estreitaram. — Para sua informação, as mulheres com quem eu dormia enquanto estava casado eram casos de uma noite, sem qualquer envolvimento emocional. Elas não queriam envolvimento e nem eu. E "cuidar" dos meus clientes nunca foi dormir com eles.

— É claro que ajuda o fato de que a maioria dos seus outros clientes são homens — disse Ronnie com doçura.

Ele sorriu e seus olhos se iluminaram. — É verdade. Ronnie se levantou, com uma careta para ele. Tom também ficou em pé e a puxou pelos braços, olhando dentro de seus olhos.

— Quer saber onde você se encaixa na minha vida? É isso que está me perguntando? A resposta é que você não se encaixa. Você é uma tremenda complicação numa vida que estava começando a se reorganizar. Você é um suicídio profissional e um escândalo pessoal de uma magnitude que eu nem gosto de pensar, tudo isso dentro de uma embalagem linda e sexy. Eu me esforcei ao máximo para não me envolver desta forma, mas não pude evitar. Penso em você durante o dia e sonho com você à noite. Sempre que a vejo, é como o sol brilhando por entre as nuvens após uma chuva fria.

Enquanto o escutava, a expressão jocosa sumiu do rosto de Ronnie e ela passou os braços em torno do pescoço dele.

A voz de Tom baixou uma oitava. — Então, acho que a resposta é que neste momento a decisão de onde você se encaixa na minha vida é toda sua.

Ronnie ficou na ponta dos pés para beijá-lo. Suas bocas acabavam de se tocar quando a porta do apartamento se abriu e se fechou novamente com um estrondo.

CAPÍTULO 34

Papai! — O grito de Mark fez Tom e Ronnie se afastarem mais rápido do que um balde de água gelada. Eles tiveram apenas um instante para se entreolharem, consternados.

— Papai, você está na cozinha? Não vai acreditar no que ela fez comigo!

Ronnie teve um súbito impulso de se esconder, o que era ridículo. Ela estava presa na cozinha. Não havia como sair dali a não ser pela

sala, que Mark já estava atravessando, e ela era grande demais para caber num dos armários.

De qualquer maneira, a questão se tornou inútil em segundos. Mark apareceu na porta da cozinha e congelou, a raiva sumindo de seu rosto rapidamente enquanto seu olhar saltava de Tom para Ronnie e de volta para o pai.

Ronnie viu a cena através dos olhos de Mark. Lá estava Tom, usando apenas um jeans, sem sapatos e sem camisa. Ela felizmente estava vestida, de jeans e camiseta amarela justa com um sol cor-de-rosa, mas igualmente descalça, a boca sem batom e os cabelos embaraçados caindo sobre os ombros. Eles estavam a um metro um do outro depois de se separarem instintivamente quando escutaram sua chegada. Tom estava em frente aos armários ao lado da geladeira, enquanto Ronnie estava imóvel ao lado da mesa, onde havia duas latas de Coca-Cola e dois pratos com os restos de dois sanduíches.

— Oh, desculpe-me, eu não sabia que você tinha... — Neste momento, o olhar de Mark se arregalou para Ronnie — companhia.

Estava claro em sua expressão que ele se lembrava dela.

— Ronnie, você se lembra do meu filho. Mark, você conheceu a Sra. Honneker hoje à tarde.

— Sim, eu me lembro. Oi — ele disse, ainda a fitando.

— Oi, Mark. — Ronnie se sentia extremamente desconfortável. Enfiando os dedos nos passadores da calça, ela olhou para Tom.

— Imagino que você e Loren tenham brigado — ele disse ao filho. Ronnie teve de tirar o chapéu para Tom. Ele estava mantendo a calma. O olhar que dirigia a Mark era sereno, e ele obviamente pretendia distraí-lo com a pergunta. Funcionou.

— Ela me devolveu o anel! — Mark estava claramente se sentindo usado. Tinha de estar muito bravo e angustiado para falar daquele jeito na frente de uma pessoa estranha, pensou Ronnie.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça de uma forma que a fez lembrar Tom e se encostou no batente da porta, desanimado.

— Eu não sabia que você tinha lhe dado um anel — disse Tom.

— Foi no início do verão. Nós estávamos namorando! Mas veja só! — ele ergueu a mão esquerda e eles viram um anel de amizade de prata em seu dedo mínimo.

— Sente-se, Ronnie, e termine seu sanduíche. — Tom abriu a porta da geladeira, pegou uma pequena garrafa de suco de laranja e a jogou para o filho. — Sente-se você também, Mark.

Quer comer alguma coisa? Um sanduíche de presunto?

— Não. — Mark girou a tampa do suco de laranja, tomou metade da garrafa em uma série de goles e sentou-se à mesa.

Ronnie, com outro olhar rápido para Tom, voltou para o seu lugar. Só iria piorar as coisas se ela saísse segundos depois de Mark chegar. Talvez o garoto sequer compreendesse o significado da cena que tinha interrompido, pensou, esperançosa.

Então ela se lembrou do modo como ele tinha olhado para ela no aeroporto. Mark não era tão jovem assim.

— Que aconteceu? — Tom estava preparando outro sanduíche.

— Nós estávamos no Pizza Hut quando ela me disse que quer sair com outros caras, e devolveu-me o anel!

— Loren é uma garota muito bonita. — Tom colocou um prato de papel com um sanduíche na frente do filho e sentou-se outra vez.

— Eu sei. — Mark deu uma mordida imensa no sanduíche que não queria.

— Mas há muitas garotas bonitas por aí. Algumas delas tão bonitas quanto Loren, ou até mais. Talvez você também devesse pensar em sair com elas.

— Talvez — disse Mark sem entusiasmo.

— Você se importa se eu lhe der alguns conselhos sobre sua namorada? — perguntou Ronnie, empurrando o prato para o lado e apoiando os cotovelos na mesa.

— Claro que não.

— Se eu fosse você, agiria como se não desse a mínima para o fato de ela ter terminado o namoro. Comece a sair com outras garotas imediatamente. Isso vai chamar a atenção dela mais rápido do que qualquer outra coisa.

— Você quer dizer que eu devo provocar ciúmes nela? Isso realmente funciona?

— Imagine como você se sentiria se visse a sua namorada com outro homem.

— Eu ia querer matá-lo — disse Mark com convicção.

— Uma leve tendência ao ciúme violento é uma espécie de defeito de família — disse Tom com um sorriso rápido, olhando nos olhos de Ronnie. Ela retribuiu o sorriso, lembrou que não estavam sozinhos e rapidamente tentou torná-lo impessoal. Não teve certeza se conseguiu.

— Acho que posso convidar Elizabeth Cártter para ir ao Baile do Dia do Trabalho comigo

— disse Mark, refletindo. — Ou Amy Ruebens.

— É uma boa idéia — disse Tom.

— Odeio comer e sair correndo, mas tenho de ir. — Ronnie olhou para o grande relógio na parede oposta e se levantou. Um súbito embaraço tomou conta dela: não podia ir, estava descalça.

Seus sapatos estavam exatamente onde ela os havia tirado: ao lado da cama de Tom. Como poderia buscá-los sem se denunciar?

Tom se levantou logo depois dela e obviamente percebeu a consternação em seu rosto. Ele franziu a testa e lhe deu um olhar intrigado.

— Não precisa levantar-se — ela disse a ele com um rápido aceno na direção da cadeira vazia. — Tenho de ir ao banheiro antes.

Havia dois banheiros no apartamento, um no corredor ao lado da cozinha e outro junto ao quarto de Tom. O quarto de Mark ficava ao lado do pai, mas pelo que ela sabia, não tinha banheiro próprio. Ronnie fechou a porta do banheiro do corredor sem entrar e correu para o quarto de Tom, sentindo-se como uma ladra. Seus tênis estavam ao lado da cama, que estava em completa desordem. Ela arrumou rapidamente as cobertas e se sentou no canto da cama para se calçar. Isto feito, levantou-se com um salto, voltou ao banheiro e abriu e fechou a porta outra vez como se estivesse saindo.

Mesmo se Mark já tivesse adivinhado que ela e seu pai estavam dormindo juntos, não havia motivo para eliminar todas as dúvidas, e o estado da cama era, no modo de pensar de Ronnie, uma evidência muito explícita.

Andando no ritmo normal, retornou à porta da cozinha. Pai e filho estavam em meio a uma discussão em voz baixa, interrompida quando ela apareceu.

— Tenho de ir — disse. Os olhos dos dois realmente eram muito semelhantes, pensou quando ambos a encararam.

— Eu levo você lá embaixo. — Tom se levantou. — Vou pegar minha camisa.

Vestindo a camiseta branca que estava usando antes e um par de mocassins, ele voltou tão rápido que Ronnie e Mark mal tiveram tempo de trocar um sorriso constrangido.

Mark ficou em pé, olhando primeiro para Ronnie depois para o pai, que estava atrás dela.

— Sinto muito ter interrompido. Quando você me disse que ia ficar em casa hoje, eu pensei...

pensei ...

O que ele não sabia como dizer era óbvio: pensava que o pai iria estar sozinho.

— Fico feliz por termos nos conhecido, Mark — disse Ronnie, a essa altura já tendo decidido que a única coisa a fazer era fingir que não havia nada de mais naquela situação. — Seu pai fala muito de você.

— É mesmo? — Mark disparou um olhar interessado para o pai.

— De vez em quando — disse Tom. — Eu volto num minuto. Eles não trocaram uma palavra até saírem do edifício e darem a volta até o beco onde Ronnie tinha deixado o carro.

— Você acha que ele percebeu? — ela perguntou ansiosamente. Tom estava caminhando ao lado dela, mas eles não se tocavam. Já estava escuro, e os vizinhos pareciam ter se recolhido para suas casas. Alguém estava fazendo um churrasco, e o aroma delicioso da carne assada enchia o ar.

— Sem dúvida. Aliás, ele acha você uma gata.

— Vocês falaram sobre mim?

— A primeira coisa que ele disse quando você saiu da sala foi "Agora eu entendi a história do show de acrobacias". Depois disso, não tive como não contar.

— Oh, não!

Tom deu de ombros. — Não há nada que possamos fazer. Imagino que vamos conversar um pouco mais sobre isso. Eu vou dizer a ele que existe uma coisa chamada ambigüidade moral, e que algumas coisas não são pretas nem brancas, mas têm tons de cinza. É uma destas conversas que os pais precisam ter com os filhos quando são pegos fazendo alguma coisa errada.

— Oh, Tom, eu odeio colocá-lo nesta posição!

— Eu também.

Eles chegaram ao carro e pararam, encarando-se.

— Vamos nos ver amanhã?

Ele balançou a cabeça negativamente. — Mark está participando de um torneio de beisebol em Meridian. Vamos passar o dia todo lá amanhã, e a maior parte do domingo.

— Você sabe que estamos voltando para Washington na sexta-feira.

— Sei. Eu vou para a Califórnia na terça.

— Então...? — Ronnie deixou a pergunta no ar.

Tom fez uma careta pensativa. — Que tal segunda-feira?

— Segunda é Dia do Trabalho. Eu vou a uma feira de artesanato com Lewis à tarde, mas acho que posso dar uma escapada à noitinha.

— Mark vai a um baile da escola, acho eu.

— O seu apartamento está definitivamente fora de questão.

— Definitivamente. — De repente, um sorriso iluminou o rosto de Tom. — Existe um motel na 1-20, o Robbins Inn, para onde eu costumava levar garotas quando estava na escola. É

meio fora de mão, e nenhum de nós vai encontrar pessoas conhecidas por lá. Podemos nos encontrar no estacionamento às oito da noite na segunda?

— Vou tentar.

Tom pegou sua mão e a puxou para perto para beijá-la.

— Não se preocupe com Mark — disse ele. — Eu vou dar um jeito. Eles se beijaram outra vez, e Ronnie entrou no carro e voltou para casa.

Na segunda-feira, eles se encontraram no motel. Na terça, Tom viajou, mas deixou um número de telefone para o qual Ronnie poderia ligar tarde da noite, quando não houvesse ninguém por perto para escutar.

Na sexta-feira, ela e Lewis voltaram para Washington.

Seu lar em Georgetown era uma casa geminada de tijolos de três andares, estreita, elegante e antiga. Não tinha metade da imponência de Sedgely, mas mesmo assim sinalizava dinheiro e boa posição social. O pé-direito tinha cinco metros de altura, com frisos elaborados de gesso. Os pisos eram de tabuão coberto com tapetes orientais em tons de vermelho, rosa e azul. Pinturas de artistas tão

diversos quanto Sargent, Cézanne e Andrew Wyeth adornavam as paredes. Os móveis eram forrados com brocado e seda em tons preciosos, e as peças de madeira eram quase sem exceção antigüidades caríssimas.

Aquela era a casa em que Ronnie primeiro tinha morado, ainda como noiva de Lewis, e era onde se sentia mais à vontade. Washington lhe fazia bem, ao contrário do Mississippi. Embora fosse mais jovem do que a maioria das esposas dos senadores, fazia parte do seu círculo. Na capital, só muito raramente referiam-se a ela como "a segunda Sra. Honneker". Pelo menos na sua frente.

Foi reabsorvida nas rodas de chás, almoços e jantares quase instantaneamente. Conversava com as amigas ao telefone e ia ao salão de cabeleireiros e às compras.

Ela e Lewis foram a um jantar na Casa Branca para o presidente do Zaire, que tinha ido ao Washington com o objetivo de obter ajuda financeira para seu país. Compareceram a um evento de caridade no Museu Smithsonian. Ela foi convidada pela primeira-dama para o que era denominado

"café da manhã das luluzinhas" no jardim de inverno da Casa Branca, um recanto arejado, bem iluminado e decorado com lindos tecidos florais.

Mas nada daquilo era tão agradável quanto havia sido antes do verão no Mississippi. O

dinheiro que gastava, em roupas, as festas badaladas para as quais era convidada, as pessoas ricas e famosas com quem tinha intimidade lhe davam pouca alegria. Até mesmo o café da manhã com a primeira-dama lhe pareceu sem graça.

Tudo porque ela sentia falta de Tom.

Ela não o via desde o dia em que se encontraram no motel, embora falasse com ele todas as noites ao telefone. Quando conversavam, toda sua existência se resumia ao fone em sua mão e à voz dele do outro lado da linha. Nas noites em que voltava para casa tarde demais para ligar para ele, ela ia para a cama e se enrolava nas cobertas como num casulo de saudades. No dia seguinte, as cores do mundo pareciam desbotadas.

Na sexta-feira, ela e Lewis deviam comparecer a uma recepção na casa de Bill Kenneth, o senador mais jovem do Tennessee, que acabara de ser nomeado para a Comissão de Orçamento da qual Lewis fazia parte.

O evento seria um coquetel, marcado para as nove da noite, o que era cedo para Washington. Ronnie escolheu um vestido preto curto com meias-calças transparentes e escarpins pretos de salto alto. O traje era composto de uma combinação de cetim com um segundo vestido de renda preta por cima. A parte de renda tinha mangas longas e gola alta, sendo ao mesmo tempo bastante coberto e provocante, com os vislumbres de pele por baixo da renda. Ela deixou os cabelos soltos e pôs brincos de diamante.

Estava satisfeita com sua aparência quando chegou à festa, que já tinha começado a uns 45

minutos (não era de bom tom chegar cedo demais). Lewis também estava muito bem em seu terno escuro e parecia orgulhoso de levá-la pelo braço. Poucos minutos depois, eles se separaram. Ela ficou em um lado da sala conversando com o embaixador do Peru, enquanto ele ia para o outro com dois correligionários, rindo de alguma coisa em meio a baforadas de charuto.

— Ronnie, querida, há quanto tempo! Você está realmente linda esta noite. E estes brincos! Eu amo de paixão! — a mulher vestida de Armani era Lacey Kenneth, esposa de Bill.

Embora tivesse sete ou oito anos a mais do que Ronnie, ainda era uma mulher jovem e atraente, magra e com cabelos castanhos na altura dos ombros.

Ronnie se virou, sorrindo, para trocar os beijinhos obrigatórios entre as esposas de políticos. Seu rosto se iluminou quando, olhando por cima do ombro de Lacey, ela se deparou com um par de olhos azuis dolorosamente familiares.

CAPÍTULO 35

Creio que você conhece Tom Quinlan, querida. Ele também é do Mississippi. — Afastando-se de Ronnie, Lacey empurrou Tom para a frente com a mão em seu braço.

Tom sorriu para ela. Estava muito bonito num terno azul-marinho, camisa branca e gravata vermelha.

— Já fomos apresentados — disse ele afavelmente, apertando a mão que Ronnie teve a presença de espírito de lhe estender. — Olá, Ronnie.

— Olá, Tom. — Com o toque de sua mão, o salão subitamente ganhou uma nova aura. O

ambiente pareceu ganhar vida, encher-se de cores, pulsar com o sons e aromas que Ronnie antes não havia notado. Uma alegria pura explodiu dentro dela, e ela sorriu. Depois rapidamente se recompôs e tentou suavizar sua expressão deliciada para não dar na vista.

Lacey já estava olhando de um para o outro com um toque de curiosidade.

— Também estou trabalhando para o senador Honneker no Mississippi neste verão — Tom disse a ela. — Ronnie e eu somos velhos amigos.

— Bem, ele está trabalhando para nós agora — disse Lacey, olhando para Ronnie com uma risada possessiva. — Bill está enfrentando uma disputa apertada, e nós quisemos nos cercar dos melhores.

— A eleição ainda demora um pouco. Temos tempo bastante para fazer o que precisa ser feito. Está gostando de voltar a Washington?
— ele perguntou a Ronnie.

Os três conversaram sobre amenidades: os prós e contras da capital nas várias estações do ano, o tempo, a terrível taxa de crimes em certas áreas da cidade. A suspeita de Lacey, se é que ela havia tido suspeitas, pareceu desfazer-se. Quando outras pessoas se juntaram ao grupo, ela tomou Tom pelo braço e o levou consigo. Queria apresentá-lo a alguém.

Observando Lacey Kenneth se afastar com ele, a mão repousando em seu braço, o corpo muito perto do dele enquanto o conduzia pelo salão, Ronnie sentiu uma repentina antipatia pela mulher que antes considerava sua amiga.

Sabia bem o que Lacey realmente queria de Tom.

— Se você dormir com ela vou arrancar seus olhos — sussurrou ameaçadoramente para ele em um dos poucos momentos a sós que conseguiram ter.

Ele tomou um gole do drinque cor de ouro em sua mão, olhando para ela com humor nos olhos.

— Enciumada?

— Sim.

— E como você acha que eu me sinto vendo você aqui com o senador?

— Você sabe como são as coisas entre Lewis e eu.

— Isso não anula o fato de que você é esposa dele.

— Você está fugindo do assunto.

— E qual seria o assunto?

— Lacey Kenneth.

A expressão de Tom relaxou e ele sorriu. — Boneca, a única mulher nesta sala com quem eu tenho a intenção de dormir é você. Por que acha que eu vim para Washington?

— Por que você veio para Washington?

— Para ver você.

— E por que não me avisou que estava chegando?

— Decidi hoje de manhã. Acho que eu não conseguiria sobreviver a , outra de nossas conversas telefônicas sem fazer alguma coisa.

Recordando a tórrida conversa na noite anterior, Ronnie entendeu o que ele quis dizer.

— Quanto tempo você vai ficar?

— Só esta noite.

— Só esta noite?!

— Tom, aí está você! Ronnie, você precisa parar de monopolizar meu consultor! Acho que ele ainda não provou nosso salmon en croute, que está de dar água na boca!

E Lewis está procurando por você. Acho que ele quer ir para casa.

— Então é melhor eu ir atrás dele. — Ronnie manteve um sorriso pregado no rosto enquanto Tom mais uma vez era arrastado por

Lacey. Lewis estava realmente pronto para ir embora. Depois da casa dos Kenneth, eles deveriam comparecer a outra festa dada por um importante lobista, marcada para as 23h.

Ronnie conseguiu trocar mais algumas palavras em voz baixa com Tom quando voltou de uma rápida visita ao toailete, supostamente para reforçar seu batom.

Ele andou até ela na frente de todos, que era a única forma de não parecerem culpados.

— Foi ótimo vê-la outra vez, Ronnie — disse ele, acrescentando num sussurro: — Hotel Ritz-Carlton, quarto 715.

— Igualmente, Tom. — Ela sorriu, apertou a mão dele e respondeu: — Vou tentar.

— Da próxima vez que vier a Washington, avise antes e fique na nossa casa — disse Lewis, aproximando-se e batendo no ombro de Tom.

— Vou fazer isso, senador.

Então Lewis passou um braço em torno de Ronnie e a levou embora. Ela podia sentir os olhos de Tom perfurando suas costas até a porta se fechar atrás deles.

Eles só chegaram em casa às três da manhã, tarde demais para ir ao hotel. Não havia desculpa possível para sair de casa a tal hora, e telefonar para ele também seria complicado. Lewis ficou acordado depois que Ronnie foi para a cama, e ela tinha medo que ele escutasse na extensão da biblioteca, onde passava a maior parte do tempo, cujo telefone tinha um botão que se acendia sempre que a linha estava ocupada.

Infeliz, ela foi dormir. Quando seu despertador tocou às seis da manhã, ela se levantou e vestiu a roupa de corrida, como se

pretendesse exercitar-se. Era cedo, muito mais cedo do que Ronnie normalmente saía da cama, mas em Washington ela preferia correr ao invés de nadar, e sua ausência por este motivo não provocaria perguntas.

Mary, a empregada, não chegava antes das 9, e Lewis provavelmente não sentiria sua falta qualquer que fosse a hora que se levantasse. Ele nunca entrava no quarto dela; não havia motivo para isso.

Uma névoa se erguera do Rio Potomac durante a noite e se espalhara por toda a cidade. A bruma cinzenta em torno dos prédios públicos era como um cobertor, que abafava os sons do trânsito nas ruas mais movimentadas. Ela correu até a esquina sem ver nenhum conhecido, e lá pôde acenar para um táxi.

A recepção do Ritz-Carlton estava cheia mesmo àquela hora da manhã, principalmente de executivos fazendo fila para o check-out. Quando entrou pela porta giratória, Ronnie olhou em torno com uma certa apreensão, mas ninguém lhe deu a menor atenção.

O elevador que tomou estava vazio.

Batendo de leve na porta do 715, ela olhou ansiosamente em torno. As chances de encontrar algum conhecido naquela hora naquele corredor naquele hotel eram poucas, mas existiam. Washington era na verdade uma cidade muito pequena. Às vezes, parecia ser ainda menor que Jackson. Todos realmente pareciam conhecer-se.

Não houve resposta. Ronnie franziu a testa e bateu outra vez, um pouco mais forte. Nada.

Ela começou a pensar que talvez ele não tivesse passado a noite em seu quarto.

O que deixava em aberto a pergunta de onde ele teria dormido. O rosto de Lacey Kenneth surgiu na mente de Ronnie. Ou talvez, assim

como Lewis, Tom tivesse uma queda por prostitutas.

Washington era uma cidade de oportunidades sem fim se este fosse o caso.

Simplesmente cogitar aquilo a enfureceu, e ela começou a bater na porta com o punho cerrado, fazendo barulho bastante para acordar os mortos. Se Tom tivesse passado a noite com outra mulher, poderia dar adeus a qualquer esperança de continuar a vê-la.

E além do mais, ela iria matá-lo.

A porta se abriu quando ela estava pronta para esmurrá-la com as duas mãos, e possivelmente chutá-la também. Tom surgiu, carrancudo, enrolado num roupão branco do hotel.

Estava com a barba crescida, descalço e de olhos vermelhos.

Obviamente, ela o tirara da cama. Por um momento, eles simplesmente se encararam, trocando olhares lúgubres.

Sem dizer uma palavra, ele deu um passo para o lado para deixá-la entrar. Depois fechou a porta e puxou para si. Com as duas mãos em sua cintura, perguntou:

— Onde você se meteu?

— Chegamos em casa às 3 da manhã — disse Ronnie deslizando os braços para dentro do roupão para abraçá-lo. Sua raiva sumiu quando ela percebeu que ele não tinha passado a noite com outra mulher. — Era tarde demais para vir para cá ou telefonar.

— Eu fiquei preocupado.

— Desculpe-me. — Ela se aproximou mais, e o roupão, que já não estava muito bem amarrado, se abriu inteiramente. Ele estava usando uma cueca samba-canção xadrez, com a qual obviamente

tinha dormido. Ela gostava de vê-lo assim, quentinho, despenteado e barbudo, recém-acordando. Os pêlos de seu peito lhe fizeram cócegas no nariz. Ele cheirava a homem.

— Tenho uma reunião às 10. — Tom ainda parecia contrariado, embora suas mãos se movessem pelas costas nuas de Ronnie por baixo da camiseta.

Ela suspirou. — Nós nunca conseguimos ter muito tempo juntos. Eu odeio isso.

— Você não queria ter um caso?

Ele não estava contrariado, estava simplesmente ranzinza. Ronnie sabia como resolver aquele problema.

— Eu estava com saudades — disse suavemente, pressionando a boca em seu peito.

— Está com tesão? — As mãos dele encontraram o fecho de seu sutiã e o soltaram com um único movimento hábil. — Eu também.

Ronnie olhou para ele chocada. Aquela crueza era tão estranha em Tom que ela mal podia acreditar que tivesse saído de sua boca.

— Isso não foi muito delicado — disse ela em tom de reprovação, enquanto as mãos dele deslizavam por seu corpo e chegavam aos seios.

O calor que elas transmitiam era delicioso. Desde a última vez em que se encontraram, ela passara os dias sonhando com aquele toque em sua pele. Ele a apertou, e Ronnie estremeceu.

— Não me sento muito delicado no momento. — Sua voz tinha uma inflexão que Ronnie nunca tinha ouvido antes. Ela o fitou com surpresa, mas ele a distraiu com o eficiente método de tirar sua camiseta e o sutiã.

Por um momento, ele não fez mais nada, simplesmente olhou para ela. Ela estava usando short de corrida, tênis e meias, e seus seios nus roçavam em seu peito.

Sem mais uma palavra ele a tomou nos braços e a carregou para a cama.

O amor foi bruto e furioso, muito diferente das outras vezes. Tom entrou nela quase imediatamente, forçando-a a uma reação de intensidade avassaladora. Ele ditou o ritmo, tomando o que queria, manipulando-a com habilidade até ela não poder fazer mais nada além de se contorcer, agarrar-se a ele e gritar seu nome.

O fim foi explosivo.

Então ele começou outra vez.

Quando finalmente terminou, ficou deitado em cima dela por apenas um segundo antes de descer da cama e entrar no banheiro. Momentos depois, Ronnie escutou o som da água corrente.

Ele estava tomando banho.

Não era preciso ser um gênio para perceber que Tom estava bravo com ela. Por não ter aparecido na noite passada? Provavelmente.

Ela se levantou, espreguiçando-se. Todo seu corpo estava arranhado pela barba por fazer, e ela provavelmente ficaria com hematomas em locais que só poderia ver com o espelho, mas se sentia satisfeita e saciada como um gato que tivesse acabado de devorar uma lata inteira de atum.

Sorrindo, foi até o banheiro. Para sua surpresa, a porta estava trancada. Pensativa, ela se virou para a pia que ficava junto à porta do banheiro, escovando os cabelos e verificando a maquiagem. Depois, voltou para o quarto, vestiu o roupão que ele tinha descartado e se sentou na cama para esperar, intrigada.

Ver Tom de mau-humor deveria ser muito interessante.

Quando voltou para o quarto dez minutos depois, ele estava cheiroso, barbeado e vestia um par de calças cinza-claro e uma camisa branca. A camisa estava aberta no colarinho, e uma gravata azul-escuro estava pendurada em torno de seu pescoço. Ele tinha até mesmo calçado os sapatos.

Não olhou para ela quando entrou no quarto. Sua boca era uma linha pétrea. Enrolada no roupão, encostada na cabeceira da cama com as pernas cruzadas, Ronnie buscou seu olhar com as sobrancelhas erguidas.

— Que foi aquilo? — perguntou.

O rosto de Tom se anuviou, e ele passou pela cama e foi até a janela.

— Sexo — respondeu ele lacônico, puxando o cordão que abria as cortinas. A luz tomou conta do quarto, não muito intensa por causa do nevoeiro, mas mesmo assim suficiente para iluminar todos os cantos. Ronnie piscou. — É só disso que se trata, não é? Sexo? Eu quero sexo, você quer sexo, então nós fazemos sexo?

Ele ficou de costas para ela, observando a paisagem. Ronnie olhou para aqueles ombros largos e tensos e suspirou.

— Tom...

Ele se virou abruptamente. — Isso não está funcionando para mim, Ronnie. Eu sabia que não ia funcionar. Não sou capaz de ser o sujeito com que você dá suas escapadas.

Ou você deixa seu marido e pede o divórcio ou está tudo acabado entre nós.

Ronnie o fitou. O que quer que fosse que ela estava esperando, não era aquilo.

— Tom...

— Eu estou falando sério. — Ele andou até a cama. — Você terá de escolher ou ele, ou eu.

— Ela viu que ele estava com os punhos cerrados ao lado do corpo.
— Se optar por mim, sabe onde me encontrar. Se não, boa sorte e adeus.

— Tom! Tom, espere!

Mas quando ela desceu da cama, ele já estava batendo a porta.

CAPÍTULO 36

Ronnie passou a semana seguinte em piloto automático. Foi a almoços e jantares, mas não saberia dizer o que comeu ou quem mais estava lá. Conversou animadamente em eventos oficiais e depois não se lembrava do assunto da conversa. Jogou tênis com seus amigos e errou tantas bolas que eles lhe perguntaram se estava sentindo-se bem. Foi às compras e não conseguiu encontrar sequer um par de sapatos que a agradasse.

Por duas vezes, tarde da noite, pegou o telefone para ligar para Tom. E por duas vezes pôs o fone no gancho antes de terminar de discar.

Não havia apelo possível: ele tinha falado sério. Na verdade, ela soubera desde o início que este dia iria chegar. Para usar as palavras dele, Tom não era capaz de ser o homem com quem ela dava suas escapadas.

Com ele, era tudo ou nada.

Ronnie disse a si mesma que esqueceria aquilo tudo, esqueceria Tom. A situação com Lewis jamais iria melhorar — a idéia de dormir com ele lhe dava arrepios — mas pelo menos ela ainda teria a vida que desejava. As casas, os carros, os cartões de crédito, as jóias e... coisas.

No fim das contas, não era isso o mais importante?

Ela sabia muito bem que as alianças entre homens e mulheres eram efêmeras. O amor não durava.

Foi então que conseguiu perceber algo que deveria ter admitido há muito tempo: de alguma forma, em algum momento do longo e tortuoso caminho desde o primeiro dia na feira do Condado de Neshoba até aquela manhã no hotel de Washington, ela se apaixonara loucamente por Tom.

Quando pensava em não vê-lo nunca mais, ela se sentia fisicamente nauseada.

Mas é claro que ela iria vê-lo outra vez. Ele ainda trabalhava como consultor para Lewis e para ela. Ele estaria por perto.

Ela até poderia atraí-lo para sua cama de tempos em tempos. Ele já se mostrara claramente vulnerável à tentação no que dizia respeito a ela.

Mas mesmo que conseguisse fazer com que dormissem juntos outra vez, o que ela ganharia? O pouco tempo que eles já tinham passado juntos não fora suficiente.

Mais tempo era o que ela queria de Tom, e não menos. Queria fazer amor com ele, sim, mas depois queria poder adormecer em seus braços. Queria estar ao lado dele quando acordassem de manhã, no café, no almoço, no jantar, nos jogos de futebol de sábado à tarde e na igreja aos domingos. Queria estar ao lado dele quando ele

enfrentasse os problemas de ter um filho adolescente, quando fosse visitar sua mãe, quando tivesse questões profissionais a discutir.

Queria fazer parte da vida dele.

Mas tudo isso a ponto de desistir da vida que tinha agora? Ela perderia tudo, as mansões, o dinheiro, a proeminência que advinha do fato de ser casada com Lewis.

Ela tinha assinado um acordo pré-nupcial. Na época, o assunto não lhe ocorrera, pois se convencera de que estava apaixonada por Lewis. Que diferença faria se ela abrisse mão de tudo exceto uma pequena fração do seu dinheiro em caso de divórcio? Nunca haveria divórcio.

Nada, ela pensara na época, a induziria a concordar com um divórcio. Mesmo se o amor não durasse, o casamento duraria. Depois de conseguir o que queria, ela não seria burra o suficiente para jogar tudo fora.

Mas Ronnie não tinha imaginado apaixonar-se por outro homem.

Um homem ciumento e teimoso, que não se satisfazia com o segundo lugar em sua vida.

Tom não oferecia nenhum dos benefícios de que ela desfrutava como esposa de Lewis.

Ronnie não sabia quanto ele ganhava, mas certamente não chegaria nem perto dos milhões que Lewis tinha à disposição.

Tom vinha do mundo que ela tinha deixado para trás, o mundo dos financiamentos para a casa própria, das contas de luz e sanduíches de presunto comidos na cozinha.

Por que ela sequer cogitaria em desistir de tudo o que tinham com Lewis para voltar para aquela vida?

Algum homem valeria tanto?

Mesmo Tom?

Ronnie encontrou a resposta no avião de volta para Jackson com Lewis na quinta-feira.

Eles estavam num jato particular que fora emprestado para a campanha pela Ynoba Corporation, um conglomerado do Mississippi que pretendia influenciar os votos de Lewis em questões ambientais. Os assentos eram forrados de couro branco macio; o piso, coberto com um grosso tapete cor de creme, e as paredes, forradas de couro sintético. Não se ouviam ruídos na cabine, e havia uma aeromoça para atender todos os seus desejos. Aquele avião era o máximo em viagens de luxo, e Ronnie estava tão acostumada àquele tipo de coisa que nem mais notava.

Lewis ainda estava muito envolvido na campanha, cortejando seus eleitores com todas as estratégias políticas que podia empregar. Como consequência, eles iam passar um fim de semana prolongado a cada duas semanas em seu estado natal. Ronnie estava com a agenda cheia de eventos de campanha marcados para os próximos três dias, assim como ele.

Só de pensar naquilo, ela já ficava cansada. Encostou a cabeça no assento estofado e olhou pela janela para as nuvens lá embaixo.

Lewis estava no celular, tagarelando com uns e outros como sempre fazia durante os vôos.

Manter contato era como ele chamava aquelas conversas maçantes. Alimentar o fogo. Geralmente, ela simplesmente o ignorava.

Mas ao prestar atenção em uma ou duas frases, ela teve certeza de que ele estava falando com Tom

— Vamos ter aquele churrasco amanhã. Que é mesmo que você acha que eu devo dizer para a imprensa? — Lewis fez uma pausa, franzindo o cenho. — Ah, certo, entendi: os eleitores não se importam muito com o que você fez, o que eles querem saber é o que você vai fazer, pois é isso que vai afetá-los.

Lewis escutou por minuto. Ronnie podia ouvir um murmúrio indistinto do outro lado da linha, mas por mais que se esforçasse, não escutava claramente as palavras nem a voz de Tom.

— Sim, vou fazer isso, e Ronnie vai falar sobre educação. Você precisa dizer alguma coisa a ela?

Por um instante, o coração de Ronnie parou.

— Ok, falo com você depois, então. Cuide-se, garoto.

Lewis desligou o telefone. Fitando o objeto, ela teve a sensação de que seu salva-vidas acabava de ser arrancado de suas mãos.

Segundos antes, do outro lado daquele telefone, estava Tom.

Lewis se virou para dizer alguma coisa para ela, sem dúvida para transmitir algumas orientações, mas ela não escutou uma sílaba.

Só conseguia pensar em Tom, e no que estava jogando fora.

Assim que aterrissaram em Jackson, ela teve de se vestir para sair. Fora convidada para dar um discurso num jantar do Comitê Feminino do Mississippi naquela noite, enquanto Lewis compareceria a uma reunião do Rotary Club.

Quando a limusine que a trouxe para casa outra vez parou em frente a Sedgely, ainda não eram dez e meia. Ronnie subiu os degraus da varanda e acenou para o motorista e a agente de segurança que a acompanharam.

Assim que as lanternas traseiras do carro desapareceram de sua vista, Ronnie se virou para entrar em casa, mas então decidiu descer os degraus outra vez. A noite estava quente, uma linda noite com grilos, cigarras e sapos formando um coro suave e um leve aroma de madressilva ainda perfumando o ar. O início de setembro no Mississippi era quase tão quente quanto julho, e ela achava mais agradável sair à noite do que de dia.

Ia dar uma caminhada. Precisava muito ficar sozinha, pensar.

Davis veio correndo do nada com um latido grave, e Ronnie acariciou sua cabeça distraidamente. Ela se afeiçoara ao cachorro, mas naquele momento dispensava sua companhia.

Ele lhe trazia lembranças vívidas de Tom.

Porém, tentar espantá-lo era perda de tempo, assim como as sessões com o adestrador haviam sido inúteis. Davis simplesmente não tinha aprendido nada.

Então ela aceitou sua companhia. Ele farejava os arbustos do caminho enquanto ela se afastava da casa. Pensou em nadar, mas teve medo de que a piscina lhe trouxesse ainda mais lembranças que poderiam confundir sua cabeça.

Aquela teria de ser uma decisão muito bem pensada, pois seria a mais importante de sua vida.

Ela precisava escolher entre Lewis e Tom. A idéia quase a fez rir. Na superfície, não havia escolha. Se a disputa fosse estritamente entre os dois homens, ela escolheria Tom sem um segundo de hesitação.

A verdadeira escolha, porém, se resumia a amor ou dinheiro.

Era nisso que ela precisava pensar, ponderar de forma fria e calculista.

Amor ou dinheiro.

Por fim, embora todo o seu pragmatismo indicasse o contrário, ela fez sua opção com o coração: amor.

Ronnie ia deixar Lewis para ficar com Tom.

Decisão tomada, ela ergueu os olhos para Sedgely, para a imensa casa branca que já representara tudo o que ela queria da vida, e subitamente sentiu um peso enorme ser levantado de seus ombros.

As luzes estavam acesas no hall de entrada e no escritório de Lewis. Isso significava que ele estava lá dentro e estava acordado.

Ela ia entrar e lhe dizer que queria divorciar-se.

Depois ligaria para Tom e contaria a novidade.

Ela deixou Davis farejando algum odor intrigante que o levou para os fundos da casa e entrou pela porta principal, atravessou o bali e percorreu o corredor que levava ao escritório de Lewis. A idéia de deixar para trás os lustres de cristal, os quadros e as antigüidades valiosas pelas quais passava não lhe causava qualquer dor.

Eram apenas coisas.

O que importava eram as pessoas. Ou pelo menos uma pessoa em particular.

Com uma batida rápida, ela girou a maçaneta e abriu a porta do escritório.

Lewis tinha pego no sono na mesa. Sua cabeça prateada e os ombros largos estavam estendidos sobre o tampo de mogno.

— Lewis? — Ela entrou no escritório e andou até a mesa, que ficava em frente à porta.

Não era típico de Lewis adormecer ali. De fato, tanto quanto ela sabia, isso nunca acontecera.

— Lewis? — Ele estaria doente? Teria sofrido um ataque do coração ou um derrame?

Afinal de contas, ele não era jovem...

Contornando a mesa, ela tocou seu ombro. Seu pé bateu em alguma coisa dura sobre o tapete oriental.

Olhando para baixo, ela viu que era uma arma, a pistola de prata que Lewis geralmente guardava na primeira gaveta da escrivaninha, ou pelo menos uma arma muito parecida.

Abaixando-se, pegou o objeto e o examinou.

Então olhou para o marido outra vez.

— Lewis! — Ela deixou cair a arma e o sacudiu violentamente pelo ombro, fazendo seu corpo todo se mover.

Foi então que viu que a cabeça de Lewis estava pousada em uma poça escura de sangue.

CAPÍTULO 37

12 de setembro

18h00

Pope

Você faz um ótimo bolo de carne, Maria. — Repleto, Jerry se levantou a mesa da cozinha e andou até a porta dos fundos, onde olhou através da porta de tela para a garotinha que brincava no quintal acanhado. — E ótimas batatas. Tudo estava ótimo.

— Obrigada, Jerry. — Maria começou a tirar a mesa, carregando os pratos para o balcão e jogando os restos na pia. Abriu a torneira e ligou o triturador de lixo.

O som desagradável a acompanhou enquanto ela colocava os pratos na lava-louça.

— Parece que Lissy gosta daqui — disse Jerry.

— Você tem sido tão bom para ela. — Com a máquina cheia, Maria limpou o balcão com a esponja e depois se juntou a Jerry na porta de tela. Lissy estava sentada numa árvore do quintal, tendo uma conversa aparentemente séria com um gatinho que estava no galho mais alto. Suas pernas longas e finas estavam e os pés descalços balançavam a quase sete metros do chão.

— Ela tem de descer dali — disse Maria com um suspiro. — Se cair, vai quebrar o pescoço.

— Não a incomode — aconselhou Jerry. — Ela está feliz.

Lissy realmente parecia feliz, pensou Maria. Ter uma casa, um quintal e um gatinho lhe fazia bem, e ela gostava de Jerry. Ele havia lhe dado o gato, que encontrara na frente do mercado dois dias antes, e Lissy ficara em êxtase. Nunca havia tido um bichinho de estimação, e batizou de Boo.

Ele compensava um pouco o fato de que ela estava tendo alguns problemas de relacionamento com as outras meninas da escola.

Jerry insistira que ela fosse matriculada, embora Maria, com receio de que o assassino pudesse encontrá-la através dos registros escolares da filha, tivesse resistido.

Mas Jerry riu do seu medo, Lissy implorou para ir à escola, e Maria se viu derrotada.

Tinha sido ao mesmo tempo engraçado e irritante ter os dois se mancomunado contra ela daquele jeito.

Mas as outras meninas estavam esnobando Lissy, o que fazia o sangue de Maria ferver cada vez que ela pensava nisso. Não queriam sentar-se ao lado dela no almoço nem a convidavam para brincar na hora do recreio. A maioria das crianças estudavam juntas desde o jardim de infância, e as panelinhas já estavam bem cristalizadas.

Lissy era a estrangeira.

— Eu tenho uma surpresa para ela — disse Jerry. Maria olhou para ele. — O que é?

— Ela vai ter aulas de dança, balé. Começam amanhã, depois da escola.

— Quê?

— Todas as outras meninas estão na escola de dança. Eu me informei. Essa aula de amanhã é o horário que elas freqüentam.

Maria gaguejou, surpresa: — Mas, mas, ela vai precisar de roupas especiais para isso, não vai? E sapatilhas? E, e eu não sei quanto custam as aulas de dança, Jerry, mas...

— Deixe comigo. — Ele estava olhando para Lissy outra vez, ainda trepada na árvore conversando com o gato. — Assim ela vai ter

alguma coisa em comum com as outras meninas, um jeito de fazer amigas.

— Mas, Jerry, nós não vamos ficar aqui por tanto tempo.

— Nunca se sabe, Maria. Nunca se sabe.

CAPÍTULO 38

12 de setembro

7h00 Jackson

O senador jazia na câmara abobadada da Assembléia Legislativa estadual. Com Kenny em seus calcanhares, Tom teve de atravessar um exército de repórteres para poder entrar. Felizmente, nenhum dos jornalistas estava interessado nele. Com suas câmeras, microfones e gravadores, os repórteres estavam atentos para as pesadas portas de madeira, esperando que alguém importante saísse. Naquele momento, somente a família, amigos íntimos, correligionários e caciques políticos estavam sendo admitidos.

No dia seguinte, durante duas horas de manhã, outras duas de tarde e mais duas à noite, o público poderia fazer fila ao lado do caixão para se despedir.

Houve uma comoção quando um dos patrulheiros estaduais que guardavam as portas reconheceu Tom e permitiu que ele e Kenny passassem.

Um coro de "Quem era?", "Você viu alguma coisa?", "Eram membros da família?" se fez ouvir, mas logo foi silenciado quando as portas se fecharam atrás deles.

A primeira coisa que Tom viu foi o caixão, que estava em frente à tribuna dos discursos.

Mais do que qualquer coisa, aquela imagem lhe trouxe a realidade do que havia acontecido: o senador estava morto. O papel que ele havia desempenhado na vida de Tom não era grande, mas era importante. Sua relação com um senador dos EUA de carne e osso quando ainda era um jovem impressionável tinha ajudado a definir sua escolha profissional. Ele admirava o senador naquela época, e de muitas formas ainda o admirava. E ele era — tinha sido — o marido de Ronnie.

Meu Deus, que confusão.

O enorme teto arqueado com domo de vitral e adornos dourados se erguia acima de suas cabeças com grandeza condizente com a ocasião. Uma luz difusa era filtrada pelo domo, dando ao interior uma atmosfera sobrenatural. Pessoas vestidas em trajes sóbrios conversavam em voz baixa em pequenos grupos. Patrulheiros estaduais uniformizados estavam espalhados pelo salão.

O olhar de Tom percorreu os presentes. Só uma pessoa lhe interessava naquele momento.

— Lá está a Sra. Honneker — sussurrou Kenny, indicando-a com uma inclinação discreta da cabeça.

Tom olhou na direção que Kenny mencionara, mas a mulher não era a Sra. Honneker que ele procurava. Era Dorothy, vestida de preto e amparada por duas mulheres igualmente idosas junto ao esquife. Naquele dia, a mãe de Lewis aparentava os 80 e poucos anos que tinha, e Tom sabia que aquela perda iria atingi-la profundamente. Um olhar em torno encontrou Marsden conversando com um grupo do outro lado da sala. A morte do pai também o abalaria muito.

Então uma cabeça ruiva familiar chamou sua atenção. Ronnie estava sentada de costas para ele na primeira fila de cadeiras que haviam sido colocadas em frente ao caixão. O governador Blake estava em pé na frente dela, segurando sua mão e lhe oferecendo condolências.

— Vou até lá — ele disse a Kenny.

Sem aparentar nenhuma pressa, Tom foi até ela o mais rápido que podia. Ele estava na pequena cidade de Rice, na Califórnia, quando Kenny lhe telefonara um pouco antes das oito da manhã com a notícia da morte do senador Honneker. Chegar a Jackson em cerca de dez horas não fora uma tarefa fácil, mas ele tinha conseguido.

Kenny dissera que o senador havia sido baleado na cabeça. Suicídio ou homicídio? Esta era a questão.

De qualquer forma, Tom sabia que Ronnie precisaria dele. Não apenas por seu relacionamento pessoal, embora isso também fosse verdade, mas por suas habilidades profissionais.

Dado o modo como a imprensa local sempre a tratara, qualquer que fosse a causa da morte do senador, ele temia que ela tivesse problemas.

Quando se aproximou, ele viu que havia algumas mulheres com ela, e ficou contente. As pessoas de quem ela deveria esperar apoio numa hora tão difícil eram a família e os amigos do senador, e eles não eram amigos de Ronnie. Marsden a odiava abertamente, e Tom suspeitava que as meninas e provavelmente Dorothy também o fizessem.

Se algo ruim acontecesse, a maioria do Mississippi ficaria do lado deles.

Havia poucas e preciosas pessoas com quem Ronnie podia contar.

O governador se afastou ao mesmo tempo em que Tom contornava a última fileira de cadeiras. Outro político foi falar com ela, Ed Hunan, o presidente da Assembléia.

Tom esperou até que o homem tivesse expressado seus pêsames antes de se aproximar.

— Ronnie — ele disse suavemente, abaixando-se na frente dela e tocando suas mãos, que estavam entrelaçadas sobre o colo. Seus dedos estavam frios como gelo.

— Tom! — A exclamação foi de gratidão, murmurada quando seus olhos se encontraram.

Por um minuto, ele teve a impressão de que ela ia pular da cadeira direto nos seus braços, mas então se recompôs, segurando a mão dele. — Oh, Tom, que bom que você veio.

— Eu sinto muito o que aconteceu com Lewis — disse ele, ciente das mulheres que os observavam e escutavam ao lado dela. — É uma coisa terrível.

— Sim — ela concordou. Seu rosto estava pálido como papel; os olhos estavam arregalados e com olheiras escuras. Ela estava toda de preto, do vestido de mangas longas até o sapatos. — Oh, Tom, eu... eu o encontrei. Lewis. O corpo de Lewis.

Ela fechou os olhos. Um leve tremor percorreu seu corpo de cima abaixo.

Tom apertou ainda mais sua mão. Aquilo era pior do que ele esperava. Ronnie dava a impressão de que poderia perder os sentidos a qualquer momento.

A mulher sentada ao lado de Ronnie, uma loira atraente da mesma idade que ela, bateu de leve em seu ombro para consolá-la, o tempo todo olhando para Tom. Um rápido olhar lhe informou que o pequeno grupo de mulheres em torno de Ronnie o fitavam com interesse. A única que ele reconheceu foi Thea, que estava olhando para ele da mesma maneira: um olhar especulativo, como se percebessem algo entre ele e Ronnie e se perguntassem o que estaria acontecendo.

Seria tão óbvio? Ele esperava que não. Pelo menos não no velório do senador.

— Você já comeu alguma coisa hoje? — ele perguntou a Ronnie em voz baixa. Ela abriu os olhos, com uma expressão vagamente confusa.

— Café, hoje de manhã. Um pãozinho. Não sei.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Eu... — Ronnie parecia não saber.

— Desde as cinco — informou Thea, sentada ao lado da loira. A mulher junto a Ronnie assentiu, concordando. — Eu sou Kathy Blount — disse.

— Tom Quinlan.

— Quanto tempo vai durar o velório? — Tom perguntou a Thea.

— Acho que deve terminar às dez.

— Você não pode ficar aqui mais três horas — ele disse a Ronnie. — Precisa comer e descansar. Vou levá-la para casa.

Ronnie estremeceu outra vez.

Kathy Blount se inclinou na direção de Ronnie, tocando seu braço. — Ele está certo, querida, você precisa ir para casa. Se preferir, eu posso levá-la. — Isso foi dito com um olhar desconfiado para Tom.

Ronnie sorriu para a amiga, trêmula. — Não, obrigada, Kathy. Sei que seus filhos esperam por você. Foi muita gentileza você ter vindo. Acho que vou para casa, mas Tom pode levar-me.

— Tem certeza? — Ronnie assentiu. Tom percebeu que ainda estavam com as mãos unidas no colo dela. Bem, o governador também tinha segurado sua mão; não havia nada de errado naquilo. Nas circunstâncias, poderia ser interpretado como um gesto de consolo para a viúva.

Exatamente o que era.

— Thea, você pode vir conosco? — perguntou Tom. Por via das dúvidas, seria melhor que ele e Ronnie não saíssem sozinhos.

— É claro.

Ele ficou em pé, puxando gentilmente a mão de Ronnie. Ela também se levantou e pareceu ficar ainda mais pálida. Por um momento, Tom achou que ela fosse desmaiar.

Ele a segurou pelo braço para que ela se firmasse. Abraçá-la era o que ele queria fazer, era o que seus instintos lhe mandavam fazer, mas a presença de tantas pessoas o impedia.

— Você está bem? — perguntou depois de um instante. Ela assentiu. Ele manteve a mão em seu braço. Com Thea do outro lado de Ronnie, eles poderiam ampará-la antes que ela caísse, se chegasse realmente a desmaiar. Recordando a multidão de repórteres do lado de fora, Tom as conduziu a uma porta lateral. Kenny devia estar observando os três, pois interrompeu sua conversa e juntou-se a eles.

— Vocês estão indo? — perguntou.

— Vou levá-la para casa — respondeu Tom. — Ela está tremendo e está branca como um fantasma.

— É o choque. Sinto muito pelo seu marido.

Ronnie agradeceu assentindo. Kenny ficou dois passos atrás, junto com Thea.

— A polícia já me interrogou três vezes esta tarde — disse Ronnie após alguns instantes.

Sua voz mal passava de um sussurro.

— Quê? — Tom olhou para ela estupefato.

— Acho que eles não acreditam que foi suicídio.

— Mas porque interrogar você?

— Porque fui eu que encontrei o corpo. Pelo menos foi isso que eles disseram. Fizeram as mesmas perguntas um milhão de vezes. Acho que eles suspeitam que Lewis foi assassinado. Talvez achem que eu o matei.

— O quê?

— Foi esta a impressão que eu tive.

— Eles não podem pensar isto!

A caminho da porta lateral, eles passaram por Marsden. Ele se afastou dos homens com quem estava conversando, cruzando os braços sobre o peito e cravando os olhos em Tom e Ronnie.

Estava usando terno escuro com gravata lisa e também estava pálido e com os olhos avermelhados.

À medida que eles se aproximavam, seu rosto se contorcia. Ele andou na direção dos dois.

Vamos ter problemas, pensou Tom, e tentou advertir Marsden com um olhar duro. Não funcionou.

— Então você caiu na dessa vadia, não foi, Tom? — Marsden disse em voz baixa, enquanto andava na direção deles. Sua expressão para Ronnie era de puro ódio.

— O que você disse? — Tom demorou um ou dois segundos para acreditar que realmente havia escutado aquelas palavras. Então, uma raiva feroz e ardente se espalhou por suas veias. Ao seu lado, ele sentiu que Ronnie se encolhia, os olhos arregalados fixos em Marsden.

— Porra, Tom, eu não culpo você por isso. Nós estávamos procurando algum motivo para que o papai pudesse se divorciar dela, e encontramos, mas quando ele abriu o jogo, ela o matou.

Essa putinha matou o papai, Tom!

Tom lhe deu um murro e Marsden cambaleou para atrás, bateu na parede e caiu no chão de mármore reluzente. Enquanto um oh! coletivo se erguia entre os presentes, e os patrulheiros, políticos e aparentemente metade das pessoas do salão acorriam na direção deles, Tom se ajoelhou ao lado de Marsden e levantou sua cabeça do chão pela gravata.

Os olhos lacrimejantes de Marsden ainda estavam um pouco confusos devido ao golpe, mas Tom estava furioso demais para se importar com isso. Ele colou o rosto no de Marsden e rosnou: — Nunca mais fale com ela ou sobre ela desta maneira, ouviu bem? Ou eu...

— Tom! Tom! — Kenny agarrou seu braço, afastando-o de Marsden e fazendo Tom se levantar. Sua voz era um sussurro. — Você vai acabar preso!

Àquela altura, outras mãos também já o puxavam para trás. Um grupo de homens ajudaram Marsden a se pôr em pé.

— Foi apenas uma discussão entre velhos amigos — disse Tom ao patrulheiro que segurava um de seus braços. O rapaz parecia cético, mas com um aceno de um de seus colegas que conheciam Tom, ele o soltou. Endireitando a gravata, e sem sequer olhar na direção de Marsden, ele andou até onde Ronnie estava abraçada a Thea e disse apenas: — Vamos embora.

Ele, Ronnie, Kenny e Thea saíram pela porta lateral que se abria para um pequeno estacionamento, e foram surpreendidos por uma retaguarda de repórteres. Os flashes explodiram; perguntas eram feitas à distância.

— É ela! É ela! A Sra. Honneker!

Ao ouvir os gritos, os jornalistas que estavam na frente do prédio vieram correndo, arrastando equipamentos que iam de câmeras a microfones.

Fitando-os por um instante incrédulo, Tom se deu conta de que agora sabia como se sentia uma raposa em meio a uma caçada.

Instintivamente, Ronnie procurou abrigo em seu ombro. Tom a abraçou, e, ladeados por Kenny e Thea, eles andaram apressadamente para o carro de Kenny, que estava estacionado junto a um parquímetro a meia quadra de distância. Foram perseguidos, fotografados e alvejados com perguntas até estarem em segurança dentro do carro trancado, cantando pneus rua acima.

O cenário em Sedgely seria quase o mesmo. Prevendo a dificuldade de entrar pelo portão principal, Kenny deu a volta até a entrada de serviço.

Havia apenas alguns repórteres acampados ali, mas aqueles poucos cercaram o carro como um enxame quando perceberam que Ronnie estava no banco de trás. Ofuscada pelos flashes, ela escondeu o rosto nas mãos. Tom a puxou contra o peito, protegendo-a dos fotógrafos com seu casaco enquanto Kenny explicava para os patrulheiros estaduais em serviço que a Sra. Honneker estava no carro.

Eles entraram, os portões fecharam e os repórteres ficaram para trás.

Ronnie continuava aninhada em seu peito quando eles se aproximaram da casa. Kenny olhou para eles pelo espelho retrovisor mais de uma vez, e Thea, virando-se para dizer alguma coisa, deu uma boa olhada e pareceu mudar de idéia.

Kenny chegou em frente à casa, viu o grande número de carros estacionados perante eles e balançou a cabeça.

— Vou deixá-la na porta, Ronnie, porque assim você não terá de caminhar muito.

— Boa idéia — disse ela numa voz quase normal. Mas seus dedos se agarravam à camisa de Tom como se ela tivesse medo de se desgrudar dele.

— Nós todos vamos entrar — Tom disse bruscamente. Como um rápido olhar para se certificar de que Thea e Kenny não estavam olhando, ele levou os dedos de Ronnie aos lábios. Ela sorriu para ele, um sorriso trêmulo, mas ainda assim um sorriso. — Você pode nos deixar na porta da frente e depois estacionar.

— É claro — disse Kenny com veemência exagerada e outro olhar rápido pelo retrovisor.

Havia um imenso pano negro pendurado entre as colunas da varanda, anunciando luto.

Quando eles alcançaram a porta, esta se abriu e um casal idoso surgiu na sua frente.

— Diga a Dorothy que Sam e eu estivemos aqui, Selma, por favor — disse a mulher, por cima do ombro, enquanto ela e o cavalheiro que a acompanhava cruzavam a soleira.

— Não se preocupe, Sra. Cherry — disse Selma atrás deles. Seu olhar passou pelo casal e se fixou em Ronnie, Tom e Thea, e ela disse alguma coisa para alguém dentro da casa.

Ao ver Ronnie, a Sra. Cherry e seu acompanhante pararam no alto dos degraus para expressar suas condolências. Ronnie respondeu educadamente, e então eles entraram.

Um ar condoído pairava sobre tudo, como se a própria casa soubesse que seu dono estava morto. Até mesmo a luz do grande lustre de cristal parecia fraca.

Ronnie entrou e olhou para a escadaria curva a sua frente como se esta fosse o Monte Everest. Depois, olhou para Tom.

— Você estará aqui amanhã? — perguntou.

Tom assentiu. Ela abaixou a cabeça, depois se afastou dele e começou a subir a escada, seu corpo esguio parecendo muito frágil no vestido preto.

Ele teve de controlar o impulso de ir atrás dela, colocá-la na cama, providenciar seu jantar e ficar cuidando dela.

Deixar Ronnie à mercê de Sedgely era como deixar Daniel na cova dos leões, pensou ele desolado.

Mas não podia ir com ela e tampouco levá-la embora. Ainda não. Antes, ela era a esposa do senador, e agora era sua viúva. Mais alguns dias.

Então, talvez eles pudessem começar de novo.

— Suba com ela, por favor, Thea — pediu, dando meia-volta. — Ajude-a a se acomodar.

— É claro. — O olhar de Thea indicava que, com os últimos acontecimentos, ela tinha deduzido o estado dos sentimentos dele em relação a Ronnie.

Selma estava parada junto à porta.

— A Sra. Lewis não comeu nada depois do café da manhã — disse Tom para a empregada. — Leve alguma coisa para ela comer, por favor.

Selma assentiu. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Tom se lembrou que ela trabalhava em Sedgely havia mais de trinta anos.

Ela também sentiria falta do senador. Todos eles sentiriam, até mesmo ele, por mais estranho que parecesse.

— Pode deixar — disse Selma. Então ela baixou a voz. — A polícia ainda está examinando o escritório do senador. Eles andaram fazendo perguntas sobre o senhor. Quando vocês chegaram, eles pediram que o senhor fosse conversar com eles por alguns minutos.

Tom franziu o cenho, depois assentiu e se dirigiu para a ala leste, sentindo seu estômago se contrair. Ele tinha uma boa idéia de por que a polícia queria falar com ele, embora rezasse para estar errado.

Se Marsden realmente suspeitava de seu caso com Ronnie, a polícia já devia saber de tudo.

Mas a situação era pior, muito pior do que ele tinha imaginado. O detetive responsável pelo caso era Alex Smith, a quem Tom conhecia de vista. Alex cumprimentou-o com um olhar penetrante, um rápido aperto de mão e nenhum sorriso.

— Tenho algo para lhe mostrar — disse, conduzindo Tom para uma sala em frente ao escritório do senador, cuja passagem estava interrompida pela fita amarela de isolamento da polícia.

Havia uma pequena mesa desmontável no centro da peça. Em cima dela, uma pilha de fotografias. Com um gesto, Alex indicou que Tom devia examiná-las.

Ele obedeceu, e sentiu seu sangue congelar.

Eram fotos dele, de Ronnie e dos dois juntos. Muitas fotos. Algumas, simplesmente eróticas; todas desastrosas.

Os dois se beijando no Yellow Dog, atrás do seu apartamento, no estacionamento do Robbins Inn. Outra foto mostrava-os entrando no quarto, de mãos dadas. Ele de smoking e ela de calcinha sendo carregada da piscina na noite da festa. Uma dezena de fotos dos

dois fazendo amor naquela mesma noite no pavilhão. Obviamente, alguém tirara as fotos pela porta de vidro.

O rosto de Tom se contorceu numa careta de dor, e ele ergueu os olhos para Alex.

— Está correto dizer que você e a Sra. Honneker estavam tendo um caso?

Embora a verdade fosse evidente, ali mesmo sobre a mesa com todas as cores, Tom não seria estúpido a ponto de responder àquela pergunta.

— Fale com meu advogado — disse rispidamente, e, dando meia volta, saiu da sala.

CAPÍTULO 39

13 de setembro

A primeira coisa que você tem que fazer é ficar longe dela. — Por trás da mesa, Dan Osborn apontou sua caneta para Tom com uma expressão de advertência. — Estou falando sério, Tom. Fique longe dela.

Era sábado de manhã. Ronnie sabia que Osborn geralmente passava as manhãs de sábado no campo de golfe, mas naquele dia estava no escritório, sendo contratado por ela. Ele era o melhor advogado criminalista de Jackson.

Parecia impossível de acreditar que ela precisasse de um advogado criminalista, mas Tom lhe garantira que sim, e Osborn concordava com ele.

— Não há motivo para Tom se afastar de mim — disse ela, sentada em uma das duas grandes poltronas de couro cor de vinho em frente à mesa de carvalho maciço. Usando um terno cinza-escuro, camisa branca e gravata azul-marinho, Tom estava de costas para a janela que dava para o novo prédio da Assembléia Legislativa. Ronnie olhou para ele rapidamente antes de voltar sua atenção para o advogado. — Eu não matei meu marido, Sr. Osborn.

Ele girou sua cadeira para olhar para ela. Grisalho, com mais ou menos 60 anos, ele parecia um buldogue com cara de poucos amigos. Ronnie já o encontrara algumas vezes, mais recentemente na festa de Lewis. Tom, ele conhecia muito bem. Seu olhar estudou sua nova cliente, reparando no penteado conservador, com os cabelos presos na nuca com uma fita de cetim preto, o terno preto bem cortado, as pernas cruzadas e os saltos altos. A conclusão a que chegou depois de completar a avaliação não ficou aparente em seu rosto.

— Sra. Honneker, se eu não acreditasse nisso, não teria concordado em representá-la.

Porém, ser inocente de um crime e provar que se é inocente são duas coisas totalmente diferentes.

Desde que Tom me ligou em seu nome ontem à noite, eu entrei em contato com algumas pessoas que conheço no Gabinete da Promotoria e no Departamento de Polícia, e eles acham que têm muitos indícios contra a senhora. A senhora encontrou o corpo; suas impressões digitais estão na arma do crime; existe um lapso de 25 minutos entre o momento em que o motorista da limusine alega tê-la deixado em Sedgely e o horário em que a senhora começou a gritar pedindo ajuda; a senhora estava tendo um caso com Tom, do qual eles têm provas fotográficas e devido ao qual, segundo Marsden, o senador Honneker tinha planos de se divorciar da senhora, e havia um acordo pré-nupcial impedindo-a de receber mais do que alguns trocados em caso de divórcio. Com a morte dele, no entanto, a sua parte dos bens é substancial. Aí estão método, motivo e oportunidade. Já vi pessoas serem condenadas com muito menos do que isso.

— Ela não o matou, Dan — disse Tom. Suas mãos repousavam no parapeito de mármore da janela. Uma das pernas estava dobrada, o pé descansando contra a parede.

— Você, meu amigo, que estava na Califórnia no momento, não tem como ter certeza disso. Que eu saiba, não há testemunhas que possam fornecer um alibi à Sra. Honneker. — Ele olhou para Ronnie.
— Estou certo?

Ela assentiu e depois sorriu com tristeza. — Davis.

Se ela aparentava dificuldade em levar aquela coisa toda a sério, pensou Ronnie, era porque era verdade. Parecia ridículo que alguém pudesse pensar que ela tinha assassinado Lewis.

Ela estava tendo dificuldade até em aceitar que ele estava morto. Assassinado! Ronnie tinha a sensação de que estava presa em um sonho surreal.

Aquilo não podia estar acontecendo de verdade.

— O cachorro — Tom respondeu à pergunta silenciosa do advogado.
— Quem tirou as fotos?

Ronnie ainda não as vira. Depois da breve descrição de Tom — muito breve -, ela preferiu não vê-las.

— Aparentemente, o filho do senador contratou um detetive particular alguns meses atrás para reunir provas que permitissem ao pai obter um divórcio que, pelo menos aos olhos dos eleitores, não fosse culpa sua. Com isso eu quero dizer provas de que sua esposa estava tendo um caso. Ele não tinha tido sucesso até você surgir em cena. — A voz de Osborn assumiu um tom seco nesta última frase.

Tom revirou o olhos. — Isso não configura invasão de privacidade?
— perguntou.

— Provavelmente. — Osborn inclinou a cabeça. — Mas significa que as fotos não vão ser aceitas no tribunal? Nas atuais circunstâncias, esta possibilidade não existe.

— Só porque nós estávamos tendo um caso não quer dizer que ela tenha assassinado o marido. — Tom andou até a outra poltrona, descansou o braço no espaldar e enfiou a outra mão no bolso da frente das calças. Ele já estivera sentado naquela cadeira, mas obviamente estava nervoso demais para ficar parado.

— Você está certo — disse Osborn. — E este é o argumento que vamos utilizar. Não vejo sentido em negar o caso; seria uma grande estupidez em face de todas as provas. O que precisamos fazer é apresentá-lo desta forma: como um simples caso de amor, um flerte rápido e sem sentido que já acabou e que certamente não foi motivo

para matar ninguém. Então, como eu já disse, Tom, fique longe dela. — Ele olhou para Ronnie. — Sra. Honneker, não quero vocês dois a menos de um quilômetro de distância um do outro.

Ronnie olhou para Tom. Dizer a ela que não o visse era como mandá-la não respirar. Ela morreria se não pudesse tê-lo por perto.

— Por quanto tempo? — perguntou a Osborn em voz baixa.

O advogado a fuzilou com o olhar, depois fez o mesmo com Tom — Sra. Honneker, acho que a senhora não está compreendendo a gravidade da sua situação. O crime pelo qual eles pretendem acusá-la pode levar à pena de morte: assassinato em primeiro grau com agravantes. Eles estão convictos o bastante da sua culpa a ponto de me pedirem para lhe comunicar que a senhora não deve sair do estado do Mississippi. O promotor certamente vai pedir a pena capital se a senhora for realmente acusada, e, neste caso, vamos ter de convencer doze jurados de que a senhora não matou seu marido. Estamos começando uma campanha neste momento com estes jurados em mente. O motivo que os promotores certamente vão apontar é que a senhora queria ao mesmo tempo o seu amante e o dinheiro do seu marido. Dado seu acordo pré-nupcial, não havia como ter ambos a menos que matasse seu marido. Perdoe-me por dizer isso, mas a senhora deve saber que não é exatamente benquista por muitas pessoas neste estado. Para ser mais claro, tem má reputação.

A revelação do seu caso com Tom quase certamente terá um impacto negativo no júri. Não há como evitar isso; o senador ainda nem foi enterrado. Nós certamente não queremos que as fotos de vocês comecem a pipocar por aí. Os jurados não chegam num julgamento como tabulas rasas, e sim com todas as suas fraquezas e preconceitos intactos. Não quero que eles tenham mais argumentos contra a senhora do que precisam ter.

Houve um momento de silêncio. Os dois homens olhavam para Ronnie.

— Eu ficarei longe dela — disse Tom, e voltou para a janela. — Mas ela vai precisar de alguém do seu lado durante e depois do funeral. Neste momento, eu não a deixaria à mercê de qualquer amigo ou parente do senador. Seria como deixar um canário numa sala cheia de gatos.

— Fui informado de que você a tirou de Sedgely ontem à noite depois que ela já tinha se recolhido ao quarto. — A voz de Osborn estava seca outra vez. Eles estavam falando um com o outro como se ela não estivesse presente, pensou Ronnie, o que surpreendentemente não a incomodava. Desde o início, ela não se sentira parte integrante daquela reunião. Simplesmente não era capaz de digerir completamente o fato de que Lewis estava morto e ela era suspeita de assassinato.

— Eu não tive escolha — disse Tom. — Entre Alex Smith e aquelas malditas fotos e família e os amigos indo e vindo, Sedgely não parecia ser um bom lugar para deixá-la. Eles seriam capazes de tirá-la da cama para interrogá-la mais uma vez. Marsden poderia enlouquecer e atacá-la.

Neste momento, tenho a impressão de que tudo é possível no que diz respeito a ela.

— Entendo. — Osborn o fitou com um olhar especulativo.

— Levei Ronnie para casa de minha mãe — disse Tom rispidamente em resposta àquele olhar.

E Sally McGuire a recebera muito bem, recordou Ronnie, com um jantar gostoso, um banho quente e uma cama aconchegante, sem fazer qualquer pergunta. Pelo menos não a ela, mas Ronnie tinha poucas dúvidas de que Tom lhe contara a história toda depois que ela tinha ido dormir.

— Para a casa da sua mãe? Para a casa de Sally? — Osborn ficou perplexo. Ronnie teve a impressão de que ele conhecia muito bem a mãe de Tom.

— Não seria uma boa idéia ela ficar comigo, e foi o único outro lugar em que me senti à vontade para deixá-la. Na verdade, se ela não pode sair do estado, acho que é lá que ela terá de ficar enquanto esta coisa toda se desenrola. A imprensa não vai encontrá-la, e minha mãe se certificará de que ela coma e durma bem, e tudo mais. — Ele olhou para Ronnie com uma expressão séria. —

Acho que ela não está raciocinando perfeitamente no momento.

— Você está dizendo que eu estou maluca? — perguntou Ronnie, com certa irritação.

Ele sorriu para ela. — Mais ou menos. É o choque, eu acho. Não se preocupe.

— Eu estou perfeitamente bem.

— Eu mesmo vou levá-la ao funeral e a qualquer outro evento que pareça necessário —

disse Osborn. Embora não o dissesse com todas as letras, sua resposta indicava que concordava com Tom.

Talvez eles estivessem certos. Talvez ela estivesse em choque, pensou Ronnie. Isso explicaria a sensação estranha de alheamento que tomara conta dela.

Ela não amava Lewis, mas ele era seu marido. Encontrá-lo daquela maneira... Ronnie estremeceu ao se lembrar da cena.

Tom a observava. Havia um toque de violência reprimida em sua voz quando ele disse.—

— Droga, Dan, acho que temos de contratar nossos próprios investigadores. A polícia quer resolver isto, e jogar a culpa em Ronnie facilita as coisas para eles. Por que se dariam ao trabalho de investigar outra possibilidade? Mas o fato é que ela não o matou. Se ele foi morto, e eu tenho de admitir que, conhecendo o senador e sua família há muito tempo, não acredito que ele tenha cometido suicídio, existe um assassino à solta por aí. Alguém precisa descobrir quem é esta pessoa.

— Concordo com você quanto a contratar nossos próprios investigadores — disse Osborn.

— Mas você se dá conta de quem é o candidato mais provável a assassino do senador depois da Sra. Honneker? É você, Tom, pelas mesmas razões que eles vão atribuir a ela. Na verdade, se você não estivesse na Califórnia naquele momento com cinqüenta testemunhas para provar, tenho certeza de que estariam investigando você com o mesmo empenho que ela. É claro que eles podem achar que você contratou alguém para fazer o serviço, ou podem estar pensando que vocês foram cúmplices. Você precisa ter seu próprio advogado, Tom. Não posso representar os dois, já que, se formos a julgamento, talvez tenha de apresentar uma teoria alternativa. E você certamente é uma teoria alternativa viável.

Tom o fitou. — Eu não matei o senador. Ela não matou o senador. Nenhum de nós dois contratou alguém para matá-lo, e nós não fomos cúmplices.

Osborn suspirou. — Eu só estou dizendo o que está passando pela cabeça dos investigadores.

— Que tal um detector de mentiras? — perguntou Tom. — Se Ronnie passasse no teste, isso não provaria sua inocência?

— Eu não recomendo que meus clientes passem pelo detector de mentiras.

— Então o que você sugere? — a pergunta de Tom era impaciente.

— Eu sugiro esperar, e nada mais, até sabermos para que lado o vento está soprando.

Nunca se sabe, eles ainda podem concluir que foi suicídio. Sra. Honneker, a senhora não deve falar com a polícia, jornalistas, ninguém, sem a minha presença, está claro? Qualquer pergunta que lhe façam, diga que devem falar comigo. Tom, eu estou falando sério quando digo que você precisa de um advogado. Sugiro Brian Hughes. — Ele anotou um número de telefone num pedaço de papel e o passou a Tom. — Agora, Sra. Honneker, há uma questão que eu quero esclarecer: a senhora diz que foi dar uma caminhada depois que o motorista a deixou em Sedgely. Isso teria acontecido aproximadamente das 22:35 até mais ou menos as 23h00?

Ronnie assentiu. — Sim.

— Então, quando a senhora entrou, foi diretamente ao escritório do seu marido, correto?

— Sim. — Ronnie tentou não se lembrar do que tinha encontrado lá, mas não conseguiu evitar. A cabeça de Lewis numa poça de sangue. Ela forçou sua mente a voltar ao presente.

— A senhora costumava fazer isso? Ir ao escritório do seu marido ao voltar de algum compromisso, ou ir procurá-lo de alguma outra forma?

— Não.

— Então por que fez isso naquela noite em particular?

— Eu tinha algo para dizer a ele.

— E o que seria?

Com um rápido olhar para Tom antes de voltar sua atenção para Osborn, Ronnie disse: —

Eu ia dizer a ele que queria o divórcio. Com o canto do olho, Ronnie viu que Tom ficou imóvel.

— E o que a levou a esta decisão naquele exato momento?

Ela lançou um rápido sorriso na direção de Tom, que estava olhando para ela com o coração nos olhos.

— Tom não estava disposto a continuar nosso caso nestas circunstâncias. Na última vez que nos encontramos, ele disse que eu teria de escolher entre ele e Lewis. Naquela noite, eu decidi.

Escolhi Tom.

Osborn jogou sua caneta no ar. — Aí está o motivo que os promotores procuram, servido numa bandeja de prata. Pelo amor de Deus, não conte isso a mais ninguém. Seria mais fácil simplesmente assinar uma confissão de assassinato.

— Dan, você pode nos dar um tempinho a sós? — pediu Tom. — Por favor?

Osborn olhou de um para o outro. — Droga, Tom, cinco minutos. Nem um segundo a mais. E depois que vocês saírem desse escritório.

Com a anuência de Osborn, Tom andou até a mesa, tirou o fone do gancho e apertou o botão que piscava.

Escutando a conversa pelo lado de Tom, Ronnie percebeu que estava certa: as notícias de Kenny eram péssimas.

— Obrigado, Kenny. Até logo. — Ele desligou, depois olhou para ela por um instante antes de transferir seu olhar para o advogado.

— Os tablóides conseguiram aquelas fotos. Você sabe quais. Vão estar em todas as bancas de revista amanhã de manhã.

CAPÍTULO 40

14 de setembro

Quando o funeral começou às quatro da tarde, as fotos já estavam por toda parte, até mesmo na primeira página do venerável Jackson Daily Journal. Sob a manchete SUICÍDIO OU

HOMICÍDIO: UM CASO ARDENTE SERÁ A CHAVE PARA A MORTE DO SENADOR?, havia uma foto granulada de Ronnie beijando Tom no estacionamento do Robbins Inn.

Dentro do jornal, uma reportagem enchia páginas duplas com fotos mais explícitas.

Os tablóides se esbaldaram. Manchetes como SERÁ QUE FOI RONNIE? ESCÂNDALO

SEXUAL NO SENADO acompanhavam fotos que só não eram pornográficas devido a tarjas pretas estrategicamente colocadas.

Ronnie não teria ficado ciente da extensão da cobertura se os repórteres não tivessem esfregado os jornais em seu rosto, pedindo comentários assim que ela apareceu na frente do edifício de Dan Osborn pendurada em seu braço, enquanto se preparavam para entrar na limusine que os levaria à igreja. Os seguranças empurraram os jornalistas que corriam na sua direção, mas não antes que ela pudesse ver o bastante para se sentir nauseada.

Nas fotos, seu amor por Tom parecia sórdido e sujo. Os corpos nus e os beijos profundos que haviam sido mágicos quando compartilhados apenas pelos dois eram obscenos expostos aos olhos e à malícia do público.

— Ronnie, olha para cá!

— Ronnie, querida, você pode derramar algumas lágrimas para nós?

— Ronnie, você já transou com o presidente? E com o governador?

— É verdade que você vai posar para a Playboy?

— Ronnie, você matou o senador?

As perguntas idiotas e impertinentes eram lançadas a ela uma atrás da outra. Mesmo depois que os dois estavam seguros dentro da limusine, os fotógrafos continuavam a empurrar suas câmeras contra os vidros, acionando os flashes para dentro.

Da noite para o dia, ela se tornara objeto de desprezo, uma mulher caída de proporções tão épicas que faziam Donna Rice e Gennifer Flowers parecerem virgens em comparação.

A humilhação era devastadora; a sensação de injustiça, inenarrável. Mas Ronnie mantinha a cabeça erguida e a espinha ereta quando saiu da limusine pelo braço de Osborn.

Mostrar a eles o quanto ela estava sofrendo seria o mesmo que se deixar derrotar.

O funeral foi um pesadelo. O presidente e a primeira-dama compareceram com um batalhão de seguranças. Praticamente todos os membros do senado e da câmara dos EUA estavam presentes com suas esposas. Todos os políticos do Mississippi, do governador para baixo, também estavam lá. Aparentemente, metade do estado, não, metade do país, estava lá. A Igreja Episcopal Saint Andrew's estava transbordando. Centenas de espectadores tomavam as ruas em torno do prédio gótico, prontos para ouvir os discursos que seriam transmitidos por um sistema de alto-falantes.

Atravessando o corredor polonês do público e dos repórteres para entrar na igreja, Ronnie se sentia como a adúltera da Bíblia a caminho do apedrejamento. Cabeças se voltavam quando ela passava, assobios e improperios eram lançados a ela.

A palavra prostituta foi gritada mais de uma vez.

A atmosfera dentro da igreja estava carregada. Pessoas que ela conhecia há anos olhavam para ela e falavam animadamente por trás das mãos erguidas, sem se dar ao trabalho de sussurrar. Exceto pelos repórteres, que a cercaram no vestíbulo como uma matilha barulhenta até serem expulsos pelos patrulheiros estaduais, e por seu pequeno séquito de seguranças e amigos, ela ficou totalmente sozinha.

A família — Dorothy, Marsden, Joanie, Laura, seus cônjuges e filhos, e até mesmo a ex-mulher de Lewis, Eleanor — já estava sentada no primeiro banco no centro da igreja quando ela entrou. Eles não registraram sua presença sequer com um olhar. Os dignitários estavam sentados em ordem de importância atrás da família. Por uma combinação prévia entre seu advogado e o esquema de segurança da igreja, ela foi colocada na frente, mas à direita, perto de uma porta.

Para que pudesse sair rapidamente se fosse preciso.

Seu pai e suas irmãs tinham ido ao funeral, e estavam aguardando na seção reservada a ela.

Sua mãe tinha telefonado na noite anterior para oferecer pêsames e um vago apoio, mas seu marido estava doente e por isso ela não poderia comparecer. O que era muito bom, pensou Ronnie. Desde que a mãe tinha abandonado a família, ela e Ronnie jamais se reaproximaram.

Tom se mantivera afastado, sob ordens estritas de Dan Osborn. Sua família e Kenny também foram proibidos de comparecer, para não dar à imprensa mais motivos para comentar sobre ele ou seu sócio.

Ela sabia que sua presença ao lado dela naquele momento iria simplesmente detonar outro escândalo. A mídia iria adorar. Os

boatos alcançariam um nível altíssimo de malícia. Eles seriam universalmente condenados.

Mas mesmo assim, ela precisava dele, ansiava por sua presença.

Seu pai, Dave, sentou-se ao lado dela, num terno preto que ela suspeitava que ele tivesse comprado especialmente para aquela ocasião. Debbie e Lisa, suas irmãs, estavam do outro lado.

Debbie segurava uma de suas mãos, e seu pai, a outra.

Dan Osborn e sua esposa, que também estavam esperando dentro da igreja, sentaram-se ao lado do pai de Ronnie. Thea ficou do outro lado, com as irmãs. Exceto por Kathy e Michael Blount, que se expunham à desaprovação pública simplesmente por se sentarem com ela, este era todo o seu apoio.

Seu pequeno canto da igreja estava isolado dos outros presentes como uma ilha.

Fechando os olhos quando o padre começou a cerimônia, Ronnie se concentrou em dar adeus a Lewis. Apesar de seus defeitos, ele merecia que ela chorasse por ele.

E ela gostava dele de uma certa forma, apenas não o amava. Ele não merecia morrer.

Especialmente daquele jeito. Ronnie estremeceu e expulsou lembrança do corpo caído de sua mente. Reze por nós, padre.

Embora baixasse a cabeça e pronunciasse as palavras da oração junto com os outros, não conseguia deixar de perceber que as pessoas estavam olhando para ela. Mesmo durante a oração, sentia-se o alvo de todos os olhares.

Estava consciente do fato de que agora era uma pária mesmo ali, na igreja.

— Osborn não devia ter deixado que ela fosse. — Tom estava na sala da casa de Kenny assistindo o funeral pela televisão. Kenny estava com ele, sentado no sofá enquanto Tom mordia os dedos, em pé na frente da TV de tela grande. Ronnie acabara de sair da igreja e se dirigia a uma limusine que a esperava na rua. Enquanto descia os degraus de braço dado com Dan Osborn, a imprensa se aglomerou em torno deles. — Veja só aquilo! Ela vai machucar-se!

Por um momento, o lindo rosto de Ronnie encheu a tela. Seus olhos castanhos estavam arregalados e sublinhados por olheiras. A boca carnuda e macia não sorria, e sua palidez era ainda mais acentuada pelo contraste com os cabelos vermelhos tocados pela luz do sol. Ela parecia assustada.

— Eu não acredito nisso! — Ele devia estar lá com ela, não importava o que o advogado achasse. Se pudesse, estaria no lugar dela, assumindo sozinho toda a vergonha e a humilhação.

Vê-la ser publicamente exposta o deixava louco.

Ela finalmente alcançou a limusine, entrou e bateu a porta, fugindo dos chacais que a perseguiam. O carro arrancou.

A emissora cortou para um comercial, prometendo retomar a transmissão em breve.

Tom soltou um palavrão e deu as costas para a TV. Kenny o fitava com a testa franzida.

— Lembra-se daquele ataque do coração que eu tive no ano passado? — ele perguntou.

— Lembro.

— Foi causado por estresse. E você está se estressando demais, amigão.

— E quem não se estressada numa situação dessas? — Tom fechou os olhos e massageou as têmporas. Depois se sentou na poltrona marrom feia que ficava num canto da sala. Os gatos cantores do comercial lhe deram vontade de atirar o abajur na tela. Ele pegou o controle remoto e assistiu os gatos emudecerem enquanto reduzia o volume a zero.

— Eu sinto muito por tudo isso, Kenny — disse após um instante.

— Eu também não gosto deste comercial

A tentativa de humor não deu certo. Ambos sabiam que Tom não se referia à propaganda.

— Nós estávamos recém começando a ganhar dinheiro outra vez, e esta história vai acabar com a firma.

— C'est la vie — disse Kenny dando de ombros.

— Eu deixaria você comprar a minha parte, mas não acho que, nas atuais circunstâncias, haja alguma coisa que valha a pena ser comprada. Este problema com Ronnie faz aquele escândalo das contribuições de campanha parecer uma brincadeira de criança.

— É, a coisa é feia mesmo.

— Talvez fosse melhor passarmos para consultoria empresarial, que aliás dá mais dinheiro do que a política. A verdade é que agora sou pior do que um leproso neste meio. Depois dessa história, ninguém vai querer se aproximar de mim nem da firma enquanto eu fizer parte dela.

— Não se preocupe comigo, meu chapa. Eu sei como é. Já passei por isso. — Kenny olhou em volta como se quisesse se certificar de que estavam totalmente sozinhos.

— Thea...

— Eu sei sobre a Thea.

— Achei que você soubesse.

— E é uma tremenda burrice, se quer saber minha opinião. Você tem uma esposa maravilhosa, uma família fantástica, e vai jogar tudo fora. Thea não vale isso.

— Já acabou.

— E eu continuaria assim se fosse você.

— Odeio ter de lhe dizer isso, Sr. Puritano, mas você...

— Eu não sou casado.

— Mas ela é. Era.

— Sim — respondeu Tom, taciturno, afundando na cadeira. Kenny se levantou, foi à cozinha e retornou alguns instantes depois com duas cervejas.

— O que eu estou tentando lhe dizer é que não o culpo pelo que está acontecendo — disse, sentando-se na beira do sofá e olhando para Tom com seriedade. — Ronnie é uma mulher linda, e pelo que ouvi por aí, ela deve ter dado em cima de você sem piedade. Quem poderia culpá-lo por aceitar a oferta? Foi o mesmo que aconteceu comigo e Thea. Ela deu em cima de mim, e eu não consegui resistir. A única diferença entre o que você fez e o que eu fiz é que Thea não é — não era

— casada com o senador, e ninguém tirou fotos nossas.

— Não foi assim. — Quando a cobertura do funeral recomeçou, Tom ficou em pé e andou até a outra extremidade da sala antes de se virar para Kenny outra vez. A TV ainda estava sem som.

— O que aconteceu entre Ronnie e eu não foi a mesma coisa. Ela não deu em cima de mim mais do que eu dei em cima dela. Foi um sentimento mútuo. Nós nos apaixonamos.

Kenny o fitou. — Você está brincando.

— Parece uma breguice, não?

— Parece.

— Cale a boca, Kenny.

— Foi você quem falou primeiro.

— Eu sei.

Os dois ficaram em silêncio por um momento, apenas observando as imagens mudas das limusines cheias de figurões deixando a igreja.

Então Kenny disse lentamente: — Tom, você sabe que eu gosto da Ronnie e tudo mais, mas ela é uma garota de milhões de dólares, não é? Quero dizer, ela está acostumada com o melhor da vida, e você não tem dinheiro algum. Especialmente agora.

— Eu sei disso. Você acha que eu não sei?

Kenny ficou em silêncio outra vez, olhando para a TV. Quando voltou a olhar para o sócio, sua testa estava vincada de preocupação. — Tom, você já cogitou a possibilidade de que talvez, apenas talvez, Ronnie seja culpada? De que talvez ela tenha matado o senador pelo dinheiro?

Tom colocou as mãos nos bolsos e olhou fixo para Kenny. — Ela não o matou.

— Você estava na Califórnia.

— Ela não o matou.

— Como pode ter tanta certeza?

— Ela não o matou!

— Está bem, está bem — disse Kenny, reclinando-se no sofá e estendendo a mão para o controle remoto. — Se é o que você diz. Eu só queria que você pensasse nessa possibilidade.

Antes que Tom pudesse responder, ele aumentou o volume e as vozes dos jornalistas que cobriam a cerimônia fúnebre mais uma vez encheram a sala.

CAPÍTULO 41

14 de setembro

18h30min

Não havia nada na TV, só o enterro de um senador velho. Maria se levantou para trocar de canal (Jerry tinha conseguido perder o controle remoto) e parou quando estava com a mão no seletor.

A repórter Christine Gwen estava apresentando uma retrospectiva da vida do falecido.

— Aqui está o senador Honneker em dias mais felizes, com sua segunda esposa, Verônica, no Biloxi Yacht Club no convés de seu iate, o Sun-Chaser. Segundo fontes policiais, Verônica Honneker é a principal suspeita do assassinato do senador...

O Biloxi Yacht Club. O Sun-Chaser.

— Jerry! — ela berrou. Arrancando os olhos da TV, Maria correu para a cozinha e abriu a porta dos fundos. Eles tinham acabado de jantar, e Jerry estava no quintal com Lissy pintando a casa de bonecas que tinha comprado para ela no dia anterior. O pôr-do-sol dourado e a temperatura mais agradável tornavam aquela hora ideal para este tipo de trabalho. — Jerry!

Detendo-se em meio a uma pincelada de rosa-pink (escolha de Lissy) na lateral da pequena casa, Jerry se virou com um olhar interrogativo.

— Eu descobri! Está na TV! O nome do barco é Sun-Chaser. Venha, venha rápido! Com todo o cuidado, Jerry largou o pincel na beira da bandeja retangular de metal e levantou-se. Lissy entrou na casa com ele. Maria estava excitada demais para tirar a filha da sala.

— Que houve? — ele perguntou, parando ao lado dela. Ele estava usando uma camiseta branca decorada com borrifos de cor-de-rosa e uma bermuda caqui velha que fazia sua barriga de cerveja parecer

mais pronunciada. Maria não notou e tampouco se importou com os trajes pouco atraentes. Ela estava praticamente pulando num pé só.

— É o barco! O nome é Sun-Chaser! Era daquele senador, que agora também está morto!

Você está vendo, Jerry, todos que têm alguma ligação com aquele barco estão aparecendo mortos!

Oh, meu Deus, deve ter sido ele! Ele levou Susan e Claire para o barco! Ele deve ter matado as duas! Veja, é o Sun-Chaser — outra imagem do iate estava aparecendo na tela —, e é dele! Tem de ser ele!

— Maria — Jerry estava olhando desconfiado para a tela ao mesmo tempo em que tentava entender do que ela estava falando. — Se como você diz, o senador levou Susan e Claire para uma volta no seu barco e as matou, então quem matou ele? Ele também está morto.

Aquela conclusão lógica esfriou um pouco os ânimos de Maria. Jerry estava certo. O

senador não-sei-de-quê estava morto. Assassinado, exatamente como Susan e, ela tinha certeza, Claire. Exatamente como o pessoal da Agência de Modelos Beautiful. Exatamente como ela estaria, se não tivesse conseguido manter-se um passo à frente do assassino todo aquele tempo.

Olhando para o senador na tela, feliz e sorridente cercado pela esposa — outra — e os filhos pequenos em uma foto tirada muitos anos antes, Maria percebeu outra coisa: aquele não era o homem que tinha invadido seu apartamento e a seguira até a pensão.

De jeito nenhum. O sujeito poderia ser um assassino de aluguel? Sim, mas, matando o senador, ele teria se voltado contra o seu próprio cliente. Que estava acontecendo? Agora eles estavam

mostrando imagens do funeral, da bela e jovem esposa que era suspeita do assassinato.

Maria não tinha as coisas muito claras na cabeça, mas podia apostar que a moça não tinha matado seu marido.

Era muita coincidência que todos que haviam tido alguma coisa a ver com aquele barco estivessem acabando mortos.

— É o barco. Eu sei que é aquele barco — Maria disse teimosamente a Jerry. — Esta é a ligação. Ele devia estar no barco também, na mesma noite que Susan e Claire. Ele devia ser um dos... clientes. E agora está morto. Quem quer que tenha matado as duas também o matou.

— Você está viajando, Maria.

— Jerry, eu sei que estou certa. Sei que estou. Tenho um palpite muito forte! — Ela olhou para ele, suplicante. — Você não poderia checar isto, por favor? Talvez, se eles souberem quem estava no barco naquela noite, eu possa descobrir quem está atrás de mim.

A segunda esposa do senador estava na tela outra vez, de braços dados com seu advogado no centro de uma maré de repórteres.

Christine Gwen anunciou: — Verônica Honneker aparece nesta imagem com seu advogado, Daniel Osborn, de Jackson. Osborn é um dos mais respeitados advogados criminalistas do estado. Sua presença ao lado dela dá credibilidade aos boatos de que a Sra. Honneker está prestes a ser acusada do assassinato do marido, você não concorda, Burt? Burt Hall, o âncora da emissora, tomou a palavra quando a câmera cortou para ele. — Eu não sei, Christine. Vamos ver.

Se o que os tablóides estão publicando é verdade, certamente parece que ela tinha um motivo.

Conseguimos obter cópias das fotografias que estão chocando o país.

Imagens da segunda esposa em posições comprometedoras com um namorado surgiram na tela, acompanhadas da voz de Hall. Rapidamente, Maria tapou os olhos arregalados de Lissy com as mãos.

A TV fez um clique quando Jerry a desligou.

— Não acredito que eles mostrem esse tipo de coisa na televisão — disse ele revoltado. —

Ok, Lissy, vamos voltar lá para fora.

Lissy já tinha os olhos livres da venda improvisada de Maria.

— Mamãe, você não precisava fazer isso. Acha que eu já não vi sexo na TV? — disse ela com deboche, por cima do ombro, enquanto andava para a cozinha.

— E então, Jerry? — Maria os seguiu. — Você precisa ligar para alguém. É verdade o que eu estou dizendo.

Lissy saiu batendo a porta de tela. Jerry parou, ainda na cozinha, olhando para Maria.

— Hoje é domingo, Maria — disse pacientemente. — Amanhã vou ligar para os meus amigos de Biloxi e informar a eles o que você pensa. Mas confesso que esta história parece muito fantasiosa.

— Jerry...

— Preciso continuar a pintura — ele disse com um sorriso, e saiu para o jardim atrás de Lissy.

Sozinha, Maria não conseguia parar de pensar. Ela sabia que estava certa. Sabia. Mas há alguns dias já tinha a sensação de que Jerry

não estava realmente interessado no caso, e não se importava se esta questão nunca se resolvesse. Ele estava feliz em ter Lissy e ela como companhia.

Ela cozinhava, limpava a casa e transava com ele sempre que ele queria, e era uma companhia agradável e pouco exigente no resto do tempo. Ele obviamente tinha se apegado muito a Lissy.

Talvez ele achasse que, se nunca descobrissem quem estava tentando matá-la, ela poderia nunca voltar para casa.

Sem Jerry para ajudá-la, não havia muito o que ela pudesse fazer, pensou.

Então Maria se lembrou da jovem e bela segunda esposa, sendo acusada de assassinar o marido.

Ali estava uma pessoa interessada, sem dúvida alguma.

Ela certamente ficaria feliz em pôr as mãos em informações que pudessem ajudar a inocentá-la. E teria o dinheiro e o poder necessários para conduzir uma investigação para descobrir a verdade.

Se Maria conseguisse de alguma forma entrar em contato com ela...

Então lembrou do nome do advogado importante que a acompanhava, e sorriu.

Pegou o telefone da cozinha e, quando a telefonista entrou na linha, pediu o número de auxílio à lista de Jackson.

CAPÍTULO 42

15 de setembro 0h45min

Ronnie estava acordada em sua cama emprestada na casa de Sally McGuire, observando o luar pintar desenhos no teto acima de sua cabeça e tentando não pensar. Em torno dela, a casa estalava, acomodando-se. Sally tinha ido para a cama às onze e meia, como parecia ser seu costume. Tendo se retirado para o quarto horas antes, Ronnie a escutou a subir a escada.

Depois do suplício do funeral, ela imaginava que finalmente conseguiria dormir. De fato, havia caído na cama completamente vestida e dormira quase imediatamente.

Mas tinha despertado duas horas depois e, desde então, por mais que tentasse, não conseguia voltar à inconsciência.

A chave, pensou desesperada, era manter sua mente vazia.

Tudo o que surgia em sua cabeça, desde lembranças da infância e recordações indesejáveis de Lewis até um desejo quase doloroso por Tom, parecia causar-lhe dor.

Ela tinha certeza de que conseguiria dormir se pudesse não pensar.

Eles achavam que ela tinha matado Lewis.

Depois que acordou, ela tomou um banho quente, relaxando na banheira por quase uma hora, raspou as pernas com muito cuidado, aplicou cremes no corpo e hidratou o rosto.

Seu pai tinha visto fotos dela nua com Tom.

Quando finalmente saiu da banheira, escovou os dentes, penteou os cabelos e vestiu uma de suas camisolas mais bonitas, uma peça de fina seda cor-de-rosa com alças delicadas que lhe chegava aos tornozelos. Tendo sido retirada de sua cômoda em Sedgely — Selma

mandara entregar duas malas de roupas no escritório de Dan Osborn um dia antes —, tinha o aroma sutil dos sachês florais que ela punha nas gavetas.

O cheiro a fez lembrar de Sedgely.

O quarto de hóspedes de Sally no segundo andar era confortável, com uma cama de casal, uma cômoda de carvalho e uma poltrona baixa e macia num dos cantos. As paredes eram pintadas de azul-celeste, e o teto era branco. Naquele momento, com as luzes apagadas e as persianas da ampla janela levantadas, o luar que se derramava sobre a cama era a única fonte de iluminação.

Seu pai e suas irmãs sempre haviam tido muito orgulho dela, a única Sibley que tinha subido na vida. A mulher do senador. Agora, estavam marcados por sua vergonha.

Ela não conseguia esvaziar sua mente, por mais que tentasse. Não conseguia dormir.

Sua família tinha voltado para casa. Retornariam para o julgamento, se fosse necessário, disseram. Oh, Deus, ela realmente seria levada ao tribunal pelo assassinato de Lewis? Parecia inacreditável.

Pela janela, Ronnie fitou as estrelas que brilhavam em torno da Lua. Quando criança, ela gostava de imaginar que os pontos de luz eram fadas espalhando poeira mágica pela escuridão, preparando o mundo para o nascer de mais um dia.

Nem seu pai, nem suas irmãs, nem ela mesma haviam dito uma palavra sobre Tom, embora obviamente tivessem visto as fotos (àquela altura, Ronnie duvidava que alguém no país inteiro não as tivesse visto). Era assim que as coisas funcionavam na sua família: eles nunca, jamais falavam sobre qualquer coisa importante. Mesmo quando a mãe os abandonara, mesmo depois de tantos anos, nenhum deles havia tocado no assunto.

Os estalos aumentaram de volume. Ela teve a sensação de que escutava a casa respirar. Ou seria Sally, duas portas adiante no mesmo corredor?

Os sons tinham um ritmo uniforme, quase furtivo. Como se alguém estivesse subindo lentamente a escada...

Ronnie prendeu a respiração, sentando-se na cama.

A maçaneta girou.

Lewis tinha sido assassinado. Teria chegado a vez dela?

A silhueta alta de um homem surgiu no vão da porta. Os dedos de Ronnie procuraram uma possível arma — o despertador na mesa de cabeceira foi o melhor que encontraram — e ela sugou o ar para dentro de seus pulmões relutantes preparando-se para gritar.

O luar tocou os cabelos do homem.

— Tom? — ela sussurrou.

— Achei que você estaria dormindo. — Ele fechou a porta com cuidado e andou silenciosamente até a cama. Estava usando jeans e camiseta, e Ronnie percebeu que estava de meias, mas descalço.

— Tom! — Largando o despertador sobre o colchão e jogando as cobertas para o lado, ela se jogou em seus braços.

— Psiu! — ele advertiu enquanto a prendia num abraço tão forte que ameaçava quebrar suas costelas. — Não quero acordar...

Minha mãe era o que ele pretendia dizer, mas nunca chegou a terminar a frase, pois seus lábios se ocuparam num beijo. Seus dedos se embrenharam entre os cabelos de Ronnie para segurar-lhe a cabeça. Ela enlaçou seu pescoço e retribuiu o beijo com desespero.

Não tinha percebido o quanto se sentia perdida e enregelada até se ver envolta na segurança ardente dos braços dele.

— Oh, Tom, que bom que você veio! — ela sussurrou junto de sua garganta quando ele finalmente ergueu a cabeça.

— Eu assisti tudo pela TV. Sinto muito não ter estado lá com você.

— Eu queria que você estivesse.

— Eu sei.

— Tom...

— Psiiu! — Ele a beijou outra vez

— Eu estou com medo. — Era a primeira vez que Ronnie admitia aquilo, até para si mesma.

— Eu amo você. — Ele tomou o rosto dela nas mãos e disse as palavras dentro de sua boca. — Era isso o que eu ia dizer naqueles quatro minutos que Dan nos roubou no escritório.

— Oh, Deus. — Inclinando a cabeça, ela o beijou, mergulhando as mãos por dentro da camisa para tocar sua pele. De repente, ela precisava tocá-lo, precisava amá-lo com uma necessidade furiosa, tão imperativa quanto sua própria força vital. Ergueu a camisa de Tom e ele a soltou pelo tempo suficiente para tirar a peça por cima da cabeça e a jogar no chão.

A boca aberta de Ronnie correu por seu pescoço, descendo pelo triângulo de pêlos castanhos do peito e umedecendo o abdome liso até chegar ao botão do jeans. Então ela se ajoelhou na frente dele, pressionando a boca em sua virilha e mordendo o volume rijo que forçava o tecido azul da calça.

— Oh, Ronnie. — Quando os dentes dela o encontraram, ele ficou tenso e arquejou audivelmente. Ela não parou, não podia parar. Suas mãos tinham urgência, abriram o botão e baixaram o zíper, entrando na cueca para libertar seu membro. Ele estava enorme, quente, pulsante e vivo, e ela o tomou na boca, segurando a parte vulnerável mais abaixo com muito cuidado, e beijou, sugou e mordiscou até os únicos sons que Tom conseguia emitir serem gemidos guturais.

Então, as mãos dele agarraram seus cabelos e a afastaram. Ele tirou as calças, ficou de joelhos na frente dela e a fez deitar no chão sobre o tapete banhado de luar.

Tirando sua camisola, ele se deitou em cima dela e a penetrou com ímpeto.

Ronnie gritou. Ele abafou o som com um beijo, a língua quente imitando os movimentos intensos de seu corpo.

O tapete rústico arranhava as costas de Ronnie enquanto ele a pressionava contra o chão.

Ela se agarrou a ele, os dedos se cravando em suas costas. A pele de Tom estava quente e úmida de suor, e seus músculos rígidos de tensão.

Ele arremetia profundamente dentro dela, preenchendo-a, incendiando-a. Ela se contorcia embaixo dele, beijando sua boca, os quadris se erguendo do chão em resposta àquela posse apaixonada.

— Tom, Tom, Tom, Tom! — Sussurrando seu nome e tremendo dos pés à cabeça, ela gozou, ausentando-se do mundo e alcançando as estrelas. Ele também chegou ao clímax, gemendo de prazer enquanto se afundava ainda mais em seu corpo trêmulo.

Depois, Ronnie ficou deitada por um longo tempo com as costas ardendo do contato com o tapete, os pulmões oprimidos pelo peso

do corpo de Tom, o couro cabeludo formigando por causa dos dedos ainda enredados em seus cabelos.

Ela deveria estar desconfortável, mas não estava.

Era maravilhoso sentir-se viva outra vez.

Por fim, ele se moveu, depositou um beijo na curva entre o pescoço e o ombro onde seu rosto estava enterrado e se apoiou em um cotovelo.

— Estou sentindo-me melhor — disse, sorrindo para ela.

— Eu também. — Ela moveu um pouco os quadris, porque agora estava realmente sendo esmagada, e ele percebeu e rolou para o chão.

— Você não tem nada para me dizer? — Tom perguntou, após um momento. Ele estava deitado ao lado dela, com a cabeça apoiada em uma das mãos, e afastava fios de cabelo de seu rosto.

Ronnie refletiu por um momento. — Obrigada, Tom, foi ótimo? — ela arriscou com um sorriso divertido.

— Tenho de admitir que foi, mas não é exatamente isso que eu tinha em mente.

— É mesmo?

— É.

— Então o que você quer que eu diga?

— Que tal "Eu amo você"?

— Oh!. — Um sorriso tocou seus lábios e aqueceu seus olhos. — Eu amo você, Tom! —

ela disse com sinceridade.

— Ah! — Ele a beijou com lábios gentis. — Eu também amo você, Ronnie.

Desta vez foi ela quem o beijou, um beijo lento e paciente, e antes que ela terminasse, ele estava rijo outra vez.

— Ah, não — disse Ronnie quando ele fez um movimento para cobri-la com seu corpo outra vez. — Temos uma cama aqui do lado.

Tom se deteve, apoiado acima dela com os braços esticados, e olhou para a cama que estava aproximadamente meio metro para a direita.

— Você tem uma preferência por camas, não tem? — ele perguntou sorrindo.

— Vamos ver você ficar por baixo e queimar as costas no tapete.

— Você queimou as costas? — Seu sorriso se ampliou. — Eu sinto muito.

— Você não está com cara de quem sente muito. Está com cara de quem acha graça.

— Boneca, nada que lhe cause dor é engraçado para mim. Como ele parecia estar sendo sincero, ela o beijou. Ele retribuiu seu beijo com paixão e então entrou nela e rolou ao mesmo tempo, para que desta vez fosse ele a arranhar as costas no tapete.

Depois disso, eles finalmente foram para a cama.

Tom deixou o quarto antes do amanhecer. Ela estava dormindo quando ele se libertou de seu abraço e desceu da cama.

— Tom! — ela protestou sonolenta.

— Eu tenho de ir.

— Eu amo você.

— Eu também. — Ele a beijou rapidamente, vestiu-se e saiu. Ronnie se aconchegou no calor que ele havia deixado na cama e finalmente, pela primeira vez desde a morte de Lewis, caiu num sono profundo e sem sonhos.

CAPÍTULO 43

19 de setembro 1h45min

Ronnie, querida, acho melhor você sair pela porta de trás ou subir para o quarto. Temos companhia. — Alertada pelo som de um carro que chegava pelo caminho de cascalho, Sally estava olhando pela janela da cozinha enquanto falava. As duas estavam em torno da mesa redonda de carvalho, descascando maçãs para uma torta. Naquela noite haveria um jantar na igreja que Sally freqüentava, e, cozinheira notável que era, ela fora convocada para fazer a sobremesa.

Ronnie também olhou pela janela e viu Mark batendo a porta do carro de Tom e pisando duro na direção da casa.

— Aposto que ele e o pai tiveram uma briga — disse Sally com expressão preocupada.

Ronnie correu para a porta dos fundos como um gato escaldado, e saiu no mesmo instante em que Mark batia a porta da frente com um estrondo.

— Vovó! Vovó, onde você está? Você não vai acreditar... Escutando os berros do garoto, Ronnie se lembrou daquela noite no apartamento de Tom e teve de sorrir. Aparentemente, entrar nos lugares gritando a plenos pulmões fazia parte do estilo de Mark.

Um pouco depois, Ronnie estava sentada em uma área sombreada no alto de uma pequena colina não muito longe da casa. Banhando os pés na água fria do riacho raso que corria pela propriedade, ela se reclinou contra o tronco liso de um olmo e ficou de olho no carro de Tom. De onde estava, podia vê-lo claramente, estacionado na entrada da garagem. Não notara qualquer atividade dentro da casa depois da chegada de Mark.

Era o início da tarde, e ainda havia muito tempo antes que ela realmente precisasse preocupar-se, mas Ronnie se perguntou o que faria se Mark decidisse dormir na casa da avó.

Subitamente, ela teve a sensação desconfortável de estar sendo observada, e olhou em torno. Mark vinha subindo o aclive a cerca de 100 metros à esquerda dela. Provavelmente tinha saído pela porta dos fundos como ela, e de alguma forma Ronnie não percebera seu avanço pelo gramado.

Ela pensou em se levantar, mas decidiu ficar como estava. Era um absurdo sentir-se nervosa. Afinal de contas, ele era apenas um adolescente. Mas é filho de Tom, ela pensou, percebendo por que sua garganta estava tão seca: a opinião dele era importante para o pai.

Quando estava a apenas alguns metros de distância, Mark se deteve, enfiou as mãos nos bolsos da frente do jeans e lhe deu um olhar mal humorado.

Sua expressão e postura o tornavam tão parecido com Tom que Ronnie sorriu involuntariamente.

— Olá, Mark.

— Meu pai é um merda.

Ronnie o fitou com surpresa. — Oh?

— Ele aproveitou bastante, e agora quer que eu pague por isso. Ela tirou os pés da água, abraçou os joelhos e olhou para ele ainda confusa.

— Oh? — repetiu.

— Você tem alguma idéia do que eu estou passando na escola nesses últimos dias? E ele me obriga a ir às aulas.

— Ah. — A fonte do problema se tornou clara para ela.

— Eu quero que você fale com ele — disse Mark, fuzilando-a com os olhos.

— Sobre o quê?

— Sobre não me obrigar a ir à escola. Ele vai escutar você.

— Acho que não, Mark. Não num assunto desses.

— Se você não falar com ele, eu vou ligar para os jornais e contar onde você está. A vovó disse que é segredo.

Ronnie balançou a cabeça para ele em reprovação. — Chantagem é uma coisa feia.

— Não tão feia quanto o que você e o meu pai fizeram.

— Nós nos apaixonamos.

Mark fez um muxoxo de desprezo. — É assim que vocês chamam?

— Podemos conversar direito? Por que você não se senta?

Mark hesitou, mas depois se aproximou alguns passos e se sentou no chão com as pernas cruzadas e os cotovelos apoiados nos joelhos a meio metro dela, no limite da área sombreada.

— Fale! — ordenou com arrogância.

Ronnie escolheu as palavras com cuidado. — Sinto muito que você esteja sofrendo por causa das coisas que apareceram nos jornais. Muito do que eles disseram não é verdade.

— As fotos são bem verdadeiras.

— Sim, são — admitiu Ronnie. — E bem picantes, não? Eu fiquei muito constrangida quando as vi e sei que seu pai também ficou. Mas a questão é que nós não sabíamos que alguém nos espionava. As fotos foram tiradas quando achávamos que estávamos sozinhos. Você gostaria de ver as coisas que faz com a sua namorada estampadas na capa de um jornal?

Mark não pareceu se impressionar com aquilo.

— Você era casada. — Era uma acusação. — Estava tendo um caso com meu pai.

Ronnie o encarou, perguntando-se se devia prosseguir ou recuar e deixar que Tom tratasse do assunto com o filho.

Decidiu ir em frente. — Escute, Mark, você já tem 17 anos, não é?

— Sim. Fiz aniversário há duas semanas.

— Seu pai provavelmente me esfolará viva, mas eu vou lhe contar a verdade sobre o que aconteceu para que você possa compreender. Em primeiro lugar, sim, eu era casada, mas meu marido e eu não tínhamos relações íntimas havia mais de um ano, quando conheci Tom. Você entende o que eu quero dizer. E seu pai foi a pessoa mais correta do mundo. Ele não queria se envolver comigo e resistiu muito. Finalmente, nós nos apaixonamos, e ele não conseguiu resistir mais. Eu ia pedir o divórcio. A família do meu marido não gosta de mim, e os filhos dele contrataram um detetive particular para registrar qualquer deslize meu. A única coisa errada que fiz foi apaixonar-me pelo seu pai, e não acho que tenha sido tão errado assim. Ele é um homem maravilhoso.

— Às vezes. — Ele olhou bem nos olhos dela. — Estão dizendo por aí que você matou seu marido.

— Eu não o matei. Eu lhe dou minha palavra, Mark, de que não matei.

— Algumas pessoas estão até dizendo que o meu pai matou seu marido.

— Também não foi ele. Tom estava na Califórnia naquele dia.

— É o que ele diz.

— Você tem que dar um tempo para seu pai, Mark. A única coisa que ele fez de errado foi apaixonar-se por mim, e não foi exatamente culpa dele.

248

O olhar de Mark percorreu Ronnie do alto dos cabelos vermelhos, que ela tinha prendido num rabo de cavalo, passando pelo corpo esguio vestido com uma camiseta verde-limão e jeans, até os pés descalços. — Até entendo por que ele não conseguiu evitar.

Ronnie sorriu para ele. — Obrigada. Eu acho.

— Ok, talvez o que vocês dois fizeram não tenha sido tão terrível quanto todo mundo está dizendo. Mas mesmo assim eu não quero ter de ir à escola para ficarem esfregando fotos da bunda do meu pai na minha cara.

Ronnie fez uma careta de desconforto. — Eu não o culpo por isso. Você mesmo pode ver que me escondo aqui na casa da sua avó.

— Meu pai sequer me contou que você está aqui.

— É segredo.

— Vovó disse que a imprensa está procurando por você em toda parte.

— É verdade.

— Papai vai ficar furioso comigo. Eu peguei o carro dele.

Os lábios de Ronnie estremeceram. Por mais que tentasse evitar, ela teve de abrir um sorriso largo. A imagem de Tom sendo deixado a pé em algum lugar era irresistível.

— Onde ele estava?

— Na casa da minha mãe. Ela ligou para ele porque eu não quis ir à escola hoje, e ele foi lá para "lidar comigo".

Ronnie olhou para ele com surpresa. — Ele também faz isso com você?

— Sim.

— Eu odeio isso — ela disse com convicção.

— Ele tenta "lidar com você"? Fica dando-lhe ordens disfarçadas de conselhos? — Mark parecia atônito.

— Sem dúvida, desde o primeiro minuto em que o conheci. Quando sei que ele está fazendo isso, tenho vontade de fazer o exato oposto do que ele quer.

— Eu também.

Eles se entreolharam em solidariedade. Então Ronnie viu algo que a fez arregalar os olhos.

— Odeio ter de dizer isso, Mark — falou em voz baixa, embora seu coração estivesse acelerado —, mas seu pai acaba de chegar.

— Merda. — Mark olhou para trás, e os dois assistiram em silêncio Tom subir os degraus da porta da frente e desaparecer dentro da casa. O carro no qual ele tinha chegado, um sedã luxuoso cor champagne, ficou estacionado na entrada da garagem atrás do dele.

— De quem é aquele carro? — perguntou Ronnie, interessada.

— Da minha mãe. Ela também está brava comigo, porque odeia quando tem de chamar o papai para lidar comigo.

Naquele instante, Tom saiu da casa e começou a olhar em volta.

— Você quer levantar-se e chamá-lo ou prefere que eu faça isso? — perguntou Ronnie.

— Não se preocupe. Ele já vai nos achar. É impossível não ver você com essa camiseta.

Ele estava certo. Ronnie nem se deu ao trabalho de acenar, porque assim que Tom a localizou, já estava cruzando o gramado.

— Ele parece furioso — disse Mark apreensivo.

— É mesmo. — Os longos passos de Tom e o modo como seu corpo oscilava irradiavam raiva.

— Você já viu meu pai muito irritado?

— Uma ou duas vezes, eu acho.

— Então se prepare para a terceira.

— O que exatamente você disse a ele antes de pegar o carro?

Mark olhou para ela com vergonha e balançou a cabeça. — Deixe pra lá.

— Alguma coisa sobre mim, não foi? — ela adivinhou.

— Talvez.

— Tudo bem, Mark. O que quer que tenha sido, eu o perdôo. Entendo como você se sente.

Aliás, como está Loren?

— Eu agora estou namorando Amy Ruebens.

— Ótimo.

Não havia mais tempo para conversa. Tom já estava na metade do caminho, e se aproximava com rapidez. Ronnie não o via à luz do dia desde aquela manhã no escritório de Dan Osborn, embora ele tivesse visitado seu quarto nas últimas três noites. Ela estava começando a pensar nele como seu vampiro de estimação, que chegava depois da meia-noite e ia embora antes do amanhecer. Embora ela depois dormisse com os anjos por várias horas, tinha a impressão de que ele não conseguia fazer o mesmo.

Observando sua aproximação ameaçadora, ela se perguntou se os efeitos da falta de sono não estariam lhe deixando ranzinza.

Ele parou do outro lado do riacho. O som da água esverdeada correndo por cima dos seixos marrons enchia o ar. A brisa remexia as folhas largas do olmo, que já começavam a amarelar, acrescentando uma harmonia farfalhante à canção da água. O abafamento de agosto tinha passado, mas o dia estava quente e luminoso.

Em questão de segundos, Tom alcançou o alto da pequena colina e diminuiu o passo, olhando de Ronnie para Mark com olhos duros enquanto seguia na direção deles.

Sua boca estava crispada.

— Olá, Tom — disse Ronnie.

Mark franziu o cenho, mas não o cumprimentou. Tom parou do outro lado do riacho, no alto do oásis de sombra oferecido pela árvore. Seu olhar examinou Ronnie antes de passar para o filho. Por um momento, os dois pares de olhos azuis tão parecidos se fixaram numa batalha silenciosa.

Ronnie olhou de um para o outro, percebeu a guerra nuclear iminente e se pôs em pé. Com um rápido salto e mais dois passos ela estava do outro lado do riacho. Colocando a mão no ombro de Tom, ficou na ponta dos pés para beijar seu rosto. Ele estava quente, barbeado e cheiroso.

— Olá, Tom — ela repetiu com um pouco mais de veemência. Ele olhou para ela, e os músculos de seu rosto relaxaram um pouco num sorriso.

— Olá, Ronnie. — Ele passou os braços em torno de sua cintura e a puxou para junto de si, mas não a beijou. Sua atenção voltou para Mark, que retribuiu o olhar belicoso com outro idêntico e se levantou. Com mais uns dois anos para crescer, Ronnie constatou, ele ficaria mais ou menos do tamanho do pai.

— Se meu filho lhe disse alguma coisa desagradável, eu peço desculpas por ele — disse Tom. — Ele também vai pedir-lhe desculpas.

— Mark não fez nada. — Ela se encostou um pouco mais nele. Qualquer coisa mais física do que aquilo estava proibida tão perto do garoto. Ela queria conquistá-lo, e não afastá-lo. — Na verdade, nós conversamos bastante. Ele tem razão em algumas coisas, Tom. Este escândalo está sendo constrangedor para todo mundo, mas você e eu podemos nos esconder. Ele não pode.

— Eu sinto muito por isso, mas mesmo assim ele tem de ir à escola, e terá de aprender a conviver com as manchetes sensacionalistas, por que elas não desaparecerão tão cedo.

— A cobertura não está diminuindo? — Ronnie olhou para Tom com expressão dolorida.

O único momento em que o escândalo realmente a tocara havia sido no funeral de Lewis.

Repentinamente, ela se deu conta de que não tinha lido nenhum jornal nem assistido televisão desde que chegara na casa de Sally. Obviamente, estava sendo protegida.

— Ainda não. — A resposta ríspida de Tom deu a entender que o escândalo ainda estava tão vivo quanto antes.

— Ok, eu sinto muito. — O pedido de desculpas de Mark para o pai foi abrupto. — Eu retiro tudo o que disse sobre... você sabe, está bem?

Não era preciso ser gênio para deduzir que o "você sabe" de Mark se referia a ela, pensou Ronnie, e sorriu para ele.

— Ok — Tom parecia estar relaxando aos poucos. — Mas se você pegar meu carro outra vez sem permissão, vai ficar de castigo até o ano 3000.

— Desculpe. Eu estava bravo.

Pai e filho trocaram olhares magoados. Ronnie aproveitou a brecha e disse a Tom: — Já que você está aqui, por que não almoçamos todos juntos? Eu estou faminta.

— Eu também — ele respondeu, com um olhar que indicava que sabia exatamente o que ela estava tentando fazer. Então ele se voltou para o filho. — Venha, Mark, vamos comer.

Mark assentiu e cruzou o riacho para se juntar a eles.

CAPÍTULO 44

19 de setembro

13h00

Maria estava no quarto com Jerry quando alguém bateu na porta da frente. Eles tinham acabado de dar uma rapidinha, e Jerry se aprontava para ir para o supermercado onde trabalhava como segurança em meio período.

— Eu atendo — disse ele, amarrando os sapatos e ficando em pé quando ouviu a segunda batida. Vestido com o uniforme azul-escuro, ele se parecia muito com o policial que Maria conhecera. Ela gostava de homens de uniforme, como já havia lhe dito. Na verdade, aquela revelação levava à rapidinha.

Vestindo-se também, Maria escutou Jerry abrir a porta, e depois um murmúrio de vozes baixas. Não ficou especialmente curiosa; já se acostumara com a monotonia confortável da vida naquela casa. Mas precisava ir ao banheiro, e de qualquer maneira ele tinha convidado o visitante para entrar. Ela percorreu o corredor, fez a parada necessária no único banheiro da casa e então olhou para a sala a caminho da cozinha.

Jerry estava em pé falando com um policial. O homem uniformizado estava de costas para ela.

— Minha namorada deve ter ligado — Jerry estava dizendo.

— O senhor compreende que nós estamos sob muita pressão para resolver este caso —

disse o policial. — A vítima era filha de Charlie Kay Martin, e ele está movendo céus e terra para que o Departamento de Polícia descubra quem a matou. Se a sua namorada sabe de alguma coisa a respeito do ocorrido, como disse ao advogado, eu gostaria muito de conversar com ela.

— Ela está aqui mesmo — disse Jerry, seu olhar encontrando o de Maria por cima do ombro do homem. — Maria...

O policial se virou tão rápido que Jerry deu um passo para trás. Por um momento, ele e Maria se encararam. Os olhos dele eram de um cinza gélido, o traço dominante em um rosto pouco expressivo.

Era o homem que tinha revirado seu apartamento, o homem que a seguira até o hotel, o homem que a assombrava em seus piores pesadelos.

O terror explodiu em suas veias.

— Jerry, é ele, é ele!

Ao mesmo tempo em que gritava o alerta, Maria correu para a cozinha. O homem saltou atrás dela, e Jerry o agarrou.

O medo deu a Maria uma velocidade e uma agilidade que ela nunca possuía. Voando pela cozinha, ela escutou sons de luta e depois de uma queda. Continuou correndo, empurrando a porta de tela e cruzando o quintal, agradecendo a Deus a cada passo por Lissy estar brincando na casa de uma vizinha. De outra forma, ela estaria ali, e juntas as duas jamais conseguiriam escapar.

Enquanto passava pelo portão do quintal e chegava ao beco que corria atrás da casa, ela escutou a porta de tela bater atrás de si. Um rápido olhar por cima do ombro lhe mostrou que o intruso a perseguia.

Jerry estava inconsciente, ou morto.

Mas Maria não podia pensar nele, não podia pensar em qualquer outra coisa além de salvar sua própria vida. Correndo pelo beco, deu-se conta de que, naquela reta, ele a alcançaria em poucos segundos. Ela deu a volta numa garagem — todas as casas em

torno da de Jerry tinham garagens independentes, a maioria delas estruturas de madeira caindo aos pedaços — e viu uma porta lateral.

Estava destrancada, e ela saltou para dentro. A garagem empoeirada e silenciosa fazia um contraste marcante com seu coração acelerado.

Ofegando, Maria se encostou na parede. Não queria enganar-se pensando que ele não a encontraria ali mais cedo ou mais tarde. Na melhor das hipóteses, ela podia ter ganho algum tempo.

Fique calma, fique calma, ela disse a si mesma. Entrar em pânico não ajudaria em nada.

Era a garagem da Sra. Diaz, uma mulher idosa a quem Jerry às vezes ajudava com as compras. Ela tinha um Chevy Nova antiqüíssimo, um carro marrom pequeno e enferrujado que parecia não sair da garagem há anos.

As chaves estavam na ignição.

Agradecendo pelos costumes antiquados das pequenas cidades do Mississippi, Maria se sentou atrás da direção.

Fique calma.

A primeira coisa a fazer era se certificar de que o carro ainda funcionava. O Nova estava coberto de poeira, e ela mesma nunca tinha visto a Sra. Diaz sair de casa.

Se o carro funcionasse, então ela abriria a porta da garagem e sairia lentamente para não atrair atenção.

Alguma coisa a fez olhar para a porta lateral. A maçaneta estava girando, e então a porta se abriu.

Tudo o que ela precisou ver foi uma mão e parte de um perfil para adivinhar quem estava entrando.

Virando a chave na ignição, ela rezou como nunca tinha rezado em toda sua vida.

Ele estava correndo para a porta do passageiro.

Por favor, meu Deus. Por favor, meu Deus.

O motor ganhou vida com um urro. Maria pisou fundo no acelerador.

O Nova pulou para a frente, derrubando a porta frouxa da garagem.

CAPÍTULO 45

20 de setembro

Ronnie percebeu que algo tinha acontecido no minuto em que entrou na cozinha.

Como sempre, Tom deixara sua cama antes do amanhecer. Ela tinha voltado a dormir, sorrindo de leve enquanto pensava no desfecho agradável daquele dia. Depois do almoço, ele e Mark, já reconciliados, tinham ficado até perto das cinco. Os três passearam pelo campo por algumas horas, e depois Ronnie entrou para ajudar Sally a terminar as preparações para o jantar da igreja. Mais tarde, ela e Tom estavam sentados no balanço quando Sally apareceu com uma jarra de chá gelado, e os quatro ficaram sentados sob os plátanos jogando conversa fora até que Tom e Mark tiveram de ir embora.

Enquanto observava os dois carros se afastando, Ronnie se deu conta de que ela e Tom nunca haviam tido algumas horas de ócio juntos. Ela se perguntou quantas pessoas passavam a vida inteira sem jamais descobrir como o tempo era precioso.

Ela queria passar todo o seu tempo com Tom, mas não podia, e por isso cada minuto se tornava uma dádiva.

Então uma frase surgiu em sua mente: Eu não sou mais casada.

Ela estava livre.

Uma imensa alegria tomou conta de sua alma.

Lewis, que descansasse em paz, estava morto. Ela não lhe devia mais nada.

Ela e Tom tinham todo o tempo do mundo.

Assim que aquela acusação ridícula de assassinato fosse retirada, eles poderiam ficar juntos sempre que quisessem. Não havia mais nada nem ninguém em seu caminho.

Era o que ela pensava até descer e encontrar Tom tomando café na cozinha da mãe.

Ele estava de terno e gravata, o terno cinza-escuro que ela gostava e a gravata que fazia seus olhos parecerem tão azuis quanto a piscina de Sedgely. Seu rosto estava tenso e cansado.

Quando ergueu os olhos e viu Ronnie parada na porta da cozinha olhando para ele, sua expressão se tornou totalmente lúgubre.

— Que foi? — ela perguntou, sabendo que havia más notícias.

— Sente-se, querida, e coma alguma coisa. Tom, deixe Ronnie tomar o café da manhã primeiro. — Sally começou a se levantar.

— Que houve? — ela repetiu, desta vez mais exigente.

— Oh, Deus. — Sally parou onde estava, olhando de um para outro, com sofrimento estampado no rosto.

— Dan quer que você esteja no escritório ao meio-dia. — Tom fez uma pausa, mas Ronnie não se deixou enganar. Ele não estava olhando para ela com aquela expressão por causa de uma hora marcada com o advogado. Ela não disse nada, apenas esperou. — Ele vai levá-la para a delegacia. O Gabinete da Promotoria ligou esta manhã.

Eles vão prendê-la pelo assassinato de Lewis, e ao invés de virem até aqui e a levarem algemada, Dan prometeu que você se entregará espontaneamente. Eles querem que você esteja lá a 1h00 da tarde.

— Oh, meu Deus. — Por um momento, Ronnie não se deu conta de que as palavras tinham saído de sua própria boca. Fraca, ela se encostou no batente da porta, sentindo o sangue ser drenado de sua cabeça.

Tom se levantou e andou até ela, afastou-a do batente e a abraçou. Ronnie se encostou em seu peito. Suas mãos deslizaram por baixo do paletó e o abraçaram. Se ele não a segurasse, ela desabaria.

— Eu terei de ficar muito tempo? Na delegacia? Quer dizer, isso é alguma espécie de formalidade, e eles me soltarão logo depois de pagar uma fiança?

— Eu não sei. — A voz de Tom mostrava que aquilo era tão difícil para ele quanto para ela. A resposta a apavorou.

— Eu não o matei, Tom.

— Eu sei disso, boneca. Eu sei.

Ronnie estremeceu quando teve completa consciência da situação.

— Eu posso ficar presa durante meses, ou, ou mesmo anos, não é? Quanto tempo leva o julgamento? Lembra do caso O J.4? O julgamento durou mais de um ano, e ele ficou preso o tempo todo, não ficou? E se eles me considerarem culpada... — Sua voz falhou.

— Oh, Tom.

— Mas você não é culpada, e nós vamos provar. Vamos descobrir quem foi, e... — A voz dele também cessou. Erguendo os olhos, Ronnie viu que ele tinha parado de falar porque não podia mais continuar. Os olhos de Tom, assim como os dela, estavam cheios de lágrimas.

4 N.T.: O.J. Simpson, ex-astro do futebol americano que foi acusado e posteriormente inocentado do assassinato da esposa e amante.

CAPÍTULO 46

20 de setembro 1h50min

Elas tinham passado uma noite desconfortável no carro, porque Maria não tinha dinheiro para um quarto de hotel. Felizmente, Lissy tinha algumas moedas nos bolsos do short, e Maria encontrou uma nota amarrotada de um dólar embaixo do banco do motorista. Aquilo foi suficiente para comprar rosquinhas, e leite para Lissy. Maria tinha bebido água.

Ela não sabia o que fazer.

Depois de escapar da garagem, tinha dobrado a esquina, arrastado Lissy sob protestos do jardim onde ela brincava com a amiga e saído da cidade. Não notara sinais de perseguição — a última vez que tinha visto o intruso foi na garagem -, mas sabia que ele viria atrás dela.

Na estrada para Jackson, ela tinha parado apenas uma vez, só pelo tempo de ligar para a polícia e denunciar um assassinato no endereço de Jerry.

Agora, estacionada num posto de gasolina perto do novo prédio da Assembléia Legislativa, Maria estava sem dinheiro, sem gasolina e sem sorte. A Sra. Segunda Esposa e seu advogado figurão eram sua última esperança. Se eles não pudessem ajudá-la, ela teria de procurar a polícia.

Pelo menos Lissy estaria segura.

Ela tinha certeza de que o intruso não era um policial, embora estivesse usando uniforme.

Ela era boa em farejar tiras. De alguma forma, ele tinha descoberto que Jerry era ex-policial, e arranjava o uniforme para ganhar sua confiança.

Mas como ele tinha chegado a Jerry?

Maria não sabia e não queria saber, pois a fazia pensar no quanto aquele sujeito poderia ser poderoso, como se soubesse de tudo. Até então, ela conseguira fugir dele por muito pouco. Mas não podia contar com a sorte para sempre

— Mamãe, tenho de fazer xixi.

Lissy estava cansada, faminta e mal-humorada, e não fazia qualquer esforço para esconder isso. Maria percebeu que ela mesma estava cansada, quando o fato de Lissy precisar ir ao banheiro a irritou. Droga, ela sempre tinha de fazer xixi.

— Então vá.

— Eu já volto. — Lissy abriu a porta e se arrastou pelo concreto até o banheiro feminino na lateral do posto.

Maria tentou pensar. O escritório do advogado ficava no edifício em frente ao posto. Ela tinha encontrado o endereço na lista telefônica. A Sra. Segunda Esposa deveria estar lá em pessoa ao meio-dia para se encontrar com seu advogado antes de se entregar à polícia e ser colocada na cadeia pelo assassinato do marido, o senador.

Maria tinha escutado no rádio enquanto dirigia.

A rua em torno do escritório estava lotada de equipes de emissoras de televisão. O próprio prédio estava isolado por policiais.

Tudo em deferência à Sra. Segunda Esposa.

Maria usou sua penúltima moeda no telefone público e ligou para o escritório do advogado. Mais uma vez, foi atendida pela secretária eletrônica, como havia sido toda a manhã. Era frustrante, porque ela não tinha um número de contato para deixar.

— Meu nome é Maria. Preciso falar com o Sr. Osborn sobre o assassinato do senador. Eu sei quem foi — bem, mais ou menos. Pelo menos eu sei que não foi a mulher dele. Que droga, eu odeio essas máquinas. Eu estou do outro lado da rua e estou indo para aí falar com o Sr. Osborn agora mesmo — Maria rosnou para a máquina e desligou.

Falar com a secretária eletrônica era uma perda de tempo. Provavelmente ninguém ouvia os recados. Ela tinha deixado outras mensagens quando ainda estava na casa de Jerry, com o número dele e tudo, e ninguém tinha retornado a ligação.

Um carro branco entrou no posto de gasolina e parou na sombra ao lado do contêiner azul do lixo. Maria notou porque estava paranóica com a possibilidade de ser seguida.

Mas o homem que saiu do carro não era o intruso. Era um homem parrudo de cabelos pretos crespos, que usava um terno azul. Seus passos eram lentos e pesados quando ele entrava na loja de conveniências.

Alguma coisa obviamente não estava bem na vida dele, pensou Maria com a curiosidade aguçada. E o que havia de especial nisso? Sua própria vida poderia ser descrita como um desastre.

Mas mesmo assim, ela olhou para o carro e para a mulher que tinha ficado dentro dele.

A mulher olhou na direção dela. A boca de Maria se abriu de espanto.

Ela não tinha certeza absoluta, pois a mulher usava um lenço na cabeça que escondia totalmente seus cabelos, mas tinha 99,9% de certeza de que estava olhando para a Sra. Segunda Esposa.

CAPÍTULO 47

20 de setembro 11h55min

A garganta de Ronnie estava tão seca que simplesmente respirar era desconfortável.

— Kenny, você poderia parar e comprar uma garrafa d'água, por favor?

— É claro, Ronnie. — Kenny estava sendo solidário, ansioso para fazer qualquer coisa que pudesse facilitar aquele pesadelo para ela. Ele fora convocado por Tom, que seguia as ordens estritas de Dan Osborn de ficar longe dela, para deixá-la no escritório do advogado ao meio-dia.

Faltavam cinco para o meio-dia. Ela tinha de aproveitar aquele tempo ao máximo, de qualquer modo que conseguisse. Precisava beber alguma coisa.

Kenny entrou na loja do posto, que vendia salgadinhos e refrigerantes. Só de pensar em comida, Ronnie sentiu vontade de vomitar. Não tinha comido nada o dia inteiro.

Do modo como se sentia, talvez nunca mais comesse outra vez

— Só água, Ronnie? Não quer alguma outra coisa?

— Não, Kenny, obrigada. — Sua voz era pouco mais do que um murmúrio. Ela tinha chorado nos braços de Tom até não ter mais lágrimas, e ele chorara com ela. Foi assim que ela entendeu o quanto sua situação era desesperadora. Para fazer Tom chorar...

Depois que ela entrasse na cadeia, poderia levar meses ou anos até sair outra vez. Ela sabia disso, e ele também.

E não havia nada que pudesse fazer para salvá-la. Nada que ela pudesse fazer para se salvar.

Ela estava apavorada. Nauseada, suando e apavorada. Nunca havia sido presa antes, mas não era a idéia de uma cadeia que tanto a assustava. Era o tempo, os dias, semanas e meses de sua vida que ela iria perder.

Oh, Deus, por que justo agora, quando o tempo se tornava insuportavelmente precioso para ela?

Ronnie fitava o nada pelo pára-brisa. Era um dia bonito e ensolarado, mas ela estava congelando de frio. Não podia fazer aquilo. Não podia.

Sua mão se moveu quase involuntariamente, fechando-se em torno da maçaneta da porta.

Havia um modo de se salvar. Ela podia fugir...

Alguém bateu na sua janela. Uma mulher jovem de cabelos loiros lisos.

Ronnie ficou tão surpresa que apertou o botão, baixando o vidro até a metade antes de pensar melhor.

Então percebeu onde estava e o que estava fazendo, e apertou o botão outra vez na direção oposta. O vidro começou a subir.

— Não, espere! Eu preciso falar com você! Eu sei quem foi! Eu sei quem matou seu marido! — disse a mulher freneticamente.

Ronnie a fitou através da barreira do vidro quase totalmente fechado. Quem quer que ela fosse, não era uma repórter, disso Ronnie tinha certeza. Não era exatamente bonita, mas atraente de uma maneira crua. Seu vestido azul-bebê era de poliéster barato. Seus traços eram proporcionais, mas finos e toscos. Sua pele tinha pego sol demais.

Mas ela dizia que sabia quem tinha matado Lewis. Provavelmente era apenas uma maluca falando bobagens, mas que mal haveria em escutar?

Lentamente, Ronnie apertou o botão, e o vidro desceu de novo.

Por um instante, as duas se encararam.

— Você disse que sabe quem matou meu marido? — Ronnie perguntou, sentindo-se uma idiota por lhe dar ouvidos.

— Ele tinha um barco, o Sun-Chaser, não tinha? Ronnie assentiu.

— Uma amiga minha, duas amigas minhas entraram naquele barco e nunca saíram. Uma delas apareceu morta, assassinada. Susan Martin. A filha de Charlie Kay Martin, você deve ter visto na televisão.

Com uma vaga lembrança de uma notícia sobre a filha assassinada do pastor televisivo, Ronnie assentiu outra vez.

A mulher chegou mais perto, voz e gestos urgentes. Seus dedos grossos com unhas roídas se apoiaram na janela aberta. — Todos os que entraram no barco do seu marido naquela noite estão aparecendo mortos. Susan, Claire, outros amigos meus que arranjaram o programa, o seu marido.

Alguém está tentando me matar porque eu sei — oh! Droga.

Seu último som foi uma pequena exclamação quando alguém se aproximou por trás dela.

Ronnie percebeu apenas o movimento violento e súbito de alguma coisa sendo empurrada contra a cabeça da mulher, depois ouviu um zumbido crepitante, sentiu cheiro de queimado e viu a mulher revirar os olhos e cair no chão como uma pedra.

— Sua vez, querida. — A mão de um homem entrou pela janela, enfiou-se por baixo do lenço de seda que ela tinha amarrado na cabeça e agarrou seus cabelos. Enquanto a dor se espalhava por seu couro cabeludo e ela se debatia, ele empurrou alguma coisa — um retângulo de plástico branco? — contra o seu ombro.

Ela apagou antes mesmo de ouvir o zumbido.

CAPÍTULO 48

20 de setembro

Meio-dia

Como assim, ela fugiu? — Tom estava em pé na cozinha de sua mãe, Encostado na parede com o telefone apertado na orelha, falando com Kenny. Sally estava ao seu lado Desde que Ronnie tinha ido embora, ela não parava de dar voltas em torno dele, como fazia quando ele era criança e se machucava. Ele amava sua mãe e apreciava suas tentativas de consolá-lo, mas havia algumas coisas que nem mesmo uma mãe podia consertar.

Kenny tinha começado a falar assim que o sócio atendeu o telefone, sem sequer cumprimentá-lo.

— Ela fugiu no seu carro? — Tom estava incrédulo.

Ou Kenny estava delirando ou ele próprio não estava processando as informações tão bem quanto o normal. Respirou fundo e tentou concentrar-se.

— Ok, Kenny, explique de novo.

— Droga, Tom, ela sumiu! Ela fugiu no meu carro! — Kenny já estava quase gritando.

— Ronnie?

— De quem mais eu poderia estar falando? Ronnie! Ronnie sumiu com o meu carro. Acha que ela decidiu fugir!

— Kenny, tem certeza de que o carro não está por aí? Olhe de novo.

— Porra, Tom, você acha que eu já não olhei? Ela disse que estava com sede e me pediu para comprar uma água. Eu parei num posto

de gasolina e entrei na loja. Quando voltei o carro tinha sumido. Ela tinha sumido. Entendeu agora?

— Meu Jesus Cristo! — Tom se encostou outra vez na parede da cozinha. — Nós falamos sobre fugir. Ela sabia que iriam encontrá-la e trazê-la de volta, e que isso a faria parecer ainda mais culpada. Kenny, ela não fugiu.

— Talvez ela tenha entrado em pânico no último minuto. Ela estava bem pálida, e dava para notar que estava morta de medo.

— Meu Jesus Cristo! — repetiu Tom. — Onde você está? Kenny explicou.

— Estou indo para aí o mais rápido possível. Ligue para Dan Osborn e conte o que está acontecendo. E tente ficar longe da imprensa!

— Vou tentar — disse Kenny, e desligou.

CAPÍTULO 49

20 de setembro

12h30min

Por um momento, Ronnie pensou que estava presa em outro pesadelo. Sentia-se grogue, desorientada, dolorida. O mundo parecia estar balançando. As cobertas estavam enroladas em seu rosto, esse era o problema. Por isso estava com tanto calor, mal podia respirar e não enxergava nada.

Fez um movimento para erguer a mão e afastar as cobertas do rosto.

Foi então que descobriu que estava amarrada.

Aquela idéia era tão inacreditável que Ronnie teve de testá-la. Por um momento, ela fechou os olhos, tentando clarear a mente.

De repente, recordou o que havia acontecido. O posto de gasolina, a mulher loira, o homem enfiando a mão pelo vidro e agarrando seus cabelos.

E então uma dor terrível, como se um caminhão-tanque tivesse passado por cima dela..

Não era um sonho. Ela tinha sido seqüestrada. Por quê?

A mulher loira tinha dito alguma coisa a respeito de Lewis ter sido assassinado por causa do barco. Ela não se lembrava muito bem.

Aquilo que estava acontecendo com ela tinha alguma coisa a ver com Lewis?

Suas mãos estavam amarradas nas costas com seu próprio lenço de seda. Ronnie apalpou os nós na seda macia com as pontas dos dedos.

Algo mais resistente, com uma textura ligeiramente mais áspera, prendia seus pés, que estavam descalços, como ela descobriu mexendo os dedos. Seus sapatos tinham sumido, e suas pernas estavam nuas.

Seus tornozelos estavam amarrados com sua própria meia-calça.

Ela estava deitada sobre o lado direito em cima de alguma coisa que não era completamente plana, coberta da cabeça aos pés com um pano pesado que cheirava a mofo.

Devia estar em um veículo, pois estava se movendo, e provavelmente viajando sobre um terreno bastante acidentado.

Todos os seus instintos lhe diziam para ficar imóvel.

— Oi, sou eu. — A voz inesperada falou tão perto dela que Ronnie se assustou. Era uma voz masculina, uma voz estranha, e ela adivinhou quase no mesmo instante que ele estava falando ao telefone.

— Eu peguei a vadia, mas tive um pequeno problema. Precisar levar a outra também, a mulher do senador. Uma explosão de som veio do outro lado do telefone. Quem quer que estivesse na linha estava berrando. Ronnie não conseguia compreender as palavras, mas o tom e o volume eram claros.

— E o que eu deveria ter feito? Elas já estavam conversando, eu escutei. A vadia estava falando sobre o barco, dizendo que todo mundo que estava lá naquela noite ou que sabia a respeito da festa estava morto. Que eu podia fazer? Eu tinha de levá-la.

Mais gritos do outro lado.

— Eu vou cuidar disso, não se preocupe. Ninguém jamais vai encontrá-las. Pode deixar comigo. Eu...

Ele parou de falar. A pessoa do outro lado da linha agora estava falando em volume normal, pois Ronnie não escutava mais nada.

— Sim, é uma boa idéia. Vou fazer isso. Não, eu sei, não vou deixar nenhuma marca. Sim, vou cuidar de tudo. Não se preocupe. Estas duas são as últimas, e depois que eu der um jeito nelas, mais ninguém poderá ligá-lo ao que aconteceu. Sim, eu sei. Ok, eu ligo depois.

A conversa terminou sem um adeus. Ronnie escutou um clique baixo, provavelmente o telefone celular sendo fechado.

Ela tentou entender o que acabava de ouvir. Tinha sido seqüestrada por que a mulher loira estava contando-lhe que Lewis fora assassinado por causa do barco. Não, por causa de alguma coisa que tinha acontecido no barco em uma certa noite, e todos os que sabiam o que tinha ocorrido estavam mortos.

E agora ela sabia.

As implicações eram apavorantes.

O veículo parou.

Assim como o coração de Ronnie. Ela escutou a porta se abrindo, o farfalhar das roupas do homem enquanto ele se movia, seus primeiros passos. Depois, nada. Aquilo não era bom. Que ele pretendia fazer?

Freneticamente, ela tentou encontrar uma forma de se salvar, mas não houve tempo. Outra porta se abriu, perto de sua cabeça, e o cobertor ou o que quer que fosse foi arrancado de cima do seu rosto.

Ronnie manteve os olhos fechados e tentou respirar normalmente. Ele agarrou a frente de sua jaqueta e a colocou sentada no banco.

Fingir-se desacordada naquelas condições foi uma das coisas mais difíceis que ela já tivera de fazer em toda sua vida.

Então ele a jogou sobre o ombro e a carregou para fora do carro.

Abrindo os olhos, Ronnie viu as costas de uma camisa caqui, um tapete de folhas e pedras cobrindo o chão e os troncos e ramos inferiores de grandes árvores decíduas.

Ela estava em um bosque. O lugar era sombreado e fresco, e o ar cheirava a limo.

O veículo era o carro de Kenny. Ela estava no banco do passageiro, que havia sido reclinado ao máximo para que ela ficasse deitada. Um cobertor cinzento, agora jogado no chão, fora usado para escondê-la.

De repente, ela deslizou do ombro do homem para seus braços, e ele a colocou no porta-malas do carro com tanta cerimônia quanto se ela fosse um rolo de carpete.

Ele teve de dobrar seus joelhos para fazê-la caber. Depois, Ronnie o escutou se afastar.

Ela abriu os olhos, fitando o cobertor cinza que agora cobria a tampa aberta do porta-mala.

Ele tinha sumido. Ela devia tentar fugir?

Impossível, estava amarrada. Devia gritar? Que aconteceria se não houvesse ninguém por perto para escutá-la?

Ou se ninguém se importasse?

Ele estava voltando. Ronnie fechou os olhos. Outro corpo estava sendo colocado no porta-mala, com menos cuidado ainda do que ele

havia tido com ela. Basicamente, o recém-chegado simplesmente foi jogado para dentro, e então a tampa se fechou.

Ronnie abriu os olhos. Cabelos loiros longos que cheiravam vagamente alguma espécie de um xampu floral estavam espalhados por seu rosto.

Sacudindo a cabeça, ela conseguiu se libertar dos fios. Sua companheira de tragédia obviamente era a loira do posto, que parecia estar genuinamente inconsciente.

Assim como ela, a mulher estava amarrada pelos pés e pelas mãos.

O carro começou a se mover outra vez, fazendo um círculo amplo antes de tomar uma reta.

Ronnie e a loira, cujo nome ela não sabia, estavam trancadas juntas no porta-mala.

CAPÍTULO 50

20 de setembro

12h40min

Kenny estava esperando no posto de gasolina quando Tom chegou. Era uma construção branca baixa com duas garagens de portas abertas onde mecânicos trabalhavam e seis bombas de gasolina na frente. Através da janela, várias geladeiras com portas de vidro estavam visíveis dentro da loja de conveniência. Uma grande máquina de gelo prateada descansava contra a parede externa.

Logo depois dela, no limite do estacionamento, havia uma enorme lixeira azul.

Kenny estava parado perto dela, claramente agitado. Quando viu Tom, andou rapidamente na sua direção e começou a falar antes mesmo do sócio descer do carro.

— Onde está Dan? — perguntou Tom depois de ouvir a história mais uma vez e confirmar visualmente a ausência tanto de Ronnie quanto do carro.

— No escritório. Estou falando pelo telefone, mas ele não pode sair. Disse que a imprensa vai cair em cima dele assim que botar o pé fora do prédio, querendo saber onde Ronnie está. Eles esperam que ela se entregue à polícia à 1h00 da tarde, lembra-se?

Olhando para os repórteres que tomavam a rua, Tom entendeu as dificuldades do advogado.

— Vamos, ligue para ele. — Kenny apontou para o telefone público perto da calçada, perto do qual havia um carro estacionado, um Chevy Nova marrom. Tom só reparou porque dentro dele havia uma menina sentada sozinha.

Sabendo que não podia confiar em telefones celulares, pois a facilidade com que as vozes podiam ser captadas os tornava inúteis

para conversas delicadas, ele pediu uma moeda emprestada para Kenny.

— Dan demorou horas para atender a droga do telefone — disse Kenny andando ao lado dele. — Está com a secretária eletrônica ligada. Eu fiquei repetindo a mesma coisa um milhão de vezes: Dan, é uma emergência, Dan, é uma emergência, até ele finalmente atender. Agora ele está esperando a sua ligação.

Tom tirou o fone do gancho, colocou a moeda na fenda e apertou os botões. Dan respondeu no primeiro toque.

— Tom, é melhor você trazê-la de volta — disse Dan sem preâmbulos assim que ele se identificou. — Isso pode transformar-se numa tragédia para ela. Você quer ver uma perseguição policial cinematográfica a Sra. Honneker no papel principal?

— Eu não acredito que ela tenha fugido, Dan. — Tendo tido quarenta minutos para pensar sobre o assunto, Tom estava mais convencido disso do que nunca.

— É claro que ela fugiu. Que mais poderia ter acontecido? Ela mandou seu sócio entrar no posto, passou para o banco do motorista e deu o fora. É compreensível, ela estava assustada porque ia ser presa. Eu não a culpo, é uma coisa terrível. Mas fugir não vai ajudar em nada. Ela não pode fugir disso, Tom, tem de ficar aqui e defender-se. Nós temos de trazê-la de volta.

— Porra, Dan, você está me escutando? Eu não acho que ela fugiu. Ela sabia que tinha de enfrentar esta situação. Estava assustada, mas não estava falando em fugir.

— Bem, se ela não fugiu, então onde ela está? — Dan estava irritado. Tom respirou fundo, olhando em volta. O posto era movimentado,

com carros chegando e saindo o tempo todo. Uma picape preta estava estacionada na frente da lixeira onde Kenny havia dito que tinha deixado Ronnie em seu carro enquanto comprava água. Dois carros e uma van estavam sendo abastecidos. Ao lado do Nova, havia mais três carros estacionados junto à faixa de grama que separava o posto da rua.

— Eu não sei — disse Tom -, mas acho que estou começando a me assustar.

— O quê? — As palavras explodiram pela linha telefônica, impacientes e incrédulas.

— Talvez algum maluco simplesmente tenha entrado no carro e a levado embora.

— Ah, é mesmo, deve ter sido isso — Dan apelou para a ironia.

— Ou talvez alguma outra coisa tenha acontecido.

— Tipo o quê?

— Talvez alguém tenha reconhecido Ronnie, alguém que gostasse muito do senador ou de sua família. Talvez ela tenha sido seqüestrada como vingança pelo que acham que ela fez.

— Você está forçando a barra, Tom.

— Há mais uma possibilidade: o senador Honneker foi assassinado, e não por Ronnie. Isso significa que quem o matou está solto por aí, e pode ter decidido levá-la.

— Isso é absurdo!

— Você só acha absurdo porque no fundo acredita que ela é culpada. Por um minuto, imagine que ela é inocente, Dan! Imagine que ela não teve absolutamente nada a ver com isso.

Agora se pergunte se a pessoa que matou o senador não poderia querê-la morta também.

Houve uma pausa. — Isso não faz sentido — protestou o advogado.

— E o que faz sentido nessa história toda? Nada faz sentido. Mas ela sumiu, o carro de Kenny sumiu, e eu posso apostar que ela não fugiu. Acho que devemos avisar a polícia.

Dan gemeu.

— Eu vou ligar para eles, Dan.

— Tom, espere. Escute. Por que não esperamos um pouco para ver se ela aparece? Se ela realmente fugiu, será melhor trazê-la de volta sem que ninguém saiba. Isso a faz parecer totalmente culpada, e assim que a promotoria ficar sabendo, vai emitir um mandado de prisão e começar a procurar pelo carro. Se a virem, e ela não parar, podem até abrir fogo.

Tom ficou em silêncio por um momento. Tudo o que Dan havia dito fazia sentido, mas ele não conseguia livrar-se da sensação de que algo estava terrivelmente errado.

— Vou ligar para a polícia — ele repetiu. — Eu quero que eles comecem a procurar por ela e pelo carro. Não acredito que Ronnie esteja na direção.

Não houve resposta. Tom podia sentir o advogado pensando, criando vários cenários em sua mente. Após um minuto, Dan falou outra vez: — A decisão é sua. Mas se você estiver errado, vai estar lhe prestando um desserviço inimaginável.

— Eu não estou errado.

— Espero que não. — Dan suspirou. — Fiquem onde estão. Eu mesmo vou ligar para a polícia, e vamos todos juntos para a

delegacia lá.

Tom desligou o telefone e se virou para Kenny. — Ele vai avisar a polícia.

— Droga, Tom.

— Eu simplesmente não acho que ela fugiu.

Enquanto voltavam na direção da loja de conveniências, a garotinha do Nova olhou para ele. Embora estivesse distraído pelo temor por Ronnie, Tom não pôde deixar de notá-la.

Ela já estava sentada ali sozinha há um bom tempo. Talvez fosse filha de um dos frentistas, que não tinha com quem deixá-la enquanto trabalhava.

Seguido por Kenny, Tom andou até o Nova e se abaixou junto à janela aberta do lado do motorista.

A garotinha o fitou com apreensão. Claro, ele era um estranho, e todas as crianças tinham medo de estranhos. Tom sorriu para mostrar que era inofensivo.

— Por acaso você não viu uma moça muito bonita com cabelo ruivo aqui no posto? —

perguntou. — Ela chegou num carro branco. Preciso muito falar com ela.

A garotinha sacudiu a cabeça negativamente. — Não.

— Duvido que ela esteja aqui há tanto tempo. Você está assustando a menina, Tom —

Kenny estava falando em voz baixa.

— Você não sabe onde está a moça? — perguntou a menina.

— Infelizmente, não.

— Minha mãe também sumiu.

— A sua mãe sumiu?

A menina assentiu. Seu lábio inferior estremeceu. — Eu fui no banheiro e quando voltei minha mãe não estava mais no carro. Já faz muito tempo.

— Sua mamãe estava aqui, neste posto de gasolina, e agora ela sumiu?

— Isso mesmo.

— Quanto tempo faz? — a voz de Tom soou ríspida, impaciente. Ele tentou outro sorriso em um esforço para não assustar a criança.

— Mais ou menos uma hora?

Tom recuou a cabeça da janela. — Você escutou isso, Kenny? Qual é a probabilidade de duas mulheres desaparecerem no mesmo posto de gasolina na mesma hora? Não pode ser coincidência.

— O que você acha que aconteceu? A mãe dela seqüestrou Ronnie?

— Parecia ridículo, mas àquela altura Tom não queria descartar nenhuma possibilidade.

— Quem sabe? Só o que eu sei é que Ronnie não fugiu. Naquele exato momento um carro de polícia entrou no posto. Olhando para a rua, Tom viu a massa de repórteres vindo em sua direção.

— Aí vem a cavalaria — anunciou Kenny.

CAPÍTULO 51

20 de setembro

14h00 – 14h15min

O porta-mala estava opressivamente quente. Ronnie estava deitada de lado, com as pernas dobradas junto ao peito, os braços estendidos atrás das costas. O suor rolava por sua testa, e ela sentia dificuldade para respirar. A forração que cobria o assoalho era fina e áspera e cheirava levemente a óleo.

— Como você está indo? — perguntou Maria por sobre o ombro. Ela tinha recuperado a consciência um pouco antes, e agora as duas tentavam se desamarrar mutuamente ao som de Debbie Boone, que cantava no rádio do carro.

Elas estavam de costas uma para a outra, tentando soltar os nós que prendiam seus pulsos.

Maria também havia sido amarrada com uma meiacalça. Os nós eram pequenos e apertados, e Ronnie estava tendo dificuldade até mesmo em encontrá-los com os dedos. Maria não parecia estar tendo mais sorte com os nós do lenço de seda.

Suas mãos estavam escorregadias por causa do suor. O quanto dele era causado pelo calor e o quanto pelo medo, Ronnie não saberia dizer.

Enquanto o carro estivesse em movimento, elas estariam seguras. Quando parasse...

Entrar em pânico não ajudaria em nada.

O mais importante era manter a calma e abrir aqueles nós.

O rádio passou para uma voz masculina que identificou a estação: "WHAZ, só música, o tempo todo".

— Tive uma idéia. — Ronnie rolou para ficar de frente para Maria. — Você consegue inclinar-se para a frente? Quero ver se consigo fazer melhor com os dentes.

Maria se moveu obedientemente, curvando a cabeça e os ombros em direção às pernas.

Ronnie achava que poderia ser mais fácil se pudesse ver os nós, mas descobriu que tampouco conseguia enxergá-los daquele jeito, pois estavam próximos demais de seu rosto.

Ainda assim, conseguiu segurá-los melhor com os dentes do que com os dedos.

Um dos nós parecia estar se soltando. Ela continuou tentando.

A doce voz de soprano de Amy Grant surgiu no rádio. As mãos de Maria estavam tremendo, os dedos gelados tocando a face de Ronnie.

O carro deu uma guinada para a esquerda e diminuiu a marcha. A superfície da estrada abaixo delas mudou. Então, passaram por uma pequena lombada, e o carro parou.

Ronnie puxava freneticamente o nó. O motor foi desligado, e o rádio emudeceu.

A porta do carro bateu. Ronnie parou de morder e voltou a sua posição original. Caso o homem fosse dar uma espiada nelas, seria melhor que não percebesse o que estavam tentando fazer.

— Mamãe, me ajude — choramingou Maria. Segundos depois, Ronnie ouviu as primeiras palavras da oração sussurrada: — Pai nosso, que estais no céu...

Ouviu-se uma batida na tampa do porta-mala, como se o homem a tivesse golpeado com o punho. Maria ficou em silêncio.

— Espero que vocês saibam nadar, suas cadelas — disse uma voz animada do lado de fora.

As duas se entreolharam em pânico. Não sabiam exatamente o que ele queria dizer, mas a ameaça por trás de suas palavras era apavorante.

O motor do carro foi ligado outra vez.

O rádio voltou a tocar. O carro começou a acelerar. Elas sentiram um solavanco e depois a sensação de estarem caindo no espaço.

— Oh, meu Deus! — exclamou Ronnie.

As duas mulheres gritaram enquanto o carro despencava.

CAPÍTULO 52

20 de setembro

14h00 — 14h15min Jackson

Alex Smith entrou novamente no escritório do chefe de polícia Larry Kern. De seu lugar junto à janela, Tom olhou para ele com expectativa. Estava tão nervoso que não conseguia ficar sentado, embora Kenny e Dan Osborn parecessem muito confortáveis nas pequenas cadeiras de espaldar reto em frente à mesa do chefe.

— Que você conseguiu? — perguntou Kern.

— Descobrimos quem é a mãe, Maria Becker, de Biloxi. Ela foi presa lá em 29 de maio de 1993, por prostituição. Pagou uma multa e foi liberada. Desde aquela época, aparentemente tem trabalhado como garota de programa, mas não há registros de outras detenções. Cerca de dois meses atrás, ela desapareceu. Uma coisa é interessante: ela dividia apartamento com Susan Martin.

Você se lembra da filha do pastor da televisão que foi encontrada morta há alguns meses?

Kern assentiu afirmativamente.

Tom não se lembrava, e tampouco se importava. A menos que o caso tivesse alguma ligação com o desaparecimento de Ronnie.

— Você já alertou os carros-patrolha, não? — ele perguntou a Alex.

— Sim, fizemos uma descrição do carro e da Sra. Honneker. Você se dá conta de que provavelmente vamos encontrá-la fugindo para o México, não?

— Eu só quero que vocês a encontrem. — Tom umedeceu os lábios, tomado por uma sensação angustiante de urgência.

— Algo mais? — Kern se dirigiu a Alex.

— Outra coisa interessante: a garotinha nos contou que ela e sua mãe estavam morando com um ex-policia! chamado Jerry Fineman em Pope. O Sr. Fineman foi baleado ontem em sua casa. Está em estado crítico no hospital.

— Você não acha que é uma coincidência e tanto que esta mulher esteja envolvida em um assassinato, uma tentativa de assassinato e um desaparecimento? — perguntou Dan. — Talvez ela tenha matado o senador Honneker.

— Você está forçando a barra, Dan — disse Kern com bom-humor. Dan deu de ombros.

Advogados de defesa tinham como dever forçar a barra.

— Um dos nossos homens está indo conversar com Sr. Fineman agora mesmo, se o médico disser que ele pode falar — disse Alex.

— Droga, faça-o falar! — exclamou Tom.

— Calma, Tom — advertiu Dan. — Tudo o que pode ser feito está sendo feito.

— Nós estamos sendo muito cuidadosos com a garotinha, é claro — disse Alex, com um olhar rápido para Tom -, mas ela não parece ter medo da mãe. Não estou convencido de que a Sra.

Becker seja uma mulher violenta.

— Deve ser mais fácil pensar que Ronnie é violenta, não? — Tom não conseguiu evitar.

Estava fora de si de ansiedade, e ver aqueles homens tão complacentes o deixava ainda mais preocupado.

— Motivo, método e oportunidade — retrucou Alex. Tom cerrou os punhos. Ele não teria nada a ganhar se fosse jogado numa cela por agredir um policial, lembrou a si mesmo, e obrigou-se a relaxar os dedos.

— Seria ótimo se conseguíssemos resolver o caso da garota Martin. O velho Charlie Kay anda tendo ataques todos os dias — disse Kern, unindo os dedos na frente do nariz. — Eu compreendo, eu faria o mesmo se fosse a minha filha.

— Não é engraçado a filha de um pastor acabar na prostituição? — Dan perguntou retoricamente. — Faz a gente se perguntar como eram as coisas para ela em casa.

— Droga — disse Tom com amargura. — Será que podemos nos concentrar em encontrar Ronnie?

20 de setembro

14h16min— 14h30min

Em algum lugar ao sul de Jackson

A queda terminou com uma pancada tremenda. Ronnie foi jogada contra o teto do porta-mala e depois caiu novamente, atônita. Maria aterrissou em cima dela. Por um instante, ela ficou deitada de costas, vendo estrelas.

Então o carro se inclinou para a direita. Subitamente, ficou óbvio que elas estavam flutuando.

Ou pior, afundando.

Ele queria que elas se afogassem, amarradas e trancadas no porta-mala do carro.

Assim não haveria marcas

As palavras que ela tinha escutado o homem dizer ao telefone, de repente fizeram sentido.

O afogamento não deixaria marcas, e depois ele poderia fazer com que os corpos parecessem ter sofrido alguma espécie de acidente.

A água estava começando a se infiltrar pelo piso. Estava morna, enganosamente morna, como se não pudesse lhes fazer mal algum.

— Maria, Maria, você está bem? Temos de sair daqui.

— Eu bati com a cabeça, mas... Oh, meu Deus, estamos dentro d'água!

— O carro vai afundar a qualquer momento. Temos de arranjar um modo de sair.

— Como? Nós...

— Se chutarmos a tampa do porta-mala ao mesmo tempo, talvez ela se abra.

As duas se deitaram de costas.

— Não há espaço suficiente!

Era uma verdade horrivelmente evidente.

— Temos de tentar — disse Ronnie. — Um, dois, três, chute!

Não havia espaço suficiente. A tampa sequer se mexeu. O golpe quase deslocou os quadris de Ronnie.

— E agora?

— Vamos tentar de novo. Um, dois, três, chute! Nada.

A água já tinha encharcado a forração e estava começando a formar poças sob suas costas.

— Minha filhinha — disse Maria num gemido terrível. — Eu não posso morrer desse jeito.

— Eu também não quero morrer. — Ronnie pensou em Tom. Ela sabia que ele estaria procurando por ela. Ande logo, suplicou silenciosamente.

— Talvez ele tenha um macaco ou alguma coisa embaixo da forração! Às vezes os carros têm um compartimento para ferramentas.

Arrastando-se e se retorcendo, elas conseguiram chutar o tecido molhado para o fundo do porta-mala. Havia, realmente um compartimento retangular com uma alça no meio do assoalho.

— Abra! Ande logo! — a água já atingia um centímetro de profundidade. Ronnie mal podia ver os contornos do compartimento através dela.

Não foi fácil agarrar a alça com as mãos amarradas atrás das costas. O compartimento estava cheio de água barrenta. Maria enfiou o pé lá dentro.

— Achei alguma coisa! — exclamou, e ergueu o pé. Pendurado nele estava um pano enrolado cheio de ferramentas e uma enorme faca do tipo usado para limpar peixe, com uma lâmina prateada reluzente.

— Yes, yes, yes! — Maria festejou.

Contorcendo-se, Ronnie pegou a faca com as duas mãos. Levou apenas um segundo para cortar a meia-calça que prendia os pulsos de Maria.

Depois disso elas estavam livres. Ronnie sacudiu as mãos dormentes. Não havia tempo para mais nada. A água já estava com uns cinco centímetros e continuava entrando.

— Não temos muito tempo — disse Ronnie. — Temos de sair daqui logo.

Um exame rápido das ferramentas não revelou nada que pudesse ser usado para abrir o porta-mala. Ronnie enfiou a mão no compartimento e correu os dedos pelo fundo.

Tocou em alguma coisa longa, dura e cilíndrica, e a puxou para cima com uma exclamação de alegria.

— Uma chave de roda!

Sem uma palavra, Maria pegou a chave da sua mão e enfiou a ponta mais estreita na fenda da tampa.

— Um, dois, três, empurre! — As duas pressionaram com todas as suas forças, mas nada aconteceu, exceto que o carro se inclinou um pouco mais para a direita.

Se chegasse a virar, elas não teriam chance.

— Vamos de novo — disse ela, e ambas agarraram a chave de roda outra vez. — Um, dois, três, empurre!

O porta-mala se abriu com um estalido. Elas estavam flutuando na superfície plácida de um lago. Árvores altas marcavam as margens. Um píer de madeira avançava sobre a água não muito longe. Ronnie presumiu que fora dali que o homem tinha empurrado o carro.

— Vamos, Ronnie! — Maria a puxou pelo braço. — Vamos sair daqui!

— Você sabe nadar? — Ronnie perguntou, enquanto o carro oscilava precariamente embaixo delas.

— O bastante. — Maria ainda estava segurando a chave de roda — Oh, meu Deus! Veja!

Ronnie olhou, e sua garganta se contraiu de puro horror. Um homem vinha nadando na direção delas. Não era preciso muita imaginação para adivinhar sua identidade.

Ele realmente queria matá-las.

— Vamos, Ronnie! — Maria tinha saído do porta-mala e subido no teto do carro. Levava a chave de roda e a faca em uma das mãos. Ronnie a seguiu, e Maria lhe passou a chave de roda. O

carro estava virando lentamente, absorvendo a água, afundando mais e mais para a direita.

Inacreditavelmente, o rádio ainda estava tocando. A canção era Amazing Grace⁵.

— Venha, seu idiota, venha que eu vou esmagar sua cabeça! — Maria estava gritando ameaças para o homem na água. Suas longas pernas bronzeadas estavam nuas, e o vestido azul curto estava manchado de lama.

— Maria, é melhor nadarmos...

Mas era tarde demais. O homem tinha alcançado a lateral do carro. Não havia como fugir dele agora. Sua única opção era ficar e lutar.

Ele segurou a maçaneta da porta e depois o vidro semi-aberto da janela, erguendo o corpo para fora d'água. Ronnie escutou um som metálico e olhou em torno de si num reflexo: Maria deixara cair a faca no teto do carro enquanto tirava a chave de roda da mão dela e tentava acertar o homem.

Ele agarrou a ponta da ferramenta no ar e, com um puxão, derrubou Maria no lago. Ela desapareceu sob a água.

O homem estava subindo no teto.

Ronnie olhou para ele horrorizada e pegou a faca. Lembrando-se dos filmes de ação que tinha assistido, ela flexionou um pouco as pernas e segurou a faca na frente do corpo como se soubesse o que estava fazendo.

A música religiosa pairava sobre o lago.

— Vamos lá, gostosona, não me obrigue a deixá-la feia — disse o homem, agora em pé, olhando para ela com um sorriso debochado.
— Facilite as coisas para mim.

Ronnie meneou a faca no ar. Ele riu.

Atrás dele, Maria começou a subir de quatro no capô. Em uma das mãos ela segurava um objeto branco de plástico mais ou menos do tamanho e da forma de um livro de bolso.

— Para trás — advertiu Ronnie, agitando a faca outra vez, tentando distraí-lo da aproximação de Maria. O teto do carro estava escorregadio sob seus pés descalços, e sua saia justa na altura do joelho não fora desenhada para combates corpo-a-corpo. Mas se ela saltasse no lago, ele cairia direto em cima dela.

Ele arremeteu. Ronnie gritou e se jogou para a frente com a faca. Conseguiu contato. O

homem gritou, arrancou a faca da mão dela e a jogou na água.

— Sua putinha. — Ele a segurou pelo pulso. O sangue pingava de seu braço esquerdo onde a faca o atingira. Sua expressão era assassina. Por um longo e nervoso instante, Ronnie fitou os olhos cinzentos gelados do homem que queria matá-la.

5 N. T. Clássico da canção gospel americana

Ele a puxou para si.

Ela gritou, e então Maria apareceu, pressionando a coisa branca contra o flanco do homem.

Ronnie escutou o mesmo zumbido que já tinha ouvido antes, e também sentiu o cheiro de algo queimando. O homem grunhiu, enrijeceu e caiu como uma pedra.

Ronnie ficou parada olhando para o corpo estendido a seus pés. Maria ficou em pé ao lado dela com um sorriso triunfante nos lábios por um momento, depois pegou a chave de roda.

Quando ela o golpeou, a cabeça do homem fez um som como o de um melão caindo do décimo andar. O sangue vermelho-vivo jorrou de sua testa.

Maria bateu outra vez.

— O que é essa coisa? — perguntou Ronnie admirada, olhando para o retângulo de plástico branco que agora parecia tão inofensivo, jogado sobre o teto do carro.

— Pistola de choque — disse Maria com satisfação. — Jerry, o meu namorado... bem, ele era meu namorado antes desse imbecil matá-lo, me ensinou como usar. Foi o que ele usou em nós, e estava no painel do carro. Eu vi quando ele me empurrou na água. Bem feito para você, seu filho da mãe!

Ela o golpeou mais uma vez, e depois o chutou.

Por fim, Maria o agarrou pelo braço, e Ronnie pegou uma perna.

E as duas jogaram seu ex-futuro assassino no lago.

CAPÍTULO 54

20 de setembro

15h00

Jackson

Nós as pegamos! Alex Smith entrou sorrindo na sala da delegacia onde Tom e Kenny estavam tomando café. Dan ainda estava no andar de cima com o chefe. Tom se pôs em pé quando Alex entrou.
— Que você quer dizer com isso?

— Um carro patrulha encontrou a Sra. Honneker e outra mulher pedindo carona na Rota 548 no Condado de Claiborne. Nossos garotos disseram que elas espancaram um sujeito até a morte com uma chave de roda.

— O quê? — Tom e Kenny exclamaram em uníssono.

— E você achava que ela não era violenta. — Ainda sorrindo, Alex balançou a cabeça para Tom.

— Ela está bem?

— Parece que sim. Pelo jeito, as duas tiveram uma luta e tanto. O sujeito que elas mataram era profissional, bandido de verdade. E tenho de lhe dizer que a outra mulher está contando uma história muito interessante sobre uma série de assassinatos ligados ao senador Honneker e seu barco. Talvez a sua madame não seja mesmo

a assassina no final das contas. Não vamos prendê-la enquanto verificamos a história.

— Para onde você está indo? — Tom exigiu saber. Alex estava saindo pela porta.

— Vou buscá-las em Claiborne. Você pode esperar aqui.

— De jeito nenhum — disse Tom, seguindo atrás dele.

Alex lhe deu um olhar irritado por sobre o ombro. — Eu disse para esperar aqui.

— Você vai me prender?

— Não.

— Então eu vou com você. Posso segui-lo no meu próprio carro. Você é quem sabe. Mas eu vou.

CAPÍTULO 55

20 de setembro

16h30min

Ao final, um cortejo de carros seguiu para o Condado de Claiborne. Tom e Kenny foram com Alex Smith, e Dan foi com o chefe de polícia. Meia dúzia de carros-patrolha os escoltaram.

Atrás deles veio a mídia. Ninguém sabia como eles tinham descoberto a novidade.

Quando chegaram ao grande lago particular que era usado basicamente por pescadores, a primeira coisa que viram foi o teto branco de um carro flutuando na água escura.

Kenny viu aquilo e gemeu.

— Meu carro — lastimou, e andou até a beira para ver melhor. Tom, por sua vez, concentrou-se em localizar Ronnie. Enquanto os veículos da imprensa estacionavam, ele a viu junto a um caminho estreito de cascalho que levava a um píer de madeira. Ela estava com uma dupla de patrulheiros estaduais e outra mulher.

Seus cabelos emolduravam-lhe o rosto num emaranhado vermelho e molhado. Havia lama em uma de suas faces. Seu tailleur preto estava encharcado e sujo, e a saia estava rasgada até a metade das coxas. Ela estava descalça.

Quando Ronnie o viu aproximar-se, seu rosto se iluminou como se uma lâmpada tivesse se acendido embaixo dele.

— Ela é mesmo linda! — murmurou Alex com admiração.

Tom não lhe deu atenção. Já estava quase correndo, e Ronnie vinha na direção dele.

Quando se tocaram, ela se jogou em seus braços.

Tom finalmente soltou a respiração que estivera prendendo durante todo o dia. Ela estava segura, e com ele.

CAPÍTULO 56

21 de setembro

19h00

Pope

Maria largou a mão de Jerry e se levantou. Ele tinha adormecido alguns minutos antes.

Estava muito fraco — levar uma bala na cabeça podia abalar um homem — mas os médicos garantiram que ele se recuperaria.

— Ele está dormindo, mamãe? — ela sorriu para Lissy. Ela tinha insistido em ir ao hospital e lá tinha mimado Jerry quase tanto quanto Maria. Ele também ficara feliz ao vê-la. Era quase como se os três fossem uma família.

Talvez em breve viessem a ser.

O telefone ao lado da cama tocou. Maria atendeu rapidamente, antes que a campainha acordasse Jerry.

— Alô?

— Maria? — Não havia necessidade de identificação. Depois do que haviam passado juntas, a voz de Ronnie estava impressa em seu cérebro. A Sra. Segunda Esposa se revelara uma pessoa surpreendente. Ela podia dar a impressão de que comia caviar com colheres de prata três vezes ao dia, mas na hora do pega-para-capar, se saía muito bem.

— Oi, Ronnie.

— Como está seu namorado?

Maria sorriu olhando para o homem calvo e balofo dormindo na cama. — Ele está bem. —

E o seu?

Maria tinha de admitir que o namorado de Ronnie era mais bonito. E quem se importava?

— Ótimo. — Maria teve a impressão de que Ronnie estava sorrindo para Tom exatamente como ela sorria para Jerry. Só que, presumivelmente, Tom estaria acordado.

— A sua filha está com você?

— Sim.

— Tom disse que ela é muito bonita e educada.

— Obrigada. Vou dizer a ela.

— Você está com a TV ligada?

— Não, por quê?

— Nós estamos no ar. Canal 24.

— Espere um pouco. — Maria pegou o controle remoto. Um clique e uma zapeada pelos canais, e lá estava a imagem das duas junto ao lago no dia anterior.

O rosto de uma mulher encheu a tela. — Aqui fala Christine Gwen ao vivo com um boletim especial exclusivo sobre o caso do assassinato do senador Lewis Honneker.

Verônica Honneker foi declarada inocente pelo Gabinete da Promotoria Distrital. O

indiciamento de um novo suspeito está sendo preparado neste momento. Os acontecimentos foram os seguintes: ao meio-dia de ontem, Verônica Honneker deveria entregar-se para a Polícia Metropolitana de Jackson, sob a acusação de ter assassinado seu marido.

Ao invés disso, ela foi seqüestrada juntamente com outra mulher, a ex-garota de programa Maria Becker, de 24 anos.

Uma foto de Maria apareceu na tela.

— Mamãe, que é uma garota de programa? — perguntou Lissy.

— É uma pessoa que assiste muito à televisão. Agora fique quieta. A repórter relatou a saga do seqüestro, terminando com imagens de Maria e Ronnie paradas na beira do lago e do carro branco flutuando na água.

A imagem final mostrava o corpo de sua vítima sendo colocado em uma maca, coberto com um lençol.

Quando a programação normal retornou, Maria disse ao telefone:

— Ronnie?

— Sim?

— Sabe o que eu acho?

— O quê?

— Acho que nós fizemos a coisa certa.

— É — concordou Ronnie. — Eu também.

Houve um momento de silêncio enquanto ambas saboreavam a sensação de estar livres.

Então Ronnie falou outra vez:

— Você vai ficar bem?

— Vou. — Maria sorriu. — Em uma semana, acho que estarei casada. Se conseguir convencer Jerry, é claro.

Os olhos de Lissy se arregalaram e sua boca se abriu de surpresa ao escutar a mãe, e ela juntou as mãos na frente do peito.

— Fico feliz — disse Ronnie.

— E você? — Maria perguntou.

— Eu vou ficar bem. Na verdade, já estou ótima. Estou com Tom.

— Foi o que pensei. Antes mesmo de conhecer você, vi as fotos de vocês dois juntos. Pode dizer a ele que eu acho que ele tem uma bunda maravilhosa.

Ronnie riu. — Vou transmitir o recado. Cuide-se, ouviu bem? E vamos manter contato.

— Cuide-se você também — disse Maria, e desligou.

CAPÍTULO 57

21 de setembro

19h10min

Jackson

Tom estava sentado no sofá de seu apartamento com Ronnie aconchegada ao seu lado.

Estavam assistindo Christine Gwen anunciar para todo o estado do Mississippi que ela era inocente do assassinato de seu marido, ao mesmo tempo em que ela falava ao telefone com sua mais nova amiga, a ex-garota de programa Maria Becker. A política realmente promovia alianças estranhas. O

celular de Tom começou a tocar. Ele se levantou e foi atender na cozinha.

Era Alex Smith.

— Eu só queria informar-lhe — disse o detetive sem preâmbulos, que estamos nos preparando para acusar o senador Beau Hilley da morte do senador Honneker. Você pode passar a boa notícia para a viúva? Eu não consegui entrar em contato com ela, mas imagino que você não tenha o mesmo problema.

— Eu direi a ela. Ronnie vai ficar feliz, mas chocada. O senador Hilley, hum? — Tom tinha uma lembrança vivida de Beau Hilley dançando com Ronnie na festa de Lewis.

— Meu Deus do céu, por quê?

— Aparentemente, o senador Honneker levou o senador Hilley, o senador Clay Arnold, da Pensilvânia, e o deputado federal Ralph Smolski, de Maryland, para uma festinha em seu iate particular, o Sun-Chaser, no dia 10 de maio. A bordo também estavam duas garotas de programa, Susan Martin e Claire Anson. Em meio a algumas brincadeiras sexuais mais violentas, o senador Hilley acabou matando Susan Martin, e os outros homens a bordo juraram não falar nada. O corpo de Susan foi jogado na água. O senador

Hilley levou os outros a acreditar que a segunda garota, Claire, estava disposta a ser subornada, mas ao invés disso ele a matou lá mesmo no barco. Quem fez o serviço sujo foi um capanga chamado Vince Tabor, que se autodenominava jardineiro do senador Hilley. Ele costumava dizer que seu lema era: "Eu enterro fundo". A propósito, ele é o sujeito que a Sra. Honneker e a Srta. Becker apagaram ontem à tarde.

— Filho da puta — murmurou Tom.

— Perdão?

— Não foi nada. Continue.

— Bem, ao que tudo indica, o senador Hilley não confiava que seus colegas conseguissem manter a boca fechada sobre o que tinha acontecido. Ele estava prestes a ser indicado como candidato à presidência, como você bem sabe. Droga, eu provavelmente teria votado nele. De qualquer forma, ele mandou que Vince matasse todos de maneira que parecesse acidentes. O

senador Arnold, por exemplo, morreu num acidente de avião que não foi acidente, e o deputado Smolski se afogou num acidente de canoagem que não foi acidente. O plano era fazer parecer que o senador Honneker tinha cometido suicídio, mas as coisas se complicaram devido ao seu caso de amor com a viúva, e porque ela encontrou o corpo. Bem, às vezes nós erramos no início, mas o que importa é acertar no final.

— Sim — disse Tom com amargura, pensando na agonia a que Ronnie havia sido submetida.

— Mas a grande complicadora foi mesmo a Srta. Maria Becker. Como dividia o apartamento com Susan, ela aparentemente sabia demais, mas Vince nunca conseguiu matá-la.

Quando ela resolveu procurar a Sra. Honneker, ele já tinha grampeado o telefone de Dan Osborn para que o senador Hilley pudesse manter-se a par dos progressos do caso. Foi assim que Vince ficou sabendo que Maria Becker estava indo ao escritório do advogado. A propósito, o senador ficou muito bravo com Vince por ter seqüestrado a Sra. Honneker, pela qual ele aparentemente nutria uma queda. Mas quando as duas se encontraram, Vince e o senador decidiram que a Sra. Honneker também deveria ser morta. Maria Becker ia simplesmente desaparecer, e a Sra.

Honneker ia ser encontrada na direção do carro que foi jogado no lago, e todos concluiriam que, perturbada por estar prestes a ser presa, ela se matara. Felizmente, o plano não funcionou.

— Felizmente. Como você sabe tudo isso, se não se importa de me dizer?

— Um exaustivo trabalho de investigação — disse Alex com a voz grave. — Na verdade, Vince era um tanto burro, e gravava mensagens para si mesmo. Tudo o que ele já tinha feito, estava fazendo e ia fazer estava na fita de um minigravador que foi encontrado na beira do lago junto ao seu casaco e os sapatos. A fita continha instruções explícitas do senador Hilley de sumir com as duas mulheres. Vince deve ter gravado a conversa pelo telefone.

— Então não há dúvida da culpa de Hilley?

— Nenhuma. Nós até conseguimos uma foto dos seis juntos: Honneker, Hilley, Arnold e Smolski com Susan Martin e Claire Anson. Aparentemente, Susan tirou a foto com uma câmera com timer e a passou por fax do barco para a filha da Srta. Becker na noite do assassinato. Nós a encontramos junto à coleção de bonecas da menina, que se esquecera dela. Vince quase demoliu o apartamento procurando a foto mas não teve sorte.

— Fico feliz que desta vez vocês tenham tantas provas.

— Eu também. Bem, tenha uma boa noite.

— Você também.

— Antes que eu me esqueça, Tom, eu tomaria cuidado se fosse você. O que aquelas duas fizeram com Vince... Eu teria medo delas

— Vá para o inferno, Alex — disse Tom, e desligou. Mas ele estava sorrindo enquanto retornava para a sala.

CAPÍTULO 58

21 de setembro

19h15min

Maria me pediu para lhe dizer que você tem uma bunda maravilhosa — Ronnie disse a Tom, sorrindo, quando ele entrou outra vez na sala.

— Da próxima vez que você falar com ela, diga que eu agradeço muito. — Tom afundou ao lado dela no sofá, passando um braço por suas costas, e Ronnie deitou a cabeça em seus músculos rijos. Os dois vestiam jeans e camiseta e estavam descalços. A janta tinha sido pizza, e eles estavam passando momentos maravilhosos simplesmente sentados no sofá assistindo TV.

— Com quem você estava falando? — perguntou Ronnie. Ela estava desfrutando do luxo do tempo, tempo para ficar sentada olhando para ele, falando com ele, tocando-o.

Tempo para rir de piadas bobas, discutir e fazer as pazes. Simplesmente tempo.

— Alex Smith — Tom lhe contou o que o detetive havia dito.

— Não posso acreditar. — Quando ele terminou, Ronnie estava pasma. — Ele era um dos melhores amigos de Lewis.

— Pelo jeito, Hilley queria muito ser presidente. A política faz isso com algumas pessoas.

Depois que elas começam a ter poder, parece que ficam viciadas.

— Eu me sinto mal por Lewis — Ronnie disse em voz baixa. — Ele era um homem bom.

Pode não ter sido um grande marido, mas não merecia o que aconteceu.

Ambos ficaram em silêncio por um momento. Christine Gwen estava de volta à tela, promovendo o programa da noite seguinte com uma chamada sobre o mais novo escândalo do dia.

Ronnie estremeceu. Ela jamais queria passar por aquilo outra vez.

— Qual é o problema? — Tom olhou para ela.

— Só estou feliz por estar tudo terminado.

— Eu também. — Tom tirou o braço das costas dela, pegou sua mão e a levou aos lábios.

— Então me diga, Sra. Honneker, o que a senhora planeja fazer pelo resto da sua vida?

Ronnie sorriu para ele. — Ainda não sei. Maria disse que vai se casar.

Tom pressionou a mão dela em seu rosto e beijou-lhe a palma.

— Eu não tenho dinheiro — disse.

— Você pagou a pizza — observou Ronnie com um sorriso debochado. — Não pode estar totalmente quebrado.

— Eu estou falando sério. — Ele levantou a mão dela de modo que o grande diamante que Lewis tinha lhe dado cintilasse na luz. — Não tenho condições de lhe dar nada remotamente parecido com isso.

— Eu fui casada com um homem que podia me dar estas coisas, lembra-se? E de fato ele me deu muitas outras jóias caras e roupas, e eu tinha três casas fantásticas e tantos carros que perdia a conta, e...

— Que você está tentando fazer, me humilhar? — perguntou Tom largando a mão dela.

Com os dois braços estendidos sobre as costas do sofá, ele deslocou sua atenção de volta à TV.

— Tentando fazer você lembrar que eu tive um homem que podia me dar todas essas coisas, e que eu não fui feliz com ele. Por que eu não o amava, Tom. Mas eu amo você.

Ele olhou de lado para ela, e sua boca se contorceu num meio sorriso. — Sua espertinha.

Ronnie sorriu e se encostou novamente em seu corpo. Uma de suas mãos descansou em seu peito, e a outra se aninhou em suas costas.

— Você chorou quando achou que eu ia para a cadeia.

— Você não vai ficar me lembrando disso, vai?

— Talvez, se você não for direto ao ponto.

— Que ponto?

— O ponto para onde esta conversa se dirigia quando você achou por bem me informar de que não tem dinheiro.

— Eu só achei que você deveria saber.

- Ok, eu já sei. Agora continue.
- Continuar com o quê?
- Com o que você pretendia dizer.
- E o que a faz pensar que eu pretendia dizer alguma coisa?
- Tom... — Ela estreitou os olhos para olhar para ele. Ele a enlaçou pela cintura.
- Bem, eu estava me perguntando onde você gostaria de morar. Se não tiver nenhuma proposta melhor, talvez queira vir morar comigo.
- É muita gentileza sua me convidar.
- Eu sei que você vai herdar cerca de um terço do patrimônio do senador. São milhões de dólares; você é uma mulher rica, Ronnie.
- Então talvez eu prefira comprar uma casa e convidar você para ir morar comigo.

Tom estava sorrindo, mas havia algo no fundo de seus olhos que fez Ronnie parar. Uma espécie de... dor.

- Eu amo você — ele disse.

Ronnie bateu na ponta do seu nariz com um dedo. — Agora você está chegando lá.

Continue.



- Continuar com o quê?
- Você sabe. Continue.

Ele a fitou por um momento. Ronnie sustentou seu olhar e balançou a cabeça para ele com impaciência.

— Pelo amor de Deus, Tom Quinlan, você quer parar de ser tão bobo e falar de uma vez?

Ele fez uma careta. — Só estou tentando proteger você.

— Bem, pode desistir. Eu sei me proteger perfeitamente bem, obrigada. Estou loucamente apaixonada por você, e se você não disser o que eu acho que se preparava para me dizer quinze minutos atrás, vou estrangulá-lo com minhas próprias mãos.

Ele sorriu e a apertou um pouco mais. — Você está loucamente apaixonada por mim, hum? Eu gostei de ouvir isso, boneca.

— E eu gosto do jeito como você diz boneca. — Ela depositou um beijo rápido em seus lábios. — É sexy.

Ele sorriu para ela, e subitamente a dor desapareceu do fundo de seus olhos. — Está bem, Ronnie, eu me rendo: quer casar-se comigo?

— Sim — disse ela. — Sim, sim, sim.

Ele a beijou, depois se levantou com ela nos braços e a carregou para o quarto.

Enquanto a deitava na cama, um raio de luar atravessou as cortinas quase fechadas e se refletiu em seu anel. A faísca chamou a atenção de Ronnie. Então Tom surgiu acima dela.

O brilho do enorme diamante não era nada comparado à luz do amor nos olhos dele.

ATENÇÃO

Este e-book representa uma contribuição do grupo Papyrus Digitais

<http://groups.google.com.br/group/papyrus-digitais>) para aqueles que necessitam de obras digitais como é o caso dos Deficientes Visuais e como forma de acesso e divulgação para todos. É vedado o uso deste arquivo para auferir, direta ou indiretamente, benefícios financeiros.

Lembre-se de valorizar e reconhecer o trabalho do autor, adquirindo suas obras.